# DA ASIA
## DE
# DIOGO DE COUTO

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente.

## DECADA SEXTA

*PARTE SEGUNDA.*

LISBOA

Na Regia Officina Typografica.

ANNO M. DCC. LXXXI.

*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*

# INDICE
## DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
## DA DECADA VI.

## LIVRO VI.

LI-

# LIVRO VII.

# LIVRO VIII.

ſa-

# LIVRO X.

DE-

# DECADA SEXTA.

## LIVRO VI.

### Da Hiſtoria da India.

## CAPITULO I.

*De como os naturaes da Cidade de Adém ſe confederáram com ElRey de Camphar, e lhe entregáram aquella Cidade: e do recado que mandáram a Ormuz, e a Goa a pedir ſoccorro.*

NO Cap. IV. do V. Liv. da quinta Decada fica dito, como o Baxá Soleimão Eunuco, depois de ſe levantar desbaratado de ſobre Dio, fugindo á Armada Portugueza, fora ter á Cidade de Adém, onde deixou por Baxá Mir Moſtafá, torto de hum olho, com quinhentos Turcos de guarnição. Em ſeu lugar ſuccedeo depois outro Baxá, chamado Marzão, homem tambem máo, e perverſo,

como todos os Turcos o são. Efte com todos os mais ufando de fuas naturezas, affim avexáram, maltratáram, e perfeguíram aos naturaes, e moradores daquella Cidade, affrontando-os em fuas mulheres, e filhas, que de não poderem já foffrer mais, tratáram de facudir do pefcoço tão pezado jugo, e izentarem-fe de tão tyrannica fervidão; e pera iffo fe carteáram em muito fegredo com Alibem Soleimão, Rey de Camphar feu vizinho, promettendo-lhe entrada dentro na Cidade, e de o levantarem por feu Rey. Por tal modo tratáram efte negocio, que lhe deo ElRey orelhas, e lançou mão dos cumprimentos. E ordenado antre elles o modo que fe havia de ter, depois de tudo affentado, partio ElRey de Camphar com mil homens do feu Reyno, que deixou entregue a feu filho mais velho, levando comfigo dous que tinha mais; hum legitimo, moço de treze, ou quatorze annos; e outro baftardo de vinte e dous, homem mui formofo, e bem difpofto, e de muito bom entendimento; e tal ordem teve na jornada, que chegou de noite a Adém, e foi demandar a porta por onde havia de entrar a Cidade, onde já os conjurados o efperavam, que o mettêram dentro fem ferem fentidos. E logo commettêram o Caftello, que foi entrado a poucos golpes, e mortos os
que

que nelle eſtavam de guarnição, e cativos vinte e ſinco Turcos, os mais delles bombardeiros, ficando ſenhor do Caſtello.

O Baxá Marzão tanto que ſentio o reboliço, ajuntou os Turcos, que ſeriam perto de quinhentos, e ſe fez forte em ſeus Paços, porque não ſabia o que aquillo era, e alli eſteve até amanhecer. ElRey de Camphar, que eſtava no Caſtello, paſſada a noite, ſe poz em ordem pera ir dar batalha ao Baxá, porque já ſabia que eſtava forte nos Paços, mandando-lhe diante hum recado, em que lhe fazia a ſaber, como fora chamado dos moradores daquella Cidade pera ſeu Rey, que ſe quizeſſe, que ſe viſſem ambos em campo, e que ſe averiguaſſe aquelle negocio por armas em huma batalha campal, que eſtava preſtes pera iſſo. E que ſe tambem lhe quizeſſe largar aquella Cidade, que era ſua, que elle lhe dava licença pera ſe poder ſahir della livremente com ſuas mulheres, filhos, armas, e tudo o mais que comſigo pudeſſem levar.

Dado eſte recado ao Baxá, como elle, e todos eſtavam medroſos, aſſentáram deixar a Cidade, como logo fizeram, levando cada hum o que pode, ficando ElRey de Camphar ſenhor de tudo, e havido de todos os naturaes por Rey. E logo mandou fortificar a Cidade, e proveo os paſſos, e

baluartes de gente de guarnição, porque bem entendeo que os Turcos não eram homens, que dissimulavam com affrontas. O Baxá Marzão com todos os seus se foram metter em huma fortaleza, que estava pera o certão, quasi oito leguas, donde sahia todos os dias a dar vista á Cidade, occupando-lhe os campos todos, e tomando-lhe os passos do certão, pera que lhe não pudessem entrar mantimentos, no que lhe deo grande trabalho. Vendo ElRey que daquella maneira ficava arriscado a huma desaventura, e fome, chamou a conselho os moradores de Adém, e praticou com elles o modo que se podia ter pera os Turcos os não inquietarem, nem pôrem de cerco, porque hia já sentindo a falta de tudo.

E praticando sobre isto, foram os mais de parecer, que mandassem a Ormuz a pedir soccorro aos Portuguezes, e que se lhes promettesse a fortaleza, pera com seu favor, e protecção ficarem seguros dos Turcos. E que entre tanto mandasse recado a seu filho, que ficava em Camphar, que ajuntasse toda a gente que pudesse, e fosse cercar a fortaleza dos Turcos, e trabalhasse pela tomar, primeiro que fossem soccorridos de Baçorá. Pareceo-lhe a ElRey muito bem aquelle conselho, e com muita pressa escreveo a seu filho, que ajuntasse tres

mil

mil homens, e fosse cercar os Turcos, e se não levantasse de sobre aquella fortaleza sem lha tomar; e juntamente despedio huma terrada com cartas ao Capitão de Ormuz, em que lhe pedia o mandasse soccorrer, offerecendo-lhe os partidos que dissemos da fortaleza da Cidade, e Alfandega della.

O Principe de Camphar em lhe dando as cartas do pai, ajuntou logo tres mil homens muito bem negociados, e foi com elles marchando pera a fortaleza, em que os Turcos estavam, que tendo aviso de sua ida, se recolhêram dentro, e se fortificáram. O Principe lhe poz cerco; mas por ser mancebo, e pouco experimentado, deixou de tomar a fortaleza nos primeiros dias. Os que levavam o recado pera Ormuz, foram tomar Caxém pera fazerem agua; e sabendo aquelle Rey como hiam buscar os Portuguezes pera lhe entregarem a Cidade de Adém, como era grande inimigo dos Turcos, por serem aborrecidos de todos, e era muito amigo dos Portuguezes, despedio logo trezentos Fartaquins em soccorro de Adém, mandando offerecer a ElRey de Camphar tudo o que mais houvesse mister até os Portuguezes chegarem. Estes chegáram em poucos dias áquella Cidade, onde foram mui bem recebidos de ElRey, e póstos nos mais impor-

portantes , e principaes paſſos , e baluartes pera ſua defensão.

A terrada que hia pera Ormuz, entrou em breves dias do Cabo de Reſolgate pera dentro no mez de Outubro paſſado, e alli encontrou D. Paio de Noronha, que andava por Capitão mór daquelle Eſtreito com doze navios de remo. E ſabendo do Embaixador de ElRey de Camphar ao que hia a Ormuz, deſpedio huma das fuſtas da ſua Armada em ſua companhia, com cartas ao Capitão D. Manoel de Lima, em que lhe pedia por mercê, que ſe elle não havia de ir em peſſoa áquelle negocio, lhe déſſe licença pera o fazer com aquella Armada que trazia. Chegado eſte recado a Ormuz, pareceo-lhe ao Capitão eſte negocio duvidoſo, e houve que não poderia ElRey de Camphar ſuſtentar-ſe contra os Turcos, porque eſtava certo acudir-lhe ſoccorro de Baçorá; e que ſe ſe metteſſe cabedal naquella jornada, eſtava arriſcado a ſer de nenhum effeito: pelo que logo deſpedio o Embaixador de ElRey, e a fuſta de D. Paio, a quem eſcreveo, que foſſe em companhia do Embaixador de Adém, em dous navios quaes elle eſcolheſſe, e os mais deixaſſe em guarda daquelle Eſtreito; e que ſe achaſſe ainda ElRey de Camphar naquella Cidade, que ſe metteſſe dentro com ſincoenta homens,

por-

porque esses bastavam pera se defender dos Turcos, em quanto lhe não hia mais soccorro; e que lhe despedisse logo recado pera lhe mandar gente, e navios; e quando não, que se tornasse pera aquelle Estreito.

Dado este recado a D. Paio de Noronha, logo se partio pera Adém na galeota em que andava, que se chamava Santa Isabel, em que levava quarenta soldados escolhidos; e outro navio, de que era Capitão Pero Fernandes de Carvalho com trinta. Os Cavalleiros conhecidos que D. Paio escolheo pera esta jornada foram, João de Alboquerque, Antonio da Rocha, Francisco Vieira, Diogo Correa, Antonio de Figueiredo, Antonio Cornejo, que ainda hoje vive em Chaul, de quem soubemos a mór partes destas cousas, Pero Cornejo seu irmão, Christovão das Neves, Martim Gralho, Francisco Rodrigues, e outros. E dando á véla pera Adém em companhia do Embaixador, foram correndo a costa de Arabia, tomando todas as angras, enceadas, e bahias, por onde encontráram algumas gelvas, e terradas de Mouros da outra costa de Barborá, Zeilá, Mete, que tomáram, humas vasias, outras com seus recheios, fugindo-lhes pera a terra todos, sómente tres que se cativáram. E chegando á fortaleza de Dofar, entrando a bahia, lhe atirá-

rá-

ráram muitas bombardadas; e achando ſurta huma náo carregada de cifas, lhe puzeram o fogo, que ardeo braviſſimamente; e huma terrada que ſe foi abicar á terra, a foram tirar a poder de eſpingardadas, e affaſtando-a pera fóra, armáram nella huma forca, em que enforcáram os tres Mouros, que tomáram nas terradas atrás, e outros alguns que acháram na náo; e depois puzeram fogo á terrada á viſta da fortaleza.

Partidos dalli chegáram a Xaél, cujo Rey foi ſempre amigo dos Portuguezes, e eſtava fóra em campo contra o Rey de Caxém, que tendo ſabido que tinham de Adém mandado chamar os Portuguezes pera lhe entregarem aquella Cidade, receando-ſe delles, deixou recado na fortaleza, que ſe por alli paſſaſſe Armada Portugueza, a proveſſem de tudo o neceſſario, fazendo da neceſſidade virtude; porque já que vinham ſer ſeus vizinhos, queria começar a grangear ſua amizade. Os Regedores da fortaleza tanto que víram as fuſtas em ſeu porto, mandáram viſitar D. Paio com hum preſente de couſas da terra, e agua em abundancia, offerecendo-lhe o de que mais tiveſſe neceſſidade. Dom Paio pela que tinha acceitou tudo, detendo-ſe alli aquelle dia, e ao outro tornou a continuar ſeu caminho, e foram tomar o porto de Berrumá antes de Adém, donde partí-

tíram á meia noite, e foram tomar de madrugada 'a bahia daquella Cidade, onde ſurgíram. Foram logo dadas a ElRey novas, que eram chegadas fuſtas dos Portuguezes, com o que toda a Cidade ſe alvoroçou, e deſpedio peſſoas principaes de ſua caſa, pera que foſſem deſembarcar o Capitão, a quem mandou os parabens de ſua vinda, e muito refreſco de carneiros, gallinhas, e de outras couſas que havia na terra.

D. Paio ſe negociou logo, e deſembarcou com ſó quatro homens que eſcolheo, e na praia achou alguns cavallos, mui bem concertados, e acubertados pera ſua peſſoa. E cavalgando em hum, os mais levou diante de ſi, e os ſoldados derredor delle, e entrou em caſa de ElRey, que o recebeo com muita honra, deitando-lhe aos hombros huma formoſa Xamata, que são huns pannos de ſeda, e algodão lavrados de ouro, que aquelles Reys coſtumam a trazer por capas, e he a mór honra que podem fazer a huma peſſoa grande, quando a querem muito feſtejar, e honrar. Alli logo praticáram ſobre as couſas daquella Cidade, dizendo-lhe, que era de ElRey de Portugal, e que como ſua lha entregava, pera tratar de ſua fortificação, e defensão. E por ſerem horas de jantar, o mandou agazalhar em humas caſas, que pera iſſo tinha deſpejadas, e ſe lhe deo

to-

todo o neceſſario. Aqui eſteve D. Paio até noite, que ſe recolheo ao ſeu navio, e ao outro dia deſembarcou com toda a gente das fuſtas poſta em armas, que ainda que tão pouca, luſtrava muito, e foi ver ElRey que o levou pela mão, e lhe foi a moſtrar o muro, e fortificação da Cidade da banda do certão, entrando nos baluartes, em que eſtavam os dous filhos, que recebêram Dom Paio com muita honra. Alli deixou em companhia do legitimo Pero Fernandes de Carvalho com dez ſoldados, e com o baſtardo Antonio de Figueiredo com outros tantos, e os outros repartio por eſtancias mais perigoſas: com iſto ficáram os naturaes mais deſcançados, por deſcarregarem ſobre os noſſos todo o trabalho da fortificação, e vigia.

## CAPITULO II.

*De como D. Paio de Noronha deſpedio recado ao Governador D. João de Caſtro: e de como ElRey de Camphar foi ſoccorrer o filho, que tinha os Turcos cercados: e do que mais ſuccedeo.*

ANtre as couſas que D. Paio de Noronha tratou com ElRey, das primeiras foi, que devia mandar Embaixador ao Governador a dar-lhe conta do que era paſſado, e pedir-lhe ſoccorro, porque elle deter-

terminava de mandar hum navio com recado, de como ficava naquella Cidade. A ElRey pareceo bem aquelle conſelho, e mandou logo embarcar hum ſeu cunhado, irmão de ſua mulher, no navio S. Franciſco, em que tinha ido Pero Fernandes de Carvalho, de que D. Paio de Noronha deo a Capitanía a Diogo Correa, e por elle eſcrevêram ambos ao Governador todas as couſas ſuccedidas até então, pedindo-lhe, que lhe mandaſſe gente, e munições pera ſegurança daquella Cidade, que ficava a devoção, e ſerviço de ElRey de Portugal, dando ElRey a ſeu cunhado todos os ſeus poderes pera tudo o que aſſentaſſe com o Governador.

Eſte navio ſe fez á véla tres dias depois de D. Paio chegar áquella Cidade, e de ſua jornada adiante daremos razão, porque he neceſſario continuarmos com o Principe de Camphar, que eſtava ſobre a fortaleza dos Turcos.

Eſte Principe ſe houve tão floxo neſte negocio, pela pouca experiencia que tinha das couſas da guerra, que deo atrevimento aos Turcos pera lhe ſahirem algumas vezes, e dar-lhes alguns aſſaltos com perda, e affronta ſua, do que o pai foi logo aviſado; e receando que a pouca diſciplina militar do filho déſſe occaſião aos Turcos pera o des-

ba-

baratarem de todo, determinou de lhe ſoccorrer. E porque tinha a Cidade de Adém ſegura em poder dos Portuguezes, quiz elle em peſſoa acudir áquelle negocio primeiro, que vieſſe a maior mal. Diſto deo conta a D. Paio, pedindo-lhe, que em quanto elle hia ſoccorrer ſeu filho, quizeſſe tomar aquella Cidade em ſua guarda com os dous filhos que nella deixava, e com os trezentos Fartaquins que lhe vieram de ſoccorro, porque ſe elle não foſſe averiguar aquelle negocio, nunca teria fim, que como elle lá chegaſſe enviaria ſeu filho; que lhe pedia muito, que tanto que tiveſſe novas de ſua chegada, o foſſe eſperar á porta da Cidade, e o levaſſe pela mão até o metter em ſua eſtancia, e lhe déſſe alguns Portuguezes pera ſua guarda. Iſto lhe pedio parece, por ſegurar o filho que havia de ſer o herdeiro, porque devia de ſe recear dos outros filhos. Pedindo mais a D. Paio, que ſe elle morreſſe naquella demanda, o fizeſſe logo alevantar por Rey. D. Paio diſſe, que o ſerviria em tudo como lhe mandava.

ElRey ſe deſpedio delle, levando dous mil homens comſigo, e no caminho encontrou o filho que ſe hia recolhendo, por não poder aturar os aſſaltos dos Turcos, em que lhe matáram muita gente. E ſabendo o que era paſſado, ficou enfadadiſſimo, e apai-

xo-

xonando-se contra o filho, não lhe querendo escutar razões, tomando-lhe a gente que trazia, lhe mandou, que se fosse pera Adém, e que não entrasse na Cidade sem o Capitão dos Portuguezes o ir buscar, e o levar pela mão até o pôr na sua estancia; e que não fizesse senão o que lhe elle mandasse.

Despedido o Principe, foi ElRey marchando pera a fortaleza dos Turcos, e o Principe pera Adém. Aquella noite que se ElRey partio, se recolheo D. Paio de Noronha nos Paços com alguns Portuguezes, e toda a noite ouvíram por toda a Cidade grande revolta, e muitos gritos, e alaridos, e andar a gente pelas ruas de huma parte pera a outra, o que embaraçou muito os nossos, por não saberem o que aquillo era, e toda a noite estiveram com as armas nas mãos na mór confusão, e temor que podia ser. Tanto que amanheceo, não fazendo D. Paio discurso, nem consideração alguma, e sem mandar saber o que aquillo era, se sahio dos Paços, e se foi embarcar na sua galeota, e della mandou recado a Pero Fernandes de Carvalho, e aos mais que estavam nas estancias, que se recolhessem, como fizeram. Isto sentíram os filhos de ElRey muito, porque estavam com elles seguros, e descançados.

Ao outro dia chegou á porta da Cidade

de o filho mais velho de ElRey , e não quiz entrar dentro , senão pela ordem que seu pai lhe tinha dado ; pelo que mandou recado a D. Paio de Noronha , de como era chegado , pedindo-lhe o fosse recolher na Cidade , porque não podia entrar nella sem elle , por assim lho ter seu pai mandado. D. Paio se lhe mandou escusar com se fingir mal disposto , mandando-lhe dizer , que mui bem podia entrar na Cidade , pois era sua. Sobre isto tornou o Principe a lhe mandar dizer , que todavia elle não havia de traspassar os mandados de seu pai , nem havia de entrar sem elle ; e sobre isto corrêram recados de parte a parte por quatro vezes , sem D. Paio querer desembarcar. Vendo o Principe aquillo , entrou na Cidade , e se foi metter na estancia do pai com seus criados , e apaniguados. Tanto que anoiteceo , mandou D. Paio a Antonio de Figueiredo , e a Pero Fernandes de Carvalho com os soldados de sua companhia , que se fossem pera a estancia do Principe , e que tanto que fosse manhã , logo se recolhessem ao navio , onde elle se deixou ficar. Isto foi continuando muitos dias , sem D. Paio desembarcar nelles , com ter cada dia muitos recados do Principe , e com alguns Cavalleiros honrados de sua companhia lhe fazerem algumas lembranças de sua honra , determinan-

nando esperar alli no mar recado do Governador, porque houve por sem dúvida que lhe fariam traição.

## CAPITULO III.

*De como ElRey de Camphar commetteo os Turcos: e de como foi morto em hum assalto, e os Turcos foram cercar a Cidade de Adém: e do mais que lhe aconteceo.*

ELRey de Camphar tanto que se apartou do filho, como dissemos no Capitulo atrás, foi marchando pera a fortaleza dos Turcos, que logo foram avisados de sua ida, e estavam recolhidos nella. E chegando ElRey a ella, lhe poz cerco á roda, e a commetteo com muita determinação por alguns dias, havendo sempre mortes, e damnos de ambas as partes. ElRey como era muito animoso, e bom cavalleiro, determinou de averiguar aquelle negocio depressa, e mandou pera este effeito fazer muitas escadas, pera metter todo o cabedal naquelle derradeiro assalto. E tendo tudo prestes, commetteo a fortaleza com grande furia, e animo, rodeando-a de escadas, e commettendo os Camphares a subida mui animosamente; mas todavia como o haviam com Turcos, homens tão experimentados na guerra, e tão cursados nos trabalhos, custou-

lhes

lhes muitas mortes, e feridas, mas não ſem damno ſeu. ElRey de Camphar andava animando os ſeus, fazendo-os ſubir, e acudindo ás partes mais neceſſarias; e em fim tanto trabalhou, que cavalgáram os ſeus o muro, travando-ſe em ſima huma aſpera batalha. Mas quiz a ventura dos Turcos, que ſe déſſe huma eſpingardada em ElRey de Camphar, de que cahio logo morto. Os ſeus tanto que o víram aſſim, perdendo o animo, tornáram a alargar os lugares que tinham ganhado, e ſe recolhêram a ſeu arraial com bem de damno. E ſem tratar mais de Adém, foram logo caminhando pera Camphar, ſem lhes lembrar que deixavam o ſeu Principe naquella Cidade; porque eſtavam certo irem os Turcos com eſta vitoria a cercallo, ficando tão deſcoraçoados, que nem mandáram aviſar o Principe, nem tratáram de mais, que de ſegurarem ſuas vidas.

As novas da morte de ElRey, ou huma fama ſurda della, chegou a Adém, ſem ſe ſaber como, nem por onde, e aſſim chegáram ás orelhas do Principe, que as encubrio o melhor que pode, porque receou que os Portuguezes o deſamparaſſe, e que todos os da Cidade ſe levantaſſem contra elle. Não deixou de chegar a D. Paio de Noronha hum rumor deſte negocio, com que ſe embaraçou, e mandou perguntar ao Princi-

cipe, que novas tinha de ElRey ſeu pai, elle lhe mandou dizer, que muito boas; e todavia indo-ſe ellas declarando mais, lhe tornou a mandar dizer, que ſe era verdade que ElRey era morto, lho não negaſſe, porque ſoubeſſe certo, que ſe tal fizeſſe, que ſe iria. Vendo-ſe o Principe apertado, lhe mandou dizer em ſegredo a verdade de tudo, e que por lhe parecer aſſim neceſſario, e por os ſeus ſe não alterarem, o tinha encuberto, e que iſſo havia elle tambem de fazer, por não darem animo aos naturaes pera tratarem alguma alteração, porque o tempo não eſtava pera nojos, nem pera deſconfianças.

Iſto fez algum abalo em D. Paio de Noronha; mas já lhe era neceſſario eſperar recado do Governador, como lhe tinha eſcrito. Os Turcos tanto que víram o arraial dos inimigos levantado, mandando-os eſpiar, ſabendo de certo que ſe hiam pera Camphar, foi o ſeu alvoroço grande, porque bem entendêram que em Adém havia de haver alguma mudança com as novas da morte de ElRey, e alguns deſconcertos antre os filhos; e não querendo perder tão boa occaſião, foram logo pôr cerco á Cidade, amanhecendo hum dia ſobre ella. D. Paio de Noronha foi aviſado diſto, e mandou dizer ao Principe, que a primeira couſa que

 ha-

havia de fazer, era mandar arrecadar em boa prizão aos vinte e ſinco Turcos, que ſerviam de bombardeiros, ainda que pera mais ſegurança, era melhor mandar-lhes cortar as cabeças pelos não vigiarem. O Principe os mandou logo metter em huma forte maſmorra, e a chave della mandou entregar a Pero Fernandes de Carvalho.

Os Turcos começáram a dar muitos, e mui continuos aſſaltos á Cidade, ainda que não tinham altilheria, mas tinham muitos, e mui groſſos moſquetões, que aſſeſtavam ſobre pontaletes, amparados com huma rocha que eſtava perto, donde os deſparavam nos muros, e baluartes, com que derribavam muitos; e da banda da praia de baixa mar faziam o meſmo. A todos eſtes rebates acudiam Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Figueiredo com ſeus ſoldados, que ſuſtentavam o pezo todo, rebatendo os inimigos, e animando aos naturaes. O Principe, e ſeus irmãos moſtráram ſempre muito grande animo, pelejando, e animando os ſeus nas eſtancias em que eſtavam. D. Paio de Noronha a alguns aſſaltos que houve apreſſados, ſahio a terra, e acudio a elles, mas paſſados tornou-ſe a embarcar. Os Turcos, que eram homens que ſe não deſcuidavam de couſa alguma, tiveram algumas intelligencias com alguns dos naturaes; que guar-

guardavam algumas eſtancias, peitando-os grandemente pera lhe darem entrada; e de tal maneira tratáram eſtas couſas, que as leváram ao cabo, concertando de em hum dia limitado lhes darem de noite entrada, como fizeram. E pera divertirem os noſſos, commettêram o baluarte do Principe, em que eſtava Pero Fernandes de Carvalho, com grandes gritas, e eſtrondos. E eſtando a couſa embaraçada na briga, deram os naturaes entrada a Marzam, que com duzentos e ſincoenta Turcos foi mettido dentro na Cidade por huma porta, ſem os ſentir alguem, e deixou-ſe ficar da banda de dentro, ou porque ſenão atreveo a entrar, ou por eſperar pela manhã, porque era já no quarto d'alva.

Na eſtancia do Principe ſe pelejava com muito valor, laborando a eſpingardaria dos noſſos, com que derribáram alguns Turcos. A manhã vinha já eſclarecendo, e os Capitães Turcos, que eſtavam no aſſalto, não ſabiam o que era acontecido a Marzam, porque não ſentiam revolta na Cidade, o que os embaraçou muito. Os que eſtavam dentro foram ſentidos, e correo logo huma voz pelas eſtancias, que eram Turcos entrados na Cidade, a que acudíram alguns Fartaquins pera aquella parte, por onde diziam que eſtavam. Na eſtancia do Principe

foi ſentida a confusão, ſem ſe ſaber couſa alguma; e ſahindo-ſe Pantaleão da Maia pera ir ver o que era, foi ajuntando alguns Fartaquins, e chegando áquella parte, que vio os Turcos dentro, que começavam a arrebentar (porque já eſclarecia a manhã) não deſmaiou, nem moſtrou fraqueza, antes com muito animo remetteo com elles, bradando por *Sant-Iago*; e com iſto os embaraçou de feição, que os deteve, ſendo mui bem ajudado de ſincoenta, ou ſeſſenta Fartaquins, que pelejáram valoroſamente. Pantaleão da Maia apertou tanto com elles, que os fez outra vez acuar, e tornar ao lugar em que dantes eſtavam, pondo-ſe ás eſpingardadas com elles, não deſparando tiro que não mataſſe algum. As novas diſto corrêram logo por toda a Cidade, a que acudio Pero Fernandes de Carvalho com alguns Portuguezes, pedindo ao Principe, que ſe não buliſſe de ſua eſtancia; e ajuntando toda a gente que pelo caminho achou, foi correndo aquella parte, onde achou Pantaleão da Maia ás eſpingardadas com os Turcos, e dando nelles com grande furia, os foram levando, matando daquelle primeiro ímpeto oitenta, e os mais ſe deitáram pelos muros abaixo ſobre as rochas, que daquella parte havia, em que ſe alguns eſpedaçáram, ficando-lhes alli ſuas armas, que

os

os Fartaquins recolhêram, que ainda que todos pelejáram neste trance muito valorosamente, todavia a honra, e gloria desta vitoria se deve a Pantaleão da Maia, porque elle foi a unica occasião della. Os Turcos, que estavam no assalto, tendo as novas do que tinha acontecido ao Baxá Marzam, se recolhêram muito tristes pera suas tendas; e tanto que foi noite, levantáram o campo, e se foram metter na fortaleza, onde primeiro estavam com mais de cento menos.

Tanto que ao outro dia amanheceo, que os nossos tiveram rebate de serem os inimigos recolhidos, disse Pero Fernandes de Carvalho ao Principe, que sahisse ao campo, e seguisse os inimigos, que hiam desbaratados, que estava certa a vitoria. O Principe o fez assim, levando todos os Portuguezes, e foi mais de huma legua sem os poder encontrar. E voltando, chegou ao arraial dos Turcos, onde acháram muitos mortos, e alguns feridos tão mal, que os não pudéram levar. O Principe mandou pôr a tudo o fogo, em que se tudo consumio. D. Paio de Noronha, que estava embarcado, mandou visitar o Principe, e dar-lhe os parabens da vitoria, e dizer-lhe, que os Turcos que estavam prezos lhes mandasse logo cortar as cabeças, porque não ficasse daquella gente, que era perversa, algum vivo. O Principe

o fez logo aſſim, mandando-os matar, e lançar no fogo, que andava no exercito, e ſe recolheo á Cidade, onde mandou caſtigar alguns culpados na entrada dos Turcos.

Ao outro dia ſahio D. Paio a terra, e foi viſitar o Principe, e lhe diſſe, que devia mandar recado a Camphar a fazer gente, pera ir commetter a fortaleza dos Turcos, e acaballos de deſtruir de todo, e lançallos fóra daquellas terras, porque com o medo que levavam, não haviam de eſperar. Ao Principe pareceo bem aquelle conſelho, e mandou hum criado ſeu em huma embarcação pequena, e ligeira, e com elle hum ſoldado, chamado Franciſco Vieira, pera fazer dar preſſa áquelle negocio, ficando o Principe provendo na guarda, e defensão da Cidade, que tudo carregava ſobre os noſſos.

## CAPITULO IV.

*Do recado, que o Governador D. João de Caſtro teve de Adém: e de como mandou ſeu filho D. Alvaro de Caſtro de ſoccorro: e das galés dos Turcos, que ſahíram de Moçá em favor dos ſeus: e do que D. Paio fez.*

PArtido Diogo Correa de Adém, com o cunhado de ElRey de Camphar, que levavam recado ao Governador, como fica di-

dito no ſegundo Capitulo deſte ſexto livro, como hiam com monção, foram na entrada de Janeiro tomar a coſta da India; e ſabendo eſtar o Governador em Baçaim, foram demandar aquella Cidade, onde deſembarcáram, mandando o Governador receber o cunhado de ElRey mui bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados. E vendo as cartas, e ſabendo o que era ſuccedido, e como a Cidade de Adém eſtava por ElRey de Portugal, ficou muito alvoroçado, e o houve por grande ventura ſua, tendo muitos cumprimentos de ElRey, mandando-o agazalhar, e dar-lhe todo o neceſſario.

O Governador mandou logo chamar ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, e lhe diſſe, que ſe fizeſſe preſtes pera acudir áquelle negocio com muita brevidade. As novas corrêram logo pela Cidade, que cauſavam em todos grande alvoroço, acudindo todos os Fidalgos, e Capitães a ſe offerecerem ao Governador pera aquella jornada, o que elle eſtimou muito, fazendo logo rol dos que haviam de ir nella, indo-ſe pôr na praia a dar ordem á Armada, que havia de mandar. E antre todos os navios de remo eſcolheo trinta, os melhores negociados, que logo mandou cifrar, concertar, e aperceber de todo o neceſſario, nomeando os Fidalgos que haviam de ir nelles, que eram os ſeguintes:

D.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Antonio Moniz Barreto, que diziam que hia nomeado por Capitão de Adém, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Taíde Inferno, D. João de Taíde, Alvaro Paes de Sotto-Maior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho o Porca, irmão de Diogo Botelho do Infante D. Luiz, Luiz Homem, Alvaro Serrão, Belchior Botelho, Veador da Fazenda, que hia pera os negocios daquella Cidade, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Correa, Diogo Correa, o mesmo que veio de Adém, Diogo Banha, hum catur de Pero Preto, Alvaro da Gama, Feitor da Armada, e outros.

E porque o Governador estava falto de dinheiro, mandou carregar huma caravella de drogas pera as despezas da Armada, (porque valiam na costa de Arabia muito,) de que fez Capitão André de Aguiar. E mandou carregar outra caravella de mantimentos, de que fez Capitão Affonso Jorge.

Andando o Governador dando pressa á Armada, chegou áquelle porto hum navio da outra costa de Arabia, em que vinha hum Embaixador de ElRey de Caxém, que o Governador mandou desembarcar, e le-

var

var diante de si. Elle se humilhou a seus pés, dando-lhe cartas que lhe o seu Rey mandou, em que lhe dizia: » Que confiado em ser » grande servidor de ElRey de Portugal, e » muito antigo amigo do Estado da India, » lhe mandava pedir ajuda, e soccorro pe» ra tornar a cobrar parte do seu Reyno; » que ElRey do Fartaque seu vizinho lhe ti» nha tomado; que lhe pedia puzesse os olhos » em sua necessidade, e lhe quizesse valer » nella, porque não acabasse de perder o » Reyno, em que todos os Portuguezes, que » por alli passavam, achavam gazalhado, e » recolhimento. » O Governador disse ao Embaixador, que tudo o em que pudesse ajudar, e favorecer a ElRey seu Senhor, o faria. E que fora ditoso em succeder o negocio de Adém, e em mandar lá aquella Armada, porque teria o soccorro mais depressa; mandando-lhe que se agazalhasse, e negociasse, porque a Armada havia de partir logo.

O Governador vendo que era muito necessario acudir-se a Adém com muita pressa, e que seu filho D. Alvaro de Castro era forçado deter-se alguns dias por causa dos provimentos da Armada, despedio com muita pressa D. João de Taíde com quatro navios, de que eram Capitães, a fóra elle, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, e outro;

a que não achámos o nome; dando-lhe por regimento, que se mettesse na fortaleza de Adém até chegar seu filho. Estes navios deram á véla, e por lhes dar o Noroeste grosso, desapparelhou hum, de cujo Capitão não achámos o nome, e foi-lhe forçado tornar-se pera Baçaim: os mais foram seguindo sua jornada, em que os deixaremos até tornar a elles.

O Governador ficou dando pressa á mais Armada, que despedio alguns dez dias depois de se partir D. João de Taíde, dando grandes regimentos a seu filho, e encommendando-lhe muito, que restituisse ElRey de Caxém a seu Estado; e mandou embarcar o cunhado de ElRey de Adém com D. Antonio de Noronha, muito satisfeito, e contente, mandando áquelle Rey muitas pessas ricas, e curiosas; e o Embaixador de Caxém se foi no seu navio, muito encommendado a D. Alvaro de Castro. Dada esta Armada á véla, foi seguindo sua viagem, em que a deixaremos, porque he necessario continuarmos com as cousas de Adém.

D. Paio de Noronha (como assima dissemos) esteve sempre embarcado, esperando por recado de Ormuz, aonde tinha mandado huma champana com cartas ao Capitão, em que lhe dava conta de todas as cousas succedidas até então, e lhe pedia lhe man-

mandasse gente, munições, e mantimentos. E estando alli, sahio da boca do Estreito huma naveta, que se foi chegando pera a bahia. D. Paio a foi demandar, e della soube ser do Guazil de Ormuz, e não lhe souberam dar razão, nem novas de Moçá, nem de Suéz, porque vinha dos portos do Abexim, e fazendo-a surgir em huma enceada, antes de chegar a Adém, se tornou ao porto, e mandou recado ao Principe da embarcação, porque já se tinha visto da fortaleza. Este mesmo dia sobre a tarde teve Dom Paio recado, que apparecia outra embarcação, e mandou Pantaleão da Maia, que a fosse reconhecer de sima de huma guarita alta, donde se affirmou ser galé, e assim o disse ao Principe, que logo mandou metter na naveta do Guazil quarenta espingardeiros. Pouco depois deram duas almadías recado a D. Paio, que appareciam duas galés de Turcos, com o que ficou sobresaltado, mandando pedir ao Principe, que o provesse de gente, como fez, com sincoenta Fartaquins, que mandou embarcar em hum tarranquim, que alli estava, de que fez Capitão Christovão das Neves; e fazendo-se prestes na sua galeota com todos os Portuguezes que mandou recolher, foi buscar a terrada do Guazil pera a recolher ao porto, e chegando a ella a achou mui crespa;

e

e póſtos os Mouros, que eram perto de cento, em armas pera ſe defenderem das galés, que já viam, e vendo os noſſos, deram grandes apupadas de alvoroço. As galés, que eram pequenas, huma vinha a terra a remo, e a outra ao mar á véla. Eſta vendo os noſſos navios, com muita preſſa ferrando do remo ſe foi chegando pera a outra, que já a hia demandar. D. Paio deo toa á naveta do Guazil, e foi-ſe ſahindo da enceada, e as galeotas o hiam ſeguindo; o que viſto por elle, poz em parecer de todos os Portuguezes ſe pelejaria com as galeotas, dizendo-lhes, que eram pequenas, e que naquellas tres embarcações que tinham havia muita gente. Os companheiros lhe diſſeram, que ſe recolheſſe a Adém, que lhe eſtava entregue, e que defendeſſem até morrerem todos ſobre ella. Com iſto ſe foi D. Paio recolhendo pera a bahia, vindo já as galeotas a tiro de camello.

Recolhido D. Paio, mandou com muita preſſa deitar ao mar huma galeota de tres, que eſtavam varadas de longo da couraça, e a provêo de artilheria, que lhe mandou o Principe, com muitas munições, e a entregou a Chriſtovão das Neves, com os Fartaquins, que lhe o Principe tinha mandado; e ajuntando os Portuguezes todos, lhes diſſe, que elle ſem embargo de tudo determi-

na-

nava de pelejar com as galés, (que foram ſurgir na enceada, onde eſtava a naveta,) porque pera iſſo tinha aquellas duas galeotas cheias de muito boa gente, e a naveta do Guazil, que ſe offereceo pera o acompanhar. A todos pareceo bem, e toda aquella noite ſe prepararam de pelouros, e polvora, e tanto que amanheceo, tomáram o remo em punho, e foram demandar a enceada até onde as galés ſe tinham recolhido; e antes de chegarem, as víram ſahir de dentro com huma galé Real mais, que aquella noite ſe foi ajuntar a ellas. Vendo D. Paio quão deſigual partido ficava tendo, ſe tornou a recolher pera a bahia.

As galés ſurgíram fóra da enceada, onde eſtiveram ſinco, ou ſeis dias, em que ſe ajuntáram a ellas mais oito galés mui formoſas, e outras quatro galeotas, que tomáram o remo, e paſſáram de largo por defronte da Cidade, e foram ſurgir em outra enceada adiante de Adém, onde havia obrigada dos Levantes, que ventavam rijo, deſemmaſteando-ſe, e armando ſuas tendas, como quem queria eſtar devagar. Dalli mandou o Baxá, que nellas vinha, recado aos Turcos que eſtavam na fortaleza, e huma companhia mais de duzentos homens, pera que foſſem pôr cerco a Adém, como logo fizeram, tanto que ſe lhe deo. E partindo della,

la, vieram aſſentar ſeu arraial á viſta dos muros, commettendo-os por aſſaltos algumas vezes, achando ſempre grande reſiſtencia nos noſſos; porque ſempre D. Paio mandou aſſiſtir Pero Fernandes de Carvalho na eſtancia do Principe, por não deſamparar tudo de todo. O Baxá das galés mandou deſembarcar algumas peças de artilheria, pera batarem a Cidade da banda do certão, e antre ellas foi huma, que lançava pelouro de tres palmos e meio de roda, que ſe aſſeſtou em hum morro, que ficava ſendo padraſto da fortaleza, donde a começou a bater rijamente, lançando-lhe dentro muitos pelouros, de que recebêram aſſás de damno.

## CAPITULO V.

*De como D. Paio de Noronha ſe foi ſecretamente de Adém: e os Turcos entráram aquella Cidade, e matáram ao Principe, e ſeus irmãos: e do que aconteceo a D. João de Taíde na jornada: e de como os Turcos lhe corrêram.*

VEndo o Principe as rijas batarias que lhe davam, e o damno que faziam cada dia de mortos, e feridos, e o medo que todos os naturaes moſtravam, ſe houve por perdido; e mandou pedir a D. Paio, que o quizeſſe ver, porque tinha muitas couſas

que

que tratar com elle. D. Paio o fez, indo á eſtancia em que elle eſtava. O Principe lhe deo conta de tudo o que paſſava, pedindo-lhe, que paſſaſſe com todos os Portuguezes pera aquellas eſtancias, e que o ajudaſſe a defender aquella Cidade, que era de ElRey de Portugal. D. Paio lhe diſſe que ſi, e deixou-ſe ficar aquelle dia com elle, em que os Mouros foram continuando com ſua bataria, mettendo aquella peça groſſa muitos pelouros dentro na Cidade. D. Paio como a não tinha viſto, e vio o eſtrago que fazia todas as vezes que tirava, houve aquelle negocio por muito arriſcado; e diſſimulando, tanto que foi ſobre a tarde, que a bataria ceſſou, foi-ſe elle recolhendo pera a ſua embarcação, e eſcreveo hum eſcrito a hum ſoldado, por nome Diogo Vaz, de ſua obrigação, em que lhe dizia: » Que tanto que » aquelle viſſe, déſſe recado em ſegredo a » todos os Portuguezes, pera que depois que » anoiteceſſe ſe recolheſſem aos navios de » dous em dous, ſem fazerem alvoroço; » o que todos fizeram. Sómente hum Manoel Pereira, que diſſe que aquella Cidade era de ElRey de Portugal, que a não havia de largar, nem havia por onde, deixando-ſe ficar no baluarte do filho mais moço de El-Rey, onde eſtavam recolhidos todos os ſoldados. D. Paio ſe ſahio da bahia de noite

ſem o ninguem ſaber, e dando á véla, ſe fez na coſta do Abexim por ſe deſviar das galés. Ao outro dia foi o Principe aviſado de ſua ida, o que ſentio em eſtremo; mas encubrio-o aos ſeus o melhor que pode, aſſim por não haver alteração nos naturaes, como por os Turcos o não ſaberem, (porque ſó a fama de eſtarem os Portuguezes naquella Cidade lha fazia inexpugnavel, e accommettiam com deſconfianças.) Não deixáram elles de continuar nas ſuas batarias, em que Manoel Pereira fez couſas de homem de grande animo, esforço, e honra, correndo as eſtancias, animando a todos, com lhes ſegurar, que não tardaria muito o ſoccorro de Goa; com o que o Principe, e os irmãos já não receavam os inimigos, fazendo tudo o que lhes parecia neceſſario pera defensão daquella Cidade, repairando-a, e reedificando-a o melhor que podiam, pelejando em todos os aſſaltos mui esforçadamente, não os largando nunca o Manoel Pereira, que era todo o ſeu conſelho, porque nada faziam ſem elle.

E certo, que nos faz perder o goſto deſta eſcritura, não ſabermos dar a conhecer eſte Manoel Pereira por patria, e parentes, porque era muito juſto ficaſſe bem conhecido no Mundo; mas coube-lhe a ſorte, e ventura de outros muitos, a quem o deſcuido

Por-

Portuguez, (de que nos não podemos deixar de queixar muitas vezes,) tem ſepultado em perpétuo eſquecimento.

E não ficará tambem de todo nelle hum Franciſco Vieira, de quem no Capitulo atrás démos razão, que o Principe tinha mandado de Adém a Camphar buſcar gente. Eſte eſtando-a fazendo naquella Cidade, dando-lhe as novas de como D. Paio ſe fora de Adém, largando tudo por mão, ſe embarcou na almadía em que tinha ido, e de noite entrou na bahia por antre as galés, e deſembarcou em terra, e foi muito bem recebido na Cidade, dando conta ao Principe, de como deixava alguma gente ordenada pera vir apôs elle, e que não lhe ſoffrêra o coração eſperar por ella; que vinha alli offerecido ao ſerviço de ElRey de Portugal, e ſeu. O Principe o eſtimou muito, e aſſim elle, e Manoel Pereira fizeram, em quanto durou o cerco, couſas muito notaveis, e dignas de maior galardão, do que ambos tiveram.

Havendo vinte e hum dias que D. Paio ſe tinha ido de Adém ſem os Turcos o ſaberem, quiz a deſaventura que fugiſſe hum dos naturaes da Cidade, e ſe foſſe ao arraial dos Turcos, e ſendo levado ao Baxá, lhe diſſe como os Portuguezes eram idos, e que a Cidade eſtava com pouca gente, of-

ferecendo-ſe-lhe pera os metter dentro nella por hum paſſo mui eſcuſo. Parece que neſte negocio não entrou eſte ſó, mas havia de ir concertado com algum dos Capitães de alguma eſtancia; porque eſta meſma noite no quarto da modorra foram mettidos na Cidade, e como áquellas horas eſtavam todos deſcuidados, arrebentando pelos baluartes, foram matando, e eſpedaçando a quantos achavam. Sentindo o Principe a grita, e alvoroço, ſem ſaber o que era, tomou as armas, e com os que o ſeguíram acudio ao baluarte do irmão baſtardo, onde a revolta era grande, porque aquelle Infante pelejava com muito valor, e esforço. E acudindo o Principe alli, deo com os Turcos, que vinham recreſcendo; e depois de elle, e ſeu irmão terem bem moſtrado ſeu esforço, e coração, foram eſte Principe, e ſeu irmão mortos com todos os ſeus, não ſem damno, e eſtrago dos Turcos, de que elles por ſuas mãos derribáram muitos. O irmão mais moço do Principe, com quem eſtava Manoel Pereira, e Franciſco Vieira no ſeu baluarte, tambem foi entrado de hum número de Turcos, com quem todos tiveram huma muito aſpera batalha, fazendo aſſim o Principe, como os Portuguezes, couſas muito notaveis, ſuſtentando aquelle baluarte até ſe perderem todos. E vindo-lhes novas que o

Prin-

Principe era morto, e a Cidade toda entregue nas mãos dos Turcos, tomáram Manoel Pereira, e Francifco Vieira o moço Infante, e fe foram fahindo do baluarte, o que então pudéram fazer, affim pelo grande efcuro que fazia, como pela confufa revolta que havia em todas as partes, andando já tudo mifturado fem fe conhecerem huns aos outros, e fe fahíram fóra da Cidade com alguns da cafa do Principe, e foram caminhando apreffadamente pera Camphar. Os Turcos andáram pela Cidade fazendo tamanhas cruezas, que foi efpanto, não dando vida a coufa alguma que a tiveffe, tornando a ficar fenhores della como dantes.

D. João de Taíde, que deixámos partido de Baçaim com os tres navios, foi feguindo fua viagem atraveffando de largo, e em poucos dias foi haver vifta da cofta de Arabia, e de longo della foi demandar a Cidade de Adém, cuidando achar nella Dom Paio, porque não tomou falla por toda aquella cofta do que lá hia. E entrando a bahia a remo, foram dar de rofto com as galés, que eftavam dentro bem chegadas ao baluarte que faz a bahia, e não fe embaraçando em coufa alguma, tornáram a voltar pera fóra largando as vélas, porque ventava ainda o levante rijo. Os Turcos em ven-

do os navios leváram ancora com muita presſa, e ſahíram apôs elles tão apreſſados, que antes de terem andado huma legua os alcançáram. Gomes da Silva, e Antonio da Veiga, que lhe ficáram mais perto, vendo-ſe debaixo dos eſporões das galés, como hiam cozidos com a terra, houveram por melhor partido vararem nella, e ſalvar ſuas peſſoas, como fizeram. D. João de Taíde, que levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pode, eſcapando algumas vezes debaixo dos eſporões de tres galés que o ſeguiam, ajudando-ſe da véla, e do remo, animando os marinheiros, e dando-lhes muito dinheiro; e quiz ſua boa fortuna que ſobreveio a noite, e tanto que o ar eſcureceo, fazendo-ſe em outro bordo, foi correndo pera a coſta do Abexim, e em poucos dias foi tomar o Ilheo de Mete na coſta de Barborá, e Zeilá. Alli varou o navio, e o eſpalmou, e o alimpou, dando huma larga folga aos marinheiros do trabalho paſſado.

A gente dos dous navios que varáram em terra, foram de longo do mar pera Camphar, onde acháram Manoel Pereira, e Franciſco Vieira, que tinham chegado com o Infante, que já eſtava jurado por Rey, que os mandou agazalhar mui bem, e dar-lhes todo o neceſſario.

E

E tornando a D. Paio, tanto que se sahio de Adém, foi demandando a costa do Abexim, e della tornou a voltar pera ir esperar a Caxém recado da India. E correndo a costa da Arabia, tomou por ella falla, e soube ficar já a Cidade de Adém em poder dos Turcos, e o Principe, e todos mortos; e indo demandar Caxém, antes de lá chegar encontrou com dous navios, que D. Manoel de Lima, Capitão de Ormuz, lhe mandava de soccorro, de que eram Capitães Aleixos de Carvalho, e Braz Cortez, que levavam gente, mantimentos, e munições, e vendo-se com elles lhes deo conta do que passava, e de como tinha por novas, que a Cidade de Adém era perdida, o que elles muito sentíram, ainda que o não pudéram crer, dizendo-lhes Aleixos de Carvalho, que elle havia de passar a Adém, e saber a certeza do que lá hia, pois elle não tinha outra, que a que lhe deo a gente da terra. D. Paio o quiz tirar disso, mas não pode, pelo que lhe foi forçado tornar a voltar com elles. E chegando a Xaél, querendo entrar no porto a saber novas, lhes atiráram da fortaleza (que tinham os Fartaquins tomada a ElRey de Caxém nosso amigo) tantas bombardadas, que os houveram de metter no fundo. E sahindo-se pera fóra, tomando conselho, assentáram ir es-

esperar recado da India aos Ilheos de Canecanim, (porque por huma terrada que acháram de Caxém souberam como os Turcos estavam em Adém, ) e assim os foram demandar, e alli se deixáram ficar.

D. João de Taíde tanto que espalmou, e alimpou o seu navio, determinou de ir esperar na costa de Caxém a D. Alvaro de Castro, que não podia tardar muito, e dando á véla com os Ponentes, se foi affastando de Adém, e depois foi demandar a terra; e chegando aos Ilheos de Canecanim, achou D. Paio de Noronha com os outros navios, e delle souberam o que lhe tinha succedido com as galés, e assentáram de esperar alli a Armada, como fizeram, tendo grande vigia no mar.

## CAPITULO VI.

*De como D. Alvaro de Castro chegou aos Ilheòs de Canecanim, onde soube a perda da Cidade de Adém: e de como foi sobre a fortaleza de Caxém, e a tomou.*

PArtido D. Alvaro de Castro de Baçaim, logo o Governador D. João de Castro o fez tambem pera Goa, pera acudir ás cousas do Sul, e pera de mais perto continuar na guerra do Idalxá, dando despacho a todas as cousas daquellas fortalezas do Norte,

te,

te, deixando na enceada de Cambaya com huma boa Armada D. Jorge Baroche, e ésculando-se de tudo o mais, deo á véla pera Goa já em Abril. Chegado áquella Cidade, começou logo a entender no despacho das cousas do Sul, aviando pera ir entrar em Malaca D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama, por acabar Simão de Mello, que lá estava, seu tempo. E pela mesma maneira despachou Duarte de Miranda Capitão da carreira de Maluco, que foi embarcado no galeão Bufara, carregado de gente, provimentos, roupas, mantimentos, e munições, e de caixões cheios de esquipações feitas, convem a saber, calções, chapeos, çapatos, pera lá se repartirem pelos soldados; porque neste tempo tinham os Governadores tanta conta com elles, que até os vestidos feitos lhes mandavam, o que tudo se lhes dava; e como chegava o galeão da carreira, mandava o Capitao chamar a todos, e repartia por elles tudo, e com isso lhes pagava seus quarteis, e mantimentos. O que tudo se mudou, porque todas as cousas boas acabam depressa, e as más nunca.

Despedidos estes Capitães, ficou o Governador desaffogado pera proseguir na guerra do Idalxá, mandando dobrar as fustas, e manchuas, que andavam nos rios, que fize-

zeram grandes deſtruições em ſuas aldêas. E porque he razão que continuemos com Dom Alvaro de Caſtro , deixaremos por ora tudo o mais até ſeu tempo.

Partido de Baçaim , como temos dito no Cap. IV. deſte VI. Liv. com toda ſua Armada junta , como levava os levantes em poppa , foi em poucos dias haver viſta da coſta de Arabia , e ſem tomar porto algum , foi de longo della demandar a Cidade de Adém. Chegando aos Ilheos de Canecanim , lhe ſahíram os noſſos navios , de quem ſoube tudo o que era ſuccedido , aſſim da perda de Adém , como das galés que corrêram a D. João de Taíde. Iſto ſentio D. Alvaro de Caſtro em eſtremo , porque bem entendeo que fora tudo pelo grande deſcuido , e pouco diſcurſo de D. Paio de Noronha. O Embaixador , e cunhado do Rey velho morto de Adém , que hia embarcado com D. Antonio de Noronha , ſe foi ao navio do Capitão mór muito triſte , e deſconſolado pelas ruins novas que tinha ouvido. Dom Alvaro de Caſtro trabalhou pelo conſolar , mas não pode elle : pedio que mandaſſe algum navio a Camphar a ſaber a certeza daquellas novas dos Portuguezes , que lá diziam que eſtavam , porque elle as não podia crer. O Capitão mór lhe pareceo bem , e deſpedio logo D. João de Taíde pera ir lá

lá a ſaber o que era paſſado , e a recolher a gente das fuſtas de ſua companhia , que já ſabiam que lá eſtava.

D. João de Taíde chegou a Camphar , e os Portuguezes o foram receber á praia com grande alvoroço , e delles ſoube toda a verdade , e em ſua companhia foi viſitar ElRey , que lhe fez muitas honras , e lhe contou por extenſo tudo o que era paſſado , e de como depois de D. Paio ſe ſahir de Adém , ſe ſuſtentára vinte e hum dias , pelo esforço , e animo de Manoel Pereira , e Franciſco Vieira , e de como elles o livráram , e por elles eſtava naquelle ſeu Eſtado. Dom João de Taíde ſentio muito as novas , e pedindo licença a ElRey pera levar todos os Portuguezes , lha deo , e hum tarranquim pera irem , porque não cabiam todos na fuſta , e com elles voltou pera o Capitão mór. D. Alvaro de Caſtro recebeo aquelles perdidos com muitos gazalhados , e de Manoel Pereira , e Franciſco Vieira ſoube muito particularmente todas as novas , de que ficou muito anojado , por ſe perder huma couſa tamanha por culpa de hum Fidalgo tão honrado.

O Embaixador cunhado de ElRey de Camphar , certificado da morte de ſeu cunhado , e de ſeus filhos , ficou em tão grande eſtremo deſconſolado , que pedio ao Capi-

pi-

pitão mór, que lhe désse licença pera se ir pera Camphar, já que fora tão mofino, que foi seu trabalho debalde. D. Alvaro teve com elle muitas palavras de cumprimentos, e lhe deo algumas pessas, assim pera elle, como pera ElRey seu sobrinho, dizendo-lhe, que se consolasse, porque ElRey seu cunhado, e seus sobrinhos morrêram como muito bons cavalleiros em defensão do seu Reyno; que quem morria tão honradamente, mais se lhe devia ter inveja, que mágoa. A isto respondeo o Mouro, (que era muito avisado,) que antes essa era a dor que levava, de ver morrer em serviço de ElRey de Portugal hum cunhado, e dous sobrinhos, e muitos parentes, e hum Capitão Portuguez não querer fazer outro tanto por serviço, e honra de seu Rey; com isto se despedio delle. D. Alvaro sentio muito aquellas palavras, pelo que tocava ao crédito, e honra dos Portuguezes, e muito mais as devia pera bem de sentir D. Paio de Noronha, diante de quem as elle disse.

Despedido o Embaixador pera Camphar, poz o Capitão mór em conselho o que faria, e por todos os Capitães se assentou, que no negocio de Adém não havia que fazer, e que já que ficava de vago, deviam de ir favorecer ElRey de Caxém, e restituir-lhe a fortaleza de Xaél, assim pelo mandar

dar o Governador, como pera caſtigarem os Fartaquins que nella eſtavam, por esbombardearem os noſſos navios, quando no ſeu porto entráram, como diſſemos no Capitulo atrás. Aſſentado iſto, deo D. Alvaro de Caſtro á véla pera Xael, onde chegou na entrada de Abril, e entrou dentro com todos os navios, ſem da fortaleza lhe atirarem bombardada alguma, e logo deſembarcou em terra com toda a gente, e mandou ordenar algumas eſcadas dos deſtures dos navios pera commetterem a ſubida.

A fortaleza de Xaél era hum Caſtello pequeno de adobes com quatro cubellos, e tudo tão eſtreito, que baſtava pera o guardar, e defender trinta e ſinco Fartaquins, porque não tinha mais dentro em ſi. O Capitão delles vendo deſembarcar os noſſos, lançou fóra huma mulher velha, que ſabia fallar Portuguez, por quem mandou perguntar ao Capitão, que era o que queria, que elle era ſervidor de ElRey de Portugal; e ſe queria aquelle Caſtello, que logo lho entregaria, e que ſe iriam com ſuas peſſoas, e armas. D. Alvaro de Caſtro ouvio a velha, perante os Capitães, e houve alguns de parecer, que lhe haviam de acceitar a fortaleza aſſim como a offereciam, pois della não queriam mais, que entregalla a ElRey de Caxém; mas os mais diſſeram, que ſe entre-

tregaſſem todos os que nella eſtavam á mercê do Capitão mór. Ao que a velha diſſe, que os Fartaquins não eram homens que ſe entregaſſem aſſim. E tornando-ſe pera a fortaleza, diſſe de fóra o que ſe tinha aſſentado. A iſto reſpondêram os de dentro: *Que chamais entregar á mercê?* E deitando fóra algumas bandeiras, começáram a atirar algumas bombardadas, de que matáram alguns, e feríram muitos. D. Alvaro abalou com todo o poder, e rodeou a fortaleza, arrimando logo algumas eſcadas, por onde os noſſos começáram a ſubir, franqueando-lhes os outros o muro com a arcabuzaria, que era tanta, que não ouſáram os Fartaquins a apparecer. Fernão Peres foi o primeiro que começou a ſubir por huma eſcada, levando o ſeu guião diante, e a poder de golpes o poz em ſima do muro. Por outra parte tambem ſubio Pero Botelho quaſi ao meſmo tempo, e diante delle o ſeu guião, que levava hum Reynol, de hum pelote preto comprido, mui valente homem, que ſubio ao muro, e com huma mão ſuſtentou o guião, e com a outra pelejou valoroſamente, e tudo ſe notava debaixo mui bem. Como eſtes dous Capitães foram em ſima, e ganháram aquella parte, ficou logo franca pera ſubirem todos.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Taíde, e outros Capi-

pitães foram demandar a porta, levando os ſeus ſoldados deſtures pera vaivens; e indo Antonio Moniz Barreto diante, deo em huma trapeira, que eſtava cuberta, onde ſe eſcalavrou todo de mãos, e roſto, e todavia levantando-ſe foi ſeguindo os mais que chegáram á porta, e a começáram a arrombar. Os noſſos, que já eſtavam em ſima do muro, foram accurralando os Fartaquins em dous cubellos, onde ſe fizeram fortes, e ſe defendêram valoroſamente. Alguns dos noſſos deſcêram abaixo pera abrirem as portas aos que eſtavam de fóra, e as acháram por dentro entulhadas com fardos de tamaras, de que eſtavam tão maciſſas, que não davam de ſi nada aos vaivens; e deſentulhando-as, as abríram, e entráram todos, e ſubidos aos muros, acháram os Fartaquins, que ſe defendiam nos cubellos, que eſtavam cercados dos noſſos, pelejando como leões bravos, e algumas vezes ſahiam fóra a dar nos noſſos, ferindo-os bravamente, ſem receio de morte, nem de feridas, que todos traziam. De huma vez ſahio hum valente Fartaquim de hum deſtes cubellos, por ſe ver apertado dos de fóra, e remetteo com Gomes Ferreira, homem Fidalgo, mui bom cavalleiro, que era o que mais o perſeguia, e ſerrando com elle, o levou nos braços; e como era mui forçoſo, e membrudo, deo com elle no chão,

e

e o levou debaixo; mas Belchior Rabello, que eſtava perto delle, ſe lançou logo ſobre o Mouro, e ás adagadas o matou, ficando ferido em huma mão. Em fim, a referta foi grande, e os Fartaquins com ſerem tão poucos, pelejáram esforçadamente; mas como o número era tão deſigual, foram entrados nos cubellos, e mortos todos á eſpada, cuſtando eſta cavalgada ſinco dos noſſos, que ficáram mortos, e mais de quarenta feridos de eſpingardadas.

Deſpejada a fortaleza, a entregou Dom Alvaro ao Embaixador de ElRey de Caxém, mandando curar os feridos, em que havia alguns perigoſos, que o meſmo dia embarcou na fuſta de D. Paio, e o mandou pera Goa, pera ir dar conta ao Governador do que era ſuccedido. D. Alvaro ſe vio com ElRey de Caxém; e porque era o tempo gaſtado, não ſe deteve com elle muito, e ſe fez á véla já em oito de Abril. D. Paio chegou a Goa com os doentes, e deo as cartas de D. Alvaro de Caſtro ao Governador; e ſabendo por ellas o que paſſava, ficou mui magoado, e deſpedio Dom Paio ſem o querer ouvir, mandando deſembarcar os doentes para o Hoſpital, onde logo os foi viſitar, levando dinheiro na algibeira, que repartio por todos, encommendando muito ſua cura.

Cer-

Certo, que antre as virtudes que eſte Fidalgo tinha, que eram muitas, a que mais reſplandecia nelle era a da caridade pera com os ſoldados da India, porque os não tratava ſenão como ſe foram todos ſeus filhos. As novas de Adém corrêram logo por Goa, ficando D. Paio tão deſacreditado com todos, que era vergonha; e aſſim teve ElRey com elle tão pouca conta, que nunca o deſpachou, ſenão depois de velho, e caſado, e em quanto viveo ficou com eſte labéo; porque ainda que eſtas couſas de ſi não ſão pera eſquecer, na India andam ſempre mais vivas na memoria dos homens, que em toda a outra parte, tanto, que ſendo eſte Fidalgo já velho, paſſou pela ſua rua hum Cidadão rico, e honrado, e achou á ſua porta chorando huma moça, e perguntando-lhe de que ſe queixava, lhe reſpondeo a moça, que em caſa de D. Paio lhe tomáram os ſeus moços huma gallinha, e que lha não queriam dar. Ao que o Cidadão lhe diſſe: *Cala-te, filha, não te mates, ſe fora Adém, largáram-ta; mas gallinha, não ta hão de dar.*

D. Alvaro chegou alguns dias depois de D. Paio, e o Governador lhe fez hum grande recebimento. E porque ſabiam todos quanto folgava o Governador de lhe engrandecerem o negocio de Xaél, não ſe fallava em

Goa

Goa em outra coufa , fendo ella em fi tão pequena como temos dito. E porque fobre iffo aconteceo huma galanteria , que diffe hum Cortezão , não deixaremos de a contar.

Tinha o Bifpo D. João de Alboquerque hum Clerigo avifado, e de ditos, com que elle folgava de praticar , e a quem fazia muitas perguntas por efta maneira. Qual he a coufa, que de amarga fe faz doce, e a que de grande fe faz pequena, e a que de pequena fe faz grande? Ao que o Padre lhe refpondeo mui apreffado: Que a coufa que de amarga fe faz doce , foram as bombardadas de maçapães, com que recebêram o Governador D. João de Caftro , quando veio de Dio. E a coufa que de grande fe faz pequena, foi a tomada de Baroche, porque a tomou D. Jorge de Menezes. E a que de pequena fe faz grande, foi Xaél, porque a tomou o filho do Governador. O Bifpo feftejou muito a refpofta , e a galanteria do aludir ; mas todavia ambas eftas coufas foram muito boas, e muito dignas de louvar.

CA-

## CAPITULO VII.

*Da Armada de Lourenço Pires de Tavora, que chegou ao Reyno com as novas da vitoria de Dio: e das náos que ElRey despedio em Outubro: e das honras, e mercês que mandou ao Governador D. João de Castro.*

LOurenço Pires de Tavora, Capitão mór da Armada que partio da India, teve tão profpera viagem, que chegou ao Reyno com todas as fuas náos juntas, e furgio na barra de Lisboa, onde ElRey eftava, que já tinha fabido as novas da vitoria de Dio, por cartas que da Ilha Terceira lhe mandáram, por huma caravela que foi diante alguns dias. Tanto que ElRey foube das náos, mandou defembarcar o Capitão mór, a quem acudíram todos os Grandes, e Fidalgos da Corte, que o acompanháram até o Paço, onde elle entrou, levando fempre pela mão Rax Nordim, filho do Guazil de Ormuz. ElRey os recebeo mui bem; e fabendo do Capitão mór as coufás do cerco, e da vitoria mais particularmente, ordenou de feftejar ao outro dia as boas novas, como fez, veftindo-fe elle, e os Infantes, e toda a Corte de fefta, e houve hum folemne Officio, e Miffa em Pontifical, e hum

douto, e grande Sermão em louvor daquella espantosa vitoria, em que se tratou da prudencia, presteza, e esforço do Governador D. João de Castro, em que todos os que se acháram naquelle negocio tiveram mui grande quinhão, principalmente os mortos, affirmando que eram dignos de serem nomeados por Martyres, pois morrêram pela Fé de Christo. ElRey escreveo logo ao Summo Pontifice, e a todos os Reys Christãos, a mercê que lhe Deos fizera na grande vitoria, que o seu Governador da India alcançára dos Capitães do Rey de Cambaya, do que todos lhe mandáram os parabens. Não se fallava em toda a Europa n'outra cousa, senão naquelle temeroso cerco de Dio, e na grande vitoria, que os Portuguezes alcançáram do mais poderoso Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por muitos tempos.

ElRey D. João, depois que assim por informação de Lourenço Pires de Tavora, como pelas cartas do Governador, soube o estado em que a India ficava, e que as cousas de Cambaya ficavam ainda prenhes, quiz acudir a ellas com muita pressa, mandando negociar seis náos pera lhe mandar de soccorro, fazendo chamamento de gente por todo o Reyno, que acudio toda a que se houve mister.

E

E porque ſe não pode dar expediente a todas as ſeis náos juntas, deſpedio ElRey tres, que fez á véla o primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, de que deo a Capitanía mór a Martim Correa da Silva, a quem fez mercê da fortaleza de Dio. Os outros dous Capitães eram Antonio Pereira, e Chriſtovão de Sá. E querendo El-Rey gratificar ao Governador D. João de Caſtro os grandes ſerviços que lhe tinha feito, e o grande zelo com que arriſcou ſeus filhos na força do Inverno, e a morte de ſeu filho D. Fernando de Caſtro, lhe mandou mais tres annos da governança da India, com titulo de Viſo-Rey, e lhe fez mercê de dez mil cruzados pera ajuda de pagar ſuas dividas, que tomaria nos direitos da Alfandega. E a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro mandou o cargo de Capitão mór do mar da India, com o ordenado que teve Martim Affonſo de Souſa, e lhe fez mercê mais de dous mil cruzados pera ajuda de cuſto; e a todos os Fidalgos que ſe acháram no cerco, e na batalha eſcreveo cartas mui honroſas, e lhes mandou honras, e mercês, tendo tanta conta com todos, que nenhum ficou queixoſo.

Partidas eſtas náos, mandou ElRey dar muita preſſa ás outras tres, de que deo a Capitanía mór a Francisco Barreto, fazendo-

lhe mercê da fortaleza de Baçaim, a quem despachou, e fez á véla entrada de Dezembro. Os Capitães de sua companhia eram D. Heitor Aranha, Fidalgo casado em Evora com huma D. Maria Caroche, e Pero de Mesquita, que ElRey despachou com a Capitanía do galeão da carreira de Maluco. Todas estas náos foram seguindo sua derrota; e porque estas da conserva de Francisco Barreto partíram mais tarde, quando tomáram Moçambique foi a tempo, que affirmáram os Pilotos, que o não poderiam já passar á India, pelo que ficáram alli invernando.

Martim Correa da Silva foi seguindo sua viagem até se apartarem as náos de sua conserva com alguns temporaes que lhes deram, e em Moçambique se tornáram ajuntar, donde partíram meado Março, e acháram na linha muitas calmarias, pelo que se detiveram muito. A náo de Antonio Pereira, depois de passar a linha, se foi encostando a Sacotorá, onde as correntes o leváram, e por aquella paragem gastou todo o mez de Abril. E vendo que era tarde pera ir demandar a barra de Goa, se fez na volta de Ormuz pera ir lá invernar, onde chegou por fim de Maio, e D. Manoel de Lima festejou muito sua chegada. Antonio Pereira lhe deo as cartas de ElRey, que hiam cheias

de

de grandes agradecimentos de seus serviços. Esta náo invernou naquelle porto, e não sabemos se tornou pera o Reyno, ou se ficou na India.

Martim Correa da Silva, e Christovão de Sá, passadas as calmarias, foram seguindo sua derrota, e indo demandar a costa da India, lhes deram algumas trovoadas, com que Martim Correa da Silva foi desgarrando, e sem poder ferrar a barra de Goa, foi tomar Angediva, onde se recolheo pera invernar, despedindo dalli recado ao Governador, pera que o mandasse prover de amarras, e de todo o mais necessario, e pera que mandasse buscar os doentes, que trazia muitos. Christovão de Sá, soube-se o seu Piloto marcar melhor; porque tanto que tomou fundo na costa da India, foi mettendo de ló pera se pôr a balravento de Goa, como fez, e foi haver vista da terra por Carapatão, e dalli foi demandar a barra de Goa, onde surgio quasi no mesmo tempo, que Martim Correa da Silva tomou Angediva. O Governador tanto que lhe deram novas da náo do Reyno na barra, mandou com muita pressa muitos navios pera a descarregarem, e metterem dentro, e desembarcar Christovão de Sá, que recebeo com muitos gazalhados, e lhe deo a via de El-Rey, que o Governador abrio, e achou as

Pro-

Provisões, e Alvarás das honras, e mercês que lhe fazia a elle, e a ſeu filho, o que eſtimou muito, por ver que tinha ElRey conta com ſeus ſerviços. E ainda houve por mór mercê a carta, que lhe eſcreveo de ſatisfações delles; e não eſtimou menos a carta que o Infante D. Luiz lhe eſcrevia, porque era Principe que elle muito amava pelas obrigações que lhe tinha, porque elle foi o que o poz naquelle Eſtado, e o que ſolicitou com ElRey todas ſuas couſas.

E porque ambas são ſubſtanciaes, nos pareceo bem irem aqui inſertas, pera a todo tempo ſe ſaber como os Reys de Portugal tratavam os vaſſallos que o ſerviam; e para que os Viſo-Reys, e Governadores da India vejam quanto os Reys eſtimam eſcreverem-lhes os merecimentos dos homens na verdade, ſem odio, nem affeição, e não formarem em alguns deſmerecimentos, que pela ventura não tiveram, ſó por paixão, e pera os homiziarem com o Rey, como alguns fizeram. E tambem foi neceſſario irem aqui as cópias deſtas cartas por honra deſte bom Governador, pera que todos ſaibam quão bem tomou ElRey a batalha que deo aos Capitães de ElRey de Cambaya, porque não faltáram calumniadores, que attribuíram aquelle commettimento mais a doudice, que a prudencia, e esforço.

CA-

## CAPITULO VIII.

*Que contém a cópia das cartas, que ElRey D. João, e o Infante D. Luiz seu irmão escrevêram ao Viso-Rey Dom João de Castro.*

### CARTA DE ELREY.

» VIso-Rey amigo, eu ElRey vos en-
» vio muito saudar. A vitoria que nos-
» so Senhor vos deo contra os Capitães de
» ElRey de Cambaya, foi de grande con-
» tentamento para mim, como he razão que
» eu tivesse por tal, e tamanho vencimen-
» to, e por quão grandes mercês, e ajudas
» nisso recebestes de nosso Senhor; pelo que
» elle seja louvado. Muito se deve á vossa
» prudencia, e grande animo, que naquelle
» dia mostrastes, e assim no que fizestes no
» grande, e apressado soccorro que mandas-
» tes á fortaleza de Dio em tão desvairado
» tempo, offerecendo o amor de vossos fi-
» lhos, em que se vio bem, quanto mais
» pode comvosco o que importava a meu
» serviço, que o effeito natural de pai, o
» que eu assim estimo como he razão; ven-
» do que não tão sómente desbaratastes tão
» grande poder de inimigos, mas ainda dés-
» tes segurança a toda a India no grande
» re-

» receio que aos inimigos della fica com ef-
» ta tão grande vitoria, e todos eftes fervi-
» ços que me fizeftes, he razão que eu te-
» nha na conta que elles merecem.

» Do falecimento de voffo filho D. Fer-
» nando de Caftro recebi muito grande def-
» prazer, e affim por elle fer voffo filho,
» como porque hia bem moftrando naquella
» idade qual houvera de fer em toda a ou-
» tra; e pois acabou tão honradamente, e
» em tão grande ferviço de noffo Senhor, e
» meu, deveis de fentir menos fua perda, e
» dar graças a noffo Senhor, por como foi
» fervido que acabaffe, o que fei que vós
» fizeftes, moftrando ainda no efquecimento
» de fua morte a lembrança do que com-
» pria a meu ferviço. Deftas coufas todas eu
» ferei fempre lembrado, e não fómente vo-
» las conhecerei no grande contentamento
» dellas, mas ainda com muitas mercês, a
» que agora quiz dar principio neffas que
» vos faço a vós, e a voffo filho D. Alvaro
» de Caftro, guardando o remate dellas pe-
» ra o cabo de voffos ferviços, que eu con-
» fio, e tenho por muito certo, que feram
» taes, quaes foram os que até agora me
» tendes feitos. E com efta confiança, e com
» a experiencia que diffo tenho, defejando
» muito nefte tempo de vos fazer em tudo
» mercê, confiderando quanto ifto compria
» a

» a meu ſerviço, e vendo por voſſas obras
» quanta mais conta tinheis com elle, que
» com todas voſſas couſas, houve por bem
» de vos não dar a licença pera vos virdes,
» como me pedís: pelo que vos encommen-
» do muito, e mando, que o hajais aſſim
» por bem, e que neſſe cargo me queirais
» ainda ſervir outros tres annos, e no fim
» delles vos mandarei licença pera vos vir-
» des embora; e eu eſpero em Deos noſſo
» Senhor, que vos dê muito boa diſpoſição
» pera o fazerdes. E porém ſe por ſima do
» que tanto cumpre a meu ſerviço, como
» he ficardes ainda ſervindo-me neſſas par-
» tes, vos a vós parecer que tendes toda-
» via neceſſidade de vos virdes, folgarei de
» mo eſcreverdes, e entre tanto eſperareis
» por minha reſpoſta. Pero de Alcaçova Se-
» cretario a fez em Liſboa a 20. de Outu-
» bro de 1547.

## CARTA DO INFANTE D. LUIZ.

» HOnrado Viſo-Rey. Recebi voſſa car-
» ta, que veio neſta Armada de Lou-
» renço Pires de Tavora, em que dizeis, que
» recebeſtes a minha, que por Luiz Figuei-
» ra vos mandei; e agradeço-vos muito di-
» zerdes-me, que vos parecêram bem as lem-
» branças que vos fazia, e muito mais o por-
» del-

» de-las em obra : e abaſtava pera o eu crer
» que ſería aſſim , ainda que vos eu não co-
» nhecêra , ouvir o que lá fazeis , e ver quão
» á boca cheia me eſcreveis voſſos trabalhos ,
» pobreza , e abſtinencia , couſas com que ſe
» vence o diabo , o Mundo , e a carne , que
» neſſas partes da India tem tanto poder , o
» que he maior vitoria , que a de ElRey de
» Cambaya , nem ainda de todo o poder do
» Turco. Pelo que em quanto viverdes , não
» deveis de temer couſa alguma , mas antes
» eſperai em noſſo Senhor , que vos ajudará ,
» como agora fez na defensão , e batalha de
» Dio. Em cuja vitoria vós tendes muito que
» lhe louvar, pois vos fez inſtrumento de tan-
» to ſerviço ſeu , e de ElRey meu Senhor ,
» e de tanta honra voſſa , e de todos os Por-
» tuguezes , aſſim dos que ſe acháram com-
» voſco , como dos que eſtiveram auſentes.
» E certo , que vós tendes feito neſta jorna-
» da , des do primeiro dia que tiveſtes no-
» vas do cerco de Dio , até o dia de voſſa ,
» e noſſa vitoria , tudo o que entendo que
» hum valoroſo , e aſtuto Capitão podia fa-
» zer , aſſim na preſteza dos ſoccorros , co-
» mo em pordes voſſos filhos por baliſas da
» fortuna , e perigos do inverno , e mares
» da India , pera que os outros os tiveſſem
» em menos ; no que ſe moſtra bem claro ,
» quanto mais parte tem em vós o ſerviço
» de

» de ElRey meu Senhor, e obrigação de
» voſſo cargo, que os effeitos naturaes de
» pai, que são os que mais forção a natu-
» reza; e no ſoffrimento que moſtraſtes na
» morte de D. Fernando de Caſtro voſſo fi-
» lho, ſe confirma bem eſta opinião: e cer-
» to, que eu o ſenti por mim, e por vós, e
» o houve por mui grande perda, por quão
» certos ſinaes ſe nelle viam de ſeu grande
» esforço, e creio que niſto lho quiz Deos
» pagar com o tirar de vida tão trabalho-
» ſa, por meio tão honrado, e de tanta glo-
» ria ſua, que deve de ſer grande cauſa de
» voſſa conſolação.

» D. Alvaro de Caſtro voſſo filho não
» empregou mal ſua jornada, pois com tan-
» tos trabalhos, e perigos ſoccorreo a for-
» taleza de Dio, a tempo que ſua chegada
» foi por então o remedio della; e de co-
» mo ſe niſſo houve, e no dar nas eſtancias
» dos inimigos, e em tudo o mais, lhe lan-
» ço muitas benção por voſſa parte, e mi-
» nha.

» E tornando a voſſa determinação de
» aventurardes voſſa peſſoa, e o Eſtado da
» India, por ſoccorrerdes Dio, foi mui
» boa, pois de o não fazerdes eſtava tanto
» mais aventurado: e o chegardes a Dio,
» e ordenardes voſſa deſembarcação, e man-
» dardes que os navios commetteſſem a ter-

» ra,

» ra, ao tempo que havieis de dar a bata-
» lha, e o modo do commetter que nisso
» tivestes, tudo me pareceo digno de agora,
» e sempre darmos muitas graças a Deos
» nosso Senhor, e de Sua Alteza vos fazer
» muitas mercês, a que agora dá principio,
» como vereis ácerca de vós, e de vosso fi-
» lho, e assim o deve fazer, e fará aos Fi-
» dalgos, e Cavalleiros, que nessa jornada
» comvosco o servíram, em especial a Dom
» João Mascarenhas, que se houve no pezo
» desse cerco como honrado Capitão, e es-
» forçado cavalleiro. Folguei muito de ver
» o modo que tivestes no escrever a S. A.
» sobre os serviços que os Fidalgos, e Ca-
» valleiros, que nessas partes andam, lhe fi-
» zeram no negocio de Dio, no que se vio
» que tinheis com seus trabalhos conta: is-
» to fazei sempre por amor de mim, e fol-
» gai de louvar os homens, porque já que
» está certo não faltar quem diga delles os
» males, (que haveis de castigar, os que nel-
» les sentirdes,) razão he tambem que os
» bons os alevanteis, pera que os que lá não
» puderdes galardoar, Sua Alteza por vossa
» informação o faça.

» Eu fallei sobre vossa vinda, como me
» escrevestes, que me elle não concedeo,
» e me deo pera isso duas razões, que a meu
» parecer, ainda que vós tenhais muitas pe-
» ra

» ra vos defejardes de vir, Sua Alteza tem
» muitas mais pera vos mandar rogar, que
» o firvais neffe governo outros tres annos,
» o que haveis de folgar de fazer por fer-
» virdes a noffo Senhor, pela grande mer-
» cê que vos tem feito, e a Sua Alteza pela
» confiança que de vós tem, e contentamen-
» to de voffo ferviço. E confiai em Deos,
» que vos dará forças pera poderdes com os
» grandes trabalhos, e defordens da India.
» E eu efpero nelle, que fazendo-o vós af-
» fim, venhais encher eftes picos da ferra de
» Cintra, de Ermidas de voffas vitorias, e
» que as vifiteis, e logreis com muito def-
» canço voffo. Nas coufas particulares vos
» não fallo, porque ElRey meu Senhor vos
» efcreve o que ha por feu ferviço, em re-
» fpofta da carta geral, que lhe efcreveftes,
» que vinha em muito bom eftilo, e em mui-
» to boa ordem. Efcrita em Lisboa a 22. de
» Outubro de 1547.

## CAPITULO IX.

*De como o Viſo-Rey D. João de Caſtro adoeceo: e de huma notavel falla que fez aos Officiaes de ElRey ſobre ſua pobreza: e de como faleceo: e em que tempo: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.*

O Viſo-Rey D. João de Caſtro (de cujo titulo logo começou a uſar) deſpedio com muita preſſa as cartas de ElRey pera Dio aos Fidalgos que lá ficavam invernando, e pera os Capitães de Chaul, e Baçaim, porque a todos ElRey eſcreveo; e o meſmo fez pera Cananor, e Cochim. E logo teve o Viſo-Rey recado de Martim Correa da Silva. E ſabendo eſtar em Angediva, deſpedio apreſſadamente alguns navios de remo, com todas as couſas que Martim Correa lhe pedia, e muitas eſquipações novas, e conſervas pera os doentes, que mandava trazer, e muito dinheiro, e provimentos pera toda a mais gente, que havia de ficar invernando na náo, pera ſe lhe pagarem ſeus quarteis, e darem ſeus mantimentos. Eſtes navios voltáram logo, e por elles mandou Martim Correa da Silva as vias de ElRey, e os doentes todos, que foram levados ao Hoſpital, onde foram mui bem curados. O Viſo-Rey ſe pagou de dez mil cruzados,

de

de que lhe ElRey fez mercê, que logo pagou a peſſoas que lhos tinham empreſtado pera as deſpezas das jornadas que fez.

Andava o Viſo-Rey neſte tempo achacoſo, triſte, e melancolizado, e com huns faſtios de tudo; porque na verdade depois da morte de ſeu filho D. Fernando nunca mais o víram ſem achaques; e ſobre iſſo era homem, que tratava mal ſua peſſoa nos regalos della, porque o ſeu comer foi ſempre muito moderado, e o ſeu dormir pouco, e os trabalhos que tinha levados na guerra, foram muitos, e muito grandes, e em fim todas eſtas couſas o traziam mui fraco, e debilitado. E ſobre tudo lhe deram humas febres, de que logo cahio em cama, com ruim opinião dellas, e elle ſe ſentio de feição, que bem vio que não eſtava pera entender em couſa alguma. Pelo que entregou o governo ao Biſpo D. João de Alboquerque, e ordenou-lhe por Coadjutores o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e o Doutor Franciſco Toſcano, Chanceller do Eſtado, e Baſtião Lopes Lobato, Ouvidor Geral, e Ruy Gonçalves de Caminha, Veador da Fazenda, ſobre quem deſcarregou todas as couſas do Eſtado, porque ſe recolheo com ſeu Confeſſor pera tratar ſó de ſua alma.

E porque eſtava tão pobre, que não havia

via em ſua caſa dinheiro com que ſe corresſe com as deſpezas de ſua enfermidade, e com o ordinario de ſeus criados, e elle não ſe queria individar, nem pedir já aos homens empreſtimo, fez hum dia chamamento de todos os Deputados, e de outros Prelados, e peſſoas doutas, e religioſas, como foram o Padre Meſtre Pedro, Vigario Geral da India, Fr. Antonio do Caſal, Cuſtodio de S. Franciſco, o Padre M. Franciſco, da Companhia de Jeſus, e os Officiaes da Fazenda de ElRey. E tendo todos preſentes, aſſim deitado em ſua cama, já fraco, e debilitado, lhes fez eſta breve falla:

*Falla do Viſo-Rey.*

» MAndei-vos, Senhores, chamar pe-
» ra vos dizer o eſtado, e neceſſida-
» des a que ſou chegado, que não houve
» hoje neſta caſa dinheiro com que ſe com-
» praſſe huma gallinha pera minha peſſoa;
» porque fiquei tão deſpezo, e individado
» pelos grandes gaſtos, que fiz eſtes dous an-
» nos nas guerras paſſadas, que até dos meus
» ordenados eſtou pago adiantado até quin-
» ze de Setembro que vem: e confeſſo-vos,
» que não ouſo a pedir dinheiro empreſta-
» do a peſſoa alguma pera mim, como nun-
» ca fiz, porque o houve por mui grande
» in-

» inconveniente pera o homem que eſtá neſ-
» te cargo, porque lhe convem que eſteja li-
» vre, e iſento com os homens, pera fazer
» juſtiça direita a todos. E pois não tenho
» outro remedio, peço aos Veadores da Fa-
» zenda, e Officiaes de ElRey, que aqui
» eſtam, que eſtes quatro mezes, que ha da-
» qui até virem as náos do Reyno, me quei-
» ram ordenar huma deſpeza honeſta da Fa-
» zenda de ElRey pera os gaſtos de minha
» caſa, conforme a minha qualidade, e á
» peſſoa que repreſento. E ſe virdes que te-
» nho alguns gaſtos deſneceſſarios, e ſobe-
» jos, vos peço que os corteis; e pera iſſo
» não quero que peſſoa de minha caſa cor-
» ra com as deſpezas della, pera que o dinhei-
» ro de S. A. ſeja deſpendido com muito
» reſguardo. Tambem vos peço que orde-
» neis hum official pera ſe lhe dar aquillo
» que alvidrardes que ſe póde deſpender
» comigo, pera correr tudo por ſua mão.
» E aſſim vos peço, que algumas dividas
» que ainda ficáram, que não pude pagar,
» (que todas tenho feitas em ſerviço de El-
» Rey nas guerras paſſadas por mar, e por
» terra, em dar de comer a muita gente, e
» ſuſtentar muitos ſoldados,) que as queirais
» mandar pagar do dinheiro de ElRey. E
» aſſim iſto, como tudo o mais, mandareis
» aſſentar em hum livro ſeparado, que eſta-

» rá em poder do Thefoureiro de ElRey ,
» pera a todo o tempo que eu o puder pa-
» gar , o faça. E fe eu morrer , elle haverá
» por bem de me fazer mercê de tudo.

E tomando hum Miffal , poz fobre elle a mão direita , dizendo : » Por efte juramento dos Santos Evangelhos , que até efta hora em que eftou , não fou em encargo á Fazenda de ElRey de hum cruzado , nem a alguma outra peffoa de coufa que tomaffe Chriftão , Judeo , Mouro , ou Gentio , nem nunca , em quanto governei a India , tive genero algum de trato de mercadoria , nem por outra alguma via tenho , ou tive proveito algum ; antes até agora vivi , e gaftei de meus ordenados , fem me ajudar de outra alguma coufa. Nem em meu poder , nem fóra delle tenho fenão aquillo , que trouxe de Portugal pera o ferviço , e authoridade defte cargo. E ainda deffa pouca prata de meu ferviço he quafi ametade diminuida , parte por ma furtarem , parte por fe gaftar , e quebrar. E de tal maneira , e tão regiftado fui fempre em minhas defpezas , que fóra do ordinario , não tive alguma hora poffe pera comprar outra colcha , além defta que tenho na cama ; nem em minha cafa fe achará peça , que eu fizeffe nefte Eftado , tirando huma efpada de ouro , com algumas pe-

» dras

» dras de pouca ſubſtancia , e hum capace-
» te guarnecido de prata , que fiz pera meu
» filho D. Alvaro , porque determinava de o
» mandar eſte anno , que embora vem , a Por-
» tugal , a ſervir ElRey noſſo Senhor na
» Corte , e na guerra. E de tudo iſto que
» aqui diſſe , e jurei vos peço que mandeis
» fazer hum Termo , em que todos os que
» aqui eſtais ſe aſſinem , pera que a todo o
» tempo que ſe achar o contrario diſto , que
» aqui jurei , ElRey noſſo Senhor me caſ-
» tigue como a perjuro á fé , e deſtruidor de
» ſua honra , e fazenda. »

Eſte auto ſe fez logo , e hoje eſtá o proprio , em que todas as peſſoas nomeadas ſe aſſináram em hum livro dos regiſtos da Fazenda dos Contos de Goa , donde o nós tirámos , e trasladámos. E certo , que aſſim devia de andar eſcrito nos animos de todos os Governadores , e Viſo-Reys da India. E ſe iſto ſuccedêra em tempo daquelles antigos Gregos , que com muita razão pudéram trasladar eſte Termo em laminas de ouro , e pregarem-nas ſobre as portas do Oraculo de Delphos , junto daquella notavel , e memoravel ſentença , que nellas tinham de *Noſce te ipſum.* Porque não ha mór conhecimento de ſi meſmo , nem mór deſprezo de tudo , que o que teve eſte Viſo-Rey ; porque nem aquelle grande deſprezo de ouro ,

e riquezas daquelle famoſo Capitão Fabricio Romano, nem o de eſſoutro Themiſtocles Grego, chegáram a eſte. E com muita razão pudéra a vida deſte Viſo-Rey ſer regra, e nivel de todos os outros, e os Reys de Portugal darem o traslado deſte auto por regimento a todos os que pera a India deſpachaſſem, porque nelle lhes moſtra bem a pureza, que hão de ter em ſua Fazenda, o como hão de ſer regiſtados, e deſapegados de tudo pera poderem fazer juſtiça. O como hão de deixar ſervir aos Officiaes ſeus cargos, pois lhos ElRey dá por ſeus ſerviços, como a elles a governança da India; e não taparem as bocas tanto a todos, como depois alguns fizeram, que os não deixavam comer, ſendo a tenção de ElRey que ſe fartem em ſeus cargos, (como ElRey D. João o II. diſſe áquelle Almoxarife, que dizia, que morria de fome, que pois tinha carne, peſcado, azeite, vinho, e biſcouto, que ſe fartaſſe.) Mas foi o Mundo tanto de mal em peior, e aſſim ſe trocáram eſtas bolas depois, que eſte Viſo-Rey pedia aos Officiaes de ElRey que lhe déſſem de comer; e hoje não baſta pedirem elles aos Viſo-Reys que os fartem, porque comem todos tanto por ſuas mãos por regra, que não levam bocado á boca, que lhes não ſeja contado. E deixando eſta mate-

teria que escandaliza, tornemos á nossa historia.

Os Veadores da Fazenda com os Deputados do governo, ordenáram ao Viso-Rey pera despezas de sua casa tudo abastadamente; mas o que lhe limitáram, e o livro em que se lançou esta despeza, nós o não achámos, buscando-o bem. A doença do Viso-Rey foi tanto por diante, que aos quatorze dias della deo a alma a Deos nosso Senhor, depois de feitos todos os actos de muito bom Christão, com grande dor, e mágoa de toda a India, que todos o sentíram em extremo, porque o amavam como pai.

Faleceo a seis de Junho de 1548. em idade de quarenta e oito annos, tendo governado dous e oito mezes, em que entráram quatorze dias, que só logrou o titulo de Viso-Rey. Buscou-se seu testamento pera verem o que mandava ácerca do seu enterramento, e achou-se em huma boceta do Reyno, cuja chave elle comsigo trazia, e dentro nella lhe acháram humas diciplinas, que mostravam que usava muito dellas, e a guedelha da barba, que mandou de Dio em penhor á Cidade de Goa do emprestimo, que lhe pedio pera repairar a fortaleza dos grandes damnos, que no cerco lhe fizeram, e tres tangas Larins. Aberto o testamento, achou-se nelle, que sua mulher, e seu filho

Dom

D. Alvaro de Caſtro eram ſeus teſtamenteiros; e mandava que o enterraſſem em São Franciſco, e que ſeus oſſos foſſem depois levados á ſua Capella de Cintra. E encommendava a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que logo ſe foſſe pera o Reyno. As mais particularidades do teſtamento não apontamos, por nos não ſerem neceſſarias pera a hiſtoria.

Foi D. João de Caſtro filho do Governador de Lisboa D. Alvaro de Caſtro, (como no principio da hiſtoria diſſemos,) foi caſado com Dona Leonor Coutinho, filha de Lionel Coutinho, que matáram em Calecut com o Marichal, e de D. Mecia de Azevedo. No eſtado da mocidade foi bem inſtruido nas artes liberaes, depois de tão bom Latino, que podia julgar de antre eſtilo, e eſtilo, (como ſe vio naquelle curioſo Tratado que fez na jornada do Eſtreito do Mar Roxo, quando foi com D. Eſtevão da Gama,) em que muito curioſamente dá razão do porque ſe chama Roxo, e daquellas manchas vermelhas, que ſe acham por todo aquelle Eſtreito, com bem differentes fundamentos do que fizeram outros, que eſcrevêram ſobre iſto, cujo Tratado dirigio ao Infante D. Luiz. Foi muito inclinado, e affeiçoado á Mathematica, de que teve por Meſtre o grande, e inſigne Dou-

tor

tor Pero Nunes, em companhia do Infante D. Luiz, que tambem a aprendeo. Naquella Armada, que ElRey mandou de ſoccorro, de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha, foi elle por Capitão de huma caravela. E conta-ſe delle, que acabada a jornada, mandando o Imperador fazer mercê de dous mil cruzados a cada Capitão daquella Armada Portugueza, ſó D. João de Caſtro os não quiz acceitar, dizendo, que elle fora por mandado de ElRey de Portugal, e que elle lhe faria mercê. Depois o mandou ElRey a Ceita com huma Armada a talhar a Almina. E aſſim ſe ſervio delle nas Armadas das Ilhas, e depois foi á India com D. Garcia de Noronha, ao primeiro cerco de Dio, (como fica dito no Cap. VIII. do III. Liv. da V. Decada,) e em tudo deo de ſi grande ſatisfação. Morreolhe ſeu pai, herdou aquella quinta de Cintra, aonde ſe recolheo a filoſofar já depois de ſer de quarenta annos, cortando todas as arvores de fruito que tinha, em cujo lugar fez plantar outras agreſtes, e peregrinas, e fez alli debaixo de huma lapa huma Ermida muito devota. Aqui o hia o Infante D. Luiz ver, e communicar, e dalli ſe lhe affeiçoou de feição, que o inculcou a ElRey pera o mandar por Governador á India, onde o ſervio com muito zelo, amor,

in-

inteireza , e pouca cubiça , como pelo decurſo da hiſtoria ſe tem viſto , fazendo tantas , e tão continuas guerras aos inimigos , por mar , e por terra , andando de continuo embarcado com as armas ás coſtas , que ſe affirma , que de puro trabalho morrèo. E tambem ſe póde affirmar de ſua muita caridade , continencia , pouca cubiça , grande temor de Deos , e em todos os mais exteriores de Chriſtão , que ſua alma eſtará na gloria recebendo o premio , e galardão de todos os ſeus trabalhos.

DE-

# DECADA SEXTA.

## LIVRO VII.

### Da Hiſtoria da India.

## CAPITULO I.

*De como por morte do Viſo-Rey D. João de Caſtro ſuccedeo Garcia de Sá: e das pazes que fez com o Idalxá.*

ESTANDO ainda o corpo do Viſo-Rey D. João de Caſtro por enterrar, poſto no meio da Capella, mandou o Veador da Fazenda Ruy Gonçalves de Caminha trazer o cofre, em que eſtavam as ſucceſsões da governança da India, que eram ſinco; e abrindo-o perante todos os Officiaes, Fidalgos, e Capitães, tirou a primeira, e a deo a D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, que a examinou com o Ouvidor Geral, e achou que eſtava sã, e inteira, ſem nella ſe bolir. E tornando-a ao Veador da

Fa-

Fazenda, elle a deo ao Secretario, que leo em alta voz o titulo de fóra, que dizia assim: *Primeira succeſsão da governança da India, que se abrirá, falecendo o Viso-Rey D. João de Castro, o que Deos não permitta*; e ao pé estava ElRey assinado. E abrindo-a, a foi lendo alto, pera que todos a ouvissem, e achou nella D. João Mascarenhas, que era ido pera o Reyno. E tornando-a ao cofre, tiráram a segunda, com quem se fez a mesma diligencia; e lendo-a, acháram Dom Jorge Tello, que tambem era ido pera o Reyno. E tirada a terceira, com quem tambem se fez a mesma diligencia, que com a primeira, e segunda, acháram succeder Garcia de Sá, que estava presente, a quem logo alli lhe fizeram entrega da governança da India, na fórma acostumada naquelles Estados, dando a menagem do Estado da India nas mãos de D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade.

Aqui aconteceo huma galanteria, que se notou a Jorge Cabral, que estava presente, que vendo abertas tres succeſsões, disse: » Dera alguma cousa agora por saber qual » he o rapaz da quinta succeſsão, que a quar- » ta bem sei que sou eu; » e assim o foi por falecimento deste Governador, como adiante em seu lugar se dirá.

Feito o auto da entrega da India, que foi

foi aos ſeis dias do mez de Junho do anno de 1548, depois de ſe enterrar o corpo do Viſo-Rey, o mais ſolemnemente que pudéram, ſe recolheo o Governador pera ſua caſa, e começou a entrar nos negocios de ſeu cargo, viſitando a Ribeira das Armadas, e os Armazens, mandando prover todos muito bem, e negociar os navios com muita preſſa, porque determinava de ſe embarcar no verão.

As novas da morte do Viſo-Rey Dom João de Caſtro corrêram logo por eſſe certão, com que o Idalxá deſpedio hum Embaixador, chamado Motabarcão, Regedor do ſeu Reyno, com grande apparato pera ir viſitar o novo Governador, e a lhe fazer novos requerimentos ſobre as couſas de Mealecan, dando-lhe todos os ſeus poderes pera tratar, e aſſentar pazes, porque lhe não vinha bem ter guerra com os Portuguezes, porque lhe era neceſſario deſoccupar-ſe de tudo, pera reſiſtir ao Rey do Canará, que lhe fazia dura guerra, e por haver á mão certas Cidades, que lhe elle tinha tomadas. Eſte Embaixador chegou a Goa em Agoſto, e o Governador o mandou buſcar, e o recebeo com grande apparato, e depois de paſſada a viſita o ouvio. Elle lhe diſſe: » Que o Idalxá ſeu Senhor dera as terras fir- » mes de Salſete, e Bardés ao Governador » Mar-

» Martim Affonſo de Souſa, com condição,
» que Mandaria Mealecan pera o Reyno,
» ou pera Maluco, como conſta daquelles
» contratos que apreſentava. Que lhe pedia
» lhos cumpriſſe, e lhe entregaſſe Mealecan,
» ou lhe largaſſe as ſuas terras, e tanadarias. »
O Governador lhe reſpondeo: » Que o Go-
» vernador, que com elle fizera aquelles con-
» tratos, eſtava no Reyno, e que elle ſem
» recado d'ElRey de Portugal não podia
» fazer couſa alguma naquelle negocio. Que
» ſe tratava ſó de ſe ſegurar de Mealecan,
» que elle o teria tão fechado, e guardado,
» que na ſua imaginação eſtiveſſe tão longe
» de paſſar ao Balagate, como ſe eſtivera no
» Reyno de Portugal. E que ſe o pedia pe-
» ra o ter em cuſtodia em outra parte, que
» em nenhuma elle podia eſtar mais ſeguro,
» que na Ilha de Goa, rodeada de hum mui-
» to largo rio, e com tantas guardas, e vi-
» gias, que não podia dar huma volta na
» ſua cama, que não foſſe ſentido; com o
» que ſe havia de haver por ſatisfeito. » O
Embaixador deſpedio logo correio ao Idal-
xá deſta reſpoſta, que lhe eſcreveo, que con-
firmaſſe novas pazes, mandando-lhe Capitu-
los dellas. E tornando o Embaixador a aper-
tar com o Governador, e moſtrando-lhe os
apontamentos do Idalxá, depois de viſtos
em conſelho, e praticados por todos os Ca-
pi-

pitães, e Fidalgos, concluíram-ſe as pazes com os Capitulos ſeguintes.

» Que de novo ſe confirmavam as pazes,
» e amizades como d'antes eſtavam feitas com
» os Governadores paſſados, com condição,
» que logo entregaria o Idalxá o Embaixa-
» dor, que lá tinha reteudo do tempo de
» Martim Affonſo de Souſa com todos os
» Portuguezes, e todas ſuas fazendas.

» Que nunca mais daria ſoldo a nenhum
» Portuguez, que foſſe fugido pera ſeus Rey-
» nos.

» Que as terras firmes de Salſete, e Bar-
» dés nunca mais fallaria nellas, e ficariam
» a ElRey de Portugal pera todo ſempre,
» ſem os Reys de Viſapor terem mais nellas
» direito algum.

» Que ſe em algum tempo vieſſem galés
» de Rumes á India, ſería elle Idalxá obri-
» gado a ajudar, e ſoccorrer o Governador,
» que no tal tempo governaſſe a India, com
» mantimentos, marinheiros por ſeu dinhei-
» ro, e que nada diſto dariam em algum dos
» ſeus portos aos Rumes, nem os agazalha-
» riam nelles.

Eſtes quatro Capitulos aſſima são os que o Idalxá concedeo ao Governador; e os que concedêram ao Idalxá, são os ſeguintes:

» Que os Governadores da India feriam
» obrigados a terem hum Feitor na Cidade
» de

» de Dabul, que daria cartazes a todas ſuas
» náos, e navios, que daquelle porto ſahiſ-
» ſem, e nelle carregaſſem.

» Que os mercadores, que dos portos de
» Perſia, e Arabia foſſem a Goa com caval-
» los, os poderiam paſſar ao Balagate, e que
» os donos delles pudeſſem levar ſuas armas
» ſem lhes entenderem com ellas.

» Que o Idalxá poderia mandar levar to-
» dos os annos da Cidade de Goa quinze ca-
» vallos forros de direitos pera ſua peſſoa.

» Que poderia o Idalxá mandar levar de
» Goa todos os annos tres mil pardáos, em-
» pregados nas fazendas que quizeſſe, ſem
» pagar direitos, nem lagimas da ſahida.

» Que o Governador da India teria Mea-
» lecan em muito boa guarda, e vigia, e o
» não mandaria pera fóra de Goa, ſem pri-
» meiro o fazer a ſaber ao Idalxá. »

Deſtas pazes foram linguas Coge Porco-
li por parte do Idalxá, e João de Caſtro
pela do Governador, e logo ſe juráram na
Cidade de Goa com grandes ſolemnidades;
e o Governador deſpedio hum Embaixador
pera ir á Corte de ElRey a vellas jurar, e
tomar entrega do Embaixador, e Portugue-
zes. Eſte Embaixador foi muito bem rece-
bido de ElRey, que jurou perante elle as
pazes, e as mandou apregoar por ſeus Rey-
nos, e lhe fez entrega do Embaixador, e
Por-

Portuguezes. O Governador entendeo o que faltava do Inverno em algumas couſas do governo da Republica. E porque faltava moeda na Cidade, mandou bater huma de ouro da lei dos pagodes, redondas, que vinham da terra firme, que era de quarenta e tres pontas, que reſponde a vinte quilates e hum quarto, e cada marco de ouro fica reſpondendo a ſeſſenta e ſete moedas, e duas tangas, oito grãos, e dezeſeis avos de grão. Eſta moeda mandou chapar, e cunhar de huma parte com a figura do Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé, Padroeiro da India, e da outra com as quinas das Armas Reaes de Portugal, e ficáram-ſe chamando S. Thomés, moeda que ainda dura na India, e corre por toda ella. E toda a peſſoa que metteſſe ouro na moeda, mandou, que de cada marco de ouro lavrado pagaſſe dous S. Thomés, hum pera ElRey, e outro pera os Officiaes.

## CAPITULO II.

*De como matáram em Dio Luiz Falcão, Capitão daquella fortaleza: e das Armadas, que ElRey deſpedio pera a India.*

EStando huma noite Luiz Falcão no quarto da prima em ſua caſa, aſſentado em huma cadeira, com o roſto pera huma porta,

ta, que ſahia pera hum baluarte, onde os ſoldados vigiavam toda a noite, e tinha antre as pernas hum menino, ſeu filho natural, (que depois ſe chamou Aires Falcão, e foi Capitão de Baçaim, e de Dio, e tem hoje filhos, e netos,) e como elle eſtava com candeas accezas, e os que paſſavam pera o baluarte hiam de longo da porta, que eſtava hum pouco aberta, apontáram da banda de fóra com huma eſpingarda nelle, e tomando-o pela cabeça, deram com elle morto no chão; e acudindo os ſeus aos gritos do menino, acháram já o Capitão morto, e correndo a voz pela fortaleza, acudíram todos a ſua caſa, ſem ſaberem donde lhe aquillo podia vir, e alli de commum conſentimento elegêram por Capitão hum Fidalgo pobre, acanhado, mas bom homem, e bom Chriſtão, chamado D. Artur de Caſtro. Ao outro dia depois de Luiz Falcão ſer enterrado, ſe tiráram grandes inquirições, ſem acharem raſto de couſa alguma.

E como iſto era já entrada de Setembro, deſpedio D. Artur hum navio pera Goa, com cartas ao Governador do que era ſuccedido. Eſte navio foi tomar Baçaim; e ſabendo D. Jeronymo de Menezes, Capitão daquella fortaleza, o ſucceſſo, receando que houveſſe na terra alguma alteração, ſe embarcou logo, levando dous navios com ſincoen-

ta homens, e atraveſſou o Golfo, (porque os Fidalgos daquelle tempo traziam mais o penſamento no ſerviço de Deos, e do Rey, que em outro algum intereſſe, e aſſim Deos os ajudava, e honrava, e logravam o ſeu pouco, que então tiravam das fortalezas, o que hoje não vemos fazer ao ſeu muito dos d'agora.) Chegado D. Jeronymo a Dio, o foi D. Artur com todos os da fortaleza buſcar ao caes, e o levou pera ſua caſa, e logo perante todos lhe pedio que quizeſſe tomar entrega daquella fortaleza, e lhe offerecia as chaves, porque elle não queria aquella carga. D. Jeronymo de Menezes teve com elle grandes cumprimentos, não querendo tomar as chaves, dizendo-lhe, que elle vinha alli a ſer ſeu ſoldado, e que tudo eſtava bem nelle; e aſſim ficou ſendo ſeu hoſpede até chegar Martim Correa da Silva, como logo diremos, porque he neceſſario que continuemos com as náos do Reyno.

Depois que ElRey deſpedio aquellas duas Armadas, de que eram Capitães móres Martim Correa da Silva, e Franciſco Barreto, pelas novas que teve da vitoria de Dio, ſabendo que ainda ficava o Eſtado de guerra com Cambaya perigoſo, determinou mandar mais Armadas, e gente; porque pera couſa tão importante, como era ſoccorrer a India, em que eſperava que a Lei do Evan-

gelho tanto ſe dilataſſe, não receava deſpezas, nem o impediam trabalhos (que não faltavam no Reyno,) e aſſim mandou com muita preſſa negociar onze náos, que repartio em tres Capitanías. Das ſinco fez Capitão mór Manoel de Mendoça, que deſpachou com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, que deſpedio entrada de Março. Os Capitães de ſua companhia eram, Jorge de Mendoça, que levava a Capitanía de Goa, Alvaro de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, e Baſtião de Taíde.

As outras ſeis náos partíram até vinte do meſmo mez. Das tres dellas era Capitão mór D. João Henriques, que levava a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Aires Moniz, e Antonio de Azambuja. O outro Capitão mór era João de Mendoça o Chú, que tambem trazia a Capitanía de Malaca; e os Capitães de ſua conſerva eram, Fernão de Alvarez da Cunha, e Diogo Rebello. Eſtas Armadas tiveram tão boa viagem, que Fernão de Alvarez da Cunha foi ferrar a coſta da India em Julho, e por achar o tempo verde ſe recolheo a Angediva, onde eſtava Martim Correa da Silva, e dalli deſpedio recado ao Governador, das Armadas que eram partidas do Reyno, e das novas da ſaude de ElRey, que foram muito feſtejadas. E entrada de Setembro ſe

fi-

fizeram á véla pera Goa, e juntamente com ellas furgíram as Armadas todas, e a de Francifco Barreto, que eftava de invernada em Moçambique; que foi huma formofa coufa pera ver, porque enchiam aquellas náos todo aquelle porto.

Neftas Armadas mandou ElRey os primeiros Frades da Ordem dos Prégadores, pera na India exercitarem feu officio, e veio por Vigario Geral de todos o Padre Fr. Diogo Bermudes, Caftelhano, Varão douto, e de vida religiofa, e exemplar, e trouxe doze Frades, que foram bem recebidos em Goa, e fundáram o célebre Convento, que hoje tem naquella Cidade.

## CAPITULO III.

*De como nefta Armada do anno de* 1548. *de que era Capitão mór Manoel de Mendoça, trouxeram os Padres da Companhia huma cabeça das onze mil Virgens, que foi muito bem recebida em Goa: e das novas que o Governador Garcia de Sá teve de Dio, e defpachou Martim Correa da Silva pera aquella fortaleza: e dos Embaixadores que a Goa vieram dos Reys vizinhos.*

MUitas coufas vieram neftas Armadas, que alegráram a India; mas fobre todas foi huma cabeça das onze mil Virgens,

que alguns Padres da Companhia trouxeram, Reliquia muito pera eſtimar, e que a Cidade de Goa o fez muito, e aſſim foi recebida com procissão muito ſolemne, em que ſe achou o Biſpo reveſtido, e o Cabido com todas as Freguezias, e Ordens, e foi levada da Sé de Goa até o Collegio de Santa Fé, que ſe agora chama de S. Paulo, que he hum dos Collegios ſumptuoſiſſimos, que os Padres da Companhia tem pelo Mundo dos principaes. Com eſtas Armadas ficou a India proſpera de náos, que ficáram nella, (porque ſó quatro tornáram com a carga,) de gente, de dinheiro, e mais couſas. Manoel de Mendoça, Capitão mór das ſinco náos, em chegando a Goa faleceo de humas camaras de que vinha doente.

No meſmo tempo chegou o catur de Dio com as cartas de D. Artur de Caſtro, e de D. Jeronymo de Menezes, em que lhe davam conta da morte de Luiz Falcão, que o Governador Garcia de Sá ſentio muito; pelo que logo deſpachou Martim Correa da Silva, pera ir entrar naquella fortaleza, e mandou em ſua companhia o Doutor Manoel de Mergulhão a tirar devaſſa da morte de Luiz Falcão; e eſcreveo cartas de grandes agradecimentos a D. Jeronymo de Menezes, pela preſteza com que acudio a Dio. E aſſim deſpachou Jorge Cabral pera ir entrar

trar na Capitanía de Baçaim, por ter Dom Jeronymo de Menezes acabado ſeu tempo. Martim Correa da Silva partio em navios muito ligeiros, e em oito dias foi áquella fortaleza, e tomou poſſe della, e D. Artur de Caſtro ſe embarcou com D. Jeronymo de Menezes pera Baçaim, que entregou a fortaleza a Jorge Cabral, e dahi ſe paſſou a Goa.

O Doutor Manoel de Mergulhão fez muito grandes diligencias ſobre a morte de Luiz Falcão, até dar tratos a hum ſoldado por alguns indicios que houve; mas não confeſſou couſa alguma, nem nunca ſe pode deſcubrir a verdade, e aſſim ficou eſte negocio em ſegredo muitos tempos, até que ſendo Franciſco Barreto Governador da India, falecendo em Bengala hum mulato, que ſe chamava João Leite, que á hora de ſua morte diſſe, que ſe não demandaſſe a morte de Luiz Falcão a peſſoa alguma, porque elle o matára.

O Governador tratou de ir ao Norte, porque as couſas de Cambaya eſtavam em aberto, e quiz prover a coſta do Malavar, pera onde deſpedio por Capitão mór Franciſco de Siqueira com quinze navios. Era eſte homem de caſta de Nayres, muito grande Cavalleiro, e tinha feito tantos ſerviços ao Eſtado, que o fez ElRey Fidalgo, e

lhe

lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença. Eſte verão fez pela coſta de Cananor, que eſtava alevantada, muita guerra, queimando-lhes muitas povoações, e deſtruindo-lhes, e cortando-lhes muitas palmeiras, e fazendas.

Paitidos eſtes navios, ficou o Governador deſpachando os Embaixadores do Çamorim, que foram confirmar as pazes, e outros do Rey do Canará, e do Zamaluco, do Cotamaluco, e outros que foram a viſitar o Governador por ſua ſucceſsão, e a confirmar as pazes. Todos eſtes foram bem recebidos, e deſpachados. E nas pazes que confirmou com o Rey do Canará, fez mudança nos Capitulos contra o Idalxá, por já ter com elle feito pazes, ficando de fóra, que nem favorecia hum, nem outro.

Paſſado iſto, deſpachou as náos que haviam de ir tomar a carga pera o Reyno, e eſcreveo a ElRey o eſtado em que a India ficava. Neſtas náos ſe embarcou D. Alvaro de Caſtro, filho do Viſo-Rey D. João de Caſtro, por Capitão da náo Roſairo, e ſe embarcáram outros muitos Fidalgos a requerer ſeus ſerviços. Neſta Armada mandou Coge Cemaçadim mil quintaes de gengivre, e duzentos de pimenta, de ſerviço á Rainha D. Catharina, pera huns chapins, porque tinha della todos os annos cartas mui-

to

to honroſas, e peças, e brincos curioſos da Europa, e aſſim mandou hum Alifante pera ſervir na Ribeira das náos.

Deſpedidas todas as couſas do Reyno, ficou o Governador fazendo preſtes toda a Armada pera ſe embarcar, e acudir ás couſas de Cambaya, porque eſtavam prenhes, e podiam parir novos trabalhos. E andando-ſe negociando com muita preſſa, lhe chegáram cartas de Ormuz do Capitão D. Manoel de Lima, em que lhe fazia a ſaber, como ficava alevantado nas terras do Magoſtão hum Capitão Abexim Abixlalá, e que tinha tomado a fortaleza de Manojão, donde fazia grande guerra a todo o Reyno, e lhe impedia as Cafilas que vinham pera Ormuz, com que a Alfandega padecia grandes faltas. Eſtas novas ſentio o Governador muito, por ſerem aquellas rendas as principaes da India; e deſpedio com muita brevidade Pantaleão de Sá com quatro navios de remo, em que levava perto de cento e ſincoenta ſoldados, que ſe fez á véla na entrada de Novembro, e de ſua jornada adiante daremos razão.

CA-

## CAPITULO IV.

*De como o Governador Garcia de Sá partio pera o Norte : e das pazes que fez com ElRey de Cambaya , e mandou Francisco de Sá a Surrate.*

DEspachados todos os Embaixadores , e náos pera Cochim , logo o Governador se começou a embarcar , entregando o governo ao Bispo , e a D. Francisco de Lima , Capitão daquella Cidade , e com elles outros Deputados. E na entrada de Janeiro deste anno de quarenta e nove , em que com o favor Divino entramos , se fez á véla : levava seis galés , quatro galeões , dez caravelas , e sessenta navios de remo. Os Capitães dos navios grandes eram , Francisco Barreto , Christovão de Sá , Francisco de Sá de Menezes , D. João Henriques , João de Mendoça , Alvaro de Mendoça , Manoel Rodrigues Coutinho , Manoel de Sousa de Sepulveda , D. Antonio de Noronha , filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha , D. João de Taíde , Pero de Taíde Inferno , D. Paio de Noronha , D. João Lobo , Lopo Vaz de Siqueira , D. Duarte Deça , D. Jorge Deça , Jordão de Freitas , e outros muitos Fidalgos , e Cavalleiros , que hiam nos navios pequenos. E com bom tempo foi o Governador

dor tomar Chaul , onde ſe deteve poucos dias, e paſſou logo a Baçaim, pera mandar continuar na guerra de Cambaya.

Dalli deſpedio Franciſco de Sá de Menezes com huma galé , e doze navios pera ſe ir pôr ſobre Surrate , por ſer aviſado , que ſe eſperava por huma náo do Achém muito rica. Franciſco de Sá ſe foi lançar ſobre aquella barra , defendendo a navegação aos navios de Cambaya, em que fez algumas prezas. Da chegada do Governador a Baçaim foi logo aviſado ElRey Soltão Mahamude ; e como eſtava já enfadado da guerra, e por cauſa della ſeus vaſſallos pobres, e perdidos , e todo o mantimento de ſeu Reyno aſſolado, e deſtruido, e os pobres, e meſquinhos clamavam por paz , determinou de a mandar pedir. Pera iſto deſpedio logo hum Embaixador, peſſoa principal de ſua caſa , pera ir viſitar o Governador , e dar-lhe os parabens de ſua ſucceſsão , e á volta diſſo apalpallo com pazes , dando-lhe poderes pera tudo o que com elle aſſentaſſe. Eſte Embaixador partio da Cidade de Cambayete em tres navios muito ligeiros , com muitos criados , e caſa, e em poucos dias foi ter a Baçaim, e ſurgio na aguada, donde mandou recado de ſua vinda. O Governador mandou preparar ſeu recebimento, e embandeirar toda a Armada, e deo reca-

do-

do a todos os Fidalgos, e Capitães pera se irem pera elle vestidos muito custosamente. E tendo tudo prestes, mandou buscar o Embaixador, que foi passado a huma galé, ricamente toldada, e alcatifada, e acompanhada de outras foi entrando pelo rio por antre a Armada, que lhe deo huma formosa salva, e chegado a terra foi desembarcado, e acompanhado da guarda do Governador, e de todos os casados até á fortaleza, onde estava esperando em sala ricamente aparamentada, e o recebeo com grandes gazalhados. E depois de lhe perguntar pela saude de ElRey, e por outras cousas, brevemente o despedio, e o mandou agazalhar na Cidade em casas, que pera isso tinha mandado preparar.

Dalli a tres dias o ouvio com o Secretario, e alguns Fidalgos velhos, e elle lhe deo sua embaixada, cuja substancia era: » Queixar-se ElRey do Governador D. João » de Castro, não querer cumprir os contra- » tos das pazes, que tinha feitas com o Vi- » so-Rey D. Garcia de Noronha; e que fo- » ra causa da guerra, desejando elle de con- » servar a paz, e amizade com ElRey de » Portugal; e que pois elle succedêra em seu » lugar, lhe pedia quizesse emendar aquel- » las cousas, e cumprir-lhe os Capitulos das » pazes. » O Governador lhe respondeo em

fór-

fórma, deitando de tudo a culpa a Coge Çofar, que fora o author de todas as guerras. E vindo o Embaixador a puxar por pazes, o remetteo ao Secretario, e outros Officiaes. E fazendo ſeus apontamentos, elle por parte do Soltão Mahamude, e o Secretario pela de ElRey de Portugal, que viſtos em conſelho, ſe vieram a concluir as pazes com as meſmas condições, que eſtavam d'antes aſſentadas, tirando o negocio da parede, que não foi licito conceder-ſe-lhe; e nas couſas da Alfandega, que ficaſſe ametade do rendimento della pera ElRey de Portugal, aſſim como já eſtava concedido ao Governador D. Eſtevão da Gama.

Eſtas pazes mandou o Governador logo apregoar por Baçaim, e Dio, jurando-as muito ſolemnemente; e deſpedio o Embaixador com hum rico preſente pera ElRey; e mandou outro Embaixador pera ir á Cidade de Amadabá a ver jurar as pazes por Soltão Mahamude, que elle fez com grandes feſtas, e alegrias de todos, e as mandou apregoar por todo o ſeu Reyno, e na Cidade de Dio. Paſſado iſto, mandáram logo, aſſim ElRey, como o Governador, Officiaes pera correrem com os rendimentos da Alfandega, pelo modo, e ordem que eſtava aſſentado pelos contratos feitos com o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que ſe veram

na

na quinta Decada no Cap. VII. do V. Liv. Com iſto ceſsáram as guerras de Cambaya; e a Cidade de Dio ſe tornou a engrandecer como no eſtado primeiro. O Governador vendo tudo quieto, e que não havia que fazer no Norte, voltou logo pera Goa, onde chegou em Janeiro, e começou a entender nos provimentos de Maluco, e em outras muitas couſas; e ordenou em Goa a caſa da polvora no lugar em que hoje eſtá, e mandou armar alguns galeões, caravelas, galés, e fuſtas, a que deo tanta preſſa, que antes que faleceſſe (como logo diremos) tinha acabado huma ſomma diſto.

## CAPITULO V.

*De como ElRey de Tanor na coſta do Malavar ſe fez Chriſtão, e veio a Goa: e do grande recebimento que ſe lhe fez.*

NÃo ſe deſcuidavam neſte tempo os Conquiſtadores eſpirituaes de exercitar ſeu officio por todas as partes, e aſſim cada dia mettiam na manada de Chriſto grande ſomma de Infieis, em que entravam muitos Reys, e Senhores; e deſtes, os que merecêram muito, foram o Padre M. Diogo, Clerigo, e Letrado, que he aquelle a que Mapheo chama Diogo de Borba, por ſer natural daquella meſma Villa, e Miguel Vaz,

Vi-

Vigario Geral, ambos grandes Religiosos; e de muita virtude, que por serem estes, indo depois o Miguel Vaz pera o Reyno, o tornou ElRey D. João logo a mandar com o mesmo cargo de Vigario Geral, e com Breves do Papa, pera como Inquisidor Apostolico devassar em segredo de certos Christãos novos muito ricos, que viviam em Goa escandalosamente, fazendo as ceremonias Judaicas, de que a India se começava a inçar.

E chegando este Religioso a Goa, prendeo alguns, e os mandou pera o Reyno, o que lhe custou a vida, porque os mais tiveram maneira com que o matáram com peçonha. O Mestre Diogo, seu grande amigo, sentio tanto sua morte, que logo se metteo Frade em S. Francisco, onde em poucos dias faleceo, e affirmava-se que de nojo. Estes homens ambos fizeram muita Christandade, e o Mestre Diogo em tempo do Governador D. Estevão da Gama passou á costa da Pescaria chamado dos Paravás, pera se fazerem Christãos.

São estes Paravás naturaes de toda aquella costa, e viviam de pescar aljofres, que por ella ha muitos; e depois que os Mouros fizeram alli sua vivenda, e tiveram posse, e poder, começáram aos avexar, e privar daquella pescaria, querendo-lhes tomar aquelle proveito pera si. E querendo elles re-

nmir

mir ſua vexação, por conſelho de hum João da Cruz, de ſua nação, que já tinha andado no Reyno de Portugal, mandáram Embaixadores a Cochim a pedir ſoccorro, e que ſe queriam fazer Chriſtãos. Era então neſte tempo Capitão daquella Cidade hum Fidalgo bom homem, chamado Gonçalo Pereira, que zeloſo do ſerviço, e honra de Deos, mandou em ſeu favor huma Armada, que opprimio os Mouros, e libertou os Paravás, que ſe começáram a baptizar, (porque na Armada mandou o Capitão Religioſos pera iſſo.) A iſto acudio o Padre Meſtre Diogo, e fez muitos Chriſtãos. E como então não havia na India mais que os Frades de S. Franciſco, que não podiam acudir a tanto, porque eram poucos, e andavam repartidos pelas Armadas, e eſtavam na Cidade de S. Thomé, (cuja Caſa já eſtava á ſua conta,) ficáram aquelles tenros Chriſtãos ſem poderem ſer viſitados de Religioſos, ſenão pelas Quareſmas, a que lhes acudiam alguns de Cochim; até que chegáram os Padres da Companhia, que tomando o Padre M. Franciſco Xavier informação daquella coſta, e daquelles Chriſtãos, ſe foi lá com alguns companheiros, que já tinha recebidos, e tornou a aquentar aquella Chriſtandade, e augmentalla com hum grande número de Infieis, que converteo;

e

e fundou por aquella Comarca perto de quarenta Templos, em que se lhes administrassem os Officios Divinos; e alli deixou alguns Religiosos de vida approvada pera os doutrinarem, e ensinarem as cousas de nossa Fé.

Daqui se passou o Padre M. Francisco á Ilha de Malaca, onde fez Christãos dous Reys, e huma grande quantidade do povo, o que aconteceo estes annos atrás passados. E neste presente em que andamos, estava por Vigario na fortaleza de Chale hum Clerigo, chamado João Soares, homem de boa vida, que tomou grande amizade com o Rey de Tanor, que costumava a ir muitas vezes á fortaleza; e assim se lhe affeiçoou, que se atreveo ao convidar ás vodas do Senhor, sobre o que lhe disse tantas cousas, que o rendeo, e o catequizou. E indo ter áquella fortaleza o Padre Fr. Vicente, companheiro do Bispo, que andava visitando em seu nome, e achando aquelle Rey disposto pera receber o santo Baptismo, lho deo em segredo, sem o saber mais que o Vigario, e o Capitão, que era Luiz Xira Lobo, que foi seu Padrinho, e lhe puzeram nome Dom João. Este segredo quiz elle que se tivesse, porque receava alteração nos seus, e todavia continuava com os Padres, e ouvia suas Missas, e prégações, sem mudar o trajo de

Gen-

Gentio, nem tirar a linha, que he a sua insignia pera maior dissimulação, mas trazia hum Crucifixo muito escondido, a que se encommendava. E como Deos o tinha tocado, e elle andava satisfeito, não pode deixar de se descubrir á mulher; e tanto lhe prégou, e tantas cousas lhe disse da bondade de nossa Lei, que a converteo, e a trouxe a Chale, e em segredo a baptizou o Padre Vigario com dous, ou tres filhos meninos que tinha. E como elle de verdade estava abrazado em seu coração com a Lei de Christo, e todas as cousas della lhe pareciam cada vez melhor; e ouvindo fallar nos Officios Divinos, que em Goa se celebravam, no grande apparato, e ceremonia delles, desejou summamente de ir a Goa, assim pera os ver, como pera ir dar obediencia ao Bispo, como a Prelado maior da India. Isto communicou com o Vigario, que lho louvou, e o escreveo ao Governador Garcia de Sá, e ao Bispo, a quem ElRey tambem significou por cartas sua vontade.

Estas cartas chegáram ao Governador em fim de Março; e praticando com o Bispo sobre este negocio, offereceram-se-lhe algumas difficuldades, pera o que foi necessario fazer ajuntamento de Theologos. E sendo todos presentes, lhes leo o Governador a carta daquelle Rey Christão, e a do Vigario,

pe-

pera que foubeffem dos grandes defejos que tinha de vir a Goa a dar obediencia a feu Prelado, como filho Catholico da Igreja, que elle folgaria de o fatisfazer em tudo como homem convertido de novo á noffa Santa Fé, pera que os outros fe moveffem a recebella, vendo quanto nós honravamos, e eftimavamos os que fe convertiam a ella. Os Theologos praticáram fobre aquelle negocio, e differam alguns: » Que não era licito receber-fe hum homem, que fendo Chriftão, trazia ainda defcuberta a infignia de » Gentio; porque a Fé não fe havia de confeffar fómente com o coração, mas com » a boca; » e fobre ifto deram muitas razões, e allegáram a Divina Efcritura. O Bifpo votando naquelle negocio, diffe: » Que quanto á linha, que aquelle Rey trazia por fóra, não era inconveniente algum pera deixar de fer havido por Catholico, porque » da Efcritura Sagrada tinhamos, que Jofé » ab Arimathea, Nicodemus, Gamaliel, e » outros homens havidos por juftos, e fantos, que foram Difcipulos do Senhor encubertamente por medo dos Judeos, não » mudáram feus veftidos; e que os Apoftolos de Chrifto Senhor noffo, primeiro que » foffem cheios do Efpirito Santo, eftiveram alguns dias efcondidos em huma cafa; e que S. Sebaftião, fendo Chriftão, an-

 » da-

» dava com trajos de Gentio, e ſoldado Ro-
» mano, e que quando lhe foi neceſſario con-
» feſſar a Fé de Chriſto, o fez, e morreo
» por ella: que aquelle Rey eſtava ainda ten-
» ro na Fé, e era licito concederem-lhe al-
» gum tempo pera ir mollificando ſeus vaſ-
» ſallos pera os trazer á Lei de Chriſto, o
» que ſe havia de fazer com tempo, porque
» (ſegundo o Sabio) todas as couſas o ti-
» nham.» Com eſtas razões concedêram to-
dos, que ſe lhe déſſe licença pera vir a Goa,
com o que deſpedio o Governador logo Dom
João Lobo com oito navios pera ir buſcar
aquelle Rey, e huma galeota muito bem pe-
trechada pera ſua peſſoa, e hum João Lo-
pes, Cidadão de Goa nella, com todo o
ſerviço de cama, e meza pera ſua peſſoa.

Eſtes navios chegáram em poucos dias á
barra de Tanór, tendo já eſte Rey recado
da vinda dos navios, por cartas que Luiz
Xira Lobo lhe mandou diante. ElRey ſe co-
meçou a negociar pera ſe embarcar eſcondi-
damente, o que não pode ſer com tanto ſe-
gredo, que os ſeus familiares o não vieſſem
a ſaber; e acudindo os Regedores, lhe fize-
ram força, e o fecháram na fortaleza. Mas
como elle baſtava com aquelle fervor, e de-
ſejo, lá teve maneira com que de noite ſe
lançou do muro abaixo por huma corda, e
eſcalavrado na cabeça, e mãos, foi ter á
pra-

praia, e a nado foi tomar hum dos navios da Armada, e dando-ſe a conhecer, foi levado ao Capitão mór, que com grandes honras o embarcou na galeota, e o entregou a João Lopes, que o agazalhou, e ſervio muito bem, dando-lhe trajos á Portugueza, que pera iſſo levava feitos; e por todo o caminho até Goa o foi ſervindo muito abaſtadamente.

D. João Lobo deſpedio diante recado ao Governador, que lhe mandou preparar hum muito honroſo recebimento, pedindo á Cidade, que lhe fizeſſe todas as honras, que faria a hum Rey de Portugal, ſe alli vieſſe. Chegado ElRey á barra de Goa, achou nella D. Franciſco de Lima, Capitão da Cidade, que o eſperava com muitos navios embandeirados, e huma formoſa galé ricamente paramentada pera ſua peſſoa. Depois de o receber, e ſalvar, o paſſou á galé, e foram entrando pelo rio dentro até ás caſas de Santos, que eſtavam preſtes pera elle. O rio eſtava coalhado de embarcações grandes, e pequenas, embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diverſos inſtrumentos, danças, folías, e invenções, de feição, que foi a mais formoſa couſa, que ElRey nunca vio; e ſobre tudo o que mais eſtimou, foi ver aquella formoſura, e grandeza da Cidade de Goa, e os divinos Templos, que de huma,

e de outra parte do rio lhe hiam moſtrando, a quem elle hia fazendo ſeu acatamento. Chegado ás caſas de Santos (que eram de Antonio Peſſoa) foi deſembarcado, e agazalhado aquelle dia, e noite com todo o ſerviço Real, que o Governador tinha repartido por caſados, com camas muito ricas, e curioſas. Ao outro dia ſe tornou a embarcar na galé, e rodeado de mais de cem navios de remo, cheios de muitos inſtrumentos de alegria, foi até o caes, que hoje he dos Viſo-Reys, onde ſe lhe deo huma ſoberba ſalva de artilheria com grande terror, e eſpanto. Alli deſembarcou á Portugueza, com çapatos, calças, capa, e eſpada de ouro, colar, gorra com plumas; e no caes achou o Governador acompanhado de todos os Fidalgos, e Capitães, que o recebeo com muitas honras. E pondo-o á ſua mão direita, foram andando pera a Cidade por baixo de muitos, e formoſos arcos de rama, e de peças de ſeda de todas as cores, e com muitas outras louçainhas.

E chegando á porta, que ſahe ao caes, achou o Capitão da Cidade com os Vereadores, e Officiaes da Camara muito bem veſtidos; e o Capitão D. Franciſco de Lima, primeiro que ElRey entraſſe pera dentro, chegou a elle com o Procurador da Cidade, que levava nas mãos hum muito rico

pra-

prato de baſtiães dourado, e nelle as chaves da Cidade, que lhe o Capitão apreſentou, dizendo-lhe:

» Eſtas, Senhor, são as chaves deſta Cidade, que hoje em nome de ElRey de Portugal apreſento a V. A., e nella póde de hoje por diante mandar tudo, como ſe fora de V. A. porque diſto he elle muito ſervido. » ElRey com muita graça, e com moſtras de grande contentamento daquella honra, que elle eſtimou ſobre todas, tomou as chaves, e diſſe: » Que era irmão, e ſervidor de ElRey de Portugal, e que como tal merecia todas aquellas honras, e gazalhados que lhe faziam, » e pondo-as ſobre ſua cabeça, as tornou ao Capitão.

Acabado iſto, eſtendêram os Vereadores hum muito rico pallio, e o tomáram debaixo, indo o Governador ſempre á ſua mão eſquerda, praticando com elle muito rizonho, e alegre. E entrando na Cidade, achåram o Biſpo reveſtido em Pontifical, com hum Crucifixo nas mãos, e todo o Cabido, Clerigos, e Religioſos em prociſsão. Chegado ElRey ao Biſpo, proſtrou-ſe de giolhos diante delle com muita veneração, e fez ſua adoração ao Crucifixo, e o beijou com muita humildade. E aſſim em prociſsão foi levado pela rua direita, que eſtava muito ricamente paramentada, com lindas,

e

e curiofas invenções, e muitas Damas pelas janellas, ricamente ornadas, e ataviadas, que de fima lançavam muitas, e preciofas aguas de cheiro, e muitas rofas, e boninas; e a Cidade, e aquella rua toda fe desfazia em danças, bailes, tangeres, e folías. E era tão grande o concurfo da gente, que não podiam todos os Meirinhos, e Juftiças fazer caminho. As bombardadas affim no mar, como na terra eram tantas, que parecia que fe desfazia o Mundo. Chegados á Sé, que eftava formofamente armada, e com muitas charamelas, e trombetas, poz o Bifpo o Crucifixo no Altar maior, e ElRey fez fua oração muito devotamente, e a Capella, que era excellente, cantou o Hymno *Te Deum laudamus*, *&c.* e no cabo delle lançou o Bifpo a benção affim veftido como eftava em Pontifical.

Acabado efte devoto acto, (que moveo muito aquelle Rey,) foi dalli levado ás fuas proprias cafas a cavallo, acompanhado do Capitão, e de todos os Cidadãos, indo diante delle a guarda do Governador com os feus Officiaes. Ao outro dia foi ElRey vifitar o Governador, e lhe pedio mandaffe chamar o Bifpo, e Prelados, e os Fidalgos velhos, que tinha que lhe dizer; e vindo todos, lhes fez alli efta breve falla.

» Depois que Deos noffo Senhor foi fer-

» vi-

» vido , e ordenou por ſua Divina miſeri-
» cordia , que eu ſahiſſe das trévas em que
» eſtava , e entraſſe na luz da verdade , e que
» tiveſſe conhecimento de ſua Divina Lei ;
» nenhuma outra couſa mais deſejei , que tra-
» zer á meſma verdade , não ſó meus ſub-
» ditos , e vaſſallos , mas ainda todos os
» Reys , e Principes Malavares , meus vizi-
» nhos , e accender em todos o lume da Fé ;
» mas he neceſſario proceder neſte negocio
» (que he de mudar Lei) com muita ordem ,
» e brandura , por quão difficultoſo he que-
» rella arrancar logo da primeira pancada
» das gentes , que eſtam tão arreigadas em
» ſeus antigos ritos , e ſuperſtições. E eu co-
» mo quem os conhece , e fui de ſua meſ-
» ma lei , e natureza , entendo que he neceſ-
» ſario muito tempo , e muitas mollificações ,
» e mimos , com que determino correr com
» todos. E quanto ao que toca a mim , eu
» me atrevo (mediante a graça Divina) pro-
» metter diante deſte tão catholico ajunta-
» mento , que tenha ſempre muito inteira-
» mente abraçada a Fé de Chriſto , e ao meſ-
» mo Deos dou por teſtemunha de minha
» conſciencia , e cada dia lhe peço com gran-
» de veneração , e humildade me dê for-
» ças pera poder reſiſtir nas batalhas eſpiri-
» tuaes contra os inimigos da alma , porque
» ſem elle o não poderei fazer ; e como Ca-
» tho-

» tholico filho da Igreja, dou d'agora por
» diante a obediencia ao Bifpo meu Prela-
» do, que eftá em lugar do Summo Ponti-
» fice; e conheço a Igreja Romana por ca-
» beça de toda a Chriftandade. E affim lhe
» peço como Prelado, e Cura de minha al-
» ma, que me dê o Sacramento da Confir-
» mação, porque me não fique acto algum
» de Chriftão por fazer.»

Acabada efta falla, lhe refpondeo o Bif-
po: » Que louvava, e engrandecia muito
» ao Senhor Deos por tamanha mercê co-
» mo aquella; e que aquelle fanto zelo Ca-
» tholico, que moftrava de feu ferviço, el-
» le teria cuidado de lho pagar com o fuf-
» tentar em fua Fé. E que quanto a feus
» vaffallos, era neceffario pera fe moverem
» a receberem a Santa Lei de Chrifto, fabe-
» rem elles que a tinha elle recebido, por-
» que os coftumes dos Reys era muito na-
» tural feguirem-nos os vaffallos; e que os
» homens mais fe moviam por exemplos,
» que por preceitos. Que pera merecer mais
» com Deos, e obra tamanha ir diante, cum-
» pria defcubrir-fe a feus vaffallos; e que não
» receaffe alteração alguma, e que confiaffe
» mais na ajuda, e favor Divino, que na
» prudencia, e faber humano. E que quan-
» to ao Sacramento da Confirmação, eftava
» preftes pera iffo; » e logo na Capella do
Go-

Governador lhe deo a ſanta Criſma, e o Governador foi ſeu Padrinho.

Eſteve ElRey dez dias em Goa, em que correo, e viſitou todos os Templos ſantos, e eſteve aos Officios Divinos, e a hum de Pontifical, que o Biſpo celebrou com mui grande apparato. Em todas as Igrejas ſe lhe armava ſetial, e lhe davam o Evangelho, e a paz, e o incenſavam, como coſtumam fazer aos Reys Chriſtãos. Em todos eſtes dias, aſſim de dia, como de noite, houve muitas feſtas, danças, momos, autos, touros, canas, com tantas riquezas, e apparatos, que eſtava aquelle Rey paſmado de ver o Eſtado, e coſtume dos Portuguezes. Deram-lhe os Fidalgos muitos banquetes, e peças.

Paſſados os dez dias, deſpedido do Governador, Biſpo, e Cidade, ſe tornou pera ſeu Reyno nos meſmos navios. Eſtas novas eſcreveo o Governador, e o Biſpo a ElRey nas náos ſeguintes, que elle feſtejou muito, e as mandou a Roma a D. Affonſo de Alencaſtro, que lá eſtava por Embaixador, pera que o fizeſſe a ſaber ao Santo Padre, que então era Julio III., que mandou fazer em Roma grandes procisſões, e diſſe Miſſa em Pontifical, e houve hum douto Sermão, em que ſe diſſeram muitos, e grandes louvores de ElRey D. João de Portu-

tugal, por em ſeu tempo entrarem na manada dos Catholicos os mais barbaros Principes do Oriente.

## CAPITULO VI.

*Das couſas, que acontecêram a Franciſco de Sá em Surrate com humas náos de Mouros: e de como o Governador Garcia de Sá deſpachou as couſas de Maluco: e do caſamento de duas filhas.*

FRanciſco de Sá de Menezes, que eſtava ſobre Surrate eſperando as náos do Achém, ſe deixou eſtar ſobre aquelle porto até meado Março; e huma tarde houve viſta de duas formoſas náos, e de huma galeota, que com o Noroeſte em poppa vinham demandar a terra. Eram eſtas náos do porto de Tanaçarim na coſta de Pegú, e vinham carregadas de muitas, e ricas fazendas. Franciſco de Sá tanto que as vio, preparou-ſe, e poſto em armas as foi demandar, e ſendo a tiro de camello, lhes atirou a amainarem; mas como ellas vinham confiadas na muita artilharia, e na muita, e esforçada gente que traziam, não fizeram caſo de couſa alguma, e deixaram-ſe vir ſeu caminho com o vento, que era muito freſco. Franciſco de Sá as rodeou, e foi esbombardeando, por ver ſe as podia deſappa-

pa-

parelhar, o que não fez, ainda que todavia lhes foi desfazendo as obras de sima, com cujas rachas lhes matáram muita gente; mas ellas como vinham aviadas, e com vento prospero, foram tambem laborando com a sua artilheria com que desapparelháram algumas fustas, e matáram alguns soldados. Os nossos não ousáram a investir as náos, assim por serem os mares grandes, como por ellas serem muito alterosas, e não quizeram arriscar os navios, e assim foram com ellas até á barra de Surrate, onde lhes anoiteceo. Francisco de Sá vendo que tinha os navios destroçados, e que as náos estavam surtas no primeiro poço, onde lhes não podiam já fazer damno, que o não recebesse elle maior, voltou pera Baçaim, onde reformou os navios, e dalli se fez á véla pera Goa.

O Governador depois de chegar áquella Cidade, começou logo a entender nos negocios de Maluco, e nos de Jordão de Freitas, que se andava livrando das culpas, que lhe Bernaldim de Sousa tinha mandado, o que cessou pela morte do Viso-Rey Dom João de Castro. E mandando o Governador que se corresse com elle, fizeram o feito findo, e o despachou com os Letrados, e pronunciou, que fosse Jordão de Freitas acabar o tempo de sua Capitanía, e que se lhe tornas-

naſſe toda a fazenda que lhe eſtava ſocreſtada. Com eſta ſentença ſe começou a fazer preſtes pera ſe embarcar no galeão da carreira, de que era Capitão D. Jorge Deça. O Governador porque ſabia que Jordão de Freitas viera de Maluco muito quebrado com Bernaldim de Souſa, a quem por ſuas partes, e qualidades quiz moſtrar reſpeito, e evitar eſcandalos, deſpachou Chriſtovão de Sá, ſeu ſobrinho, por Capitão de huma caravela pera ir a Maluco, e lhe deo huma Proviſão em ſegredo, pera Bernaldim de Souſa lhe entregar a elle a fortaleza, em que ficaria por Capitão até Bernaldim de Souſa ſe embarcar pera a India, e que depois entregaſſe a fortaleza a Jordão de Freitas; porque não quiz que Bernaldim de Souſa, o tempo que eſtiveſſe em Maluco, ficaſſe debaixo da jurdição de Jordão de Freitas, por atalhar deſgoſtos, e deſordens.

Partidos eſtes navios, deſpachou o Governador alguns Capitães pera irem invernar a Dio, e a Ormuz, e proveo nas couſas daquellas fortalezas, e de outras, como lhe melhor pareceo.

E porque ſe via velho, e com duas filhas mulheres, e ſem mãi, ordenou de as caſar, como fez. A mais velha, chamada D. Leonor de Alboquerque, com Manoel de Souſa de Sepulveda, com quem ſe dizia,

zia, que eſtava já caſada a furto do pai. E a outra D. Joanna de Alboquerque com Dom Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha a Capitanía de Malaca, e era o maior, e mais formoſo homem, que na India havia, a quem deo o bom velho em caſamento tudo o que tinha, e ambos foram juntos á porta da Igreja a pé, porque pouſava o Governador nas caſas do Sabayo, que eſtavam perto da Sé. O Biſpo os recebeo, e a Cidade lhes fez muitas feſtas. D. Antonio de Noronha hia muito galante, e cuſtoſamente veſtido. Manoel de Souſa não levava mais que os trajos ordinarios, que coſtumava a trazer.

De Manoel de Souſa não ficou no Mundo geração alguma de ſua mulher, porque ſe perdeo indo pera o Reyno com ſua mulher, e filhos, como em ſeu lugar diremos. Teve dous filhos antes de caſar, hum macho, e huma femea, em huma mulher caſada com hum homem muito nobre, e Fidalgo nos livros de ElRey, que ſua mãi depois da morte do marido declarou por ſeus: a filha foi levada pera o Reyno, onde a mettêram Freira; o filho era hum ſoldado tão pontual, e cavalleiro, que não ouſou peſſoa alguma a lho deſcubrir, e aſſim faleceo cá.

D. Antonio de Noronha viveo tambem pouco elle, e ſua mulher, e ficou-lhe hum fi-

filho, chamado D. Garcia de Noronha, como o avô, que foi levado a Portugal menino, onde se criou; e depois de ter idade pera servir ElRey, tornou á India com hum Alvará de lembrança pera lhe darem Ormuz. Casou-se na India com D. Filippa, filha do Licenciado Tintino Martins, Procurador dos Feitos da Fazenda de ElRey, homem nobre, Christão velho: viveo tambem este Fidalgo pouco, ficou-lhe huma filha, chamada D. Joanna, como sua avó, que sua mãi levou pera o Reyno, e se foi apresentar em Aveiro, em companhia de huma sua irmã, mulher de Francisco de Sousa Tavares, o manco.

## CAPITULO VII.

*Das cousas, que acontecêram em Ormuz no alevantamento do Bislalá: e de como Dom Manoel de Lima o mandou matar.*

HAvia no Reyno de Ormuz hum Capitão Abexim, chamado Bislalá, que ElRey de Ormuz trazia com guarnição de soldados nas partes de Manojão, pera favorecer as cafilas que vinham pera Ormuz, das partes de Persia, e Coraçone, e todas as mais, pera as segurar de muitos ladrões, que por alli as costumavam a saltear, por cujo medo deixavam muitas vezes de vir a Ormuz,

muz , e aquella Alfandega padecia muitas faltas. Efte Abexim vendo-fe com poder , fez o que todos os Mouros fazem , quando fe lhes offerece occafião , que foi grangear a gente que trazia , e adquirir outra , e levantar-fe com aquellas partes todas , recolhendo-fe na fortaleza de Manojão , que he vinte leguas pelo fertão dentro. E dalli fahia a faltear , e roubar as cafilas , e todas aquellas terras , com que veio a engroffar , e a fe fazer muito poderofo. Difto foi logo ElRey de Ormuz avifado , e deo conta do negocio a D. Manoel de Lima , Capitão daquella fortaleza , pedindo-lhe que lhe déffe ajuda pera mandar contra o Bislalá , pois aquelle Reyno era de ElRey de Portugal , e as perdas lhe tocavam mais que a elle. D. Manoel de Lima mandou logo negociar hum Aleixo Carvalho , e lhe deo cento e vinte Portuguezes pera paffar á outra banda , em companhia dos Capitães de ElRey de Ormuz , pera irem bufcar o alevantado , e fegurarem os naturaes , que fugiam , e defamparavam as terras. Efta gente andou da outra banda perto de dous mezes , tendo alguns recontros com os inimigos de pouca importancia.

Eftando o negocio nefte eftado , chegou Pantaleão de Sá , que atrás diffemos no Cap. III. do Liv. VII. partido de Goa pera acudir

dir a efte negocio. D. Manoel de Lima o defpedio logo pera a outra banda com a gente que levava, e com a outra que lá tinha. Aleixo Carvalho perfez trezentos homens, e em companhia dos Capitães de El-Rey de Ormuz, que levavam dous mil, foram bufcar o alevantado. E como elle andava muito poderofo, e era ladrão de cafa, que fabia as entradas, e fahidas, não lhe dava dos noffos coufa alguma, nem tambem fe queria encontrar com elles; porque como trazia grandes efpias, não fazia mais que defviar-fe, e fazer todos os damnos que queria, e podia, comendo as terras fem contradicção alguma. Pantaleão de Sá andou por aquelle Magoftão mais de dous mezes, fem fazer coufa alguma, e enfadado de tudo fe recolheo pera Ormuz fem ordem do Capitão, que fe tomou muito, e tiveram fobre iffo taes palavras, que o mandou Pantaleão de Sá defafiar por huma carta. D. Manoel de Lima lhe refpondeo por outra: » Que » elle guardava fua carta pera refponder a » ella, como acabaffe o tempo daquella for- » taleza, de que tinha dado a menagem a » ElRey; e como fe defobrigaffe, elle lho » lembraria. » Pantaleão de Sá fe embarcou pera a India; e depois que D. Manoel de Lima acabou o feu tempo, não fe encontráram nella, porque o tempo o defviou,

que

que Pantaleão de Sá foi despachado depois com Çofala, e casou na India, onde esteve até o tempo do Conde do Redondo, em que se foi pera o Reyno, e lá encontrando-se em huma rua, (estando a cousa bem esquecida de tantos annos, e elles tão velhos,) saudando-se, perguntou D. Manoel de Lima a Pantaleão de Sá como estava? Elle lhe respondeo, que velho. Ao que Dom Manoel de Lima lhe disse: » Velho não es» ta vossa mercê, senão muito bem dispos» to. » Desta palavra (segundo que na India nos contáram alguns Fidalgos) entrou a desconfiança em Pantaleão de Sá, de maneira, que indo-se pera casa lhe mandou huma carta, em que lhe tornou a alembrar as cousas de Ormuz, pedindo-lhe que se vissem no campo. D. Manoel de Lima o foi esperar a elle, e pelejáram, e se feríram; e o que mais passou, lá se sabe no Reyno, e ficáram pera não deixarem de ser amigos, como foram.

Tornando ás cousas de Ormuz. Vendo D. Manoel de Lima que o levantado andava senhor das terras sem lho poder impedir, tratou de o mandar matar. Tinha elle hum criado Gallego, valente homem, e muito determinado, e tomando-o em segredo, lhe perguntou, se se atrevia a fazer-se fugidisso pera a outra banda, e metter-se no

exercito de Bislalá , e matallo á béſta ? E dizendo-lhe o Gallego que ſim , praticou eſte negocio com ElRey , e elle lhe paſſou hum formão com letras grandes , e formoſas , chapado com chapa de ſuas Armas , em que perdoava geralmente a todos os que andavam com Bislalá , e que ninguem entendeſſe com aquelle Gallego , ſe mataſſe a Bislalá , antes a todos os que o favoreceſſem lhes faria muita mercê. Com eſte formão ſe fingio o Gallego aggravado , e fugido de D. Manoel de Lima , e paſſou-ſe ao exercito , onde andavam outros Portuguezes fugidos , e ſe agazalhou com elles. Alli ſe deixou andar alguns dias , e hum delles , andando o Bislalá a cavallo em campo no meio de ſua gente , encarou o Gallego nelle huma béſta com hum farpão , e tomando-o pelos peitos , deo com elle do cavallo abaixo morto. E no meſmo inſtante alevantou em huma lança o formão de ElRey , bradando alto : » Formão de ElRey , for» mão de ElRey , perdão de ElRey pera to» dos. » E acudindo alguns Parſeos , tomando o Gallego , vendo o formão de ElRey , e o perdão tão copioſo , e o Bislalá já morto , ſe desfez o exercito , e huns ſe foram pera Ormuz , e outros pera outras partes. O Gallego ſe foi pera Ormuz , e ElRey , e o Capitão lhe fizeram muitas mercês ; e deſ-

desta maneira ficáram as cousas do Manojão quietas.

## CAPITULO VIII.

*Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello em Pegú: e de como foi em companhia daquelle Rey contra o de Sião: e do poder, estado, e ordem com que este Rey caminha: e do que lhe aconteceo até chegar a Sião.*

NO Cap. IX. do Liv. V. da quinta Decada temos dado conta, como o Bramá Rey dos Reynos de Ovú, e outros, conquistou os de Pegú, e sujeitou todos aquelles vizinhos. Este vendo-se tamanho senhor, sabendo que o Rey de Sião tinha hum alifante branco, a que todos os Gentios tinham muito grande veneração, havendo que a elle como a cabeça de toda aquella gentilidade lhe pertencia mais, que ao Rey de Sião, mandou-lho pedir por Embaixadores, que lhe enviou com grande magestade, de que o outro zombou, não lhe respondendo a proposito. O Bramá havendo-se por muito offendido, e affrontado, determinou logo de ir conquistar aquelle Reyno, e trazer o alifante branco. E fazendo chamamento de todos os Reys seus vassallos, ajuntou innumeraveis exercitos, com

que partio contra aquelle Reyno quaſi nos annos de 1544. E chegando áquella Cidade, lhe poz tão eſtreito cerco, que lhe mandou aquelle Rey commetter todos os partidos que quizeſſe, tirando o alifante branco, que elle havia por couſa religioſa, affirmandolhe, que ſobre elle havia de perder ſeus Reynos. O Bramá, que havia muitos mezes que eſtava naquelle cerco, e ſe eſperava pelas enchentes daquelle rio, que alagão todos aquelles campos, fez com elle pazes com eſtas condições.

» Que o Rey de Sião ficaria ſeu vaſſal-
» lo, e lhe daria huma filha pera caſar com
» ella; e que todos os annos lhe mandaria
» outra dos ſeus principaes, e certos alifan-
» tes de ſerviço. » Aſſentadas as pazes, lhe mandou o Rey de Sião a filha, que elle recebeo por mulher, e alevantando os exercitos, voltou pera ſeus Reynos. Foram continuando com eſtas pareas até eſte anno paſſado de quarenta e oito, em que o Bramá mandou a Sião recolher as pareas como coſtumava, e a lhe trazerem a mulher. E querendo ElRey de Sião tomar huma filha a hum daquelles ſeus principaes, como tinha feito os annos paſſados a outros, de que eſtavam eſcandalizados, fallando-ſe todos, ou foſſe por conſentimento do Rey, ou não, baſta que deram nos Embaixadores, e os matáram.

Che-

Chegadas eſtas novas ao Pegú, ſentio-as muito o Bramá, e determinou vingar aquella offenſa, mandando logo chamar todos ſeus vaſſallos, e ajuntou grandes exercitos, e grandes preparamentos pera não tornar de Sião ſem tomar aquelle Reyno, e haver aquelle Rey ás mãos. Diſto foi logo o Rey de Sião aviſado, e fez chamamento de ſeus vaſſallos, e fortificou a Cidade de Odia, em que reſidia, lançando fóra toda a gente inutil, deixando ſó a que podia pelejar, que ſe affirma que eram perto de ſeiscentos mil homens. E mandou fortificar hum paſſo de humas ſerras, por onde o Bramá havia de paſſar, e poz daquella parte vinte mil homens de guarnição, e na Cidade recolheo mantimentos pera dous annos; e mandou fundir muitas peças de artilheria de bronze, porque tinha officiaes excellentes, e muito cobre, que lhe vinha da China todos os annos; e affirmava-ſe, que tinha quatro mil peças aſſeſtadas pelos muros, em que havia algumas, que lançavam pelouros de quatro palmos de roda, e dalli pera baixo até falcões; e além diſſo muitos trabucos, e petrechos de guerra pera ſua defensão.

O Bramá depois que ajuntou ſeus exercitos, ſe poz com elles em campo, e dizia-ſe que tinha hum milhão e quinhentos mil homens, e quatro mil alifantes, e tantos

bois,

bois , cavallos , e outras beſtas de carga , ſervidores , roſſadores , e officiaes de todas as mecanicas , em tanta quantidade , que quaſi ſe não podiam numerar. E eſtando ElRey já pera ſe partir , chegou Diogo Soares de Mello , ( que deixámos partido do rio de Parles , depois daquella grande vitoria das galés do Achém , como atrás fica dito no Cap. II. do V. Liv. , ) que ElRey eſtimou muito , convidando-o pera ir com elle naquella jornada , com todos os Portuguezes que em Pegú havia ; e lhe mandou dar muito dinheiro pera repartir por elles , como fez , ajuntando perto de oitenta. ElRey começou logo a marchar neſta fórma.

Cada Rey vaſſallo com toda a gente de ſeu Reyno hia ſeparado a huma parte , tanta diſtancia huns dos outros , que nunca ſe ajuntavam , nem miſturavam , e por tal ordem , que ſempre ElRey de Pegú ficava no meio ; e o meſmo era ao aſſentar dos arraiaes , porque cada hum o punha ſobre ſi , perto de meia legua huns dos outros. Só Diogo Soares de Mello com os Portuguezes punha ſua eſtancia muito perto da de ElRey , porque fiava mais delles a guarda de ſua peſſoa , que de ſeus naturaes.

As principaes peſſoas que neſta jornada ſe acháram com Diogo Soares de Mello , foram ſeu irmão , D. Fernando de Noronha ,

fi-

filho de hum irmão do Marquez de Villa-Real, Clerigo, que foi o que se perdeo em Baçaim, sendo Capitão da náo do Governador Martim Affonso de Sousa, João de Sousa Rates, Athanasio de Aguiar, e outros.

Assim foi caminhando este barbaro gentio com tanta magestade, e grandeza, que excedia a todos os Reys do Mundo, porque nenhuma noite se agazalhava, senão em casas muito formosas, todas douradas, e lavradas, que cada dia lhe armavam de novo pera isso; porque de Pegú lhe levavam a madeira, armação, tectos, portas, e todo o mais necessario sobre alifantes, que caminhavam sempre diante; e na paragem em que ElRey havia de assentar o arraial, se armavam as casas com tanta brevidade, que era espanto, porque só pera isso hiam mais de dous mil officiaes, ferreiros, carpinteiros, cerradores, pintores, douradores, e todas as mais; e huns armavam, outros douravam, e pintavam; outros forjavam pregos, e ferragem; de maneira, que quando já ElRey chegava, tinha huns formosos Paços de muitas camaras, varandas, retretes, cozinhas, em que se recolhia com suas mulheres, e os Paços todos cercados á roda, como huma fortaleza muito forte; deixando outra magestade de baixellas de ouro, e

pe-

pedraria, de cavallos a deſtro, de alifantes ajaezados pera ſua peſſoa, de carros triunfantes guarnecidos, e lavrados de ouro, que era huma máquina infinita. Deſta maneira foram caminhando por via de Martabão, que era mais perto.

E chegando a hum rio, que alli vem embocar, (que era hum grande braço do Menaó, que ſerá mais de huma legua de largura,) mandou ElRey armar huma ponte ſobre barcas ſurtas a muitas amarras, por cauſa da grande corrente, pera por ella paſſar todo o exercito, que aſſim na grandeza, como na obra paſſou pela que mandou fazer Xerfes ſobre o Eleſponto, quando paſſou a Grecia. Por ella paſſáram aquelles innumeraveis exercitos, que o Pegú levava, e foram caminhando de longo de humas altiſſimas ſerras, quaſi vinte e ſinco dias, ſem acharem paſſagem pera a outra banda, que parece ſerem os montes Mandius de Ptholomeu.

Por eſte caminho paſſáram os noſſos grandes fomes, porque os Pegús, e Bramás não coſtumavam levar nos exercitos mais que arroz, porque comem todas as cevandilhas da terra, folhas, e raizes de arvores. E tanto que aſſentam ſeus exercitos, logo ſe mettem pelos matos á caça de cobras, lagartos, bogios, uſſos, tigres, e de toda a outra couſa

ſa

ſa peçonhenta, de que fazem ſuas iguarias, que comem com o arroz. Mas os Portuguezes foram comendo á falta de outras carnes, as de alifantes, cavallos, bufaras, e outras a que não eram coſtumados. E no cabo de vinte e ſinco dias, que caminhavam de longo daquellas ſerras, foram dar em huma quebrada que alli faziam, como aquellas dos montes Caſpios, que hoje chamam Derbent. Aqui tinha ElRey de Sião feitos huns muros fortiſſimos, que tapavam aquella entrada, com vinte e ſinco mil homens de guarnição pera ſua defensão.

E porque não havia outro paſſo ſenão aquelle, aſſentou o Bramá ſobre elle ſeu exercito, e commetteo a Diogo Soares de Mello aquelle negocio, e deo-lhe Calagoni, Senhor de Martabão, com trinta mil homens. Diogo Soares de Mello mandou aſſentar algumas peças de artilheria em alguns baſtiáes, que ordenou, com que mandou bater as tranqueiras dos inimigos por muitos dias, ſem lhe fazerem mais damno que pelos altos, por ſerem muito fortes. Os noſſos quaſi que andavam deſconfiados daquelle negocio, e determináram de commetter aquellas tranqueiras por aſſalto, o que prováram por algumas vezes ſem as poderem cavalgar, e tanto porfiáram, que ſe puzeram em ſima com muito riſco ſeu, porque lhe matáram

dous

dous companheiros, e feríram todos os mais, e D. Fernando de Noronha levou huma efpingardada pelo pefcoço, que lho paffou de parte a parte, mas não perigou, porque lhe não tomou a guela. Subida a tranqueira, deram os noffos entrada franca ás gentes de Calagoni, e da outra banda tiveram grandes batalhas com os Siões, em que foram desbaratados de todo. ElRey de Pegú paffou todos os feus exercitos por aquella parte, e foram caminhando por campos muito grandes, e efpaçofos, até haverem vifta da Cidade de Odia, onde aquelle Rey eftava recolhido com feiscentos mil homens de guerra, provído de mantimentos, e munições pera dous annos. O Bramá affentou o feu exercito em huma parte alta, meia legua da Cidade, e a todos os outros Reys feus vaffallos mandou, que cada hum por fi affentaffe o feu em torno delle, de forte que ficaffe impedida a entrada, e fahida; e encommendou a Diogo Soares de Mello a bateria, que fabricou algumas trincheiras em partes mais accommodadas pera baterem a Cidade, e nellas mandou affeftar muitas peças de campo de todas as fortes.

## CAPITULO IX.

*Da deſcripção da Cidade de Sião: e de como o Bramá a commetteo, ſem fazer couſa alguma: e de como foi contra a Cidade de Camambee.*

A Cidade de Odia principal do Reyno de Sião, que he eſta ſobre que o Bramá eſtá, fica pelo rio aſſima quarenta leguas, que he aquelle a que Abrahão Hortelio chama Menaó, que pela ſituação das Taboas de Ptholomeu parece *Doris fluvium*, cujas bocas elle mette em perto de vinte gráos. He eſte rio tamanho, e de tal fundo, que até á Cidade podem chegar juncos, e náos noſſas; ſerá aqui de largura de meia legua. E pela margem delle de huma, e outra parte he todo povoado de lugares, Villas, quintas, palmares, arequaes, e de todas as fruitas da India. Dá-ſe de longo delle muito gengivre, e tantas canas de açucar, que he hum número infinito, de que fazem muito açucar, e hum vinho eſtilado como agua ardente, que bebem. Ha por eſte rio aſſima algumas Tabancas, que são como portagens, em que ſe regiſtão os que vão pera a Cidade, e pagão alguns direitos, e coſtumes. E aſſim meſmo ha muitas Varelas, que são Moſteiros, em que vivem ſeus Reli-

ligiofos, e alguns delles muito fumptuofos, e dourados pelos tectos, e curucheos. Vafa efte rio feis mezes, e enche outros tantos; e no tempo das vafantes vão os navios pera fima á toa, porque he muito alcantilado de ambas as partes. A vafante defce com muito grande ímpeto; mas a enchente tão vagarofa, e branda, que fe não enxerga. E o dia da Lua do derradeiro mez fubitamente arrebenta, e alaga todos aquelles campos, muitas leguas á roda, de feição, que ficam duas, e tres braças de agua. E por efta razão tem os Siões fuas povoações em lugares muito altos, como os moradores do Egypto, e ficão no tempo deftas inundações em Ilheos no meio do mar, e fervem-fe de humas povoações ás outras com embarcações pequenas. Nas coftas da Cidade, que fica pelo rio affima da banda do levante, he a terra mais alta, e pofto que fe alaga, não he tanto.

No tempo que o rio começa a encher, começam os lavradores a lavrar fuas terras, e a femeallas; e quando chegam as enchentes, já o arroz eftá affafonado, e tão alto, que ficam as efpigas por fima da agua; porque he tão fertil, que a palha do arroz he tão groffa como hum dedo, e naquelles quarenta dias, que duram eftes enchentes, vão os lavradores com eftas embarcações, que

são

são infinitas, e nellas muitas feſtas, e tangeres, a ſegar, e a cortar as eſpigas que ficam por ſima da agua, e levam as almadías carregadas pera ſuas povoações, onde tem ſuas eiras. Eſtes dias são os de maior regozijo ſeu, que todos os mais do anno.

No tempo deſtas inundações todas as alimarias do mato, veados, gazellas, tigres, vacas bravas, e outros ſe acolhem aos altos, e alli vam os Siões com muitas embarcações á caça, e dellas os eſtam matando ás eſpingardadas, fréchadas, e ás pancadas, que he huma caça de muito goſto, e recreação. E he tão grande o número deſtas alimarias que matão, que carregam dalli todos os annos muitos juncos de ſeus pellames, e os levam a Japão, onde fazem muito proveito, porque daquellas pelles fazem muitos trajos, quimões, e outras couſas muito lavradas, como cada dia vemos trazer á India, de que fazem formoſos caparazões, baſtardas, couras, e outras curioſidades, porque são as pelles formoſiſſimamente lavradas.

Quando eſte rio quer tornar a vaſar, (que he em outra certa conjunção da Lua,) ſahe ElRey da Cidade com todos os ſeus Grandes, em muitas embarcações muito douradas, e paramentadas com muitas feſtas, tangeres, e inſtrumentos de toda a ſorte; e dizem

zem, que vai ElRey lançar a agua fóra; e esta he a sua maior festa de todas. Tem ElRey mandado pôr hum masto no meio do rio, guarnecido, e forrado de sedas de cores, e nelle pendurada huma formosa joia pera o que mais remar, e chegar primeiro a ella. E póstos todos os navios em ala, arrancão a hum sinal que lhes fazem, e vam remando á porfia, com tamanhos gritos, alaridos, e vozarias, que parece que o Mundo se funde; e o primeiro que chega, leva o preço. E neste curso se encontram huns com os outros, e se quebrão, e se espedação, e desapparelhão dos remos, de maneira, que he huma confusão muito pera ver de fóra. Por onde não são tão barbaros, que em seus jogos, e festas não imitem os antigos Troianos, (porque da mesma maneira Eneas, quando chegou a Sicilia, festejou com o curso de suas galés, pondo curiosos preços pera a mais ligeira.) E depois destes Siões ganharem o preço, tornam a voltar pera a Cidade com tantas festas, gritas, e tangeres, que parece que se desfaz o mar, e a terra em estrondos. Recolhido ElRey á Cidade, como naquella maré, que he a conjunção que começa a vasar a agua, dizem, que o seu Rey a foi lançar fóra; porque estes Gentios todos os attributos que se devem a Deos, os dam aos seus Reys, e

crem

crem que todos os bens lhes vem delles.

Quanto á grandeza da Cidade de Odia, não ha Portuguez que disso possa dar verdadeira informação, porque os não deixam andar por ella; mas póde-se conjecturar por huma experiencia que fez hum curioso, com quem nós communicámos isto.

Este diz, que estando naquella Cidade, desejando de saber a grandeza della, se embarcára em huma daquellas embarcações da terra, pequena, e muito ligeira, com determinação de rodear a Cidade, (que he toda cercada de agua,) e que partíra hum dia de madrugada do bairro dos Portuguezes, e que quando tornára era já alta noite, e affirmava, que por sua estimativa andaria mais de oito leguas. He esta Cidade, como agora dissemos, rodeada do rio, e ella toda cercada de muros de adobes, e não fica antre ella, e o rio mais que hum releixo de oito, ou nove passos. Tem toda á roda formosos baluartes, e muitas guaritas, guarnecido tudo de muita, e mui grossa artilheria de bronze. Na face da Cidade, onde as náos surgem, tem hum arrebalde, que tambem he cercado de muro, com seus baluartes, onde se agazalhão os forasteiros, e he feito a modo de Ilha, e se divide da Cidade por hum esteiro, sobre que estam algu-

gumas pontes pera ſua ſerventia. Tem eſte arrebalde bairros ſeparados pera todas as nações, pera não viverem miſturados, e cada bairro tem ſuas portas com que ſe fecha. A Cidade he toda retalhada de braços do rio, que por muitas partes entram, e tornam a ſahir por outras ao meſmo rio, e em todas eſtas entradas, e ſahidas tem portas fechadas com cancellas mui fortes, e groſſas, por onde abrindo-ſe, entram dentro na Cidade todas as embarcações pequenas. Ha por dentro muitos, e freſcos jardins, hortas, e quintaes pera ſeus paſſatempos, e outras grandezas que deixamos, porque não ſoffre a hiſtoria tanto.

E tornando a ella: o Bramá tanto que aſſentou o arraial, começou a bater a Cidade por muitas partes. ElRey de Sião, a parte de que ſe mais temia, (que era hum baluarte, onde o rio era mais eſtreito, e de menos fundo,) a não quiz fiar ſenão dos Portuguezes, que mandou recolher dentro, que quaſi ſeriam ſincoenta, e elegêram por ſeu Capitão Diogo Pereira, (de que já em outra parte fallámos, ſogro de D. Pedro de Caſtro, irmão do Conde do Baſto, e do Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro, filhos de D. Diogo de Caſtro, e de D. Leonor de Taíde,) que alli eſtava com huma náo ſua, que com muito valor, e esforço de-

defendeo aquella parte, fazendo della muito damno nos Pegús, e Bramás; e sem dúvida, que foram os Portuguezes a total occasião de se não tomar aquella Cidade. E porque as particularidades deste cerco não fazem acaso pera nossa historia, as deixamos.

Vendo o Bramá que tinha gastado o tempo sem ter feito cousa alguma, e que se hiam chegando as crescentes do grande rio Menáo, temendo que se o tomassem naquellas varzeas, o alagassem, e subvertessem, teve modo com que mandou commetter os Portuguezes, que estavam dentro, que ou lhe déssem por alli entrada na Cidade, ou deixassem de pelejar, e defender aquella parte, (porque nisso estava entralla elle,) e que lhes daria a todos tantas riquezas, e ouro, que ficassem todos bem ricos. A isto lhe mandáram os Portuguezes aquella resposta, que os da Cidade de Synania deram ao Consul Bruto, quando os tinha cercados, que vendo a constancia, e valor com que se defendiam, lhes mandou pedir huma somma de ouro, e que levantaria o cerco; ao que lhe respondêram, que seus passados lhes não deixáram ouro pera remirem as vidas, senão armas pera as defenderem.

Esta resposta diz Valerio Maximo, que desejára sahíra da boca de algum Romano,

porque não era digna de ser dada por outra alguma nação. Assim estes valorosos cavalleiros Portuguezes, que estavam em Sião, mandáram dizer ao Bramá, que os Portuguezes não remiam suas vidas senão com as armas, nem vendiam sua lealdade por todo o ouro do Mundo; que soubesse em certo, que em quanto elles fossem vivos, não entraria elle naquella Cidade: e que ainda depois de todos mortos, e espedaçados, se pudesse ser, lha haviam de defender.

Vejam logo quanto mais dignos de louvor, e engrandecer foram estes, que aquelles Romanos, que estando no Capitolio cercados dos Francezes, se resgatáram com ouro.

Vendo o Bramá tão grande desengano, levantou seu exercito, e foi marchando á vante com tenção de ir cercar a Cidade de Camade, ou Campape, como lhe alguns chamam, que era a segunda do Reyno, e onde o Sião tinha todos os seus thesouros, e assim de longo daquelle formoso rio Menaó foi caminhando vinte dias, até chegar áquella Cidade, que era muito grande, e formosa, cercada toda á roda com seus baluartes, e guaritas, e com huma formosissima cava. Estava dentro hum Capitão Sião com duzentos mil homens de peleja, e com todos os provimentos necessarios pera muitos

tos tempos. O Bramá aſſentou ſeus exercitos derredor da Cidade, e deo o cargo de a combater a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes, que depois de feitas ſuas trincheiras, vallos, e repairos, e prantar as peças de artilheria, começou por huma parte a bater a Cidade, e por outra a entulhar a cava por algumas partes, pera poder chegar a picar o muro, o que tudo de dentro lhe defendêram, e atalháram com muito fogo, deſarmando em vão todos os trabalhos, que naquelle negocio tinham commettido.

Calagoni, Senhor de Martabão, que era homem muito aviſado, e eſperto, mandou fabricar hum grande caſtello de tres ſobrados, ſobre grandes rodas, e máquinas mui fortes, guarnecido por fóra de traves, e maſtos mui groſſos, fechados com ferragens fortiſſimas pera poderem ſuſtentar a furia da artilheria. E depois de acabado com grande cuſto, e trabalho, o fez chegar ao muro com os alifantes, pera por elle o entrar, levando dentro muitos homens de eſpingardas, e algumas peças de artilheria, e muitas panelas de polvora, e outros artificios de fogo. Os de dentro vendo abalar aquella máquina, (que era huma couſa eſpantoſa,) mettêram em algumas bombardas groſſas huns virotões de páo ferro, tão groſſos como entenas, e nas cabeças atraveſſadas em cruz

humas traves grandes ferradas, e pondo fogo ás bombardas, deram aquelles virotões no caſtello com tamanho terremoto, que o desfizeram por ſima; e dando-lhe com outros, o acabáram de deſmanchar, e arruinar de todo. O Bramá andava affrontado de não fazer naquella jornada alguma couſa notavel, e os noſſos tambem andavam bem deſconfiados.

Athanaſio de Aguiar, que era hum ſoldado valoroſo, ordenou humas muito groſſas, e fortes mantas com grandes traves, e taboões ferrados por ſima, e com muitas rodas, com que as fez encoſtar ao muro, que mandou picar por huma grande multidão de gaſtadores Pegús, e Bramás, e começáram a fazer alguns pequenos poſtigos. Os de dentro acudíram áquella parte com muitos artificios de fogo, que lançáram ſobre as mantas, e ſe conſumiam elles ſem fazerem nenhum nojo aos que trabalhavam. Vendo os Siões que nada daquillo aproveitava, por cauſa das mantas com que ſe amparavam os que trabalhavam debaixo dellas, e que eſtavam arriſcados a ſe perderem por alli, começáram a fazer repairos por dentro; e não curando já do fogo, por verem que não impeciam com elle aos Pegús, e Bramás, que os tinham cercados, uſáram d'outro ardil, e eſte foi, que enchêram muitas jarras

de

de çujidade de gente, delida com ourina, e dando com ellas do muro abaixo em ſima das mantas ſe fizeram em pedaços; e aquelle çujo, e fedorento licor coando-ſe pelas gretas do taboado, foi calar abaixo, e deo ſobre os que trabalhavam, e em lhes tocando aquelle fedorento material, largáram logo tudo, e ſe recolhêram pera as ſuas eſtancias por não poderem ſoffrer tão máo cheiro, e paſmados daquelle negocio, diziam que os Siões eram diabos, porque quando lhes não aproveitavam as armas ordinarias, pelejavam com outras, de que nunca outra alguma nação do Mundo uſou, e contra quem não havia repairo algum. O Bramá vendo o tempo gaſtado, depois de paſſadas as enchentes, levantou ſeu exercito, e ſe recolheo pera ſeus Reynos pelo meſmo caminho que levou.

## CAPITULO X.

*De como faleceo o Governador Garcia de Sá: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.*

DEpois que entrou o Inverno, não ſe occupou o Governador Garcia de Sá em outra couſa mais, que em reformar a Armada, e mandar dar preſſa aos navios, que tinha começados, viſitando os mais dos dias

dias a ribeira, armazens, e a caſa da polvora. E na entrada do mez de Junho deſta era de 1549 em que andamos, adoeceo de humas febres agudas; e como era homem de ſetenta annos, logo o cortáram de feição, que deo ruins ſinaes de ſua ſaude; e entendendo os Medicos que ſe lhe hia chegando ſeu termo limitado, aviſáram diſſo o Biſpo, pera que lhe diſſeſſe, que trataſſe das couſas de ſua alma, como fez. E entendendo elle aquella verdade, largou tudo por mão, e ſe fechou pera tratar do que lhe convinha, confeſſando-ſe muito devagar, e tomando os Divinos Sacramentos, e depois fez ſeu teſtamento, e cumprio com todas as couſas de verdadeiro Chriſtão, e temente a Deos; e aos treze dias do dito mez faleceo deſta vida preſente, com grandes exteriores de arrependimento de ſeus peccados. Eſtiveram com elle o Biſpo, os Padres de S. Franciſco, de S. Domingos, e da Companhia, que o conſoláram, e lhe lembráram as couſas que convinham á ſua alma. Foi ſua morte muito ſentida de todos, porque era Fidalgo muito brando, affavel, humano, e tão deſintereſſado, que com haver ſido duas vezes Capitão de Malaca, e huma de Baçaim, e hum anno Governador da India, não tinha de ſeu mais que o dote que deo a ſuas filhas, que não paſ-

paſſou de vinte mil cruzados a cada huma. Falecido o Governador, ſe abrio ſeu teſtamento, e acháram por ſeus teſtamenteiros ſeus genros. Mandava que ſeu corpo foſſe enterrado na Capella mór de noſſa Senhora do Roſario, no chão ao pé da ſepultura de ſua mulher D. Catharina, e que foſſe veſtido no habito do Padre S. Franciſco, como ſe fez. Foi acompanhado de todas as Ordens, Cabidos, e Freguezias, e de todos os Fidalgos, veſtidos de preto, e da Irmandade da Miſericordia.

Foi eſte Fidalgo filho de João Rodrigues de Sá, o primeiro Alcaide mór do Porto: era homem de boa eſtatura, muito gentilhomem, e tão alegre, que alegrava a todos; tinha huma muito alva, e veneranda barba, que lhe dava pelos peitos; foi homem de muita verdade, grande conſelho, e muito zeloſo do ſerviço de ElRey; foi de muito boas reſpoſtas, e nunca deo eſcandalo público em quanto andou na India, ſenão aquelle da mãi de ſuas filhas, antes que a recebeſſe por mulher. Fez de novo ſinco, ou ſeis galeões, e caravelas, e muitas fuſtas; mandou reformar as fortalezas de Ormuz, Dio, e Cananor. Deixou nos armazens duas mil eſpingardas, que mandou fazer em Cochim, Coulão, e Ceilão, e em outras partes. Fez de novo a caſa da pol-

vo-

vora, onde hoje eftá, proveo-a de novos engenhos, e encheo os armazens de mantimentos, cotonias, cifas, remos, e de tudo o mais. Não fez dividas no Eftado, e pagou algumas velhas. Não ficou delle pofteridade no Mundo, mais que fua bifneta D. Joanna de Noronha, filha de D. Garcia de Noronha feu neto, (como pouco ha differmos,) que por não ter fua mãi dote que lhe dar, a metteo Freira no Mofteiro de Aveiro, fegundo nos differam. Não deixou efte Governador morgados na terra, que he final que lhos teria o Senhor guardado no Ceo, onde fua alma iria defcançar perpetuamente. Governou hum anno, hum mez, e fete dias.

DE-

# DECADA SEXTA.
# LIVRO VIII.
## Da Hiſtoria da India.

### CAPITULO I.

*De como por morte do Governador Garcia de Sá ſuccedeo na governança da India Jorge Cabral: e da Armada que eſte anno de 1549 partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Alvaro de Noronha.*

Levado o corpo do Governador Garcia de Sá a noſſa Senhora do Roſario, depois de ſe lhe fazer o Officio muito ſolemnemente, primeiro que foſſe enterrado, abrio o Veador da Fazenda o cofre, em que eſtavam ainda duas ſucceſsões da governança da India, de ſinco que El-Rey tinha mandado na Armada de Manoel de Mendoça, e tirou a quarta, (porque na terceira tinha ſuccedido Garcia de Sá,) e deo-a

deo-a ao Capitão D. Francisco de Lima, que com o Licenciado Antonio de Barbuda, Ouvidor Geral da India, a examinou, pera ver se se tinha nella bolido; e achando-a pura, e sem se nella tocar, a deo ao Secretario que a abrio, e lendo-a alto se achou nella Jorge Cabral, que estava por Capitão de Baçaim, o que todos estimáram muito, porque era hum Fidalgo, em que havia todas as partes necessarias pera o cargo. E vendo que estava em Baçaim, donde não podia vir senão em Setembro, se abrio o Regimento que na India havia sobre este negocio, e se achou que mandava ElRey: » Que succedendo algum Governador nas » vias, estando fóra de Goa desdo cabo do » Comorim até á ponta de Dio, se esperas- » se por elle, e entre tanto governasse a In- » dia o Bispo, Capitão da Cidade, e Ou- » vidor Geral; e que estando destes limites » pera fóra, se não esperasse por elle, e se abris- » se a outra succesão, » ( o que ElRey mandou ordenar depois daquellas grandes differenças que houve antre Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio, como temos contado na quarta Decada no Cap. VI. do Liv. II. ) E porque o Bispo, D. Francisco de Lima, e o Ouvidor Geral estavam presentes, lhes fez o Veador da Fazenda entrega da India, até vir o Governador Jorge Cabral,

de

de que se fez hum Termo, em que todos se assignáram. Passado isto, foi o corpo do Governador Garcia de Sá enterrado, e os Regentes se recolhêram, e começáram a correr com as cousas do governo, e despedíram logo correios por terra com cartas pera o Governador, em que lhe faziam a saber de sua succesśão. Estas cartas lhe chegáram primeiro, que se acabasse o mez de Julho; e vendo-as elle, e sabendo da morte do Governador Garcia de Sá, e de sua succesśão, sentio muito sua morte, e não se alvoroçou com a governança, antes esteve pera a não acceitar; porque se as cartas que se mandáram por terra a ElRey da morte do Viso-Rey D. João de Castro chegáram antes das náos serem partidas, sem dúvida viria Governador nella; e quando não, não poderia faltar no Setembro seguinte. E que pera se arriscar a não ser Governador mais que hum mez, ou quando muito hum anno, muito melhor lhe era deixar-se estar em Baçaim, e acabar quatro annos, que tinha daquella Capitanía, e ir-se pera o Reyno com cousa com que pudesse viver, e não depois de Governador embarcar-se pobre, e sem cousa alguma, e assim ficou suspenso, sem se saber determinar. Mas sua mulher, que era vã, como o são todas, lhe disse: » Que » melhor era ser quinze dias Governador da

In-

» India, que dez annos Capitão de Baçaim;
» e que já ElRey lhe ficava em mais obri-
» gação, e lhe havia de fazer differentes hon-
» ras, e mercês. » A Cidade de Baçaim acudio logo ao novo Governador, e lhe fez muitas feſtas, e elle ſe começou a negociar pera ſe partir pera Goa, mandando pera iſſo armar alguns navios muito ligeiros, em que ſe embarcou aos oito dias de Agoſto, e aos quinze dias de noſſa Senhora da Aſſumpção chegou á barra de Goa, e deſembarcou em Pangim, onde os Regentes lhe foram entregar a India, e depois entrou na Cidade, onde ſe lhe fez o recebimento coſtumado, e começou a entender nas couſas do governo. E a primeira que fez, foi deſpachar Franciſco Barreto pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, de que era provído, e mandou dar preſſa á Armada, e lançalla ao mar, porque determinava de ir a Cochim, por andarem as couſas d'antre o Çamorim, e ElRey de Cochim muito rotas, e os odios antigos muito accezos.

E ſendo alguns dias paſſados de Setembro, ſurgíram na barra de Goa quatro náos, de ſinco que do Reyno partíram, de que era Capitão mór D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que vinha deſpachado com a Capitanía de Ormuz. Os mais Capitães de ſua conſerva

eram

eram Diogo de Mendoça, Jacome Triſtão, e João Figueira. Da outra que faltava, era Capitão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fuſta ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. II. do I. Liv. fica dito,) que em Outubro foi tomar Cochim. Vinha com elle embarcado Rax Nordim, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que o pai mandou pera Portugal na Armada de Lourenço Pires de Tavora, como no principio deſta Decada ſe vê, no Cap. III. do IV. Liv., que eſteve tres annos no Reyno com grandes gaſtos, e deſpezas, e ſempre lhe fez ElRey tantas honras, que nos ſerões Reaes o mandava aſſentar nos degráos do eſtrado com os filhos do Duque de Bargança; e ſervia huma Dama daquellas, a que mandava muitas peças, e brincos, muito ricos, e curioſos, e ella o favorecia pelo honrar. E depois de ſer Guazil de Ormuz, foi áquella fortaleza hum irmão deſta Senhora, mancebo o mais gentil-homem de ſeu tempo, e ſabendo o Guazil delle, o foi buſcar, e lhe deo muito dinheiro, e peças ricas. Deſpachou ElRey a Rax Nordim com os cargos de Guazil do Reyno de Ormuz, e com o de Juiz da Alfandega daquella Cidade, aſſim como ſeu pai os tinha por ſua morte.

Eſte Diogo Botelho Pereira, por aquella ida que fez ao Reyno na fuſta, não lhe quiz

quiz ElRey refponder muitos annos a feus requerimentos, e depois lhe deo a Capitanía de S. Thomé, onde adoeceo de hydropefia, e engroffou tanto como hum tonel, e fe foi pera o Reyno; e efte anno o defpachou ElRey com a Capitanía de Cananor, e fe embarcou affim enfermo, e groffo; e affirmava-fe, que bebia dous almudes de agua cada dia. Entrou logo na fua Capitanía, que não logrou, porque morreo no primeiro anno.

Antes que efta Armada partiffe do Reyno, foi ElRey avifado, que em Hefpanha fe faziam finco náos preftes pera paffar a Maluco, e que o Capitão mór dellas era o mefmo Fernão de la Torre, que Fernão de Soufa de Tavora trouxe de Maluco; e que os outros Capitães eram D. Alonfo Henriques, Pero Pacheco, Gonçalo de Avalos, e João Cayetano, que todos tinham ido a Maluco em companhia de Ruy Lopes de Villa-Lobos. Difto avifou ElRey ao Governador, e lhe mandou que proveffe naquellas coufas, e que mandaffe huma Armada a Maluco; o que elle determinou fazer como foffe tempo. E porque a cofta do Malavar não ficaffe defamparada, defpedio por Capitão mór della Francifco de Siqueira o Malavar, (de quem muitas vezes temos fallado na quinta Decada, nos foccorros do pri-

primeiro cerco de Dio, ſendo Capitão daquella fortaleza o grande Antonio da Silveira,) que era grande Capitão, e entendia a guerra muito bem, e tinha deſtruido o Malavar, como quem ſabia as entradas, e ſahidas; e pelos muitos ſerviços que tinha feito ao Eſtado, o fez ElRey D. João Fidalgo, e lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença. Levou doze navios, com que andou a mór parte do verão por aquella coſta, fazendo-lhe toda a guerra que pode. E o Governador ficou dando deſpacho a outras muitas couſas, e aviamento ás náos pera irem tomar a carga a Cochim.

## CAPITULO II.

*De como o Rey da Pimenta ſe paſſou á parte do Çamorim perfilhando-ſe com elle: e do recado que o Governador teve diſſo.*

OS Reys de Cochim (como já algumas vezes temos dito) ficam tendo antre toda aquella Gentilidade do Malavar toda a ſuperioridade no eſpiritual, como Bragmane mór que he. E por hum muito antigo coſtume, que não podemos bem averiguar, são obrigados os Reys da Pimenta a lhe darem ſuas mulheres, e filhas pera as levarem de ſua honra, que he a maior que ſe lhes póde fazer, quando casão; porque to-

todos estes Gentios do Oriente tiveram sempre em seus costumes o intento em suas delicias, e torpezas, que não póde ser maior na vida, que quando estas Princezas casão, entregarem-nas primeiro ao Rey, que a seus maridos, havendo que com isso ficavam purificados. E assim depois disto, todos os filhos que ellas parem, sejam cujos forem, são havidos, e perfilhados pelo Rey de Cochim, e elle os recolhe, e cria como filhos. E como o Principe de Bardela se creava por esta razão com ElRey de Cochim, tinha tanta amizade com os Portuguezes, que hia a Cochim ver as festas, touros, e canas, porque naquelle tempo tudo eram regozijos, e desenfadamento. E assim este verão passado, parindo a mulher do Rey da Pimenta, mãi daquelle Principe, foi Francisco da Silva, Capitão de Cochim, com todos os casados a Bardela, onde residia, e lhe festejou o parto com lhe jogar as canas, e com outros passatempos; e algumas vezes foi ajudar aquelle Rey nas guerras que tinha contra ElRey de Porcá seu vizinho, tudo á conta de ElRey de Cochim.

Este Principe, que já era Rey da Pimenta, por certos aggravos que teve de ElRey de Cochim, que o creára como pai, determinou de se passar á parte do Çamorim, pera o que se carteou com elle, e tratou de

se

ſe verem, o que o Camorim grangeou muito, e lhe mandou ſobre iſſo cartas mui honroſas, e de grandes offerecimentos, com que elle ſe fez preſtes pera ſe paſſar a Calecut.

Deſtes tratos foi aviſado ElRey de Cochim, e o Capitão, que ſentio muito aquelle negocio, e tratou de o impedir por todas as vias que pudeſſe, pelo grande prejuizo que ſe ſeguiria ao Eſtado daquellas lianças; porque ſe aquelles Reys ſe ajuntaſſem, ſería total deſtruição do Reyno de Cochim, e ficariam as náos do Reyno ſem terem porto, nem eſcala aonde foſſem carregar, nem a pimenta, que era o mais importante de tudo, porque logo os Mouros a haviam de haver toda pera ſi, e paſſalla a Meca, que era o que elles muito pertendiam, porque com a noſſa entrada na India lhes arrancámos das mãos aquelle trato, com que todos vieram a empobrecer. E lançando Franciſco da Silva ſuas contas a tudo, ſe foi ver com ElRey de Cochim ſobre aquelle negocio, e o perſuadio a emendar os aggravos de que ſe o Principe queixava, ao que ElRey diſſe: » Que faria tudo o que » naquelle negocio lhe pareceſſe bem, e que » tomaſſe elle á ſua conta acaballo com elle. »

Com eſta reſpoſta ſe paſſou logo Franciſco da Silva a Anche Queimal, onde aquelle Principe eſtava, e o foi viſitar; e no

difcurfo da vifita lhe pedio : » Que fe def-
» ceffe da opinião em que eftava, e que fe
» lembraffe que ElRey de Cochim era feu
» pai , e que o creára fempre com muito
» amor; que não era razão que por peque-
» nos aggravos fizeffe tão grande mudança,
» como paffar-fe ao Çamorim , que era o
» mór inimigo que tinha; que elle acabaria
» com elle que o fatisfizeffe em tudo , e
» que lhe lembrava a muito antiga amiza-
» de que tinha com os Portuguezes , que
» fempre fe moftráram grandes feus amigos,
» e o fervíram em todas fuas guerras con-
» tra feus vizinhos ; e que pela mefma ra-
» zão que ficaffe inimigo de ElRey de Co-
» chim, ficavam os Portuguezes feus delle ; »
e com ifto lhe diffe outras muitas coufas.
Mas o Principe como eftava com aquelle ap-
petite , diffe : » Que elle entendia mui bem
» o que lhe importava aquelle negocio , e
» que já fe não havia de defcer de fua opi-
» nião. » Vendo-o Francifco da Silva tão re-
foluto , e determinado , lhe diffe : » Que dal-
» li por diante teria o Eftado por feu inimi-
» go , e que como a effe lhe faria toda a
» guerra que pudeffe, por mar, e por terra,
» até o deftruir de todo. » E apartando-fe
delle, mandou logo apregoar guerra a fo-
go, e a fangue. E defpedio Fernão Rodri-
gues de Mariz com algumas embarcações pe-
ra

ra tomar os paſſos por onde aquelle Principe havia de paſſar pera Calecut. O que elle fez de feição, que não tendo aquelle Principe outro remedio, paſſou ſó, e disfarçado pelo pé do Gate, e aſſim foi ter a Calecut, onde o Çamorim o recebeo com muitas honras, e fez com elle novas perfilhações, por eſta maneira.

» Que elle perfilhava o Çamorim em ſeu » Principe, herdeiro de ſeu Reyno por ſua » morte, poſto que já tinha Principe herdei» ro; e que o Çamorim perfilhava o Prin» cipe herdeiro do Reyno da Pimenta, em » Principe ſegundo herdeiro do Imperio de » Calecut por falecimento do Principe ſeu » ſobrinho, que era o direito herdeiro. O » que o Principe da Pimenta pelo muito que » ganhava, ſe vieſſe a ſer herdeiro do Rey» no de Calecut, porque pela meſma razão » o ficava ſendo tambem do Reyno da Pi» menta. » A eſtas perfilhações ſe fizeram grandes feſtas em Calecut, a que acudíram todos os Principes Malavares do bando do Çamorim. Franciſco da Silva deſpedio logo hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador Jorge Cabral, em que lhe dava conta de todas aquellas couſas, e que era neceſſario acudir a ellas em peſſoa, porque começava a haver impedimentos nos rios por onde corria a pimenta. ElRey de Cochim

começou a ajuntar ſuas gentes pera acudir áquellas couſas, pelo muito que lhe importava.

## CAPITULO III.

*De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim: e das couſas que paſſáram naquella Cidade, em quanto nella eſteve: e de como ElRey da Cota lhe mandou pedir ſoccorro contra o Madune.*

POucos dias depois das náos do Reyno chegadas, teve o Governador cartas de Franciſco da Silva, Capitão de Cochim, em que lhe dava conta das alterações que havia antre aquelles Reys, do que ficou enfadado, porque bem entendia que eram trabalhos que ſe levantavam contra o Eſtado, e que lhe era neceſſario acudir a iſſo em peſſoa; porque receou que ſe o não fizeſſe, não haveria carga de pimenta pera as náos, e mandou dar preſſa a toda a Armada. E na entrada de Outubro deſpedio Baſtião de Sá, o Çapeca, por Capitão mór do Malavar, com huma galé, e vinte navios de remo, de cujos Capitães não achámos os nomes, e elle ficou dando deſpacho ás náos pera as deſpedir pera Cochim, como logo fez por todo Outubro. O Governador deo expediente a muitas couſas outras, e começou-ſe a embarcar, entregando o governo

ao

ao Bispo, e ao Capitão da Cidade, e ao Ouvidor Geral, que era o Licenciado Christovão Fernandes; e meado o mez de Novembro deo á véla, levando antre galeões, caravelas, e galés mais de trinta, e de navios de remo perto de sessenta. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram nas vazilhas grandes, e galés (porque aos das fustas não achámos os nomes) são os seguintes.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, D. João Henriques, Jorge de Mendoça, João de Mendoça Cação, outro João de Mendoça o Chú, D. Jorge de Castro, Pantaleão de Sá, Martim Affonso de Mello Pereira o Ombrinhos, Manoel de Sousa de Sepulveda, Martim Affonso de Miranda, Francisco de Mello Pereira, Fernão de Sousa de Castello-branco, Gonçalo Vaz de Tavora, Pero Botelho, Fernão Gomes de Sousa, Belchior Botelho, que hia por Veador da Fazenda da carga das náos, Pedro Affonso de Avelar, Diogo Botelho, Nuno Alvares Carneiro, Escrivão da Matricula, que hia em huma caravela, com todos os Officiaes daquelle cargo, pera em Cochim fazerem os despachos dos Officiaes das náos, e de outras pessoas que se hiam pera o Reyno, (porque todos os annos hiam lá estes Officiaes a isso, por

se

ſe haver por melhor aviamento das partes, )
porque como todos os homens de todas as
partes da India, que ſe querem ir pera o
Reyno, vam buſcar as náos a Cochim, achavam
alli ſeus deſpachos.

Partido o Governador, foi em poucos
dias a Cochim, e tomou caſas em terra, começando
a entender na carga das náos; mas
como o Rey da Pimenta eſtava lançado com
o Çamorim, começou a faltar, porque ſe
impedia a paſſagem della pelo rio abaixo,
por Mouros que eſtavam em hum forte. O
Governador mandou hum Capitão, a que
não achámos o nome, com quinhentos homens
pera os tirar dalli, o que elle fez,
commettendo-os huma madrugada; e poſto
que achou muita reſiſtencia, por ſerem os
de dentro mais de oitocentos, foi o forte entrado,
e os mais dos Mouros mettidos á eſpada,
e o forte derribado, queimado, e
poſto por terra, ficando eſte Capitão naquelles
rios, favorecendo a paſſagem aos mercadores,
que traziam a pimenta de ſima da
ſerra, e ao pé a embarcavam em toneis, em
que a levavam ao pezo, e Feitoria de El-Rey;
mas não corria tanta quanta era neceſſaria.

Não havia muitos dias que o Governador
era chegado, quando lhe veio hum Embaixador
de ElRey da Cota, que como vaſ-

ſal-

ſallo de ElRey de Portugal , lhe mandava pedir com muita piedade » o quizeſſe ſoc-
» correr , porque eſtava no derradeiro eſtre-
» mo de perder ſeu Reyno ; porque o Ma-
» dune , Rey de Ceitavaca ſeu irmão , lhe ti-
» nha tomado a mór parte delle , e o tinha
» cercado na Cidade da Cota , em muito riſ-
» co de ſe perder ; que aquelle Reyno era
» de ſeu neto , que ElRey de Portugal lhe
» tinha concedido , e o alevantára na Cida-
» de de Lisboa por herdeiro delle , e que o
» Madune lho queria tomar ; que lhe pedia
» o ſoccorreſſe com muita gente , que elle
» daria logo dez mil cruzados em pimenta
» pera a carga de huma náo de Portugal ,
» que entregaria ao Capitão mór que lá foſ-
» ſe ; e que daria mais de pareas cento e
» ſincoenta bares de canela , além dos tre-
» zentos que já pagava ; e que daria logo
» dez alifantes pera o ſerviço das ribeiras das
» Armadas de ElRey de Portugal. »

Ouvida a Embaixada , poz o Governador aquellas çouſas em conſelho dos Capitães , e Fidalgos , que aſſentáram todos : » Que ſe
» devia de dar ſoccorro áquelle Rey , tanto
» porque era vaſſallo do de Portugal , e pe-
» los partidos que offerecia , quanto por ata-
» lhar que o Madune ſe não vieſſe a fazer
» Senhor daquella Ilha , porque daria mui-
» to grande trabalho ao Eſtado , e ElRey
» de

» de Portugal perderia os proveitos que del-
» la tinha.

Concluido isto, elegeo o Governador pera aquella jornada D. Jorge de Castro seu tio, irmão de sua mãi, e lhe nomeou seiscentos homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e mandou negociar os navios que havia de levar, pera cujas despezas deo logo o Embaixador os dez mil cruzados que offereceo. O Governador mandava dar pressa á Armada, e ás náos, que tudo determinava despedir entrada de Janeiro.

Succedeo neste tempo andar Jacome Tristão, Capitão de huma das náos, fazendo seu negocio na rua direita hum dia pela manhã, e estando bem descuidado, prepassou por elle hum homem em trajos de escravo, e deolhe com huma machadinha pelo rosto tamanho golpe, que lhe derribou ambos os queixos, e descendo ás guelas lhas cortou, cahindo logo morto no chão; e o que lhe deo escoou-se por antre a gente de feição, que nunca mais appareceo. O Governador sentio muito aquillo, e mandou tirar grandes inquirições sobre o caso; mas nunca se achou rasto de cousa alguma. Suspeitou-se que lhe nascêra aquillo de hum Christovão de Castro, que com elle viera na náo, com quem teve humas palavras na viagem. Este homem

mem na volta deſtas náos o mandava ElRey levar prezo pera o Reyno, de que elle parece foi aviſado, e ſe metteo Frade. Depois no anno de ſincoenta e oito, indo pera o Reyno com D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, (quando ſe perdeo na Ilha de São Lourenço, como em ſeu lugar diremos,) ficou na náo com outros Frades, porque querendo-os D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos tomar no batel, não ſe quizeram ſahir da náo por ficarem confeſſando, e conſolando os que ficavam nella, onde todos acabáram. A Capitanía deſta náo deo o Governador a João de Mendoça o Chú, que ſe foi nella pera o Reyno. O Governador deo preſſa á carga, e á eſcritura do Reyno, e até dez de Janeiro deſpedio as náos, que tiveram tão boa viagem, que todas chegáram a ſalvamento a Lisboa por todo o mez de Julho, tendo ElRey deſpedido no Março paſſado a D. Affonſo de Noronha por Viſo-Rey da India, como logo adiante diremos.

## CAPITULO IV.

*De outro recado que o Governador Jorge Cabral teve de Ceilão do Principe de Candea: e de como D. Jorge de Caſtro partio pera Ceilão: e do que o Governador fez em Cochim até ſe recolher: e o que aconteceo a Baſtião de Sá no Malavar.*

DEſpedidas as náos, ficou o Governador dando preſſa á Armada de D. Jorge pera a deſpedir logo; e tendo-a já preſtes, lhe chegáram cartas dos Padres de São Franciſco, que eſtavam no Reyno de Candea, em que lhe pediam, que mandaſſe alguma gente em favor do Principe daquelle Reyno, porque ſe queria fazer Chriſtão. E porque he neceſſario darmos particular razão das couſas deſte Principe, o faremos. Tinha eſte Rey de Candea hum filho legitimo, chamado Caralea Bandar, que era herdeiro do Reyno. Eſte Principe teve maneira com que fez com o pai que ſoltaſſe os Frades de S. Franciſco, (que prendeo, quando Antonio Moniz Barreto foi áquelle Reyno, como atrás temos contado no Cap. VIII. do IV. Liv.,) que tomou tão grande amizade com Fr. Paſcoal, que era ſeu Commiſſario, que o commetteo o Padre pera ſer Chriſtão, prégando-lhe muitas veze das couſas

ſas de noſſa Fé, a que ſe elle hia inclinando, e affeiçoando, de maneira, que lhe não faltava mais que receber a agua do ſanto Baptiſmo. Diſto foi o pai aviſado, e tratou de matar o filho, e de dar o Reyno a outro baſtardo que tinha, chamado Comar Singa Adaſana, a que queria muito grande bem. Deſtas couſas teve o Principe atoardas, ou aviſo de dentro da caſa do pai; e querendo fugir á ſua ira, tomou comſigo os Frades, e ſe foi pera huma ſerra do Reyno de Huná, e com muita gente que o ſeguio, fazia dalli guerra ao pai.

De todas eſtas couſas aviſáram os Padres ao Governador por aquellas cartas que lhe mandáram, pedindo-lhe que mandaſſe ſoccorrer aquelle Principe contra o pai, que lhe queria tomar o Reyno, e dallo a outro, porque ſe queria fazer Chriſtão. Iſto eſtimou o Governador muito, e deo por regimento a D. Jorge de Caſtro, que tanto que acabaſſe as couſas de Ceitavaca, paſſaſſe ao Reyno de Candea, e caſtigaſſe aquelle Rey pela traição de que uſou com Antonio Moniz Barreto.

Eſta Armada partio na entrada deſte Janeiro do anno de 1550, em que com o favor Divino entramos; e a nenhum dos Capitães, e peſſoas principaes, que neſta jornada ſe acháram, ſoubemos os nomes, e de

ſua

ſua jornada adiante daremos razão. Partida eſta Armada, tratou o Governador com El-Rey de Cochim ſobre as couſas que cumpriam, pera ſe atalharem as pertenções do Rey da Pimenta, e Çamorim. E porque já não havia outro meio, ſenão levar o negocio por guerra, aſſentáram como ſe lhe havia de fazer, encarregando ao Capitão fazer-lhe por mar toda a que pudeſſe, pera o que lhe deixou navios, e gente pera andarem por aquelles rios. E que ElRey de Cochim, com todos os ſeus alliados, lha fizeſſem por terra.

Aſſentadas eſtas couſas, e ordenadas, ſe deſpedio o Governador de ElRey, e a Cidade, e ſe embarcou pera Goa, deixando de Cochim até Panane Fernão Rodrigues de Caſtello-branco com oito navios, e pera ſe recolher a invernar a Cochim; e Baſtião de Sá com a ſua Armada na coſta, onde andava; e elle chegou a Goa no fim de Janeiro.

Baſtião de Sá andou pela coſta do Malavar todo o reſto do verão, fazendo ao Çamorim toda a guerra que pode, dando-lhe em muitas povoações, e tomando-lhe muitos navios, e defendendo-lhe os mantimentos de feição, que poz aquelle Reyno em muitas neceſſidades. E ſendo tempo de ſe recolher a invernar a Goa, o fez, paſſando pela

la costa do Canará, onde recolheo as pareas, que aquelles Reys costumavam a pagar. Só os Chatins da Cidade de Barcelór se refusáram a dar setecentos fardos que lhes pediam, dizendo: » Que elles não tinham » obrigação alguma que os obrigasse a isso, nem elles estavam penhorados a elles, » nem por pareas, nem por contratos de pazes; porque se alguns annos os pagáram, » foi porque de suas proprias vontades offerecêram ao Governador Martim Affonso » de Sousa aquelles setecentos fardos de arroz, em modo de serviço, e não de obrigação; que quando lhes mostrassem alguma sua, então não tinham que fazer. » Bastião de Sá lhes mandou dizer: » Que bastava a posse em que ElRey estava de oito, ou nove annos; e que pois elles todos esses annos os pagavam aos outros Capitães móres, elle se não havia de levantar de sobre aquelle porto, sem os levar. » Vendo os Chatins, e Governadores da Cidade aquella determinação, lhe mandáram os setecentos fardos de arroz; e logo despedíram dous Procuradores, homens antre elles principaes, chamados Trametim Chatim, e Drimy Chatim, pera irem tratar aquelle negocio com o Governador.

Estes homens foram a Goa, e o Governador Jorge Cabral os ouvio mui bem, e el-

elles em nome de ſua Republica lhe diſſeram: » Que os Capitães móres do Malavar » os obrigavam a lhe darem ſetecentos far- » dos de arroz cada anno, não tendo elles » obrigação alguma pera iſſo; mas ſómen- » te porque de ſuas livres vontades os de- » ram, e offerecêram ao Governador Mar- » tim Affonſo de Souſa de ſerviço. E por- » que elles deſejavam de ter paz, e amiza- » de com o Eſtado da India, e ſeus Gover- » nadores, e eſtarem debaixo de ſua guarda, » e amparo, que haviam por bem os Rege- » dores daquella Cidade de Barcelór de da- » rem, e pagarem cada anno de pareas qui- » nhentos fardos de arroz pera ajuda das Ar- » madas, e que os pagariam em Outubro, » (que era o tempo em que a novidade ſe » recolhia. ») O Governador vendo ſuas razões, e ſabendo da caſa dos Contos que não havia obrigação alguma dos ditos fardos de arroz, lhes acceitou os quinhentos fardos, de que os Procuradores daquella Cidade lhe fizeram ſuas obrigações, e o Governador lhes paſſou carta de vaſſallagem, em que ſe obrigava elle, e todos os Governadores da India a favorecerem os moradores daquella Cidade, e que lhes não ſería feito aggravo, nem ſem razão alguma; e que lhes dariam ſeguros, e cartazes pera ſuas náos, e navios poderem navegar por aquel-

la

la costa seguramente. Com isto se despedíram os Procuradores satisfeitos, e contentes, e correrêram dalli por diante os Regedores daquella Cidade com a obrigação destas pareas muito bem, sem nunca deixarem de as pagar.

## CAPITULO V.

*De como o Governador Jorge Cabral despachou D. Alvaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: e da Armada que mandou em sua companhia, de que foi por Capitão mór Luiz Figueira: e das novas que a Goa vieram de galés: e de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tavora a espiallas: e da Armada que mandou a Maluco, de que foi por Capitão mór D. Rodrigo de Menezes.*

CHegado o Governador a Goa, tratou logo de despachar D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, pera ir entrar na Capitanía de Ormuz. E porque andavam humas novas surdas de galés, sem se saber donde vieram, ordenou de mandar huma Armada ao Estreito pera ficar invernando em Ormuz pera segurar aquella fortaleza. E mandou negociar dez navios de remo, elegendo pera esta jornada Gil Fernandes de Carvalho, irmão de Ruy de Sousa de Carvalho, que os Mouros

ros matáram em Tangere. E depois de lhe ter promettido esta Armada, desejou de a dar a Luiz Figueira, filho do Estribeiro mór do Infante D. Luiz, e diziam, que pelo tirar de Goa, por respeitos que se calão; e pera isto negou a Gil Fernandes de Carvalho cousas, e Provisões que lhe pedia, porque elle desgostasse da jornada, como fez, enjeitando-a ao Governador, que era o que elle muito desejava, e logo a deo a Luiz Figueira, e mandou dar pressa a seu aviamento. Gil Fernandes de Carvalho, que era hum Fidalgo muito pontual, vendo que todavia o Governador desconcertára com elle, e dera a Armada a outro, (porque não sabia a razão que naquelle negocio houve, porque só estava no peito do Governador,) como aquelle negocio era de galés, não querendo que dissessem que deixára huma jornada contra Turcos por pontos leves, fretou hum navio de remo, e ajuntou quarenta soldados, a quem pagou de sua casa, e fez todos os mais gastos pera ir em companhia de Luiz Figueira invernar a Ormuz.

O Governador despachou D. Alvaro de Noronha, e lhe deo hum galeão com muitas munições, e juntamente com elle despedio Luiz Figueira com a sua Armada, que todos deram á véla em Março, indo em sua companhia Gil Fernandes de Carvalho,

lho, e em poucos dias chegáram a Ormuz. D. Manoel de Lima lhe entregou a fortaleza por ter já acabado ſeu tempo; e Luiz Figueira andou por aquelle Eſtreito de Baçorá o reſto do verão, e depois ſe recolheo a Ormuz, ficando Gil Fernandes de Carvalho naquella fortaleza, dando meza a todos os ſoldados que levou á ſua cuſta, ſem querer tomar couſa alguma da fazenda de El-Rey pera iſſo.

O Governador depois de deſpachar eſta Armada pera Ormuz, começou a negociar outra pera Maluco contra os Caſtelhanos, porque aſſim lho mandava ElRey, e elegeo pera eſta jornada D. Rodrigo de Menezes, Fidalgo de muitas partes. E dando preſſa á Armada, a fez á véla na entrada de Abril. Hiam ſinco navios groſſos, de que eram Capitães D. Rodrigo de Menezes, João de Almeida, e hum João Marecos da obrigação do Governador. Os outros dous Capitães eram, D. João Coutinho, e Bernardo de Souſa, que eram provídos das viagens de Maluco; e hiam cada hum em ſeu galeão pera tornarem com a carga do cravo, e ambos hiam debaixo da Capitanía de D. Rodrigo de Menezes, que levava Provisões de Capitão mór de todo aquelle Archipélago de Maluco. Neſta Armada hiam trezentos homens, muitas munições, roupas,

e outros provimentos; e de ſua viagem adiante daremos razão.

Eſqueceo-nos dizer como o Governador pelas novas das galés de que já ſe fallava, eſtando em Cochim, deſpedíra Gonçalo Vaz de Tavora com ſinco navios, com regimento que foſſe ao Eſtreito de Meca, e tomaſſe falla de alguma peſſoa, e ſoubeſſe da certeza das galés; e que quando ſe recolheſſe pera ſe vir pera Goa, (onde levava por regimento tornaſſe a invernar,) que vieſſe por Caxém, e viſitaſſe aquelle Rey, que era muito amigo do Eſtado, a quem eſcreveo cartas mui honroſas, e que ſoubeſſe delle as novas que havia (porque ſempre aviſava aos Governadores do que havia no Eſtreito de Meca.)

Partido eſte Capitão na entrada de Fevereiro, foi ſeguindo ſua derrota até ferrar Monte de Felix; e dalli foi demandar o Eſtreito, e entrou dentro, onde tomou algumas gelvas com alguns Mouros, de quem ſoube que em Suez ſe faziam preſtes vinte e ſinco galés, mas que não ſabiam pera onde. E não podendo Gonçalo Vaz de Tavora alcançar mais, ſe tornou com algumas prezas que tomou, e navegando de longo da coſta da Arabia, foi tomar o porto de Caxém, e ſe vio com aquelle Rey, que lhe fez muitos gazalhados. Elle lhe deo as car-

tas do Governador, e algumas peças, e brincos, que por elle lhe mandava, que elle estimou muito; e disse a Gonçalo Vaz de Tavora: » Que elle era avisado, que em Suez » se preparavam vinte e sinco galés pera contra Portuguezes, mas que se não sabia, » nem declaravam pera onde, nem que tenção era a dos Turcos; mas que como elle fosse certo da verdade, logo avisaria o » Governador em Agosto; » e deo-lhe cartas pera elle de grandes cumprimentos pera o serviço de ElRey de Portugal. Gonçalo Vaz de Tavora, depois de se prover do necessario, que lhe ElRey mandou dar de graça, se despedio delle, e deo á véla pera Goa, aonde chegou em Maio. O Governador sabendo delle, e das cartas que ElRey de Caxém lhe escreveo a certeza das galés, alvoroçou-se muito, porque havia que se passassem á India lhe não poderiam escapar, e assim se vestio mui galantemente, por mostrar a alegria que tinha, e foi-se logo á ribeira das Armadas, e deo ordem pera se reformarem, e renovarem todos os galeões, náos, e galés, tomando cada vasilha destas os seus Capitães á sua conta com os seus Officiaes, porque todo o anno os tinham ordenados, e pagos; e as cousas de fóra repartio pelos Capitães velhos por esta maneira.

A Manoel de Soufa de Sepulveda deo o cargo dos Armazens das munições, pera mandar fazer panellas de polvora, lanças de fogo, e pelouros de toda a forte. A Dom Antonio de Noronha encarregou a cafa da polvora. A D. João Lobo deo o cuidado dos calafates. A Francifco de Mello Pereira entregou a tanoaria, pera mandar fazer barrís, celhas, pipas, e todas as mais coufas defta qualidade. A Baftião de Sá deo a cordoaria. A João de Mendoça deo os Officiaes de poleame. A D. João Henriques a ferraria. Todos eftes Capitães refidiam de dia, e de noite nas cafas que tinham a cargo, dando muitos banquetes a feus foldados, com muitas folías, danças, tangeres, jogos, e outros paffatempos, com que todos trabalhavam com muito gofto, e muito contentes; e pelos efcritos deftes Capitães dava o Feitor, e Thefoureiro todo o dinheiro que pediam pera fe comprarem as coufas, que fe haviam mifter, e pera as ferias, e pagas dos Officiaes, que elles faziam todos os fabbados; e todo efte inverno fe deram mezas geraes aos foldados em muita abaftança. O Governador eftava todo o dia na ribeira vendo aquelle trafego, e aquella prefteza com que então trabalhavão, e acudiam a todas as coufas, porque fó do ferviço, e obrigação da ribeira havia perto

de

de ſeiscentos homens Portuguezes de todos os officios, a quem nunca ſe lhes devia couſa alguma, porque ſe lhes pagavam a todos ſuas ferias no tempo ordenado mui bem. A Cidade toda ſe desfazia em feſtas, e alegrias, e aſſim andavam todos tão deſejoſos de ſe verem já ás mãos com os Turcos, que o inverno já lhes parecia grande, e lhes era enfadonho, e os ſoldados a eſſa conta traziam ſuas armas limpas, e muito bem concertadas, e aparelhadas. E todos os Domingos, aſſim elles, como os bombardeiros, ſe hiam exercitar na barreira, eſtando o Governador preſente, favorecendo-os, louvando-os, e dando-lhes preços aos que melhor o faziam.

## CAPITULO VI.

*Da diſſimulação com que ElRey de Candea mandou pedir a D. Jorge de Caſtro Padres pera ſe fazer Chriſtão: e de como lhe mandou dous, e com elles o Capitão Francez: e do que lhes ſuccedeo na viagem.*

PArtido D. Jorge de Caſtro de Cochim, como atrás diſſemos no Cap. III. deſte Liv. VIII., chegou a Columbo no fim deſte mez de Janeiro, e deſembarcando ſua gente, começou a marchar pera Cota. O Madu-

dune, que eſtava com todo ſeu poder ſobre aquella Cidade, em lhe dando novas que a noſſa Armada era chegada a Columbo com muita gente em ſoccorro do irmão, alevantou o campo, e ſe recolheo pera Ceitavaca, deixando as tranqueiras dos caminhos provídas de muita gente pera defenderem os paſſos aos noſſos, ſe quizeſſem ir a Ceitavaca. D. Jorge chegou á Cota, e foi muito feſtejado daquelle Rey; e logo tratáram de irem ambos juntos contra o Madune, e não levarem mão daquelle negocio até o deſtruirem de todo, pera não dar mais trabalho ao Eſtado com ſoccorros, e Armadas em favor de ſeu irmão, que era vaſſallo de ElRey de Portugal. Pera a jornada começou ElRey a ajuntar ſeu poder, e negociar as couſas neceſſarias de mantimentos, e ſervidores pera todo o exercito. A fama da Armada de D. Jorge de Caſtro, e de ſua chegada a Columbo, correo logo por toda aquella Ilha.

O Rey de Candea como eſtava culpado no negocio de Antonio Moniz Barreto, começou a tremer, e recear que o quizeſſem caſtigar pelas culpas que tinha commettidas; e como era homem de grande artificio, e malicia, determinou de entreter D. Jorge de Caſtro, e enganallo, até ver em que paravam as couſas de antre o Madune, e ſeu

ir-

irmão, e pera isto despedio logo Embaixadores ao visitarem. Estes Embaixadores tomáram a D. Jorge de Castro ainda na Cota, fazendo-se prestes pera a jornada de Ceitavaca. D. Jorge de Castro os mandou levar diante de ElRey, onde os ouvio, e elles lhe disseram: » Que ElRey de Candea o » mandava visitar, e offerecer-se pera tudo » o que fosse de serviço de ElRey de Portugal. Que elle lhe fazia a saber, que nos » negocios de Antonio Moniz Barreto, em » que elle não negava ter culpa, tinha tambem satisfações bastantes pera ser perdoado. Que o Madune seu primo o inquietára, e removêra dos desejos que tinha de se » fazer Christão, pondo-lhe diante dos olhos » medos, e perdição de seu Reyno, e alevantamento de seus vassallos, com a mudança da lei; e que do caso passado elle estava arrependido, porque sempre fora affeiçoado á Lei dos Christãos, como » os Frades sempre entendêram nelle; que » elle estava muito resoluto em se fazer Christão; que lhe pedia muito lhe mandasse alguns Frades pera correrem com elle; e » que tambem se queria reconciliar com seu » filho; e que assim esperava em Deos de » pouco, e pouco ir movendo os seus vassallos, pera que se fizessem Christãos. » D. Jorge de Castro estimou muito aquella em-

embaixada , e ordenou logo de ſatisfazer áquelle Rey, mandando com os Embaixadores dous Frades de S. Franciſco, e com elles o Capitão Francez com doze ſoldados, e lhes deo por regimento, que foſſem por via de Negumbo, por ſe desviarem das terras do Madune.

Partidos os Embaixadores com os noſſos, foram ſeguindo ſeu caminho, não deixando de terem algumas brigas com gentes do Madune , em que os noſſos corrêram muito riſco , e perigo , mas livrou-os Deos de todos pelo valor de ſeus braços, e aſſim com muito trabalho chegáram a Candea. ElRey os recebeo muito bem, e mandou apoſentar os Frades na meſma Ermida , que os primeiros fizeram , que eſtava ainda em pé, e ao Capitão Francez com ſeus ſoldados perto delles , mandando-lhes dar todas as couſas neceſſarias. Os Frades começáram a fazer alguns Chriſtãos , e entendendo em ElRey vontade pera iſſo, que não tinha, porque era máo, e perverſo, e o medo o fazia contrafazer, em quanto não ſoubeſſe o que lá ſe paſſaſſe antre D. Jorge de Caſtro , e o Madune , a quem elle favorecia em ſegredo ; e aſſim trazia tanto reſguardo , e olho no Capitão Francez, e nos Frades , que os não deixava ſahir de hum certo limite, trazendo eſpias em Ceita-

tavaca, pera ſer cada dia aviſado de tudo o que lá ſe paſſava.

## CAPITULO VII.

*De como ElRey da Cota, e D. Jorge de Caſtro partíram pera Ceitavaca: e dos ſitios dos fortes que por eſte caminho achráram: e de como os ganháram, e desbaratáram o Madune, e lhe tomáram a Cidade de Ceitavaca.*

DEpois de ElRey da Cota ter juntas ſuas gentes, e negociadas as couſas neceſſarias pera a jornada, começou a marchar, indo D. Jorge de Caſtro na dianteira com todos os Portuguezes, e ElRey com ſinco mil homens na retaguarda. Aſſim caminháram todo aquelle dia até chegarem a huma tranqueira muito grande, ſobre hum paſſo que ficava entre o rio de Matual, e huma alagôa tamanha, que ſe affirma ter ſinco leguas em roda, que eſtava duas leguas do porto de Columbo. Neſta parte (porque não havia outro paſſo pera Ceitavaca) tinha o Madune feito eſta fortaleza, que era de madeira, de duas faces, com entulhos muito largos, e ficava da banda do Norte do rio; e na face que cahia pera a banda da Cota tinha o panno do muro trinta braças de comprido, e na ponta que ficava pera

ra a parte do rio, eſtava hum formoſo baluarte com muitas peças de artilheria. Deſte baluarte até a alagôa corria hum muito eſpeſſo Bambual, por eſpaço de meia legua, tão intratavel, que nem as feras o podiam romper. De longo a longo pela face de fóra deſte forte ſe fazia huma formoſa, e larga cava, que ſe enchia de agua da alagôa, que ſe ſervia por huma ponte levadiça.

Chegado aqui o exercito, aſſentáram aquelle dia o campo affaſtado do forte, e tiveram conſelho ſobre o modo de como ſe commetteria; e aſſentou-ſe, que foſſe pelos cantos do muro, pera o que ſe fabricáram grandes pontes de madeira ſobre rodas, e algumas mantas fortes, e eſcadas, em que ſe gaſtáram dous, ou tres dias. E tendo tudo preſtes, hum dia de madrugada commettêram a fortaleza os noſſos por huma parte, e ElRey pela outra. E pondo as pontes em que pez a muitas bombardadas, e eſpingardadas, que ſobre elles choviam, encoſtáram as eſcadas ao muro, e ſubindo os noſſos por ellas, o cavalgáram, e a poder de golpes, e cutiladas deram comſigo da banda de dentro, onde tiveram huma muito grande batalha com os inimigos, em que houve muitos damnos, e mortes de parte a parte. ElRey da Cota com a ſua gente, tambem depois de muitos trances, entrou a tran-

quei-

queira, com que os inimigos se acabáram de pôr em desbarato, e a largáram de todo, mandando-lhe D. Jorge de Castro dar logo fogo, em que toda se consumio. Este dia passáram naquella parte, e mandáram (que eram muitos) a Cota pera se curarem.

A outro dia foram caminhando até chegarem á outra tranqueira, chamada a Maluana, que estava em outro passo da mesma traça, e modo de passada. E commettendo-a os nossos por huma parte, e ElRey pela outra, foi entrada, e tomada, ainda que com muitos riscos, e mortes dos nossos, e com perda de mais de seiscentos dos inimigos, que a largáram.

A outro dia foram ter a outra tranqueira, duas leguas desta, chamada Grubabilem, que era maior, e mais forte que as outras, por ser perto da Cidade de Ceitavaca. O panno do muro, que corria na face, era maior, e mais grosso que os das outras atrás. Em cada ponta tinha dous baluartes mui grandes, e pelo muro muitas guaritas muito bem provídas de gente, e munições. Da parte do rio, que era o mesmo Matual, corria hum espesso Bambual, e da outra hum muito intratavel mato. Aqui nesta tranqueira estava o poder do Madune, posto que elle estava na Cidade. Esta tranqueira foi commettida com muito grande

de-

determinação, e houve neste commettimento muitos casos espantosos, que não particularizamos, porque não sabemos os nomes dos que os obráram; mas por fim do negocio, ainda que foi com perda dos nossos, a tranqueira foi ganhada, e nella ficáram aquelle dia descançando do trabalho, e curando os feridos, que eram muitos.

Ao outro dia foram marchando pera Ceitavaca, que estava duas leguas adiante, e no caminho acháram o Madune com todo o poder. E vindos a batalha, (que foi muito aspera, e cruel, em que houve muito damno,) ficou o Madune vencido, e desbaratado, e foi fugindo pera as serras de Dina Vaca, largando a Cidade em mãos dos nossos, que entráram nella vitoriosos.

He esta Cidade muito grande, e está situada antre quatro serras, e este mesmo rio de Matual a partia pelo meio, (que por outro nome se chama de Calane,) que vem dos confins do Reyno de Candea. Da banda do Sul estam os Paços de ElRey sobre hum tezo, que são feitos a modo de huma formosa fortaleza, com seus muros muito grossos, e fortes, e sobe-se a elles por vinte degráos mui largos, e grandes. He a fortaleza quadrada, e em cada quadra tem tres portas por onde se serve; desta banda fica ametade da Cidade, e da outra do Norte

ou-

outra ametade ; e nesta parte tem o mais soberbo , e sumptuoso Pagode , que ha em toda aquella Ilha , que he dedicado a hum Idolo seu , que se chama Paramisura. A fabrica deste Pagode he estranha , e affirma-se que se poz nella perto de vinte annos , trabalhando de continuo nella mais de dous mil obreiros.

. Entrados os nossos na Cidade , aposentou-se ElRey nos Paços do irmão , onde achou muitas riquezas ; e D. Jorge de Castro com os seus soldados naquella parte da Cidade , que foi mettida a sacco dos nossos , e acháram muito ouro , drogas , e fazendas de todas as sortes , de que se enchêram bem. Depois se passáram á outra banda , e fizeram o mesmo , sem tocarem os Pagodes , que lho mandou assim D. Jorge de Castro por amor de ElRey da Cota , que nelles mandou pôr guardas. E as gentes de ElRey foram as que mais roubáram , porque como ladrões de casa caváram , e desenterráram muitas riquezas. O Madune , que estava recolhido nas serras de Dina Vaca , vendo-se perdido , e desbaratado , e o irmão senhor da sua Cidade , quiz usar de seu artificio , despedindo seus Embaixadores a ElRey seu irmão , e a D. Jorge de Castro , que entráram por Ceitavaca, e foram levados a ElRey , que os ouvio , presente D. Jorge de Castro.

El-

Elles lhe disseram : » Que o Madune seu » irmão lhe mandava pedir misericordia , e » que bem confessava que tinha muitas cul» pas , de que já estava bem castigado , e » arrependido. Que lhe pedia muito se qui» zesse reconciliar com elle , que estava pres» tes pera lhe dar todas as satisfações neces» farias. » ElRey , que era homem de muito bom coração , e natureza , (cousa alheia desta nação Chingalá , ) compadecido das miserias do irmão , parecendo-lhe que já não tentaria contra elle mais suas maldades , disse a D. Jorge de Castro , que elle queria pazes com seu irmão , se lhe a elle parecesse bem. D. Jorge de Castro lhe disse : » Que » fizesse elle naquella materia o que lhe bem » viesse , e o que fosse melhor pera elle , e » pera quietação do seu Reyno. » Com isto despedio ElRey os Embaixadores , por quem mandou dizer a seu irmão : » Que se viesse » pera Ceitavaca , e que alli se reconcilia» riam , e assentariam as pazes , » mandando-lhe hum seguro seu , e outro de D. Jorge de Castro. O Madune foi logo acompanhado de alguns Modeliares mui principaes ; e chegando a Ceitavaca , o recebeo o irmão muito bem , abraçando-o com muito amor , e boa vontade , ( não havendo cousa alguma disto no Madune ,) e presente Dom Jorge de Castro se reconciliáram , e

fi-

fizeram pazes, com as condições seguintes:

» Que nunca mais elle Madune faria
» guerra a seu irmão, e que lhe largaria to-
» das as terras que lhe tinha tomadas. E que
» daria logo a D. Jorge de Castro cem mil
» pagodes pera as despezas daquella Arma-
» da, pois elle fora occasião da guerra. E
» que pera a jornada de Candea daria todos
» os servidores, e mantimentos necessarios
» por dinheiro. E que ElRey da Cota sería
» obrigado a lhe dar tres mil homens pera
» o acompanharem nella. »

Feitos estes contratos, ambos os Reys firmáram pazes a seu modo, ficando alli muito amigos. D. Jorge de Castro se começou a fazer prestes pera passar a Candea, como lhe era mandado; e se aquelle Rey se tivesse feito Christão, haveria o trabalho da jornada por bem empregado, e favorecello-hia contra os seus se tentassem alguma novidade, e tambem o reconciliaria com o filho; e quando não, castigallo-hia pelas culpas passadas. E começou a puxar por aquelles Reys, pelas cousas que eram obrigados a lhe dar. O Madune cumprio logo com os cem mil pagodes que devia, com o que D. Jorge de Castro fez duas pagas aos soldados, e assim lhe deo os mantimentos, e servidores que lhe foram necessarios.

El-

ElRey da Cota como era grande amigo dos Portuguezes, pelas muitas obrigações que lhes tinha, entendendo, e conhecendo a malicia do Rey de Candea, e que tudo eram invenções, pelo receio com que estava, quiz tirar a D. Jorge de Castro daquella jornada, pondo-lhe diante muitos inconvenientes, e affirmando-lhe: » Que a jorna- » da era muito arriscada, e perigosa por cau- » sa dos passos difficultosos que tinha. E que » aquelle Rey posto que era seu primo com » irmão, muitas mais obrigações tinha aos » Portuguezes que a elle: que lhe affirmava, » que não tinha por seguro o fiar-se delle, » e porque todas as vezes que visse tempo, » e occasião, lhe havia de ordenar todas as » traições que pudesse. » D. Jorge de Castro lhe agradeceo aquelle conselho; mas como estava amarrado ao regimento do Governador, não se quiz mover a cousa alguma fóra delle, e lhe pedio a gente que lhe tinha promettido, que lhe elle logo deo.

E depois de tudo prestes, se partio na entrada de Abril, despedindo-se daquelles Reys, e o da Cota se foi juntamente pera seu Reyno. D. Jorge foi caminhando por suas jornadas, de que o Rey de Candea era avisado todos os dias. E receando-se que entrando D. Jorge de Castro no seu Reyno com aquelle poder o prendesse, e castigas-

se,

se, não querendo ficar á sua cortezia, ajuntou quarenta mil homens, e fortificou a sua Cidade, com tenção de lhe defender a entrada, trazendo nelle grandes vigias. E huma noite teve rebate, que já os nossos estavam huma legua da Cidade, e acudindo ElRey com aquelle alvoroço, com toda a gente pera o esperar á entrada della, quiz nosso Senhor que tivesse o Capitão Francez (que estava como reteudo com os seus soldados) tempo pera fugir, e com a escuridão da noite foi caminhando, e chegou a D. Jorge de Castro, estando com o exercito assentado huma legua da Cidade, pera ao outro dia entrar nella, e dando-lhe rebate do modo de como ElRey o esperava, e do grande poder que tinha, e de como tudo foram invenções, ficou D. Jorge sobresaltado, e chamou logo os Capitães a conselho, e perante todos tornou a ouvir o Capitão Francez. Vendo todos aquillo, votáram, » que se deviam tornar logo a recolher, por» que estavam trinta leguas pelo coração da » Ilha, e que haviam de passar muitos pas» sos estreitos, e difficultosos; e que se a» quelle Rey os fosse commetter, não tinham » poder pera pelejarem com elle. » Com esta resolução alevantáram logo o campo, e voltáram com grande pressa, mas com muito boa ordem. ElRey de Candea teve pela

manhã recado de ſua retirada, e ſahindo com todo ſeu poder os foi ſeguindo por deſviados caminhos, e adiantando-ſe os eſperou em huns paſſos muito eſtreitos, e difficultoſos, e tomando-os naquellas eſtreituras, em que os noſſos ſe não podiam revolver, os foram derribando ás eſpingardadas, e fréchadas ſem os noſſos terem repairo algum, nem defensão. D. Jorge de Caſtro com os Fidalgos, e Capitães ficáram ſem poderem governar os ſeus, porque como todos hiam a fio, e divididos, e muita diſtancia huns dos outros, não lhes podiam valer, nem elles tinham quem o fizeſſe a elles, que tambem hiam no meſmo riſco, e todos feridos. Aſſim foram pelejando até ſahirem das terras de Candea, em que os deixáram, ficando ſetecentos homens mortos, e perdidos por eſſes matos, em que entravam quatrocentos Portuguezes; e os mais Chriſtãos da terra, e gente da Cota, e todos os mais que eſcapáram feridos de muitas feridas. E indo caminhando pelas terras do Madune, lhe ſahio hum Modeliar ſeu com quinhentos homens, e diſſe a D. Jorge de Caſtro, que o Madune lhe pedia que ſe recolheſſe por Ceitavaca, que o eſperava pera lhe dar todo o neceſſario. D. Jorge de Caſtro moſtrou agradecer-lho muito, e como era prudente, bem entendeo a malicia do Madune,

e

e disse ao Modeliar, que assim o faria. E tanto que foi noite, que se aposentou em hum lugar desviado do Modeliar, depois de o segurar, se levantou, e tomou o caminho da Cota por caminhos desviados de Ceitavaca, ficando-lhe nas estancias trinta homens mal feridos, e que não podiam caminhar. Ao outro dia pela manhã se levantou o Modeliar, e achou as estancias vasias, e tomando o fato que achou, e os feridos, se foi pera Ceitavaca. O Madune mandou cortar a cabeça a todos os Portuguezes, dizendo-lhes, que o mesmo houvera de fazer ao Capitão, e a todos. Isto se soube depois de hum daquelles, que teve modo com que fugio, e se embrenhou, e dahi a alguns dias foi ter a Cota. D. Jorge foi seu caminho muito apressado, e encontrou ElRey da Cota com toda a sua gente, que o vinha buscar, porque já tinha aviso da desaventura acontecida, e adivinhada delle. D. Jorge de Castro vendo ElRey, ficou desalivado, e deo-lhe grandes agradecimentos daquelle soccorro, e foi-se com elle até á Cota, onde ElRey agazalhou a todos os Portuguezes, e os curou, e deo todo o necessario. D. Jorge como sarou se foi pera Columbo, e na entrada de Setembro se passou a Cochim, onde chegou pouco antes do Governador Jorge Cabral.

## CAPITULO VIII.

*De como o Rey da Pimenta ſe tornou pera o ſeu Reyno: e de como o Capitão de Cochim o foi buſcar a Bardela: e da grande batalha que lhe deo, em que elle, e ElRey de Bardela morrêram.*

DEpois que o Rey da Pimenta fez com o Çamorim as ceremonias de ſuas perfilhações, ſe tornou pera o ſeu Reyno, pouco depois do Governador partido pera Goa, e ſe metteo em Bardela com gente, e poder pera ſe defender de ElRey de Cochim, e pera lhe fazer guerra, como começou a continuar com muitos navios por aquelles rios dentro. ElRey de Cochim, e o Capitão da Cidade tratáram de tomar aquelle Rey ás mãos, e de o deſtruirem de todo; pera o que ajuntáram ſuas gentes, e foram contra elle, ElRey de Cochim por terra, e os noſſos por mar em muitas embarcações. Levava o Capitão Franciſco da Silva perto de ſeiscentos Portuguezes, em que entravam os da Armada de Fernão de Souſa de Caſtello-branco, que já eram recolhidos por ſer em fim de Abril.

Chegados os noſſos a Bardela, deſembarcáram em terra, ſem lho ninguem eſtorvar, e foram aſſentar ſeu exercito em hum cam-

campo muito grande, que eſtava fóra da Cidade, em que o Rey de Bardela eſtava com todo o ſeu poder, com as coſtas na Cidade. Franciſco da Silva mandou alguns recados a ElRey ſobre ſe tornar a confederar com ElRey de Cochim. E correo iſto de feição, que pedio ElRey que ſe viſſem ſós no meio do campo antre ambos os exercitos, o que Franciſco da Silva acceitou; e vindo ambos ſós á falla, lhe tornou Franciſco da Silva a pôr diante as obrigações que tinha a ElRey de Cochim, e perjuizo que era pera todos aquelles Reys, ajuntar-ſe, e perfilhar-ſe com o Çamorim; porque como era maior em poder que todos, eſtava muito certo fazer-ſe ſenhor de todos aquelles Reynos, o que nunca poderia fazer ſe eſtiveſſem unidos ao de Cochim. Sobre iſto lhe deo tantas razões, que lhe diſſe ElRey, » que faria naquelle negocio tudo o » que quizeſſe. » Franciſco da Silva lhe diſſe: » Que ſe havia de entregar nas mãos de El- » Rey de Cochim, que era ſeu pai, e que » elle diſporia de ſuas couſas como bom fi- » lho. » A iſto refuſou ElRey tanto, que diſſe: » Que antes perderia a vida, e o Eſ- » tado, que fazer tal; que ſe elle o quizeſ- » ſe levar pera Cochim, e tello na fortale- » za em refens, em quanto ſeguraſſe as cou- » ſas da paz, que ſe iria com elle; e que » tor-

» tornaria a desfazer as perfilhações com o » Çamorim. » Francisco da Silva como era homem de pouco conselho, e governo, ainda que grande cavalleiro, amarrou-se a se elle entregar a ElRey de Cochim, sendo bem bastante satisfação a que elle de si dava, como era entregar-se a elle, e depois que tivera em seu poder, o tempo pudera curar tudo, e tornáram-se aquelles dous Reys a unir, e a aparentar. E vendo que Francisco da Silva não queria concluir com elle naquelle negocio, despedio-se delle, dizendo-lhe: » Que pois não acceitava o que lhe » offerecia, que elle trabalharia tudo o que » pudesse por defender sua casa. » E recolhido a seu exercito, achou mais dous mil Nayres, que lhe chegáram de refresco, com que ficou tão soberbo, que fez sinal de batalha. Francisco da Silva se poz tambem em campo, e começáram a travar huns com os outros, e da primeira surriada lhe derribou a nossa espingardaria huma somma de Nayres, e antre elles quiz Deos que désse huma espingardada no Rey da Pimenta, com o que se foi recolhendo pera a Cidade. E como hia ferido de morte, á porta de seus Paços cahio morto, sem o saberem os que ficavam no campo em batalha muito travada, e cruel, em que houve muito damno de parte a parte.

As

As novas da morte de ElRey começáram logo a correr, com o que os ſeus ſe recolhêram pera a Cidade desbaratados. Franciſco da Silva foi ſeguindo a vitoria, e entrou na Cidade até chegar aos Paços de ElRey, a que mandou pôr fogo. Os inimigos tanto que víram as labaredas nas caſas do ſeu Rey, tornáram a voltar ſobre os noſſos com tamanho ímpeto, que começáram a derribar nelles, e a mór parte ſe começou a recolher com grande deſarranjo, ficando Franciſco da Silva com perto de cento e ſincoenta homens de opinião, que o não quizeram deixar. Alguns caſados de Cochim, que ſabiam muito bem os coſtumes dos Nayres, diſſeram ao Capitão, que ſe recolheſſe, e ſe contentaſſe com a vitoria, porque antre os Malavares a maior affronta de todas era queimarem as caſas do Rey. Com iſto ſe foi ſahindo pera o campo, pelejando ſempre com os inimigos, ſem ſaber ainda da morte do Rey. Os inimigos foram creſcendo, e carregando ſobre os noſſos de feição, que ſe víram perdidos; e ainda quiz a deſaventura, pera maior perdição, que naquelle meſmo tempo deſcarregaſſe, e ſe desfizeſſe em agua huma medonha trovoada, que já eſtava armada, que era a primeira do inverno, e foi a agua tanta, que affogava os noſſos, e impedio a eſpingardaria com que

não

não pode laborar. Os inimigos entendendo o negocio, e vendo cessar a espingardaria, que era o que os mais assombrava, cobrando animo carregáram sobre os nossos, e com seus arcos, que a chuva não impedia, foram encravando, e derribando bem á sua vontade. Os nossos vendo-se perdidos viráram as costas, e foram-se recolhendo pera a praia, onde estavam os navios, a que se lançavam a nado. Francisco da Silva, que era grande cavalleiro, acompanhado de alguns Fidalgos, e Cavalleiros (que nunca o deixáram) não quiz virar as costas, e foi sempre pelejando com os inimigos, com o rosto nelles, mostrando bem seu valor, e esforço; mas como os inimigos eram muitos, e estavam no campo largo, cercáram os nossos, e apertáram com elles de feição, que derribáram D. Pedro de Sousa, Fernão de Sousa de Castello-branco, Fernão Rodrigues de Mariz, Antonio Machado de Gouvea, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, todos de feridas mortaes.

Francisco da Silva vendo aquelle estrago, disse pera os que ainda o acompanhavam: » Que se recolhessem, porque elle se » não queria salvar onde via perder tantos, » e tão esforçados Fidalgos, e Cavalleiros. » E com esta furia remetteo com os inimigos como hum touro feroz, e mettendo-se em

meio

meio delles, fez cousas que espantou a todos. Mas como elle era só, e os inimigos tantos, e as forças lhe cançáram, cahio atassalhado de cruelissimas feridas. Os inimigos vendo-o cahir, remettêram a elle pera o desarmarem, sobre o que houve tamanha referta, (por quererem todos levar delle seu pedaço,) que se descuidáram dos nossos; e os feridos, que já atrás nomeámos, tiveram tempo pera ajudados dos outros se recolherem á praia, onde sobre a embarcação havia tamanho desarranjo, que andava o rio coalhado de homens a nado, e assim se recolhêram com trabalho aos navios: Fernão de Sousa de Castello-branco com muitas feridas, e com huma espingardada por huma perna, de que sempre foi manco: D. Pedro de Sousa outra, de que não perigou, e todos os mais com tantas feridas, que Fernão Rodrigues de Mariz levava quatorze; e senão fora a morte de Francisco da Silva, cujos despojos embaraçáram os inimigos, nenhum escapava.

Recolhidos todos, foram-se pera Cochim, e succedeo na Capitanía Henrique de Sousa Chichorro. Ao outro dia mandou buscar o corpo de Francisco da Silva, ao que foram alguns navios, e gente, e ao longo da praia o acháram, e a dezesete Portuguezes mais, nús todos, com feridas mortalissimas; e reco-

colhidos todos, ſe tornáram pera Cochim, e lhes deram mui honroſas ſepulturas.

Desbaratados os noſſos, ſe recolhêram os inimigos pera a ſua Cidade, e fizeram as exequias ao ſeu Rey, conforme ao ſeu modo, e coſtume, com muita pompa. E depois de feitas, todos os de ſua caſa, e que tinham delle tenças, e comedías, que ſeriam perto de quatro mil Nayres, ſobre a meſma cova ſe fizeram Amoucos, com ſuas ceremonias, rapando as barbas de huma ilharga, (que he o ſinal pera ſerem conhecidos,) e juráram em ſeus Pagodes de morrerem todos em vingança da morte do ſeu Rey. Feito iſto, logo ſe ajuntáram quinhentos os de mais obrigação, e foram dar na Ilha de Arú, que he de ElRey de Cochim, e a puzeram a fogo, e a ferro. Dalli paſſáram a Cochim de ſima, e entráram huma madrugada pela Cidade, em que fizeram grandes damnos, e cruezas, matando, e eſpedaçando muita gente. ElRey com os da ſua caſa, e todos os mais que puderam, ſe recolhêram pera a noſſa Cidade, que ſe metteo em revolta, porque chegáram os Amoucos até os arrabaldes. O Capitão Henrique de Souſa Chichorro, ajuntando todos os moradores, ſahio a buſcar os Amoucos, e foi apôs elles até Cochim de ſima, e os achou pelejando na Judiaria com os Judeos, que ſe lhes defen-

fendiam mui bem. Os noſſos deram nelles, e os mettèram todos á eſpada ſem lhes eſcapar hum ſó. Feito iſto, deixou o Capitão nas caſas de ElRey Antonio de Sá Pinheiro com trinta ſoldados pera ſua guarda, e elle ſe recolheo pera a Cidade, e fortificou as entradas das ruas, porque ſe eſperava pelos mais Amoucos, tendo ſempre no campo grandes vigias, e atalaias.

## CAPITULO IX.

*De como o Çamorim paſſou ao Reyno da Pimenta pera tomar poſſe delle, por lhe pertencer pela perfilhação: e de como Fernão Rodrigues de Mariz partio pera Goa no mez de Junho com novas das galés: e da eſpantoſa viagem que fez.*

TAnto que o Çamorim teve novas da morte de ElRey da Pimenta, com quem eſtava perfilhado, logo determinou de ir tomar poſſe daquelle Reyno, como herdeiro delle, e começou a ajuntar ſeu poder com muita preſſa. Diſto foi logo aviſado ElRey de Cochim, que mandou rebate a Henrique de Souſa Chichorro, que vendo a importancia do negocio, mandou com muita preſſa armar perto de quinze navìos, catures, manchuas, e tones, em que vam cento e ſincoenta homens, e por Capitão mór de todos elegeo

geo ſeu cunhado Antonio Correa, irmão de ſua mulher, cavalleiro mui honrado, e antigo no ſerviço de ElRey, e lhe deo por regimento, que foſſe pelos rios dentro metter em Chor a Manchora. (He eſta huma alagôa, que fica nas coſtas da Cidade de Panane, que he tão grande, que affirmam os naturaes que tem vinte leguas em roda, e nella entram todos aquelles rios, que vão ſahir ao mar, que deſcem da ſerra, e por elles podem entrar navios de remo até ſe metterem nella. No verão ſe ſécca toda, ficando no meio della ſempre hum braço do rio, em que nadão catures; e todos os campos á roda ſe ſemeão de arroz, de que ſe colhe huma grande quantidade.) E porque forçado o Çamorim havia de paſſar hum daquelles rios pera eſtoutra banda de longo da alagôa, mandou o Capitão a ſeu cunhado que ſe metteſſe nella, e lhe defendeſſe o paſſo.

Partidos eſtes navios pelos rios de Cochim dentro, foram entrar na alagôa, onde ſe deixáram eſtar com grande vigia. João Pereira, Capitão de Cranganor, com a gente de ſua obrigação, e ElRey de Cochim, tambem ſe foi pôr em outros paſſos, porque tiveſſe o Çamorim tudo impedido. Elle tanto que teve a ſua gente junta, começou a marchar, e chegando aos eſtreitos por onde havia de paſſar, achou todos impedidos

dos

dos noſſos navios. Antonio Correa tanto que vio a gente do Çamorim, começou-os a varejar com a artilheria de feição, que lhe ferio, e derribou muitos; e os inimigos da outra banda ſe puzeram tambem com os noſſos ás eſpingardadas todos os dias, e noites, que foram muitos, em que houve damno d'ambas as partes. As munições dos noſſos ſe gaſtáram todas; mas João Pereira os proveo de tudo o neceſſario, por hum paſſo que ſe chama de Matepirão, que he o mais ſecco de todos.

Diſto foi aviſado o Çamorim, e mandou hum groſſo poder a tomar aquelle paſſo pera impedir os provimentos aos noſſos navios. João Pereira, Capitão de Cranganor, tanto que teve rebate daquelle negocio, ſe paſſou ao paſſo com todo o poder, donde ſe poz á bataria com a gente do Çamorim, com quem teve algumas eſcaramuças, em que os noſſos fizeram couſas muito notaveis, que por ſerem muitas, e miudas as deixamos, porque não ſoffre a hiſtoria tanto. E todavia de tal maneira lhe defendêram os noſſos os paſſos, que deſconfiado o Çamorim, ſe carteou com ElRey de Diamper, que era do ſeu bando, pera que lhe déſſe paſſagem por ſeu Reyno pera o da Pimenta. Diſto foi tambem aviſado Antonio Correa, e mandou-lhe tomar o paſſo de Malu-

tur,

tur, que he pelo pé da ſerra, por onde elle pertendia paſſar; mas como o rio alli de maré vaſia não deixava agua pera os navios nadarem, foi-lhes neceſſario affaſtarem-ſe por não ficarem em ſecco. Com iſto teve o Çamorim tempo pera paſſar á outra banda, o que ainda não pode fazer ſenão em trajos de Jogue, que foi a couſa mais vituperada pera elle, que todas as da vida. E ajuntando-ſe com ElRey de Diamper, e com outros do ſeu bando, paſſou ao Reyno da Pimenta, e tomou poſſe delle, perfilhando o Principe ſobrinho do morto em Principe herdeiro, como tinha feito em vida de ſeu tio.

O Capitão de Cochim, tanto que ſoube ſer o Çamorim paſſado, armou todos os navios que pode, e mandou recolher Antonio Correa ſeu cunhado, e lhe deo mais navios, e gente, com que andou pelos rios de Bardela, e Diamper dentro, fazendo toda a guerra que pode, dando-lhes em muitos lugares que lhes abrazou, e queimou. O Capitão de Cochim ajuntando todos os caſados, e toda a mais gente que havia em Cochim, foi dar na Ilha de Parebalão, que era do Rey da Pimenta, e a deſtruio de todo, matando-lhe muita gente. E deſejando de dar em Bardela, mandou ſolicitar os Reys de Porca, e de Palur, e o Mangate Caimal, e

o

o Mangate Caſta de Lua, e outros Senhores, e Caimais, (que ſempre foram do bando de ElRey de Cochim,) pera ſe ajuntarem com elle; e não ſó ſe eſcuſáram, mas ajudáram o Çamorim, porque eſtavam eſcandalizados do Governador Martim Affonſo de Souſa lhes tirar as tenças, que lhes ElRey de Portugal mandou dar, pelos muitos ſerviços que todos lhe fizeram nas guerras contra o Çamorim, quando ſe quiz ir coroar a Repelim, (como na quinta Decada no Cap. I. do I. Liv. fica dito,) por onde ſe verá quanto em prejuizo da Fazenda de ElRey, e do Eſtado da India são algumas crecenſas, que certos Governadores, e Viſo-Reys querem fazer á Fazenda de ElRey, ſó pera tirarem Certidões de ſerviços, podendo-ſe chamar mais deſerviços, e deſtruição de ſua Fazenda, que o nome que lhe elles querem pôr; porque deſta pouquidade que eſtes tinham de tença, que ſe lhes tirou, com que os tinham ſeguros no ſerviço de ElRey de Portugal, naſceo paſſarem-ſe á parte do Çamorim em damno do Eſtado, e não acudir pimenta pera as náos, em que ElRey recebeo muitos annos huma mui notavel perda, e fazerem-ſe muitas deſpezas em grandes Armadas pera andarem pelos rios de Cochim, fazendo vir a pimenta não ſó comprada a mais dinheiro, mas

ain-

ainda á custa de muito sangue de vassallos Portuguezes.

E tornando á nossa ordem, a guerra ficou durando todo o inverno com muitos trabalhos, gastos, e despezas, com que tambem os inimigos ficáram bem quebrantados. Neste tempo, que era em Junho, escreveo o Capitão de Chalé huma carta ao de Cochim, em que lhe dizia, » que chegára hu» ma náo a Capocate em Maio, que viera » de Meca, e dava por novas certas, que » ficava em Suez huma Armada de galés pos» ta já no mar pera passar á India, e que » elle tinha mandado tres, ou quatro Pata» mares por terra com recado ao Governa» dor, e que todos lhe tomáram a gente do » Çamorim; que lhe pedia, vista a impor» tancia do negocio, trabalhasse por avisar » ao Governador por todas as vias que pu» desse. »

Vendo Henrique de Sousa Chichorro quanto aquillo importava, e que não havia ainda o caminho pelas terras do Pande (que são pera sima da serra) descuberto, como depois se descubrio, quiz arriscar hum navio por mar, (posto que era começo do inverno,) que começou logo a negociar com muita pressa. Pera esta jornada se offereceo Fernão Rodrigues de Mariz, que se negociou, e a tres dias do mez de Junho deo á

vé-

véla, levando comſigo ſete companheiros. E navegando com mares muito groſſos, alagados, e deſtroçados, foram tomar Chalé, onde ſe reformáram de todo o neceſſario; e dando-lhe o tempo hum pequeno jazigo, tornou a ſeu caminho, com mares tão groſſos, e ſoberbos, que os comiam, e aſſim foram ferrar a bahia de Cananor com mantimentos podres, e perdidos. Alli ſe refizeram de outros, e tornáram á ſua jornada. E indo de monte Deli pera diante lhe curſou o tempo de feição, que ſe víram perdidos; e o que peior foi, que era o vento traveſsão, que os não deixava navegar. E por não darem á coſta, ſurgíram tanto á vante como o rio de Mangeſirão, onde eſtiveram com infinito trabalho já deſconfiados das vidas. Os mares creſciam tanto, e tão apreſſados, que ſe affirma lhe deram oito juntos, com que o navio ſe virou; e os Portuguezes tiveram tanto acordo, que cortáram a amarra, e afferrados todos no navio, e amarrados a cordas, e aſſim meſmo os marinheiros, permittio Deos que os meſmos mares foſſem encaminhando o navio até o embocar pelo rio de Mangeſirão dentro; e tanto que o maſto, que hia direito pera baixo, tocou no fundo, com a força da pancada ſaltou o navio pera ſima, e tornou a ficar virado, e os Portuguezes encapellados,

e a nado tornáram a ferrar o navio, ſem perigar algum delles, e aſſim chegáram á povoação com o navio deſtroçado, e desbaratado. Os naturaes deſte rio eſtavam de paz com o Eſtado, mas andavam travados em guerra huns vizinhos com outros; e os da terra agazalháram os noſſos, e lhes deram por ſeu dinheiro tudo o de que tiveram neceſſidade pera o concerto do navio. Só mantimentos não acháram, porque por cauſa da guerra eſtava tudo perdido, e por grande aderencia lhes deram dous fardos de arroz por ſincoenta pagodes, e com elles, e algum peixe tornáram a ſua viagem, e alagados muitas vezes, e com immenſos trabalhos, e perigos foram ferrar Goa a velha pelo S. João, e por dentro dos rios chegáram a Goa.

Fernão Rodrigues de Mariz ſe vio com o Governador, e lhe deo as cartas, que de molhadas ſe não podiam ler, e lhe contou todas as novas do que era paſſado, aſſim das galés, como da morte de Franciſco da Silva, e da paſſagem do Çamorim ao Reyno da Pimenta. Iſto ſentio o Governador muito, porque eram couſas que moleſtavam o Eſtado, e porque as novas das galés lhe não haviam de deixar acudir áquellas couſas, como era neceſſario. A Fernão Rodrigues de Mariz fez muitas honras, e mercês, e o meſ-

mesmo a seus soldados, por se arriscarem assim em huma viagem tão perigosa pelo serviço de ElRey. Com estas novas mandou o Governador dar mais pressa ás cousas da Armada, porque sem dúvida esperava as galés na entrada de Setembro. E deixallo-hemos agora por hum pouco, porque he necessario continuar com as cousas de Maluco, que nos cabem aqui.

## CAPITULO X.

*Das cousas, que acontecêram em Maluco até chegar Jordão de Freitas: e de como Bernaldim de Sousa entregou a fortaleza a Christovão de Sá: e de outras cousas que mais passáram.*

TEmos deixado as cousas de Maluco em tregoas, os nossos com o Rey de Geilolo, que se tinha feito o mais poderoso de todos os daquelle Archipelago. E como era máo, e tyranno, e inimigo do nome Christão, fazia toda a guerra que podia aos Christãos de Moro, dando-lhes em suas povoações, destruindo-lhas, matando, e cativando muitos; e contra o contrato das tregoas recolhia em sua Cidade todos os escravos dos Portuguezes que fugiam de Ternate. Disto andava tão escandalizado Bernaldim de Sousa, que desejava de lhe dar hum

muito grande caſtigo, primeiro que foſſe outro Capitão. E pera ter occaſião de quebrar as tregoas, commetteo-o ElRey de Ternate, que lhe deixaſſe fazer repreza em alguma gente de Geilolo, que alli andava na Cidade, pera a troco della haver os eſcravos que aquelle Rey lá tinha em ſeu poder. Diſto ſe eſcuſou ElRey, aſſim por ſe temer do outro, como por ſer ſeu genro, ſeu parente, e Mouro como elle. Mas depois tendo alguns aggravos delle, diſſe a Bernaldim de Souſa, que naquella materia podia fazer tudo o que lhe bem pareceſſe, que elle o ajudaria com tudo o que pudeſſe. Com iſto mandou logo Bernaldim de Souſa armar algumas fuſtas, e corocoras, e as proveo de gente, e munições, e as repartio em duas Capitanías, huma dellas deo a Ruy Dias Coelho, moço da Camara do Duque de Bragança, (que então ſervia de Capitão mór do mar,) a outra deo a Manoel Lobo, e os deſpedio, dando-lhes por regimento, que ſe foſſem á Ilha do Moro, cada hum por ſua parte, e que fizeſſem por aquella coſta do Reyno de Geilolo toda a guerra que pudeſſem.

Paſſados eſtes Capitães ao Moro, deram em alguns lugares, que mettêram a ferro, e a fogo, e cativáram algumas peſſoas. E depois de terem bem de cativos, mandáram

di-

dizer ao Rey de Geilolo por via de Raque Naque, Regedor do Tolo: » Que lhes » mandasse a artilheria que tinha da fortale- » za, e os escravos dos Portuguezes, e que » lhe mandariam os cativos que tinham. » A isto respondeo elle: » Que não daria o » mais ruim berço por todos os cativos. » Com este desengano se recolhêram a Ternate. O Capitão mandou apregoar logo guerra contra ElRey de Geilolo, e concertou-se com ElRey de Ternate de lhe fazerem toda a que pudessem; e assim armou logo ElRey suas corocoras, e mandou Cachil Guzarate seu meio irmão da parte da mãi, e seu Capitão mór do mar, pera que fosse por toda a costa de Geilolo, e a destruisse; e o Capitão mandou em sua companhia Ruy Dias Coelho com toda a Armada da fortaleza. Passados ambos ao Moro, deram em muitos lugares de Geilolo, e depois de os destruirem se foram pôr sobre a sua barra, e os tiveram de cerco, sem ousarem as embarcações dos pescadores a sahirem fóra, porque logo eram tomadas, o que aquelle Rey teve por muito grande affronta. Passado o tempo do seu provimento, voltáram pera Ternate com muitas prezas, e cativos. Depois disto se embarcou o Rey de Ternate na mesma Armada, levando comsigo os Portuguezes, e passou a Geilolo; e huma ma-

madrugada deſembarcou em hum lugar chamado Geima, e o deſtruio, e abrazou de todo, não deixando couſa alguma em pé; e querendo dar em outros lugares, lhe chegáram novas, que eram vindos navios da India, e que Jordão de Freitas vinha por Capitão da Fortaleza. E como elle era ſeu inimiciſſimo, ſentio-o tanto; que levou mão da guerra, e voltou pera Ternate. Chriſtovão de Sá, e Jordão de Freitas chegáram ao porto de Talangame, onde ſurgíram, e logo ſe foram á fortaleza, e Bernaldim de Souſa os recebeo muito bem. Chriſtovão de Sá lhe apreſentou a Provisão, e a carta de guia que levava, por cuja virtude lhe entregou logo a fortaleza, do que Jordão de Freitas ficou ſobreſaltado, porque não ſabia das Provisões. Bernaldim de Souſa vendo que não ſe podia ir aquelle anno pera a India, (porque eſtava fazendo huma náo no porto de Talangame pera ſe ir nella,) paſſou-ſe pera lá com todos ſeus criados, e amigos, que eram mais de trinta peſſoas, (porque ſe receou que os Geilolos lhe foſſem queimar a náo,) e alli ſe deixou eſtar, dando-lhe preſſa. Chriſtovão de Sá ficou correndo com a obrigação da fortaleza.

Jordão de Freitas tomou caſas em terra, onde ſe apoſentou até lhe caber o tempo, ſem correr com ElRey, nem ElRey

com

com elle ; antes muitas pessoas lhe aconselhavam, que devia reconciliar-se com ElRey, pois havia de ficar naquella fortaleza, o que elle não quiz fazer. O Rey de Geilolo affrontado, e magoado dos nossos lhe destruirem seus lugares, armou as suas corocoras, e mandou ao seu Capitão mór que trabalhasse por lhe queimar a náo de Bernaldim de Sousa. Esta Armada chegou huma madrugada ao porto de Talangame, e querendo desembarcar sentio grandes vigias, e tornou-se a recolher. Dalli passou adiante, e foi dar em hum lugar da mesma Ilha, chamado Xulá, e o queimou, e abrazou. Bernaldim de Sousa tanto que sentio os inimigos, acudio á praia pera lhes defender a desembarcação, e dahi a pouco vio o fogo no lugar de Xulá, e sentio muito não ter navios pera sahir aos inimigos ; e vindo amanhecendo chegáram alli seis corocoras, em que vinha Cachil Page, irmão de El-Rey, acudir a Xulá, pelo fogo que em Ternate víram. Bernaldim de Sousa estimou muito sua chegada, e embarcando-se com vinte homens em huma corocora, foi com elles buscar os inimigos ; e chegando a Xulá, víram ir a Armada de Geilolo já affastada, e recolhendo-se. Cachil Page, e Bernaldim de Sousa os foram seguindo até á tarde com tanta furia, que Bernaldim de Sou-

sa,

ſa, que hia diante, chegou a tiro de eſpingarda. E olhando pelas corocoras de Cachil Page, vio que ficavam mais de huma legua atrás, o que Cachil Page fez de induſtria, porque era fraquiſſimo, e muito puſillanime; e entendendo de Bernaldim de Souſa que havia de pelejar com a Armada de Geilolo, ſe fez manco, e deixou-ſe ficar. Bernaldim de Souſa vendo-ſe tão perto dos inimigos, e que não levava navios pera os commetter, foi ſua paixão tamanha, que rebentava; e vendo que ſería temeridade commetter ſó os inimigos, tornou a voltar pera Ternate, e os inimigos foram ſeu caminho ſem o querer ſeguir. E chegando a Talangame muito affrontado daquella retirada, querendo-ſe ſatisfazer della, mandou fazer queixume a ElRey de ſeu irmão Cachil Page, e pedir-lhe que lhe mandaſſe ſinco corocoras, e mandou convidar á fortaleza ſeus amigos pera o acompanharem em huma jornada que queria fazer. ElRey lhe mandou as corocoras, e da fortaleza lhe acudíram mais de ſincoenta homens. E embarcando-ſe com todos os Portuguezes que alli tinha, e com ós que lhe acudíram, partio pera Geilolo. Chegando ao ſeu porto, lançou em terra huma peſſoa, por quem mandou deſafiar ElRey pera huma batalha no mar com todas as corocoras que elle quizeſſe, porque

que elle com ſó aquellas ſinco o eſperava. ElRey acceitou o deſafio, mas não lhe ſahio. Bernaldim de Souſa eſperou todo aquelle dia, e noite, e ao outro dia tornou dar á vela pera Ternate, ficando ElRey muito abatido daquelle negocio. A guerra ficou correndo huns aos outros, toda a que podiam, dando huns nos lugares dos outros. Em hum deſtes aſſaltos foi cativo aquelle ſoldado de Geilolo, que cortou a cabeça ao Portuguez, por cujo feito lhe deo o Rey de Geilolo a filha que tinha caſada com ElRey de Ternate; e ſendo conhecido, o leváram a ElRey de Ternate, que o mandou enforcar na praia. Neſte eſtado deixamos as couſas de Maluco até ſer tempo de tornar a ellas.

## CAPITULO XI.

*Das couſas, que o Governador Jorge Cabral fez em Goa: e de como lhe vieram novas, que as galés ſe tornáram a deſarmar, e deſpedio Manoel de Souſa de Sepulveda pera Cochim: e de como cercou os Principes Malavares na Ilha de Bardela: e do que mais ſuccedeo.*

PAſſado o Çamorim ao Reyno da Pimenta, (como atrás temos dito no Cap. IX. deſte Liv. VIII.,) mandou logo convocar todos os Principes Malavares do ſeu bando, que

que eram dezoito, em que entrava ElRey de Tanor ſeu vaſſallo, o que ſe fez Chriſtão em tempo de Garcia de Sá, (como fica dito no Cap. V. do VII. Liv.) que lhe acudíram com todo o ſeu poder. Elle os mandou paſſar á Ilha de Bardela com trinta mil Nayres, e ſinco, ou ſeis mil Amoucos da obrigação do Rey morto, pera dalli paſſarem a Cochim a tomar vingança da morte daquelle Rey, deixando-ſe elle ficar da banda do Chembe com cem mil homens de guerra, de maneira, que toda a potencia do Malavar eſtava alli junta. Henrique de Souſa Chichorro, Capitão de Cochim, fortificou muito bem a Cidade, e ElRey de Cochim ajuntou perto de quarenta mil homens pera defender ſeu Reyno. Diſto aviſáram por terra ao Governador por muitos Patamares, que chegáram logo apôs Fernão Rodrigues de Mariz. O Governador andava muito occupado na preparação da Armada, porque determinava ir buſcar os Rumes, e ficou embaraçado, vendo que ſe lhe offereciam eſtoutros trabalhos de novo, que não eram menores, nem de menos obrigação pera acudir, que os das galés, porque eſtava aquelle Reyno arriſcado a ſe perder de todo, o que ſería deſtruição do Eſtado.

Com eſtas couſas ficou ſuſpenſo, e chamou muitas vezes a conſelho os Fidalgos,

e

e Capitães, e em todos ouvio varios pareceres. E como o Governador desejava de saber o de todos os da Cidade sobre aquella materia, mandou pôr na Sé de Goa huma caixa com algumas fendas por sima por onde podiam caber cartas, e mandou pregar escritos pelas portas das Igrejas, e prégar pelos Pulpitos: » Que toda a pessoa, de » qualquer qualidade que fosse, que lhe qui» zesse dar seu parecer naquella materia, o » fosse lançar dentro naquella caixa, ou de» clarando seu nome, ou encubrindo-o, pe» ra que mais livremente pudessem dizer tu» do o que entendiam; » e assim se começáram a lançar muitos.

E pela mesma maneira escreveo ás Cidades de Chaul, e Baçaim o trabalho em que ficava, pedindo que tambem lhe dessem sobre elle seus pareceres, e o quizessem ajudar com navios, e gente pera aquella jornada, pondo-lhes diante as obrigações de leaes, e bons vassallos, e como aquella necessidade era general, e cabia a todos sua parte. Estas cartas lhes foram dadas, e logo lhes respondêram: » Que estavam todos » prestes pera sacrificarem as vidas por ser» viço de Deos, do Rey, e defensão de seu » Estado. » Ainda que a Cidade de Chaul dizia na sua carta, (cuja cópia temos em nosso poder:) » Que sem embargo dos mui-

» tos

» tos aggravos que tinham dos Governado-
» res paſſados, em neceſſidade tão urgente,
» e forçada, elles ſe não lembravam mais que
» do ſerviço de Deos, e de ElRey; que el-
» les offereciam doze navios armados á ſua
» cuſta, de marinheiros, ſoldados, manti-
» mentos, e munições pera tres mezes; e ou-
» tros doze com ſeus marinheiros, e que de
» ſoldados, e mantimentos os proveſſe elle; »
e aſſim os começáram logo a negociar com
muita preſteza. O Governador dava em Goa
muita preſſa a todas as couſas, pera como
o Verão entraſſe, eſtar poſto no mar pera
acudir aonde foſſe mais neceſſario. E como
tinha Armada, e armazens encarregado a
Capitães, que corriam com iſto, deſcançava
nelles, e provía nas couſas de fóra; porque
naquelle Inverno ſe não tratou de outra cou-
ſa, mais que das que cumpriam á Arma-
da. E indo veſpera de Sant-Iago á ribeira
a viſitar a Armada, perguntou áquelles Ca-
pitães, em que eſtado eſtavam, e elles lhe
diſſeram, que tudo preſtes; e que cada vez
que quizeſſe pôr toda a Armada no mar,
o podia fazer. Diſto ficou o Governador tão
alvoroçado, que vendo eſtar o meſtre da
ferraria, o chamou, e lhe diſſe: » Que fizeſ-
» ſe logo trezentos pandeiros pera ſe re-
» partir pela Armada, » (porque era muito
amigo de folías.) E aſſim andavam as Arma-
das

das tão alegres naquelle tempo, que se podia embarcar nellas por entretenimento.

E estando com este alvoroço, mandando lançar os navios ao mar, lhe chegáram as cartas de Chaul, e Baçaim do offerecimento dos navios. E juntamente lhe escreveo Francisco Barreto, Capitão de Baçaim: » Que chegára áquelle porto huma náo que » viera de Meca no fim de Maio, que affir» mava que o Turco mandára ao Baxá, que » estava em Suez negociando a Armada, que » sobreestivesse, e não se bolisse até seu re» cado, e com isso se tornáram as galés a » desarmar; e que era nova muito certa, e » averiguada.» Estas novas festejou o Governador muito, por lhe ficar tempo desoccupado pera as cousas de Cochim.

E logo com muita pressa despedio Manoel de Sousa de Sepulveda com quatro navios de remo, de cujos Capitães não achámos mais nomes, que de Gonçalo Vaz de Tavora. E lhe deo por regimento, que se fosse a Cochim, e que com a Armada de Fernão de Sousa, e com todos os navios que mais se pudessem armar, se fosse lançar sobre a Ilha de Bardela, onde estavam os Principes Malavares; e que os tivesse dentro reteudos até elle chegar, porque logo partia apôs elles. Manoel de Sousa de Sepulveda sahio com os navios por Goa a velha

lha no fim de Julho, (por a outra barra eſtar ainda ſoberba, e perigoſa.) E dando á véla foi ſeguindo ſeu caminho com muito riſco, e trabalho, e em poucos dias chegou a Cochim. E ajuntando-ſe com o Capitão da Cidade, armáram todos os navios que havia, que eram perto de trinta, e embarcando nelles muita, e boa gente, que alli invernou, ſe paſſou logo a Bardela, e ſe lançou ao derredor de aquella Ilha, fechando nella aos Principes Malavares, de feição, que ſe não podiam ſahir, nem ſerem ſoccorridos do Çamorim, que eſtava da outra banda do Chambe, como diſſemos. E logo deſpedio recado ao Governador de ſua jornada, e de como os Principes Malavares eſtavam enſerrados em Bardela, e que alli lhos tinha todos pera lhos entregar nas mãos quando quizeſſe.

## CAPITULO XII.

*Do que aconteceo a Luiz Figueira com humas galés de Rumes: e de como foi ao Cinde, e favoreceo aquelle Rey contra os Nautaques: e da deſgraça que lhe aconteceo.*

LUiz Figueira, que deixámos invernando em Ormuz com a ſua Armada, tanto que entrou Agoſto, negociou os navios,

e os proveo do neceſſario; e de quinze do mez por diante ſe embarcou, ficando Gil Fernandes de Carvalho em Ormuz com a ſua fuſta. Depois em Setembro partio pera Goa, onde chegou em Novembro, e ſabendo ſer o Governador em Cochim, o foi lá buſcar. Luiz Figueira foi ſeguindo ſua jornada pera o cabo de Reſolgate, (porque já em Ormuz havia novas, que ſe víram pôr naquella paragem quatro galés pequenas, e as meſmas novas achou em Maſcate, onde os Portuguezes eſtavam já ſobre aviſo, e preſtes com grandes vigias ſobre elles, com determinação de lhes defenderem a deſembarcação, ſe a quizeſſem commetter,) e paſſando adiante chegou á ribeira de Teve, onde fez aguada, e alli lhe deram novas, que as galés eſtavam em Jór, hum lugar dalli a... leguas. E negociando os navios, e fazendo preſtes as munições, ſahíram dalli todos poſtos em armas, e antes de chegarem a Jór, houveram viſta de quatro galeotas grandes, e formoſas. Andava nellas hum Mouro grande coſſario, chamado Cafár, que tinha ſahido de Meca com tenção de ſaquear Maſcate, e ſaquear as náos que em Outubro haviam de partir de Ormuz pera Goa, e pera outros portos da coſta da India. Os inimigos tanto que houveram viſta da noſſa Armada, virando em outro bordo, voltáram

pe-

pera trás, dando toda á véla, e ajudando-se do remo foram fugindo o mais que pudéram. Luiz Figueira foi seguindo os inimigos tambem com a mesma pressa; e como elles lhes levavam muita vantagem, e as galeotas eram muito ligeiras, se foram melhorando de feição, que dobráram o cabo de Rosalgate pera fóra, e tomáram o caminho pera o Estreito de Meca de longo da costa. Luiz Figueira tambem dobrou o cabo apôs ellas, levando-as á vista, e seguio-as pouco, porque desconfiado de as não poder alcançar, as largou. Alguns lhe deram culpa de não as seguir até o Estreito de Meca, havendo que sem dúvida as alcançára, e tomára em algum porto. Deixadas as galés, voltou Luiz Figueira pera o caminho de Goa, e foi tomar o Cinde; os respeitos porque, nós o não sabemos. ElRey que estava na Cidade de Tatá, sabendo da nossa Armada, mandou hum Embaixador ao Capitão mór della a pedir-lhe » que lhe quizesse castigar os Nautaques, que lhe estavam rebellados, e que lhe faria paga aos » soldados, e despeza da Armada. » Luiz Figueira querendo servir naquelle negocio, mandou sinco, ou seis navios pera irem dar no porto dos Nautaques, e destruillos. Estes navios foram áquelle negocio com o olho nas prezas que se esperavam, e andáram pelas

las coſtas dos Nautaques dando-lhes em alguns portos, e povoações, em que fizeram algum damno. E andando por ella, deo hum dos noſſos navios em ſecco, em parte onde acudíram os da terra, e cortáram as cabeças a todos os Portuguezes, e tomáram o navio com toda ſua artilheria, ſem os noſſos lhes poderem valer: e não ceſſando aqui o mal, deo outro navio em huma reſtinga, onde ſe perdeo, mas ſó ſe ſalvou a gente nos mais navios. Com eſtas avalias ſe recolhêram os mais pera o Capitão mór, que ſentio em eſtremo aquelle negocio, e o houve por grande mofina ſua. E como andava com ſobeja deſconfiança do negocio das galés, (que os ſoldados lhe não perdoáram em matracas, que de noite lhe davam,) acabou aquella deſgraça, ou deſaſtre de o deſconfiar de todo, entriſtecendo-ſe de maneira, que o entendêram todos nelle; e dando á véla pera Goa, chegou áquella Cidade já em Novembro, ſendo o Governador Jorge Cabral partido pera Cochim, como no Capitulo adiante ſe dirá; e tomando algumas couſas neceſſarias, ſe partio em buſca delle, e chegou áquella Cidade, depois do Viſo-Rey D. Affonſo ſer nella, como tudo melhor ſe dirá adiante.

## CAPITULO XIII.

*De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim, e de caminho destruio as Cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, e Panane: e de como estando pera dar em Bardela, lhe deram novas que era chegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha.*

TAnto que o Governador despedio Manoel de Sousa de Sepulveda, logo poz toda a sua Armada no mar, e ficou esperando que viessem náos do Reyno pera saber novas, e tomar dellas mais gente. E tanto que o Verão entrou, escreveo a Chaul, e Baçaim, que ficava posto no mar esperando pelos navios que lhe haviam de mandar, e entre tanto deo despacho a muitos negocios, e fez paga aos soldados, no que se gastou todo o mez de Setembro. E vendo que tardavam náos, e que já não podiam ir senão a Cochim, foi-lhe necessario aviar-se mais depressa, porque se lá as achasse, e lhe viesse successor, se poderia embarcar pera o Reyno; e assim se saffou de todos os negocios, e se embarcou de quinze de Outubro por diante, entregando o governo ao Bispo, Capitão da Cidade, e Ouvidor Geral, e na barra esteve até lhe chegarem os na-

navios do Norte, que foram perto de trinta, com muitos, e bons ſoldados, com cuja vinda ſe fez logo á véla já no fim do mez. A Armada que levava era de mais de cem navios, em que entravam perto de vinte galeões, náos, e galés, e tudo o mais fuſtas, e bargantis. Os Capitães, e Fidalgos, que neſta jornada o acompanháram, dos que pudemos achar os nomes, são os ſeguintes:

D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Baſtião de Sá, Pantaleão de Sá ſeu irmão, D. João Henriques, Franciſco de Mello Pereira, João de Mendoça, D. João Lobo, Martim Affonſo de Miranda, Pero Botelho, Martim Affonſo de Mello Ombrinhos, Fernão Gomes de Souſa, Gil Fernandes de Carvalho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Botelho, Pedro Affonſo de Avelar, Jorge de Mendoça, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E ſeguindo ſua jornada, foi pela coſta do Malavar, aſſolando, e deſtruindo tudo, e deſembarcou em Tiracole (cujo proprio nome he Quiçore) huma Cidade do Reyno do Çamorim, grande, e formoſa, e de muito trato, e mercadores, aſſentada, e eſtendida ſobre a coſta brava duas leguas do rio de Pudepatão pera o Sul, que queimou, deſtruio, aſſolou, e roubou, achando os ſoldados nella grandes prezas. O meſmo fez á

Cidade de Coulete, que deixou abrazada, e ſeus palmares cortados, e todas ſuas embarcações feitas em carvões. E chegando a Calecut, determinou de deſembarcar, e deſtruir aquella Cidade, (porque ſería a maior affronta que ſe poderia fazer ao Çamorim,) mas foi contrariado de todos os Fidalgos da Armada, que lhe diſſeram: » Que não era » bem ſe arriſcaſſe a lhe acontecer hum deſ» aſtre; que era neceſſario poupar-ſe, e ir » inteiro pera o negocio de Bardela, aonde » tinha todos os Reys, e Principes Malava» res, e lhe não podiam fugir das mãos, que » era o mór, e mais importante negocio da » India, e o mais honroſo, pera o que era » neceſſario ir com a mão muito folgada. » Sómente D. João Henriques, e Luiz Xira Lobo foram de contrario parecer, dizendo: » Que ſe quando alli não eſtava o Çamorim » ſe não queimaſſe aquella Cidade, quando » ſe eſperava poder-ſe fazer? Que ſó por cre» dito de ſe dizer antre os Reys Mouros da » India, que deſembarcára nella, o havia » de fazer. » Mas como os outros votos foram tantos, e mais, deixou o Governador aquelle negocio, e paſſou adiante. Chegando ao rio de Panane, entrou nelle com todas as galés, e navios de remo pera queimar aquella Cidade, por ſer a ſegunda do Reyno de Calecut, e a mais rica, e de mór tra-

trato que todas, e porque dellas ſahiam todos os annos muitas náos carregadas de pimenta, e gengivre pera Meca. E entrando no rio, deſembarcou em terra, e commetteo a Cidade; e poſto que nella achou grande reſiſtencia, foi entrada dos dianteiros, que foram por dentro della pelejando com os inimigos, e huma multidão delles ſe recolheo a huma formoſa Meſquita, que foi commettida dos noſſos, e a entráram, mettendo á eſpada a mór parte dos que eſtavam dentro; e hum tropel delles, que ſeriam quaſi ſeſſenta, ſe recolhêram a huma torre, a que ſe ſubia por huma eſcada de caracol. Os noſſos commettêram a entrada da porta, que lhes foi muito bem defendida, e ſobre ella feríram alguns dos noſſos, em que entrou Baſtião de Sá, que eſtava mais chegado á porta, trabalhando por entrar dentro com muito valor, e esforço. A eſte tempo chegou D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que era hum homem agigantado, e muito grande cavalleiro; e vendo o trabalho em que os noſſos eſtavam, e como os Mouros ſe defendiam, paſſou por todos, e chegando á porta com huma eſpada de mão e meia, que levava, e alçando o eſcudo ſobre a cabeça, commetteo a porta, e a entrou, e ao tempo que levantou o eſcudo ſe arremeſſou hum

Mou-

Mouro a elle, e lhe deo huma ferida por debaixo do braço, que lhe ficou descuberto; mas elle tanto que foi dentro, começou a cortar nos inimigos de feição, que os arrancou do lugar, e os foi levando pela escada assima, indo já com elle alguns dos nossos, em que entrava Bastião de Sá; e chegando com elles ao alto, que era mais largo, tiveram huma mui formosa batalha, em que os Mouros por defensão de sua vida pelejáram muito bem; mas em fim todos foram despedaçados.

Despejada a Cidade, poz o Governador toda a sua gente no campo, que seriam perto de quatro mil homens, e mandou Francisco de Siqueira com alguns Capitães, que fossem com os navios de remo queimar as náos, que estavam duas leguas pelo rio dentro. E por terra de longo da ribeira mandou hum esquadrão de dous mil homens pera os favorecerem, e elle ficou com outros dous mil no campo. Os navios chegáram ás náos, e lhes deram fogo, em que todas ellas se consumíram, e mais de trinta navios outros.

Feito este negocio, se embarcou o Governador, e ao outro dia surgio com a Armada grossa na barra de Cochim, e elle com as galés, e todos os mais navios de remo (a que toda a gente se passou) entrou

trou pelo rio dentro, e paſſou pela Cidade com elles embandeirados, e poſtos em armas, e foi ſurgir aquelle dia no caſtello de ſima. Ao outro chegou á Ilha de Bardela, onde achou Manoel de Souſa de Sepulveda com toda a Armada, que tinha a Ilha cercada com os Principes dentro, e ſalvaram-ſe as Armadas com grandes feſtas, e alegrias.

Surtos os navios, chamou o Governador os Capitães, e lhes diſſe, que ao outro dia havia de dar em terra, que ſe fizeſſem preſtes: mandou-lhes que fizeſſem alardo da gente que havia pelas embarcações, o que elles foram fazer, e achāram ſeis mil homens Portuguezes, com todos os moradores de Cochim, que alli foram logo em tones, e outras embarcações; e mandou dizer a ElRey de Cochim, que eſtava da outra banda com quarenta mil homens: » Que » tiveſſe preſtes muitos tones, e almadías pe» ra a ſua gente paſſar á Ilha, quando lhe » mandaſſe recado. » Aquella noite gaſtáram todos em prepararem ſuas armas, e o Governador em dar ordem no modo que ſe havia de ter na de deſembarcação, que foi por eſta maneira.

Manoel de Souſa de Sepulveda havia de levar a dianteira com dous mil homens, que havia de deſembarcar por huma parte, e o

Ca-

Capitão de Cochim com outros dous mil por outra, e o Governador com o reſto em meio d'ambos, e ElRey de Cochim pela outra parte. E tanto que amanheceo, tocou o Governador ſuas trombetas, (que era o ſinal a que ſe leváram todos os navios,) e os noſſos póſtos em armas foram demandar a terra, com grandes gritas de alvoroço, e antes de chegarem lhes alevantáram de lá huma bandeira branca grande capeando com ella.

O Governador mandou levar o remo, e eſperou hum pouco, e logo chegou á ſua embarcação huma almadía pequena, em que vinha hum homem, que lhe pedio da parte de ElRey de Tanor (o que Garcia de Sá fez Chriſtão:) » Que ſobreeſtiveſſe naquillo, » que os Principes Malavares queriam com » elle paz, com todos os partidos que qui- » zeſſe, e que lhe déſſe licença pera elle vir » fallar com elle ſobre aquelle negocio. » O Governador chamou os Capitães a conſelho, e antre todos houve varios pareceres; mas os mais diſſeram: » Que ſe devia de ſaber » o que aquelles Principes queriam; e que » ſendo os partidos taes, e tão honroſos, » como era razão que foſſem, ſe lhes con- » cedeſſem, porque aſſim ſe eſcuſavam da- » mnos, e mortes, que forçado havia de ha- » ver, e mais quando não havia perigo na

» tar-

» tardança, nem lhes podia entrar mais gen-
» te da que tinham, nem elles podiam ſa-
» hir pera fóra, que a todo o tempo os ti-
» nham alli fechados. » O Governador deſ-
pedio o homem com recado a ElRey de Ta-
nor, dizendo-lhe: » Que por amor delle eſ-
» perava que ſe viſſe com elle depreſſa, e ſe
» determinaſſem, que elle não ſe podia alli
» deter muito. »

Com eſte recado deſpedio logo ElRey
outro ao Governador a ſaber delle os par-
tidos que queria que lhe fizeſſem. O Gover-
nador lhe mandou dizer: » Que os Principes
» todos que eſtavam naquella Ilha ſe haviam
» de entregar em ſeu poder, com lhe elle ſe-
» gurar as vidas, e que então fariam as pa-
» zes, e concertos, que foſſem licitos, e ho-
» neſtos. » Sobre iſto foram, e tornáram re-
cados apreſſados, e em eſperanças, e com
invenções foi ElRey de Tanor entretendo o
Governador tres dias, e ao derradeiro á tar-
de chegou huma embarcação que vinha de
Coulão, por dentro dos rios, em que vinha
hum Fidalgo, que já andára na India, cu-
jo nome nos não lembra, e trazia duas car-
tas do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha,
que ficava em Coulão, huma pera o Capi-
tão de Cochim, e outra pera Manoel de
Souſa de Sepulveda, porque não ſabia ain-
da da chegada do Governador alli. E ſaben-
do

do eſte Fidalgo que eſtava elle alli, foi demandar o ſeu navio, e entrou com elle, e lhe deo razão de ſi, e novas do Viſo-Rey, e das cartas que trazia.

O Governador ficou ſobreſaltado, porque receou que foſſe aquillo cauſa de elle não dar fim a huma empreza tão honroſa, e mandou chamar o Capitão, e Manoel de Souſa de Sepulveda, e abrio com elles as cartas, que com poucas palavras lhes dizia: » Que elle ficava em Coulão, e que ao ou» tro dia ſería em Cochim, que lhes man» dava que entre tanto ſobreeſtiveſſem no » negocio que tinham antre mãos, nem fi» zeſſem paz, nem guerra até elle chegar. »

As novas do Viſo-Rey logo ſe eſpalháram por toda a Armada, e começou a haver na gente grande alvoroço, (porque a da India he mais amiga de novidades, que todas as do Mundo.) O Governador ficou magoado pelo erro que tinha feito naquellas dilações, e todavia determinou de não perder aquella honra, por lha não vir outrem arrancar das mãos, e mandou logo chamar todos os Capitães, e lhes diſſe: » Que em quan» to elle não entregava a India ao Viſo-Rey, » todas as couſas della eſtavam á ſua conta, » como quem della tinha dado a menagem. » Que bem viam todos o cabedal que eſta» va mettido naquella jornada, e que não era

ra-

» razão ficaſſe ſem effeito algum; que a vi-
» toria eſtava certa, e que a honra della era
» de todos; que lhes pedia, e rogava, que
» a quizeſſem ganhar, e ſe fizeſſem preſtes
» pera o outro dia pela manhã darem em ter-
» ra, porque ſegundo aquelles Principes eſ-
» tavam medroſos, e faltos de tudo, havia
» de haver pouco que fazer em os tomar ás
» mãos; que trabalhaſſem todos por fazer
» com que os Reynoes quando chegaſſem fi-
» caſſem invejoſos de á ſua viſta ganharmos
» tão grande honra, como na verdade ſería
» a maior de todas as que ſe ganháram na
» India. »

Todos lhe diſſeram que eſtavam preſtes pera o acompanharem, e que lhes parecia mui bem ſua determinação. Com iſto ſe deſpedíram, e foram fazer preſtes pera o outro dia de madrugada. Eſtando todos com eſte alvoroço, quiz Deos (que nenhuma couſa faz ſem cauſa) que aquella noite, e todo o outro dia foſſe tanta a chuva, que alagava os navios, e não havia poder-ſe accender murrão, nem cevar eſpingarda, pelo que deixou o Governador de deſembarcar; e ſobre a tarde chegou o recado, que o Viſo-Rey era já chegado a Cochim, que acabou de deſconfiar o Governador daquella empreza. Com eſtas novas, os mais dos Capitães tanto que anoiteceo deixáram o Go-

ver-

vernador, e ſe foram pera Cochim, ficando elle com muito poucos.

Vendo-ſe elle aſſim atalhado, não querendo que Manoel de Souſa de Sepulveda ficaſſe ſem ſe lhe pagarem as muitas deſpezas, que naquella jornada tinha feito á ſua cuſta, e dinheiro que tinha empreſtado a El-Rey pera ellas, o mandou chamar, e juntamente ao Secretario, e Theſoureiro, e fazendo diante delle conta do que lhe era devido, ſe acháram perto de ſeis mil pardáos, que alli lhe mandou logo contar, e fazer ſuas Provisões, e papeis correntes, porque ſabia quão pouco coſtumavam, os que ſuccediam na governança, pagar as dividas que ſeu anteceſſor tinha feitas, ainda que ſejam em couſas tão importantes, e neceſſarias. E todavia mandou que ſe não deixaſſe a guarda da Ilha de Bardela, encarregando-a a Manoel de Souſa de Sepulveda, até o Viſo-Rey determinar o que ſe havia de fazer, deixando-ſe elle alli ficar até lhe vir recado ſeu.

# DECADA SEXTA.
# LIVRO IX.
## Da Hiſtoria da India.

### CAPITULO I.

*De como ElRey D. João o III. mandou por Viſo-Rey da India D. Affonſo de Noronha no anno de 1550: e do que lhe aconteceo na viagem até chegar a Cochim.*

PELA Armada de Manoel de Mendoça, que da India partio em Janeiro de quarenta e nove, ſoube ElRey da morte do Viſo-Rey D. João de Caſtro, que ſentio muito pela perda de tão bom vaſſallo, e recebeo mui bem a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que naquella Armada veio; mas todavia os merecimentos de ſeu pai, e ſeus não luzíram por então muito nelle, porque andou muitos tempos aggravado, ſem lhe reſponderem, até que depois o deſpacháram com

com menos do que merecia. Mas em tempo de ElRey D. Sebaſtião veio a ſer Veador da Fazenda do Reyno, e dos principaes do ſeu Conſelho de Eſtado, (de quem ſe dizia que lhe tinha dado Alvará pera ſeu Camareiro mór, por ter partes, e qualidades pera iſſo.) Sabendo ElRey que ficava no governo da India Garcia de Sá, que era muito velho, determinou de prover a India, e elegeo pera iſſo D. Affonſo de Noronha, filho do ſegundo Marquez de Villa-Real Dom Fernando de Noronha, a quem deo o titulo de Viſo-Rey, e lhe fez outras honras, e mercês. Pera eſta jornada mandou ElRey negociar ſinco náos, e pagar dous mil homens.

A fama deſta eleição correo logo pelo Reyno, e acudíram á Corte muitos Fidalgos pera o acompanharem nella, a que ElRey deſpachou, e fez muitas mercês; e os que achámos nomeados são eſtes: D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey Dom Antão de Noronha, ſeu ſobrinho, filho de ſeu irmão; D. Garcia, e D. Luiz Tello de Menezes irmãos, filhos do Craveiro; Gonçalo Pereira Marramaque, D. Filippe de Caſtro, Gaſpar de Mello de Sampaio, deſpachado com a Capitanía de Goa; D. Martinho Rolim, D. Franciſco Maſcarenhas o Palha, D. Rodrigo Lobo, filho de D. Pedro Lobo, que faleceo neſta viagem; D. Manoel

noel Mascarenhas, Jeronymo Barreto Rolim, D. Francisco da Costa, filho de D. Alvaro da Costa; D. Antonio Pereira, filho de D. João Pereira; Filippe Carneiro, filho de Antonio Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova; D. Braz de Almeida o torto; Pero da Silva de Menezes, filho de Manoel de Magalhães, Senhor da Nobrega; D. Affonso de Monroy, Francisco Lopes de Sousa, que tinha a Capitanía de Maluco; D. Braz da Silva, Luiz de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno; João da Fonseca, Manteiro da Rainha, que levava o cargo de Veador da Fazenda da India; Simão Ferreira, que hia por Secretario, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

Prestes esta Armada se embarcou o Viso-Rey em Abril; mas foram os tempos tão contrarios, que não pode sahir pera fóra todo aquelle mez, e ao primeiro de Maio dando-lhe jazigo, sahíram pera fóra quatro náos; S. Pedro, em que hia o Viso-Rey; Flor de la mar, de que era Capitão D. Diogo de Noronha o Corcoz, irmão de D. Fernão de Alvarez de Noronha, Capitão geral das galés de Portugal, e Sumilher que foi de El-Rey D. Sebastião; o galeão Biscainho, de que era Capitão Lopo de Sousa; e a náo Santa Anna, em que hia D. Jorge de Menezes o Baroche. A outra náo, que era o galeão

leão S. João, de Diogo de Caſtro do Rio, e hia por ſeu contrato, de que era Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que deſcubrio a India, que hia provído da Capitanía de Malaca, não pode ſahir aquella maré, e mudando-ſe o outro dia o vento, eſperou até dezoito de Maio, em que ſe fez á véla, tempo em que todos deſconfiavam de ella poder paſſar; porque das náos que partíram diante, arribáram (poucos dias depois de elle partir) o galeão Biſcainho, e a náo Santa Anna. Mas eſte Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama com partir tão tarde teve muito boa viagem, porque parece que aos deſcendentes daquelle valoroſo Capitão D. Vaſco da Gama em certo modo reconhecem os mares, e os ventos alguma vaſſallagem, e lhes tem acatamento; nem ſabemos que até eſta hora em que iſto eſcrevemos, aconteceſſe neſta carreira da India algum naufragio, ou perigo aos deſcendentes deſte valoroſo Conde, paſſando por ella todos os ſeus filhos, netos, e biſnetos.

As náos paſſáram quaſi a hum meſmo tempo o Cabo de Boa Eſperança, e Flor de la mar tomou logo derrota pera Moçambique, por ir falta de agua, onde ſe deixou ficar até Março, em que ſe partio pera a India, como adiante diremos. O Viſo-Rey, e D. Alvaro de Taíde, ſem ſe verem, to-

má-

máram a derrota por fóra da Ilha de São Lourenço, e paſſáram muitos riſcos, e trabalhos, com que lhes morreo alguma gente; e indo demandar a coſta da India em Outubro, deram-lhes os Levantes de roſto, de feição, que foi o Viſo-Rey deſcahir a Ceilão, e D. Alvaro de Taíde varou por fóra da Ilha, e foi tomar Pegú, onde ſe refez de agua, e mantimentos. O Viſo-Rey tanto que vio terra, diſſe o ſeu Piloto que era da coſta da India; mas João Rebello de Lima, Piloto affamado que alli hia por paſſageiro, diſſe que a terra que apparecia era Columbo, e Ceilão. O Piloto começou a porfiar que era a coſta da India; e eſtando neſta confusão, chegou huma embarcação, e diſſe ao Viſo-Rey que a terra que apparecia era Columbo. O Piloto vendo aquillo, como era havido pelo melhor da carreira, ficou tão corrido, que ſe metteo no ſeu camarote, e em tres dias morreo de nojo.

O Viſo-Rey mandou governar pera Columbo, e ſurgio fóra. Os da terra conhecendo a náo ſer do Reyno, foram logo a ella alguns navios, que alli ficáram da companhia de D. Jorge de Caſtro; e ſabendo ſer o Viſo-Rey, deſpedíram logo recado a Cota a ElRey, e a Gaſpar de Azevedo, Alcaide mór, que logo acudíram a Columbo; vindo ElRey muito bem acompanha-

do, que mandou visitar o Viso-Rey com muito refresco, e algumas peças. O Viso-Rey soube de Gaspar de Azevedo o succedido havia pouco a D. Jorge de Castro, (como dissemos no Cap. VII. do Liv. VIII.) e as guerras que o Madune fazia a seu irmão; e sabendo ser ElRey em Columbo, desembarcou nos navios, e se foi a terra pera se ver com elle, indo acompanhado de todos os Fidalgos, e gente da sua náo; e recolheo-se em Santo Antonio, Mosteiro dos Frades Menores, onde ElRey se foi ver com elle, passando-se de parte a parte grandes cumprimentos.

Alli lhe deo ElRey conta de suas cousas, e lhe pedio, que pois era vassallo de ElRey de Portugal, que ordenasse as cousas de modo, com que segurasse aquelle Reyno de seu irmão, que o tratava mal, e desejava de o matar. O Viso-Rey lhe disse, que elle trazia isso muito encarregado, e que a primeira cousa em que puzesse as mãos, havia de ser naquella; e a voltas disso lhe pedio duzentos mil pardáos de emprestimo, de que se ElRey escusou, dizendo-lhe, que estava muito despezo por causa das guerras, e que havia pouco gastára mais de setenta mil pardáos com D. Jorge de Castro. O Viso-Rey não ficou muito contente; e despedindo-se delle, se embarcou; e ElRey lhe

deo

deo pera mandar á Rainha naquellas náos as peças ſeguintes.

Hum colar de ouro grande com perolas, e rubins, e tres cruzes de pedraria no pé com huma grande perola em baixo; outro colar com rubins, hum no meio grande; outro colar de ouro com alguns rubins, olhos de gato, e no meio hum olho de gato grande com rubins á roda; tres braceletes de ouro, e pedraria; hum annel grande com hum olho de gato, e rubins á roda; hum formoſo olho de gato ſolto: o que tudo ſe carregou ſobre o Feitor da Armada, e aquelle anno foi pera o Reyno. O Viſo-Rey tambem levou ſeus brincos; e antes de dar á véla, ſe foi ver com elle hum filho do Madune, Rey de Ceitavaca, e o que paſſou com o Viſo-Rey não ſe ſabe. Depois de o ouvir deo á véla pera Cochim.

ElRey da Cota vendo como o Viſo-Rey ſe apartára delle deſgoſtoſo, deſpedio nas ſuas coſtas hum Bragmane Pandito com quinze mil pardáos, que lhe mandava de preſente. O Viſo-Rey chegou a Coulão, e alli ſoube do ajuntamento dos Principes Malavares em Bardela, pelo que deſpedio aquella embarcação com as cartas que atrás diſſemos no derradeiro Capitulo do oitavo livro. Ao outro dia depois da tempeſtade, (por cuja cauſa Jorge Cabral deixou de dar

na Ilha,) furgio o Viso-Rey na barra de Cochim, e foi recebido em terra muito bem. Jorge Cabral o mandou visitar por D. Jorge de Castro, seu tio meio irmão de sua mãi, e elle lhe pagou a visita por hum Escudeiro seu, por quem lhe mandou dizer, que se fosse pera Cochim, e deixasse sobre a Ilha Manoel de Sousa de Sepulveda com os navios de remo. O Governador assim o fez, e desembarcou em Cochim, e foi visitar o Viso-Rey, que o recebeo seccamente; e alli lhe fez entrega da India, e se recolheo pera sua casa, mandando logo navios a Goa em busca de sua mulher pera se embarcar pera o Reyno, correndo sempre muito bem com o Viso-Rey; porque como se não receava de cousa alguma, não quiz quebrar com elle, soffrendo-lhe algumas cousas, de que outros houveram de lançar mão pera queixas, (porque he mui ordinario em alguns Governadores que acabam, quebrarem de industria com os que lhe succedem, pera lhes ficarem suspeitos nas cousas que delles escreverem.)

O Camorim tanto que soube da chegada do Viso-Rey, lhe mandou Embaixadores, que tratáram com elle de pazes, que lhe elle concedeo; e não achámos com que fundamentos, nem a substancia dellas. Sómente nos disseram algumas pessoas, que ficou

o Çamorim de desistir do direito, e perfilhação que tinha feita com o Rey de Bardela, e que daria dous Principes em refens, até se sahirem os que estavam naquella Ilha, que ficaria a ElRey de Cochim. Com isto mandou o Viso-Rey recolher Manoel de Sousa de Sepulveda, e os Principes Malavares se foram da Ilha, e o Çamorim se foi pera Calecut.

D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão do galeão S. João, que foi tomar Pegú, depois de tomar agua, e mantimentos, deo á véla pera a India, e foi tomar a ponta de Calé, onde surgio, sendo entrada de Novembro, e alli desembarcou em terra pera curar os doentes, porque estavam alli Portuguezes, e Frades de S. Francisco com huma casinha pequena. Alli se deteve todo o mez de Novembro, sem lhe dar dos muitos requerimentos que lhe fez Manoel de Castro, procurador de Diogo de Castro, cujo o galeão era. Passado o mez se tornou a embarcar, foi tomar Cochim a treze de Dezembro, e por não ser já tempo pera o galeão ir pera o Reyno, e haver mister concerto, o mandou pera Goa, e se recolheo em Goa a velha, onde invernou, e se concertou.

## CAPITULO II.

*De algumas cousas, em que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha provêo em Cochim: e da Armada que mandou ao Estreito sobre que houve differenças antre D. Jeronymo de Castello-branco, e D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey: e da grande vitoria que os nossos houveram em Cochim de sima de oito mil Nayres Amoucos: e de como Jorge Cabral se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa.*

DAs primeiras cousas em que o Viso-Rey entendeo, foi em mandar huma Armada de sinco fustas ao Estreito de Meca, pera vigiar as galés pelas novas que havia dellas. E quando sahio este negocio em conselho, que se soube, pedio D. Jeronymo de Castello-branco ao Viso-Rey de mercê aquella jornada, e elle lha prometteo, e os navios se começáram a fazer prestes. Acertou de chegar neste tempo a Cochim Luiz Figueira, de que atrás demos conta no Cap. XII. do Liv. VIII., que o Viso-Rey recebeo bem, por sima das desgraças que lhe succedêram, por ser cousa do Infante Dom Luiz, e que lhe elle encommendava muito. Este Fidalgo sabendo dos navios que se faziam

ziam preſtes pera o Eſtreito, como andava muito deſconfiado da jornada paſſada, deſejando de lhe ſucceder couſa em que emendaſſe aquella quebra, metteo todas as valías que pode com o Viſo-Rey, pera que lhe déſſe aquella jornada, apertando D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey, tanto com o pai, que lha concedeo, (tirando-a a Dom Jeronymo de Caſtello-branco, a quem a tinha promettido de peſſoa a peſſoa, ainda que não eſtava declarado,) e não ſabemos com que achaques. D. Jeronymo de Caſtello-branco, que era hum Fidalgo muito honrado, e mancebo de grandes eſpiritos, e opinião, havendo-ſe por affrontado, e injuriado do Viſo-Rey, ſabendo o cabedal que ſeu filho D. Fernando de Menezes mettêra naquelle negocio em favor de Luiz Figueira, o mandou deſafiar. E indo elle já pera o campo, ou fazendo-ſe preſtes pera iſſo, foi ſabido o negocio, e acudio o Capitão da Cidade com todas as juſtiças, e lhes tomou as menagens, prendendo-os em ſuas caſas, até que o Viſo-Rey, e Fidalgos parentes de huns, e de outros mettêram a mão em meio, e os apaſiguáram de maneira, que ficáram ambos ſatisfeitos, e amigos.

Preſtes a Armada, deſpedio-a o Viſo-Rey em Janeiro com regimento, que tornaſſe a invernar a Goa com as novas que achaſ-

achasse. Os Capitães dos sinco navios eram, Luiz Figueira, D. Filippe de Castro, Inofre do Sevoral, João da Costa Peleja, e Gaspar Nunes, da obrigação de Manoel de Sousa de Sepulveda. Dada á vela, foram seu caminho, a que logo tornaremos. O Viso-Rey ficou escrevendo pera o Reyno, e dando despacho a muitas cousas. Jorge Cabral corria com a sua náo, que era a em que o Viso-Rey veio, e dava pressa a seu concerto. E na entrada de Janeiro chegou sua mulher, que tinha mandado buscar a Goa, que vinha muito anojada, porque á sua embarcação lhe falecêra hum filho macho, que não tinha outro, de idade de nove annos, de beber desattentadamente de huma pouça de agua de Solimão de hum frasco, que as mulheres costumam curar pera o rosto, o que Jorge Cabral sentio tanto, que esteve pera morrer de paixão.

O Viso-Rey depois de escrever, e dar despacho a muitas cousas, despedio-se de Jorge Cabral, que ficava correndo com a carga das náos, e o mesmo fez de ElRey de Cochim, e Cidade, e se embarcou de vinte de Janeiro por diante, e de caminho foi visitando as fortalezas de Chale, e Cananor, e deixou por Capitão mór na costa do Malavar D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, com

vin-

vinte navios de remo, com que andou todo o reſto do verão.

O Viſo-Rey chegou a Goa, onde a Cidade lhe tinha preparado hum grande recebimento, por terem ſabido ſer irmão do Marquez de Villa-Real, a quem ElRey chamava ſobrinho. E porque fora Capitão de Ceita, e era inclinado a gente de cavallo, quando entrou pela barra de Goa dentro; indo de longo da terra, lhe apparecêram na praia de noſſa Senhora de Guadalupe duzentos de cavallo em ginetes ricamente jaezados, e os homens veſtidos á Mouriſca muito cuſtoſamente. E por àquella praia até á ponta de Pangim, que continúa ſempre, foram á viſta do Viſo-Rey eſcaramuçando com tal ordem, que folgou muito o Viſo-Rey de os ver. Pelo rio dentro foi o Viſo-Rey achando infinidade de embarcações embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diverſos inſtrumentos de tangeres, e folías, e em terra muitas ſalvas de artilheria, e o meſmo das náos, e galeões que eſtavam no porto. Deſembarcou no caes, e foi recebido da Cidade com as ceremonias acoſtumadas, e com grande applauſo, e contentamento do povo, ficando correndo com ſuas obrigações, onde o deixaremos por continuarmos com as couſas de Cochim.

Jorge Cabral ficou dando preſſa á ſua em-

embarcação ; e porque faltava pimenta por causa das guerras passadas, ficou esperando que descesse pelos rios, o que foi tão devagar, que o deteve até quatorze dias de Fevereiro, em que estava pera se embarcar pera ao outro dia dar á vela. Aquelle dia á noite chegáram novas, que entravam por Cochim de sima oito mil Nayres Amoucos, e que vinham fazendo grandes estragos, com o que a Cidade se pôz em revolta. Jorge Cabral acudio á rua direita, e com elle o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, que o Viso-Rey tinha deixado por Capitão mór dos rios pera fazer correr a pimenta; e tocando tambores, acudio toda a gente, com que se tomáram as bocas das ruas, porque os Amoucos não entrassem na Cidade; e tanto que foi manhã, querendo Jorge Cabral passar em busca dos Amoucos, não o consentíram os Vereadores, e sobre isso lhe fizeram grandes requerimentos, com o que sobreesteve. Despedio o Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda com mil e quinhentos Portuguezes, e outra gente da terra pera irem buscar os inimigos, ficando Jorge Cabral com a mais gente em guarda da Cidade. Os nossos feitos em dous esquadrões entráram por Cochim de sima, onde os Amoucos andavam fazendo destruições, e cruezas muito grandes, e dando nelles, tiveram

hu-

huma muito grande, e arriſcada briga, por eſtarem os inimigos determinados a morrerem. A batalha foi a mais aſpera, e acceza de quantas os noſſos tiveram, e em que nunca ſe víram; e todavia ainda que foi com perda de mais de ſincoenta dos noſſos, os inimigos foram rotos, e desbaratados, ficando dous mil delles mortos, e ataſſalhados no campo, e os mais ſe recolhêram, feridos muitos de eſpingardadas, porque a noſſa arcabuzaria foi a que fez nelles grande eſtrago.

Havida eſta vitoria, ſe recolhêram os noſſos pera a Cidade, onde foram recebidos com muitas honras, e feſtas. Eſta noite ſe embarcou Jorge Cabral; e teve tão ruim, e trabalhoſa viagem por partir tarde, que poz oito mezes no caminho, porque chegou a Lisboa em Outubro. Foi bem recebido de ElRey, que lhe eſtranhou as dilações, porque deixou de dar em Bardela; mas deſpachou-o com quatrocentos mil reis de juro.

Foi eſte Fidalgo filho de João Fernandes Cabral, Alcaide mór de Belmonte, e Senhor de dous, ou tres lugares á roda. Sua mãi ſe chamava D. Joanna de Caſtro, (que foi a primeira Camareira mór que a Rainha D. Leonor teve, quando logo caſou com ElRey D. Manoel, porque era huma Dona de tantas partes, e merecimentos, que por eſ-

esta razão foi eleita pera aquelle cargo.) Foi Jorge Cabral casado com huma filha de hum Cavalleiro muito honrado, chamado João Fialho Borges, que se chamava D. Lucrecia, e em mancebo se namorou della por ser muito formosa; e parece que houve antre ambos alguns penhores, por onde ElRey D. João depois o obrigou a casar com ella, porque parece que se arrependia. E quando foi pera a India despachado com a fortaleza de Baçaim, a levou comsigo, e em sua companhia juntamente foi hum irmão seu della, chamado Christovão Borges, que casou em Goa, e teve huma filha, chamada D. Maria Borges, que depois casou com Ayres Falcão. Dantre ambos nascêram muitos filhos, que são vivos. Não teve Jorge Cabral mais que huma filha, que casou com hum seu primo com irmão, filho de Fernão de Alvarez Cabral, irmão mais velho de Jorge Cabral, e por morte de ambos herdáram ambas as casas.

Foi Jorge Cabral homem bem feito, de boa estatura, muito bom Cavalleiro, de muita verdade, de bom conselho, liberal, e sobre tudo bom Christão. Foi tão amigo dos bons Cavalleiros, e do serviço de ElRey, que estranhando-lhe o Viso-Rey D. Affonso de Noronha (quando logo chegou a Cochim) as muitas mercês que fizera aos homens,

mens, lhe refpondeo: » Bem parece, Se-
» nhor, que não viſtes ainda pelejar os da
» India; como os virdes, então me deſculpa-
» reis. » Foi tão deſintereſſado, que nunca
ſe lhe achou que tachar; e tanto, que lan-
çando-ſe humas trovas em Goa, em que pra-
guejavam de todos os Officiaes, nelle não
ſe fallou, nem tocáram, ſendo os Governa-
dores da India os primeiros a que os ho-
mens não perdoam couſa alguma, notando-
lhes ainda couſas que nunca fizeram. O tem-
po do ſeu governo foi notado por hum dos
melhores da India; e tanto, que andando
Antonio Moniz Barreto, ſendo Governador,
paſſeando na caſa, onde os retratos de todos
os Viſo-Reys, e Governadores, que gover-
náram a India eſtam, diſſe pera alguns Fi-
dalgos que alli ſe acháram, apontando pe-
ra o de Jorge Cabral: » Eſte Caldeireiro foi
» muito bom Governador. » Chamou-lhe aſ-
ſim, porque era de Belmonte, donde são os
Caldeireiros.

CA-

## CAPITULO III.

*Do que aconteceo a Luiz Figueira no Estreito do mar Roxo: e de como encontrou o Turco Cafár com as suas galeotas: e de como de desconfiado investio a Capitania: e de como foi morto, e o seu navio tomado.*

PArtido Luiz Figueira de Goa, (como no Capitulo passado dissemos,) foi atravessando aquelle Golfo, até haver vista de Monte de Felix de longe da costa de Arabia, e foi demandar o Estreito por onde entrou, e andou por elle tomando falla das galés; e chegando ás Ilhas Aparcelladas, (que são logo da banda de dentro,) tomou huma gelva, que lhe deo por novas, que o Cafár andava por aquella paragem com sinco galeotas. Luiz Figueira surgio nellas, e deixou-se alli ficar, e por lhe faltar agua a mandou fazer por Inofre do Soveral, que era grande homem daquelle Estreito, que a foi tomar da outra banda do Abexim, que era sete leguas donde elle ficava, porque alli he o mais estreito. E havendo sinco, ou seis dias que alli estava Luiz Figueira, veio o Cafár demandallo com as suas sinco galeotas, (porque algumas gelvas lhe deram rebate dos nossos navios.) E havendo vista del-

delles, mandou huma galeota que rodeaſſe a Ilha pela outra banda, porque ſe lhe não foſſem os noſſos navios por lá, e elle os foi demandar, affaſtando-ſe das reſtingas que alli havia. Luiz Figueira tanto que vio as galeotas, chamou a ſi os navios, que tambem eram quatro, e diſſe a ſeus Capitães:

» Senhores, eſte he o dia, em que podemos moſtrar o esforço, e valor Portuguez, » e ganharmos huma muito grande honra: » commettamos aquelle inimigo, que eu confio em Deos que nos ha de dar vitoria » delle. »

E pondo-ſe logo em armas ſem eſperar reſpoſta, tomou o remo na mão, e foi demandar as galeotas; e como homem que andava deſconfiado, endireitou com a de Cafár, que vinha diante; e dando-lhe huma ſurriada de arcabuzaria, e de artilheria, a inveſtio pela prôa, e os que hiam no eſporão do navio ſe lançáram dentro, e deſtes ficáram dous ſoldados dependurados dos remos, e com trabalho ſe ſubíram á galeota, onde ficáram pelejando com muito valor, (porque a fuſta da pancada que deo tornou a recuar, e ficou hum pouco affaſtada.) Luiz Figueira mandou apertar o remo, e tornou a pôr a próa na galeota, e logo ſe baldeou dentro com os ſeus ſoldados, achando os outros que da primeira pancada tinham entra-

trado, pelejando com todos os Turcos valorosamente. Luiz Figueira como homem que desejava de se restituir da quebra da outra jornada, com aquelle ímpeto com que entrou, levou os Turcos até o meio da galeota, onde se ateou huma asperissima batalha, em que elle pelejou muito bem. Os outros navios puzeram-se de fóra ás bombardadas, e espingardadas, descuidando-se de irem ajudar o seu Capitão mór. As outras tres galeotas dos Turcos se foram chegando pera os nossos ás bombardadas, e espingardadas, de que deram huma em hum pé a João da Costa Peleja. A este tempo víram os nossos cahir Luiz Figueira de huma espingardada, de que logo morreo, tendo feito taes cousas, que os Turcos ficáram passmados, e o Cafár disse aos soldados que alli ficáram cativos, (segundo elles depois que os resgatáram disseram,) » que se Luiz Figuei-
» ra não morrêra da espingardada, sem dú-
» vida elle ficára rendido. »

Morto Luiz Figueira, nos seus soldados houve pouco que fazer; porque os que ficáram vivos, logo se rendêram, sendo já mortos dez, ou doze, ficando tambem a sua fusta em poder dos Turcos. O Cafár tambem ficou ferido de huma ruim espingardada por hum braço, e perdeo mais de quarenta dos seus. Os outros navios da companhia de Luiz

Fi-

Figueira , tanto que víram o ſeu Capitão mór rendido , e morto , ſe foram affaſtando , e deram á véla com o Ponente rijo , e foram fugindo pera fóra do Eſtreito. As galeotas dos Turcos os foram ſeguindo : Gaſpar Nunes tanto que ſahio do Eſtreito tornou a voltar pera a outra banda do Abexim , e foi demandar Maçuá ; e tendo vergonha de ir á India , por ver matar o ſeu Capitão mór , deitou a artilheria no mar , e com os ſeus ſoldados ſe foi por terra pera o Preſte João , e no Moſteiro de Baroá acháram o Barnagais , que os recebeo bem , e os encaminhou pera o ſeu Rey : eſtes todos morrêram por lá.

Inofre do Soveral , que eſtava fazendo aguada da outra banda , ouvindo bombardadas , levou-ſe , e tomou o remo pera ſe ir pera o ſeu Capitão mór ; e indo demandando a Ilha , deo com a galeota que o Cafár mandou pela outra banda , como atrás diſſemos , e foi já tão perto que não pode voltar. E tomando depreſſa as armas , endireitou com a galeota , e poz-lhe a prôa , tendo de bordo a bordo huma tão aſpera , e acceza batalha , que foi eſpanto. Os Portuguezes fizeram couſas tão notaveis , que nos faltão palavras pera o encarecer ; baſta que depois de muitas horas abordadas ſe affaſtáram tão deſtroçados ambos , que ſe não ou-

ſáram a commetter outra vez, e deram á véla cada hum pera ſua parte, com mais de ametade da gente morta, e todos os mais muito mal feridos. Inofre do Soveral foi voltando pera fóra do Eſtreito, e foi ſeguindo ſeu caminho. As galeotas que vinham apôs os mais navios os foram entrando, principalmente huma dellas, que era muito veleira, e ligeira; e como o vento era rijo, e os Turcos forçáram a véla, quiz Deos que lhe arrebentaſſe, e ficaſſe anhota, com o que os noſſos tiveram tempo de fugir, e os Turcos tornáram em buſca do ſeu Capitão. Inofre de Soveral encontrou depois os mais navios, e todos juntos ſe fizeram na volta de Goa. No caminho encontráram huma náo, que hia de Dio pera Meca com cartaz; e demandando-a, lhe atirárão a amainar, o que ella fez por ir com ſeguro; e entrando os noſſos nella, moſtrando-lhe o cartaz, o ſumírão, e a roubárão. Com eſtas avalias chegáram a Goa no fim de Abril; e ſabendo o Viſo-Rey o que era paſſado, mandou prender os Capitães, e pelos não affrontar com outro negocio, lhes veio o Procurador de ElRey com Libello, que roubárão a náo que levava cartaz; ao que vieram com ſuas contraditas, dizendo, que levava couſas defezas, e aſſim o provárão, com o que ficáram livres, mas deſacreditados.

CA-

## CAPITULO IV.

*De como os Turcos tomáram a fortaleza de Catifa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou D. Antão de Noronha com huma grossa Armada pera a tornar a cobrar: e dos mais Capitães que despachou pera fóra: e de como D. Diogo de Noronha se perdeo no rio de Mazagão: e do que lhe aconteceo até vir a Goa.*

DEpois que o Turco se vio senhor de Baçorá, desejou logo de o ser de todo aquelle Estreito Persico, de huma, e de outra banda, até se vizinhar com a Ilha de Ormuz, que lhe não sahia do pensamento, pelo grosso trato, e commercio que nella concorria de todas as partes do Oriente, e pera isso tinha mandado ao Baxá de Baçorá, que trabalhasse por tomar Catifa, e Barem, e que mettesse dentro grandes guarnições. O Baxá este verão atrás de sincoenta, querendo pôr as mãos a este negocio, carteou-se com alguns Arabios de dentro de Catifa, e com promessas os rendeo, e assentáram que fosse com huma Armada, e os cercasse, que elles lhe entregariam a fortaleza. Com isto ajuntando muitas embarcações, se embarcou com muita gente, e surgio sobre Catifa, a que poz cerco da banda do

mar. Eſtava por Capitão nella Moradebeque com trezentos, ou quatrocentos Arabios. Eſte, ou que foſſe aviſado, ou que ſuſpeitaſſe que alguns dos ſeus eſtavam peitados dos Turcos, quiz ſegurar ſua vida, largando a fortaleza, e ſe recolheo pera o certão. Deſta feita ficáram os Turcos ſenhores della, e a reformárão, e guarnecêrão de artilheria. Eſtas novas chegáram a Ormuz, que puzeram a todos em grande confusão pela ruim viſinhança dos Turcos. ElRey o ſentio muito pela perda de huma fortaleza tão importante, e ſe vio com o Capitão D. Alvaro de Noronha, e deſpedíram logo recado ao Viſo-Rey pera que mandaſſe acudir a eſtas couſas, porque poderia aquelle negocio vir a ſer de grande damno.

Eſtas cartas chegáram ao Viſo-Rey depois de ſer em Goa, e juntamente com ellas vieram Embaixadores de ElRey de Baçorá, que andava no certão fazendo guerra aos Turcos, que lhe tinham tomado o ſeu Reyno, que eſtava concertado com os Senhores Gizares, que viviam naquellas Ilhas, que eſtam na garganta do Eufrates, grandes inimigos dos Turcos. Por eſtes Embaixadores mandava o Rey de Baçorá pedir ao Viſo-Rey, que o quizeſſe favorecer com huma Armada, que não fizeſſe mais que pôrſe ſobre aquelle porto, porque elle ficava

em

em campo com todos os Reys Arabios ſeus viſinhos com trinta mil homens pera tornarem a cobrar aquella Cidade, e lançarem os Turcos fóra; e que elle ſe offerecia dar a ElRey de Portugal a fortaleza de ſobre a barra, e ametade dos rendimentos da Alfandega.

Viſtas as cartas pelo Viſo-Rey, e ouvidos os Embaixadores, vendo a importancia do negocio, ajuntou os Fidalgos, e Capitães a conſelho, e lhes propoz o caſo, e leo as cartas, e diſſe o que ElRey de Baçorá lhe pedia, e promettia. Diſcutida antre todos a materia, aſſentáram » que era muito neceſ-
» ſario mandar-ſe logo huma Armada, e po-
» der, pera tornar a tomar aquella fortale-
» za, aſſim por ſer de ElRey de Ormuz, co-
» mo pera tirar os Turcos de tão perto da
» noſſa fortaleza, e pera entenderem que to-
» das as vezes que metterem pé em alguma
» parte daquellas, os podiam lançar fóra;
» e que o meſmo Capitão que foſſe áquella
» empreza, depois de acabada, paſſaſſe a Ba-
» çorá, e favoreceſſe aquelle Rey até tornar
» a cobrar ſeu Reyno, porque tambem era
» negocio de muita importancia a fortaleza,
» e Alfandega que offerecia, pera o que ſe
» mandaſſe logo hum Veador da Fazenda,
» pera dar ordem ás ſuas couſas. » Aſſentado iſto, nomeou o Viſo-Rey pera eſta jorna-

nada D. Antão de Noronha, ſeu ſobrinho, com mil e duzentos homens, ſete galeões, e doze navios de remo; e logo mandou dar muita preſſa a eſta Armada, e pagar gente, que então havia muita.

E em quanto ſe negociava, quiz prover nas couſas de Maluco, por lhe chegarem cartas de Bernaldim de Souſa, e de ElRey de Ternate, em que lhe davam conta das couſas daquella fortaleza, e ElRey lhe pedia encarecidamente que a proveſſe de outro Capitão, porque elle não havia de conſentir Jordão de Freitas, por ſer ſeu inimigo mortal; e que não cumpria ao ſerviço de ElRey de Portugal haver divisões, e odios antre elle, e os Capitães daquella fortaleza. Vendo o Viſo-Rey as cartas, praticando aquelle negocio com os Fidalgos velhos, aſſentáram » que ElRey pedia juſtiça, » e razão, e que o ſatisfizeſſem naquelle par- » ticular, e que ſe déſſe a Jordão de Freitas » outra couſa. » Com iſto determinou o Viſo-Rey de mandar outro Capitão, e elegeo pera iſſo D. Garcia de Menezes, filho do Craveiro, que com elle tinha vindo do Reyno. Eſta eleição fez, porque era hum Fidalgo de muita arte, e de muito aviſo, e letrado, agraduado em Canones, porque o tinha o pai mandado aprender letras pera o fazer Clerigo; e vindo dos eſtudos á Corte, ſe namo-

morou de huma Dama, filha de hum Fidalgo muito honrado, com que foi achado; e receando-se tanto do pai delle, como do della, se embarcou escondidamente pera a India na náo do Viso-Rey, que folgou de lhe dar esta Capitanía, pera que tirasse della vinte mil cruzados, e se tornasse pera o Reyno a casar com ella, que ficava recolhida em hum Mosteiro. Ordenou-lhe o Viso-Rey hum galeão com muitos provimentos, e munições, e passou Provisões pera Jordão de Freitas se embarcar pera a India, e lhe deo carta de guia pera qualquer Capitão que estivesse na fortaleza lha entregar.

Prestes a Armada de D. Antão de Noronha, lançou-a o Viso-Rey fóra o primeiro de Abril. Os Capitães que hiam nella são os seguintes: elle no galeão S. Lourenço, João Fernandes de Vasconcellos, Manoel de Vasconcellos, Martim Affonso de Mello Hombrinhos, Pedro Affonso de Avelar, Antonio Lopes de Oliveira, o Licenciado Jeronymo Rodrigues, que hia por Veador da Fazenda, todos estes em galeões, e caravelas; os Capitães das fustas eram, Dom Jeronymo de Castello-branco, Diogo Pereira, João Serrão, Antonio Henriques, Gonçalo de Moraes de Sousa, Martim Barbudo, Antonio de Betancor, João Coelho, Ruy Lopes, Pedralvarez, Gonçalo Pires, e ou-

outros. Dada á véla foram ſeguindo ſua jornada, a que logo tornaremos.

Partida eſta Armada o fez tambem o galeão de Maluco, e juntamente deſpachou o Viſo-Rey a Gil Fernandes de Carvalho (irmão de Ruy de Souſa de Carvalho, que os Mouros matáram ſendo Capitão de Tangere) pera ir a Quedá com hum galeão a fazer aquella viagem, que era de muito proveito; e deſpachou Gonçalo Vaz de Tavora em huma náo pera Bengala. Niſto ſe gaſtou todo o mez de Abril; e na entrada de Maio lhe vieram cartas de D. Diogo de Noronha o Corcós, em que lhe pedia embarcações pera ſe recolher, porque ſe perdêra no rio de Mazagão, e eſtava em terra cercado de Mouros. Eſte Fidalgo foi por Capitão da náo Flor de la mar da companhia do Viſo-Rey, e ficou em Moçambique por chegar alli tarde, (como atrás diſſemos no Cap. I. deſte IX. Liv.,) e em Março deo á véla pera vir invernar á India, e no caminho achou muitas calmarias, pelo que gaſtou até o derradeiro dia do mez de Abril; e em Maio vindo demandar a coſta da India, foi o ſeu Piloto varar com a náo no rio de Mazagão, trinta e oito leguas de Goa: e tirando fóra o batel, e eſquife, deſembarcou com toda a gente na boca daquelle rio, e em hum morro da banda do Sul, que fi-

fica ſobre a agua, ſe fortificou com pipas, e madeira, e ſe guarneceo da artilheria que tirou da náo, e deſembarcou o cofre do cabedal, e muita fazenda outra. E deſpedio recado ao Capitão de Chaul, e ao Viſo-Rey que o ſoccorreſſem, porque acudiam os Mouros de Carapatão, Ceitapor, Dabul, e de outras partes com a cubiça da preza, e que ficavam ſobre elle mais de ſinco mil. A Cidade, e Capitão de Chaul tiveram as cartas em tres dias, porque era mais perto, e logo deſpedíram doze navios cheios de muita, e boa gente, que chegáram a Mazagão, com o que os noſſos ficáram deſaffogados, e os Mouros ſe recolhêram. D. Diogo de Noronha não ſe quiz embarcar até vir recado do Viſo-Rey, que em lhe dando as cartas, no meſmo dia deſpedio João Peixoto por Capitão mór de quatro navios, e por terra mandou Gaſpar Pires de Matos com quarenta piães, e huma grande ſomma de ſervidores, e bois, pera trazerem o fato por terra, e eſcreveo a D. Diogo de Noronha, que ſe foſſe por mar, e mandaſſe a gente com Gaſpar Pires de Matos.

Chegado eſte recado, ſe embarcou Dom Diogo de Noronha com as peſſoas que eſcolheo nos navios de João Peixoto; e da mais gente, que ſería perto de quatrocentos homens, fez hum muito arrezoado eſquadrão,

drão, ordenando-lhe ſeus Capitães, e os mandou por terra em companhia de Gaſpar Pires de Matos. E D. Diogo de Noronha como hia por mar, poz poucos dias até Goa, e depois chegáram os que foram por terra, e paſſáram todo aquelle caminho ſem lhes acontecer deſaſtre, affronta, nem enfadamento algum; porque o Viſo-Rey tinha mandado cartas do Tanadar de Pondá pera todos aquelles Tanadares por onde elles haviam de paſſar. Com a chegada deſta gente ſe cerrou o inverno.

## CAPITULO V.

*Da liga que ElRey de Viantana convocou contra a fortaleza de Malaca: e da diſſimulação com que mandou viſitar o Capitão D. Pedro da Silva da Gama.*

SUccedêram tantas couſas juntas em hum meſmo tempo, que não foi poſſivel continuar com ellas por não fazer confusão; e por eſta razão guardamos todas as mais que eram de mais longe pera eſte lugar, e continuaremos agora com as de Malaca. Na noſſa quarta Decada, no Cap. III. do Liv. II. temos dado conta de como Pero Maſcarenhas lançou fóra da Ilha de Bintão a ElRey Soltão Halaudim, filho do Soltão Mahamede, a quem Affonſo de Alboquerque tomou

Ma-

Malaca. Efte Soltão Halaudim fe paffou pera Viantana, donde D. Eftevão da Gama, fendo Capitão de Malaca, tambem o lançou fóra pela ruim vifinhança que fazia: e nas pazes que lhe fez, o obrigou a fe paffar pera Muar, onde eftaria fem fazer forte algum; e alli fe apofentou em hum lugar chamado Tangór, onde viveo tres, ou quatro annos. E defcuidando-fe os Capitães de Malaca delle, fe paffou pera o rio de Jor, que eftá pegado á ponta de Viantana, por fer hum porto mui accommodado pera o que pertendia, (que era trazer a elle o trato de Malaca, e fazer com fuas Armadas entrar nelle todas as náos, e juncos que foffem pera a noffa fortaleza, de toda a cofta de Jaoá, Sião, Camboja, Borneo, e outras, o que fez fem de Malaca lhe irem á mão.) Com ifto engroffou tanto, que lhe vieram defejos de tornar a cobrar feu Reyno, e a Cidade de Malaca, e lançar della os Portuguezes por ter cabedal pera as defpezas. Com efte penfamento começou a fazer preftes fuas gentes, e Armadas, não fiando de peffoa alguma aquelle negocio por os noffos fe não aperceberem, antes lançou fama, que fazia aquellas preparações pera contra o Achém. Pera ifto fe carteou com ElRey de Perá, Pão, Marruás, e outros feus vifinhos, que folgáram de entrar naquella liga, e mandou con-

convidar pera ella a Rainha de Japorá na costa de Jaoá com quem tinha razão, commettendo-lhe seus partidos, e facilitando-lhe a jornada, pelo descuido com que os Portuguezes estavam, e pela falta que de tudo tinham.

Convocada esta liga, fizeram todos os della suas juntas, e lançáram suas Armadas ao mar, negociando artilheria, munições, e mantimentos. Contra esta guerra foi sempre Lacximena, que não podia ElRey deixar de lhe dar conta disto, porque era seu Capitão geral, e como era velho, e sezudo, e sabia o pouco fruto que daquella jornada se havia de tirar, estando hum dia com ElRey só, lhe disse:

» Nas cousas desta guerra, ainda que V.
» A. me não peça conselho, não hei de dei-
» xar de vos dizer o que entendo, pela obri-
» gação de bom vassallo. Não sei, Senhor,
» se vos vem bem provardes tantas vezes vos-
» sa fortuna com os Portuguezes; porque
» pela experiencia que todos temos delles,
» bem se sabe que ninguem póde levar del-
» les a melhor. Vós tendes feito pazes com
» D. Estevão da Gama, Capitão que foi da-
» quella fortaleza, irmão do que hoje está
» nella, a quem quereis fazer guerra, que
» por duas razões não podeis quebrar. A pri-
» meira, e principal he, pelo grande per-
» ju-

» juro que commettereis contra Mafamede,
» e pela authoridade, e fé Real, que os
» Reys são tão obrigados a guardar. A se-
» gunda he, porque da parte dos Portugue-
» zes não ha occasião alguma de escandalo,
» antes sempre se mostráram amigos; e tan-
» to, que soffrêram cousas de que bem pu-
» déram lançar mão. Da amizade destes ho-
» mens vos resultão dous proveitos: hum do
» trato, e commercio; e o outro do favor,
» e ajuda nos trabalhos: por isso, Senhor,
» vede o que fazeis, não queirais por hum
» pequeno appetite arriscar tantas vezes a
» honra, e a vida. »

ElRey como estava com paixão, e odio, lhe respondeo: » Que elle tinha considera-
» das bem aquellas cousas, e deitadas suas
» contas, e que não hia contra sua fé, e
» obrigação em querer ganhar aquella Ci-
» dade, que direitamente era sua, e fora de
» seus avós; e que elle esperava em Mafa-
» mede de a ganhar daquella vez. » Lacximena se calou, e mandou fazer prestes a Armada, e na entrada de Junho a poz toda no mar. ElRey se embarcou com sinco, ou seis mil homens escolhidos, e no mar esperou os Reys da liga, que se foram ajuntar com elle, formando-se huma Armada de mais de duzentos navios, em que entravam mais de quarenta juncos da Rainha de Ja-

po-

porá, cujo Capitão mór era hum Jáo muito valente homem, chamado Sangue de Pate, que trazia quatro, ou finco mil homens de peleja.

Partidos todos do porto de Jor, foram furgir na ponta de Bancallis, que he na cofta de Camatra defronte do Cabo Rechado, no mais eftreito de todo aquelle mar, porque de huma parte haverá perto de feis leguas. Surtos alli, mandou ElRey de Viantana chamar Lacximena, e lhe diffe » que » foffe a Malaca a modo de vifitar o Capi- » tão de fua parte, e que a voltas diffo no- » taffe o modo da fortaleza, e que gente ti- » nha, e fe havia atoardas defta Armada. » Lacximena lhe diffe » que elle fora a Mala- » ca jurar as pazes com D. Eftevão da Ga- » ma, e que não era razão que tornaffe lá » com recado de enganos; que mandaffe el- » le feu filho a iffo, e que fe em Malaca » houveffe alguma fufpeita daquella junta, » podia fer que o Capitão o reprezaffe, e » que com iffo lhe ficaria occafião pera que- » brar as pazes. » Pareceo a ElRey bem aquelle confelho, e defpedio logo o filho de Lacximena, que era moço, em algumas lancharas muito bem acompanhado.

Chegados eftes navios ao porto de Malaca, mandou o filho de Lacximena lançar hum criado feu em terra, que foi levado ao

Ca-

Capitão, e lhe disse » que o filho de Lac-
» ximena ficava no porto, que lhe trazia hu-
» ma embaixada de ElRey de Viantana, que
» lhe pedia licença pera desembarcar. » Dom
Pedro da Silva da Gama mandou chamar
os casados, e pessoas principaes pera lhes
dar conta daquelle negocio, como fez.

Antonio Fernandes de Ilher, que antre
elles era o mais antigo, e rico, tomou a
mão a fallar, e disse » que aquella visitação
» não trazia proposito algum, e que lhe pa-
» recia invenção de ElRey, que era falso,
» e máo; que a Armada que fazia em Jor
» lhe não cheirava bem, que devia de lançar
» mão do filho de Lacximena, porque pela
» ventura se restringisse ElRey de seu máo
» proposito, se o tivesse; e quando todavia
» fosse com elle ávante, era muito bom tel-
» lo na fortaleza pera com elle fazer todos
» os bons partidos que quizesse; porque seu
» pai havia de trabalhar com ElRey pera ha-
» ver o filho, » e alguns outros foram do
mesmo parecer; mas D. Pedro da Silva lhes
disse, » que fosse a embaixada quão suspei-
» tosa quizesse, que tivesse ElRey quão ruins
» propositos houvesse, que já que aquelle ho-
» mem vinha com nome de Embaixador, que
» lhe havia de fazer honras, e gazalhados,
» e que se havia de tornar livremente; por-
» que não era elle homem que havia de vio-
» lar,

» lar, e quebrar aquella boa, e antiga liber-
» dade dos Embaixadores.» Com isto lhe
mandou licença pera vir a elle, e o man-
dou receber por todos os honrados da terra.
Desembarcado o filho de Lacximena, foi le-
vado ao Capitão, que o esperou em sala
paramentada, e com grande magestade.

O Embaixador depois dos primeiros cum-
primentos, e palavras de visitação, deo ao
Capitão huma carta de ElRey de poucas pa-
lavras, em que lhe dizia » que elle hia com
» huma boa Armada contra o Achém seu ini-
» migo, e que não quiz passar sem mandar
» saber de sua saude; que lhe pedia muito
» lhe mandasse Luiz de Almeida, e outro
» Capitão de outro navio (a que não achá-
» mos o nome) pera o acompanharem naquel-
» la jornada.» A voltas disto lhe deo muito em
segredo outra carta de seu pai Lacximena,
em que lhe dizia:

» Que ElRey seu Senhor ficava em Ba-
» callis com huma grossa Armada, e muitos
» Reys visinhos em seu favor; que a fama
» que lançava de ir contra o Achém era
» falsa, porque elle vinha sobre aquella for-
» taleza muito contra seu parecer, e vonta-
» de; que os Capitães que lhe mandava pe-
» dir os não désse, porque a sua tenção era
» tirar-lhe navios, e gente daquella fortale-
» za pera o enfraquecer; que lhe manda-

» va

» va ſeu filho, que fizeſſe delle o que qui-
» zeſſe. »

D. Pedro da Silva da Gama vendo a carta de Lacximena, guardou-a muito em ſegredo, e reſpondeo ao Embaixador com palavras geraes, e eſcreveo a ElRey outra carta breve de diſſimulações, e cumprimentos ſem lhe fallar a propoſito nas mais couſas; e ao filho de Lacximena deo muitas peças, e brincos pera elle, e pera ſeu pai, a quem eſcreveo huma carta muito honroſa, e de muitas obrigações, e com iſto o deſpedio.

## CAPITULO VI.

*De como os Reys da liga deſembarcáram em Malaca, e ganhâram as povoações de fóra, e queimáram as náos que eſtavam no porto: e do que fez o Capitão Dom Pedro da Silva da Gama.*

CHegado o filho de Lacximena a ElRey, lhe deo conta do que paſſára com o Capitão de Malaca, e que não ſentíra alteração alguma na terra, nem ſuſpeitas de guerra, e que poderia haver na fortaleza quatrocentos homens Portuguezes, e que no porto eſtavam duas náos grandes. Com eſta informação aſſentáram os inimigos de irem amanhecer ſobre Malaca, e lançarem logo gente em terra pera ganharem o recheio das po-

povoações de fóra; e assim se fizeram á véla, e no quarto d'alva chegáram á vista de Malaca, e o Rey de Viantana, que levava a Armada ligeira, foi demandar as náos que estavam na Ilha, (huma dellas era de Luiz Mendes de Vasconcellos, parente de Dom Pedro da Silva, e a outra de hum Antonio Fernandes, morador em S. Thomé,) em que lançou tanto fogo, que as abrazou; e remettendo com a terra da banda de Ilher, e o Sangue de Pate, Capitão da Rainha de Japorá dos de Malaca desta banda, que he a do Norte, que he a povoação dos naturaes, de que he Governador o Tumugão, e o Bandará de todos os Chelis, que são mercadores de toda aquella costa de Choromandel.

Aqui nesta parte desembarcou o Sangue de Pate, e commetteo logo as tranqueiras, porque a povoação he toda cerrada. Os naturaes sentíram os inimigos; e tomando as armas, se puzeram em defensão, pelejando muito valorosamente, governando-os o Tumugão, e o Bandará, com muito animo, e esforço. ElRey de Viantana, que desembarcou na parte de Ilher, que he a do Sul, foi commetter a povoação, que era de pescadores, e tambem achou muito grande resistencia. Em ambas as povoações se pelejava com muito valor, (foi isto dia do Apostolo S. Barnabé, que cahe aos onze dias de

Ju-

Junho.) O Capitão D. Pedro da Silva da Gama, tanto que sentio o reboliço, e soube da gente que hia fugindo pera a fortaleza, que os inimigos andavam em terra, acudio com toda a gente á porta da fortaleza, e como foi manhã despedio Luiz Mendes de Vasconcellos com cem soldados a favorecer os Chelis, e moradores da povoação antiga de Malaca, porque alli estavam todos os mantimentos, e fazendas da terra. Luiz Mendes chegou á povoação, onde a briga andava mui acceza, e a começou a defender, e a pelejar muito bem; mas como os Jáos eram muitos, e muito determinados, a entráram por algumas partes, com morte, e damno dos naturaes. Os nossos vendo a cousa perdida, ajuntáram a si o Tumugão, e o Bandará com sua gente, e fazendo-se em hum corpo se foram recolhendo pera a fortaleza, dando guarda ás mulheres, e meninos, que se vinham recolhendo, carregadas de suas joias, e cousas manuaes que puderam salvar. Foram os nossos tendo o encontro aos inimigos, em quem com a arcabuzaria fizeram assás de damno. Durou isto até mais de meio dia, ficando os inimigos senhores da povoação com todo o seu recheio, e muitos mantimentos que se não pudéram recolher, por não haver tempo pera isso; o que foi muito grande per-

da , e houvera de pôr aquella fortaleza em grande rifco pela falta que delles houve , como adiante fe verá.

Aqui nos cabe lembrar o defcuido com que nefte negocio fe vive nas fortalezas da India , onde os Capitães dormem feu fono defcançado , como fe eftiveram em Alentejo , não lhes lembrando que vivem antre inimigos , que defejão de beber o fangue Portuguez ; e todas as vezes que virem qualquer occafião pera o moftrarem , a não hão de perder. Difto tem a culpa hum mal entendido zelo , que fe quer moftrar no ferviço do Rey , com lhe atalharem defpezas pera accrefcentarem na fazenda , pondo fó os olhos em refpeitos particulares , e não nos damnos que diffo fe podem feguir , que são tão grandes , que á falta de provimentos fe perdêram já duas tão importantes fortalezas , como foram as de Chale , e Ternate , de que em feu lugar daremos razão. E fe havemos de fallar verdade , como temos por obrigação , pelo juramento de noffo cargo , e pela experiencia que da India temos de quarenta annos , affirmamos , e dizemos , que depois que na India entrou efta linguagem de accrefcentar na fazenda do Rey , fe foi tudo diminuindo ; porque não ha coufa que mais accrefcente nefta fazenda , que recolherem-fe nos armazens de cada fortaleza dous

mil

mil candís de arroz, pera eſtarem em depoſito, pera o tempo da neceſſidade, e depois no novo vendellos, e com o dinheiro comprar outros tantos, e ſempre ElRey fica ganhando. E ſe diſſerem que as deſordens dos Capitães são grandes, e que metteráõ a mão em tudo o que quizerem neſte negocio, pera iſſo tem o Rey juſtiças pera caſtigar rigoroſamente quem tocar nos mantimentos do depoſito, porque eſtes he neceſſario ſejam tão inviolaveis, que ſe não toque nelles ſenão no tempo da guerra, ou neceſſidade urgente.

E tornando á noſſa ordem. Os inimigos ficáram ſenhores das povoações de fóra, o Rey de Viantana da de Ilher, onde logo começou a fazer huma forte tranqueira, e os Jáos daquella parte de Malaca, onde tambem ſe fortificáram, e aſſentáram ſua artilheria pera baterem a noſſa fortaleza. D. Pedro da Silva não faltou em couſa alguma, antes como Capitão esforçado, e prudente começou a dar ordem ás couſas neceſſarias pera a defensão daquella fortaleza, provendo os baluartes, e guaritas de Capitães, e ſoldados. E porque da parte do mar eſtava aberto, mandou correr com huma eſtacada da ponte pera baixo, e alguns juncos que eſtavam no porto, que os inimigos não queimáram, por eſtarem defronte da fortaleza,

man-

mandou recolher pera dentro do rio, pera o que alevantáram a ponte, que era de taboado levadiſſa, e todos mandou pôr naquella face da fortaleza, e povoação que corre pelo rio aſſima, bem chegados á terra pera ficarem defendendo aquella parte, e poz nelles alguma gente pera iſſo. E a cerca da Cidade, que era muito grande, mandou renovar por algumas partes, e reformar as guaritas, que proveo de ſoldados. He eſta cerca de taipa á antiga, e pela banda de dentro tem huma tranqueira de madeira entulhada até á taipa, de feição que deixava hum andaimo de quatro paſſos pera ſerviço da gente, e á roda della tem muitas guaritas, a fóra os baluartes; o que tudo o Capitão proveo, e repairou muito bem. E vendo que os inimigos plantavão ſuas eſtancias, como homens que determinavam de eſtar devagar, deſpedio huma embarcação ligeira, em que mandou hum homem de recado com huma carta geral pera ir por toda aquella coſta de Quedá, Tanaçarim, Pegú até Bengala, a dar recado a todos os Portuguezes que alli eſtiveſſem com navios, pera que o ſoccorreſſem com gente, e mantimentos; e juntamente deſpedio outra embarcação, em que mandou hum Amo de hum Cheli, homem honrado, pera ir a Patane a dar aviſo aos navios que haviam de vir de Sião,

Cam-

Camboja, e de todas aquellas partes pera Malaca, pera que não fossem cahir nas mãos dos inimigos. Das jornadas destes dous adiante trataremos.

## CAPITULO VII.

*De como os inimigos começáram a bater a fortaleza: e de como chegou a ella Dom Garcia de Menezes: e de huma sabida que fez aos inimigos, em que o matáram.*

TAnto que os inimigos se fortificáram, logo começáram a bater a nossa fortaleza, de huma, e da outra parte com grande terror, e della tambem os serviam arrezoadamente, trazendo D. Pedro da Silva grande vigilancia em tudo, vendo, notando, e provendo as cousas que eram necessarias, não quietando de dia, nem dormindo de noite, porque os inimigos lhe não davam vagar pera cousa alguma destas; porque começáram a dar assaltos mui apressados, e amiudados, de que as mais das vezes sahiam bem escalavrados. Poucos dias depois de sua chegada appareceo a caravela, em que vinha D. Garcia de Menezes, filho do Craveiro, que deixámos partido de Goa pera Malaca, no Cap. IV. do Liv. IX. Em a vendo os inimigos, despedio ElRey de Viantana Lacximena com quarenta, ou sinco-

coenta lancharas, pera a irem commetter, como fizeram.

D. Garcia de Menezes tanto que vio aquella Armada, que se conheceo ser de inimigos, mandou embandeirar a caravela toda, e negociar a artilheria, e posto em armas com todos os seus assim á véla foi caminhando até chegar á Armada do inimigo. Lacximena rodeou a caravela, e começou a esbombardear soberbamente, chegando-se a ella quanto pode, por ver se a podia investir; mas a caravela que levava muita, e muito boa artilheria, a começou a desparar pera todas as partes, empregando suas cargas muito á sua vontade; porque como hia á véla com vento fresco, governava pera onde queria. Lacximena trabalhou tudo o que pode por abordar a caravela, mas nunca pode; porque como hia á véla, receava de pôr a prôa nella, por se não espedaçar, e foi de fóra esbombardeando-a, e mettendo-lhe muitos pelouros dentro com que lhe ferio muita gente. D. Garcia de Menezes mostrou nesta briga bem, que as letras não desbotavão a lança, porque acudio com tanto animo, e prudencia, como se todos os annos que gastou nos estudos, os despendêra na milicia, fazendo melhor o officio de Capitão, que de Letrado. E quiz sua boa fortuna que acertasse da sua caravela com hum

ca-

camelo na lanchara de Lacximena, que a fez em pedaços, e a elle, a hum filho ſeu, que eſtavam ambos, e outros dizem que tambem a hum genro; pagando eſte maldito Mouro por mão de Portuguezes neſte tempo o que devia no tempo de hum filho do Conde Almirante á morte do valoroſo Capitão D. Paulo da Gama, e de outros Fidalgos, e Cavalleiros, ( como temos dito no Cap. XI. do Liv. VIII. da quarta Decada.)

Tanto que os Malaios víram morto ſeu Capitão mór, logo ſe foram recolhendo pera Malaca, e a caravela apôs elles ſempre ás bombardadas, até deitar ferro defronte de Malaca. D. Pedro da Silva eſteve vendo a briga de ſima da fortaleza, não ſabendo que caravela aquella podia ſer; mas todavia notou que vinha nella Capitão de brio, pela confiança com que ſe embandeirou, e pelo procedimento que lhe via. E deitando hum balão muito eſquipado, mandou ſaber que caravela era, quando já vio ir os inimigos em desbarato. O balão chegou a bordo, e ſabendo da caravela, e quem vinha nella, tornou a voltar com recado ao Capitão, que ficou muito alvoroçado com aquellas novas.

D. Garcia de Menezes tanto que ſurgio; deixando Gemez Barreto ( que vinha com elle por Capitão do mar de Malaca ) na cara-

ra-

ravela, desembarcou com poucos, que o acompanháram, e achou D. Pedro da Silva da Gama, que o aguardava na praia, onde o recebeo com muitas honras, e lhe deo gazalhado em terra, no lugar em que elle quiz, que foi na parte do jogo da bola; porque alli era a estancia do Capitão, onde dormia, e dava meza a muitos homens pobres. E porque era a monção em que cada dia se esperavam navios da India, ordenou o Capitão com D. Garcia de Menezes, que ficasse Gemez Barreto na caravela com quarenta homens, pera ir favorecer as náos que viessem demandar aquelle porto, porque estava certo sahirem os inimigos a commettellas. E mandando-lhe metter mais duas esperas de metal, a proveo tambem de munições em abastança. Gemez Barreto se deixou ficar na caravela com grande vigia, e com a amarra sempre guarnecida ao cabrestante. Dahi a poucos dias houveram vista de huma náo, que era de hum Francisco Mendes, e vinha de Cochim carregada de fazendas. ElRey de Viantana mandou logo as suas lancharas pera que a fossem commetter.

Gemez Barreto em vendo a náo, levou a amarra, e soltou as vélas todas, e metteose no meio da Armada dos inimigos, e a foi servindo de bombardadas por todas as partes. O Capitão da náo vendo aquella Arma-

mada que vinha atirando tantas bombardadas, logo conheceo que era de inimigos, e não a ousando esperar, voltou em outro bordo. Gemez Barreto tanto que a vio voltar, amainou, e içou a véla da gavea tres, ou quatro vezes, fazendo-lhe final com isso pera que esperasse; mas elle como hia aviado, e com grande medo, não entendeo o final, antes lhe pareceo que aquella caravela era tambem dos inimigos, que a teriam tomada, porque todos vinham envoltos, e a caravela no meio. Francisco Mendes não curando de cousa alguma, foi seu caminho até que lhe anoiteceo, e a Armada se recolheo, e Gemez Barreto se tornou a pôr no seu posto.

Este Francisco Mendes se foi pela costa assima com vento prospero, e passou por Pegú, e foi tomar o porto grande, e em huma daquellas Ilhas se perdeo, salvando-se a gente toda. Os inimigos foram continuando o cerco de ambas as partes, dando muitos, e apressados combates, e assaltos, com que os nossos andavam mui quebrantados; mas de todos foram rebatidos, e escalavrados pelo esforço do Capitão, e de todos os mais, que neste cerco fizeram maravilhas. Os Jáos trouxeram huma peça de artilheria das suas estancias, e a puzeram defronte da ponte, e por sima della varejavam

vam a Cidade dentro, e faziam nella muito damno.

D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo orgulhoſo, e deſejava de ſe aſſinalar, pedio licença a D. Pedro da Silva pera ir tomar aquella peça, que lhe elle deo; e fazendo-ſe preſtes com cem homens, e com elle Pero Vaz Guedes, (de quem no primeiro cerco de Dio de Antonio da Silveira temos dado razão, no Cap. X. do Liv. III. da quinta Decada,) e outros Fidalgos, e Cavalleiros que ſe lhe offerecêram pera iſſo. E ſendo o quarto d'alva quaſi rendido, ſahíram os noſſos pela ponte, e deram na eſtancia que os Jáos alli tinham em guarda da peça, tão de ſupito, que os não ſentíram, ſenão quando já os cortavam, e foi de feição, que os mais dos que a guardavam ficáram alli eſpedaçados, e dando cabos á peça de artilheria, a foram trazendo com grande alvoroço.

O Sangue de Pate, Capitão dos Jáos, teve logo rebate daquelle negocio pelos que eſcapáram fugindo; e ſahindo das eſtancias com dous mil homens, deo nos noſſos que tinham já a peça de artilheria no lugar em que hoje eſtá a Alfandega, e com aquella furia começáram os ſoldados de D. Garcia a ſe deſmandar, e recolher pera a ponte. Mas D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo de gran-

grande animo, posto junto da bombarda, e com elle Pero Vaz Guedes, e alguns poucos que os quizeram acompanhar, fizeram rosto aos inimigos, e travávam com elles huma muito aspera batalha, sem se quererem recolher com verem a multidão dos inimigos; porque antes quizeram morrer, que largar a bombarda que tinham tomado. Mas como o número era tão desigual, apertáram tanto com os nossos, que os fizeram recolher; mas não a D. Garcia de Menezes, nem a Pero Vaz Guedes, que sobre a bombarda morrêram, sem se querem mudar della hum passo: acabando aqui estes dous esforçados Cavalleiros, com deixarem primeiro antre os inimigos muito grandes sinaes de seu esforço. Foi aqui tambem morto Antonio Ferreira, muito bom Cavalleiro, que foi Camareiro do Conde da Castanheira.

Desbaratados os nossos, e entrando pela ponte, foi tão grande o medo, e a desordem, que cahíram ao mar muitos, e se affogáram alguns. Custou esta sahida trinta homens, antre os que morréram na batalha, e os affogados. D. Pedro da Silva vendo o desbarato, sahio com cem homens até á ponte, e recolheo os que vinham fugindo; e sabendo da morte daquelles dous Fidalgos, em estremo o sentio, assim por suas pessoas, como pela mingua, e falta que lhe haviam de

fa-

fazer, porque eſtava em tempo, que havia miſter homens, e mais taes como aquelles. E recolhendo-ſe com eſta mágoa, foi proſeguindo na defensão da fortaleza com muito cuidado. E porque os aſſaltos foram muito continuos, e miudos, e que a hiſtoria não ſoffre particularizar, paſſaremos por elles, e não daremos razão, ſenão das couſas principaes, porque temos muitas que nos chamam, e tocão por nós.

## CAPITULO VIII.

*Do que aconteceo ao homem que levou o recado do cerco de Malaca: e de como Gil Fernandes de Carvalho, que eſtava em Quedá ſe fez preſtes pera a ir ſoccorrer: e como eſte recado chegou ao porto grande, e dos ſoccorros que ſe ajuntáram: e das couſas que ſuccedêram em Malaca neſte cerco.*

PArtido o homem que D. Pedro da Silva da Gama mandou com as novas do cerco, foi correndo a coſta; e chegando ao rio de Quedá, (que he ſeſſenta leguas de Malaca,) achou alli Gil Fernandes de Carvalho com o ſeu galeão carregado de pimenta. E moſtrando-lhe a carta geral de Dom Pedro da Silva, e dando-lhe informação do trabalho em que Malaca eſtava, paſſou ávante,

te, e em ſua companhia hum Pero Tavares, Capitão de hum navio ſeu que alli eſtava: eſte pera entrar em Pegú a dar recado a Jorge de Mello o Punho, e o outro pera paſſar ao porto grande, onde eſtava Gonçalo Vaz de Tavora, a quem Gil Fernandes de Carvalho eſcreveo, que ſe vieſſe ajuntar com elle, pera todos juntos commetterem a Armada dos inimigos, e a desbaratarem. Pero Tavares chegou a Pegú, e achou Jorge de Mello prezo; porque vindo aquelle Rey do negocio de Sião, (como adiante diremos na ſetima Decada,) achou alevantado hum Capitão ſeu, chamado Xemido, e lhe tinha tomado a Cidade de Pegú; e indo ElRey contra elle, o houve ás mãos, e o matou; e porque achou culpado Jorge de Mello em favorecer o alevantado, e lhe dar munições, o prendeo, e corrêra muito riſco, ſe ſe alli não achára Diogo Soares de Mello, que depois o pedio a ElRey que lho deo.

Pero Tavares não achando alli alguem a quem dar recado, paſſou ávante, e chegou ao porto de Arracão, pera dar as cartas a Gonçalo Vaz de Tavora, que achou morto, porque havia poucos dias que dera huma batalha aos Mogos, em que foi morto com outros Portuguezes; mas achou em ſeu lugar hum João Henriques, da obrigação do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha,

e

e dando-lhe as cartas; e vendo elle a neceſſidade em que Malaca eſtava, ſe embarcou logo no galeão em que tinha ido Gonçalo Vaz de Tavora; e carregando huma náo de mercadores que eſtava no porto, de arroz, e outros mantimentos, partio pera Malaca, indo com elles Pero Tavares na ſua fuſta; e deixallos-hemos em ſua viagem até ſeu tempo.

Gil Fernandes de Carvalho tanto que teve recado, deixando a ſua náo que eſtava á carga com alguns Portuguezes pera ſua guarda, ſe embarcou em huma formoſa galeota com quarenta Portuguezes, e tomou o caminho de Malaca, em que os deixaremos, por continuarmos com o que neſte tempo ſuccedeo naquella fortaleza.

Os inimigos foram continuando as baterias, e aſſaltos apreſſadamente, e puzeram os noſſos em eſtado, que muitas vezes ſe víram deſconfiados, porque lhes começou a faltar o mantimento, e já comiam couſas nojentas, e aborreciveis, com o que começáram a morrer muitos dos meſquinhos, e os eſcravos a ſe paſſarem pera os inimigos. E ſendo já no mez de Julho, apparecêram duas náos, que vinham de Cochim carregadas de fazendas, huma de Alvaro da Gama, que eſtava por Capitão em Cochim, em que vinha Luiz Martins, e a outra de hum

hum Antão Martins o ſurdo, que era caſado com a mãi de Dona Maria da Cunha, filha do Governador Nuno da Cunha. Os inimigos tanto que as víram lhes ſahíram com ſua Armada; mas Gemez Barreto, que ſempre eſtava á lerta, deo á véla após ella, e no meio de todas as embarcações hia esbombardeando a huma, e a outra parte, deſapparelhando algumas, e matando-lhe dentro muita gente: deſta maneira chegou ás náos, e voltou com ellas, vindo-lhes os inimigos por poppa atirando-lhes muitas bombardadas, e recebendo elles outras que lhes faziam maior damno; aſſim foram até ſurgirem defronte da fortaleza. Os noſſos ficáram muito alvoroçados com eſte ſoccorro, porque alguns mantimentos lhes leváram as náos com que ſe remediáram. D. Pedro da Silva vendo que a falta delles hia por diante, e que não tinha eſperanças de lhe virem de Jaoá, deo buſca nas caſas, e recolheo tudo o que achou, e o metteo em armazens, e dalli ſe repartia com muita ordem pelos Portuguezes; e todavia pela falta que cada vez era maior, ſe lhes eſtreitava a ração, e creſciam os trabalhos; porque os inimigos amiudavão os aſſaltos, com o que traziam os noſſos tão inquietos, que não dormiam, nem repouſavão, e por ſima diſto andavam todos tão fracos de fome,

que já não havia nelles mais que os animos.

Poucos dias depois de chegarem eſtas náos, apparecêram outras duas que vinham da banda do Eſtreito de Sincapura; huma dellas era a náo de Bernaldim de Souſa, que vinha de Maluco, de que era Capitão Manoel de Figueiredo; e a outra era hum galeão que vinha de Timór carregado de Sandalo, de que era ſenhorio, e Capitão Braz Roballo, Cavalleiro honrado, e caſado com huma Guiomar de Aguiar, mãi de Dom Vaſco da Gama, filho de D. Eſtevão da Gama. Eſtas náos tanto que apparêceram, logo os Malaios ſe embarcáram na ſua Armada, e as foram commetter, e Gemez Barreto tambem em as vendo as foi buſcar, e recolher, e indo ſempre pelejando com a Armada inimiga, e tornando-ſe a recolher com as náos tambem pelejando, e foram ſurgir no porto, onde já apparecia huma arrezoada frota noſſa. Na náo de Bernaldim de Souſa vinha Chriſtovão de Sá, que D. Pedro da Silva recebeo bem, por ſer hum Fidalgo muito bom homem, e bom Cavalleiro.

Neſte tempo eſtavam as couſas em eſtado, que ſe paſſavam muitos eſcravos dos Portuguezes pera a banda dos Jáos, porque como hiam peſcar quaſi todos ao mar, na frontaria da fortaleza, e na banda de fóra

na

na boca do rio era a agua tão pouca, que quaſi dava pela cinta a huma peſſoa: os eſcravos que queriam fugir, não faziam mais que lançar-ſe á agua, e paſſarem-ſe á outra banda, onde os Jáos os recolhiam. Diſto andava o Capitão muito enfadado, e de não ter alguma eſpia que lhe diſſeſſe a verdade do que os inimigos determinavam.

Como iſto ſe praticava na fortaleza, e o Capitão tinha encommendado a todos os Portuguezes, que trabalhaſſem por tomar alguma eſpia, foi-ſe hum eſcravo (Cafre de nação) a ſeu Senhor, e lhe pedio huma eſpada curta, porque ſe queria arriſcar a tomar hum Jáo. O Senhor duvidoſo ſe ſeria aquillo querer-lhe elle fugir, como cada dia faziam os outros, eſteve pera lha não dar; mas cuidando depois que ſe elle tinha vontade de fugir, que tanto o faria com eſpada, como ſem ella, quiz fazer do ladrão fiel, (como lá dizem,) e buſcando huma eſpada curta lha deo. O Cafre ſe foi á borda do mar com a eſpada nua na mão, e ſe metteo pela agua com ella eſcondida debaixo, e começou a paſſar manſo, e devagar pera a outra banda, e antes de chegar a ella acudíram os Jáos, como coſtumavam, e metteo-ſe hum pela agua pera dar a mão ao Cafre; o Cafre pegando-lhe tambem com a eſquerda pelo braço que lhe dava, alevan-

tou a direita que levava por baixo da agua, e deo tão façanhoso golpe com a espada por hum hombro ao Jáo, que quasi o escalou, e puxando por elle, o foi levando a rasto pela agua. O Senhor do Cafre, que estava destoutra banda com alguns amigos, em vendo aquelle negocio, começáram a jogar com sua espingardaria, porque acudiam já muitos Jáos ao outro. O Cafre chegou a terra com o Jáo ferrado, e o levou ao Capitão que estava na Armada, que o estimou muito, e abraçando o Cafre, o forrou logo. E tomando o Jáo a huma parte, lhe mandou fazer perguntas, e a tudo lhe respondeo verdade, dizendo: » Que estavam to-
» dos os da liga prestes pera darem hum
» grande assalto á fortaleza, com o que es-
» peravam de a tomar, e que sería o dia da
» Lua nova, porque esperavam pera depois
» de fazerem suas ceremonias commetterem
» o assalto; pera o que tinham feito mais de
» sincoenta escadas, e outros petrechos, e
» máquinas pera encostarem aos muros. »

Tanto que o Capitão soube do Mouro tudo o que quiz, mandou-o entregar aos rapazes, que o espedaçáram. Isto se espalhou logo pela fortaleza, e começou a haver rostinhos, e desconfianças. O Capitão tratou de se fortificar por todas as partes, porque por todas havia de ser commettido.

Ha-

Havia na fortaleza hum ſoldado, homem de mais de quarenta annos, a que não achámos o nome, (pelos deſcuidos de que tantas vezes nos queixamos,) que devia de ter andado por Italia, ou Alemanha, e tinha prática das couſas da milicia, porque parece que militára por lá alguns annos. Eſte homem agazalhava-ſe á porta da fortaleza, junto de huma bombarda, que dalli jogava por ſima da ponte, e tinha feito huma tenda de palha, em que ſe recolhia com ſuas armas ſó, ſem converſar com alguem, nem ſer conhecido: era hum homemzarrão de muita peſſoa, tinha huma mui formoſa barba caſtanha, que lhe dava por meio dos peitos. Vendo eſte homem o trabalho em que o Capitão andava de ſe repairar, e fortificar, pelo que lhe tinha dito o Jáo, ſe foi hum dia a elle, e tomando-o á parte lhe diſſe » que mandaſſe tirar os maſtos a todos » aquelles juncos que eſtavam no rio, e os » puzeſſe por ſima dos navios, pera o tempo » do aſſalto, depois de eſtarem as eſcadas » encoſtadas ao muro, os deixarem cahir de » ſima, e que iſſo baſtaria pera desbaratar » os inimigos; mas que havia iſto de ſer em » tanto ſegredo, que não ſoubeſſe peſſoa viva » o que determinava, porque ſe não preca- » taſſem os inimigos, » (que logo eram aviſados de tudo pelos que fugiam.) Pareceo-

lhe

lhe ao Capitão aquelle conſelho muito bem, e logo mandou tirar os maſtos aos juncos, e os mandou pôr ao pé dos muros, aſſim eſtendidos ao comprido; e porque não abrangião pera cercar tudo á roda, mandou deſmanchar caſas ſobradadas, e tirar-lhes as vigas pera iſſo. E como teve tudo cheio á roda, ordenou por ſima dos muros aparelhos pera as alarem aſſima quando foſſe tempo. Os caſados, e muitos outros que viam aquelle trabalho, ſem ſaberem o fundamento diſto, praguejavam, e diziam, que aquillo era andar areado, e que de medo já não ſabia o que fazia; o que elle ouvia, e calava, como prudente, ſezudo, e experimentado, porque eſta he a obrigação do bom Capitão em taes tempos.

Algumas couſas muito notaveis acontecêram neſte tempo, de que contaremos algumas. Alevantando-ſe hum dia o Capitão de huma cadeira que tinha na ramada, pera ir roldar, ſe aſſentou nella hum foão Cabral, (que era o ſenhor do Cafre que tomou o Jáo,) e diſſe: Quero agora ſer Capitão; e pondo a perna por ſima do braço da cadeira, veio huma bombardada dos inimigos, e o tomou por ella, que logo o matou.

Eſtando hum homem commungando, virando-ſe o Padre pera lhe lançar a benção, depois de ter recebido o Senhor, entrou pela

la porta da Igreja hum pelouro daquella peça que D. Garcia quiz defender, e ſobre que morreo, e deo nas coſtas ao homem, e o fez em pedaços; pelo que o Capitão mandou logo fazer huma tranqueira muito forte defronte da porta da Igreja. O Condeſtable da fortaleza eſtando apontando huma eſpera, que eſtava á porta de noſſa Senhora do Monte, veio hum pelouro de huma bombarda, que o tomou pela teſta, e o matou logo.

## CAPITULO IX.

*Do grande aſſalto que os Mouros deram á fortaleza, de que ſahíram desbaratados: e do que os inimigos determináram em damno da fortaleza: e de outro grande conſelho que deo o meſmo homem contra o intento dos inimigos; pelo que ſe alevantáram os Malaios do cerco, e ficáram os Jáos: e de como Gil Fernandes de Carvalho chegou a Malaca, e deo batalha aos inimigos em que os desbaratou.*

FOi-ſe o Capitão fazendo preſtes pera o aſſalto que eſperava, tendo guarnecidos os baluartes, e guaritas de muitas munições, e de homens de recado, o que tudo preparou, e fez até doze dias do mez de Agoſto, em que era a Lua nova. E tanto que

ao

ao pôr do Sol appareceo, começáram os Mouros em ſuas eſtancias a fazer grandes feſtas, tangeres, gritas, e a atirar ſua artilheria. D. Pedro da Silva, que eſtava já preſtes, e preparado, ſe foi ás eſtancias, e mandou com muita brevidade alar aſſima os maſtos, e traves que eſtavam ao pé do muro, o que ſe fez muito preſtes, porque eſtavam já aparelhos, e polés guarnecidas pera iſſo. Subidos ao muro os puzeram por ſima das paredes, e o Capitão que até então não tinha dito o pera que aquillo era, diſſe aos Capitães dos baluartes, e guaritas » que tan» to que os inimigos encoſtaſſem as eſcadas » ás paredes, e ſubiſſem, déſſem de mão aos » maſtos, e os deixaſſem cahir ſobre elles. »

Os Mouros toda a noite paſſáram em feſtas, e tangeres; e como foi o quarto d'alva, abaláram de ſeus exercitos com grandes gritas, e alaridos, levando mais de ſincoenta eſcadas mui grandes ſobre ſuas rodas, e diante dellas mantas mui groſſas, e fortes pera emparo dos que as hiam rolando; e com huma confusão ruſtica, e barbara arremettêram com os muros os Malaios da banda de Ilher, e os foram cingindo á roda, e encoſtáram nelles ſuas eſcadas, por onde começáram a ſubir. Os noſſos que eſtavam álerta os deixáram chegar bem á ſua vontade, e como víram as eſcadas cheias, deram

de

de mão aos maſtos, que foram com hum terremoto eſpantoſo cahindo ſobre as eſcadas, que logo fizeram em pedaços, e a todos os que por ellas ſubiam, e a muitos dos que eſtavam em baixo, e apôs os maſtos foram logo muitas panelas de polvora, que ſe desfizeram ſobre aquelle cardume de inimigos.

O Rey de Viantana, e os mais da liga vendo aquelle damno, paſmados ſe foram recolhendo, ficando-lhes ao pé dos muros mais de ſeiscentos feitos pedaços, e abrazados. Os Jáos ao meſmo tempo commettêram tambem pela banda do mar, e entráram huma ſomma delles em huma daquellas caſas de madeira, que eſtavam armadas da banda de fóra da tranqueira, que o Capitão mandou fazer naquella parte, que de maré vaſia ficam em ſecco, e na enchente todas mettidas na agua. Entrados eſtes nas caſas, deram com huma mulher velha Malaia, e lhe perguntáram pelo caminho que hia pera o monte, onde eſtava a Ermida da Madre de Deos, (porque eſtava aſſentado antre elles, que ſe apoderaſſem delle pera dalli ficarem ſobre a fortaleza, porque aquelle monte lhe he padraſto,) a velha lhes diſſe, que lhes moſtraria o caminho; e ſahindo-ſe pera fóra, ferrolhou a porta ſobre ſi, e foi dar rebate ao Capitão deſte caſo. Dom

Pe-

Pedro da Silva tinha encommendado aquella parte do mar a Christovão de Sá, que ao tempo que os inimigos accommettêram, os mandou varejar com a artilheria, com que lhe matou muitos. E acudindo áquella parte, disse a Christovão de Sá, e a outros Cavalleiros, que com elle estavam, que acudissem ás casas, onde os Mouros estavam mettidos, e elle foi roldar as estancias, onde ouvia grandes gritas. Os nossos tanto que souberam estarem Mouros nas casas, se foram huns poucos a elles, e subindo-se em sima dos telhados os destelhâram, e com as espingardas não faziam senão derribar nelles. Os Mouros tanto que víram os nossos em sima, e não tinham por onde sahir, e eram muitos, andavam pela casa correndo de huma parte pera a outra, porque os nossos lhes não pudessem tomar bem o ponto; mas todavia elles sempre os acertavam, e derribavam, e com aquella furia puzeram os hombros a huma porta, que arrombáram, e varáram a huma baranda. Os nossos se passáram a ella pelos telhados, e a destelháram, e como era mais baixa, chegavam-lhes os Mouros com as lanças assima, e os tratáram mal; mas elles pedindo panellas de polvora, deram com ellas antre elles, e abrazáram muitos, e outros se lançáram das varandas abaixo em terra, que era maré vasia,

ſia, onde foram tambem a mór parte mortos á eſpingarda. Durou eſta briga até huma hora, ou duas do dia, em que os inimigos ſe acabáram de desbaratar de todo, e ſe recolhêram ás ſuas eſtancias bem eſcalavrados.

Vendo os Reys da liga o damno que tinham recebido naquelle cerco, ajuntandoſe todos a conſelho, aſſentáram » que ſe não » alevantaſſem de ſobre a fortaleza ſem a tomarem, e que pera iſſo ſe deixaſſem eſtar » muito devagar, e que eſperaſſem pela monção em que os juncos da Jaoa haviam de » vir com mantimentos pera Malaca; que » os recolheſſem, e ſe aperceheſſem pera todo aquelle anno, e que os Portuguezes lhe » não ficaria outro remedio ſenão entregarem-ſe, porque como lhes faltaſſem os mantimentos da Jaoa, não havia outra parte » donde os pudeſſem eſperar; que elles tinham o mar, e a terra por ſi, que ſe deixaſſem eſtar ſem ſe arriſcarem em aſſaltos, » que os Portuguezes lhes não eſcapariam » das mãos. » Com eſta reſolução ſe fortificáram de novo, e ſe puzeram em ordem de ficarem alli todo o verão. O Capitão foi logo aviſado diſto, e houve-ſe por perdido; porque vio que aquelle ardil dos inimigos era diabolico, e que ſe perſeveraſſem nelle, forçado ſe havia de perder, porque como

lhe

lhe faltassem mantimentos não havia repairo algum, e elle estava já tão falto de tudo, que se comiam cousas immundas, como cães, gatos, ratos, e ainda quando se podiam haver.

Andando com isto muito assombrado, cuidando no que faria, permittio Deos inspirar naquelle soldado, que dissemos no Capitulo atrás deste IX. Liv., que deo o ardil dos mastos sobre as ameias dos muros, que deixáram cahir sobre as escadas, lhe deo outro novo ardil.

Este soldado vendo o Capitão daquella maneira, se foi a elle, e em segredo lhe disse » que despedisse aquellas náos que esta- » vam no porto, com fama que mandava dar » em Jor, Pão, Perá, Marruas, e por to- » da aquella costa, e que forçado os inimi- » gos haviam de acudir a suas terras, por- » que lhas não destruissem, e que fossem es- » perar os juncos da Jaoa nos Estreitos; e » que alli resgatassem os mantimentos com » roupas, e os tornassem a mandar. » Sooulhe tão bem ao Capitão aquillo, que houve que o Espirito Santo fallava pela boca daquelle soldado, e logo mandou chamar Luiz Martins, Capitão da náo de Alvaro da Gama, e Braz Robalo, Capitão do seu galeão, e Antonio Nunes tambem Capitão da sua náo, e na ramada lhes disse publicamen-

te

te » que ſe foſſem todos juntos por aquella » coſta, e que déſſem nos lugares de Vian- » tana, de Perá, Pão, Marruas, e todos os » mais, e que puzeſſem tudo a ferro, e a » fogo ſem perdoarem a couſa viva; » e mandou embarcar nas náos muitas roupas, das que os Jáos vam buſcar a Malaca, e mandou armar duas fuſtas pera irem com elles. Eſtes Capitães ſe foram logo embarcar, e o Capitão D. Pedro da Silva lhes deo hum regimento cerrado, e no ſobreeſcrito de fóra lhe dizia » que abriſſem aquelle, tanto que » foſſem fóra dos Eſtreitos, e que fizeſſem » o que nelle lhes mandava » e embarcados todos deram ás vélas.

Como eſtas couſas paſſáram publicamente, logo o Rey de Jor foi dellas aviſado, porque trazia na fortaleza grandes intelligencias; e vendo ir aquella Armada, receando elle, e todos os mais Reys que com elle eſtavam, que lhes deſtruiſſem ſuas Cidades, e portos, logo no meſmo dia ſe embarcáram pera lhes irem ſoccorrer. Os Jáos que eſtavam da banda de Malaca, tanto que ſouberam ſerem os Malaios idos, ſem lhes darem conta de couſa alguma, determináram de proſeguir no cerco, e tomarem aquella Cidade, e pera iſſo ſe paſſáram ametade pera a banda de Ilher, onde os Malaios eſtavam, pera de mais perto baterem, e commetterem a Cidade.

Ao

Ao outro dia depois que isto passou, chegou Gil Fernandes de Carvalho ao porto de Malaca com a sua galeota muito embandeirada, e desembarcando em terra, sahio D. Pedro da Silva ao receber á praia, e com grandes honras, e alvoroço de todos foi recolhido dentro, e logo lhe deo conta de todo o passado, e de como os Malaios o dia d'antes se recolhêram. Gil Fernandes de Carvalho disse a D. Pedro da Silva, » que » pois vinha, e tinha chegado a tão bom » tempo, que lhe désse licença pera de ma- » drugada sahir aos Jáos, porque esperava em » Deos de os desbaratar, e de se acabarem a- » quelles trabalhos, porque elle não se po- » dia alli deter muito. » D. Pedro da Silva lhe disse, que lhe parecia muito bem; e logo Gil Fernandes de Carvalho se começou a fazer prestes pera de madrugada dar nelles, ajuntando duzentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Cavalleiros que alli havia. De todos estes fez tres Capitães, elle que havia de levar a dianteira, Christovão de Sá, e Gemez Barreto. E tanto que foi o quarto d'alva, sahio Gil Fernandes de Carvalho da fortaleza, ficando D. Pedro da Silva á porta com toda a mais gente, e remettendo com as estancias dos inimigos, que estavam descuidados, deram nelles com tamanhos estrondos, que primei-

ro que ſoubeſſem o que era, tinham os noſſos mortos mais de cento. E baralhando-ſe todos, fizeram os noſſos tão grande eſtrago nos Jáos, que foi eſpanto. O Sangue de Pate, Capitão geral do exercito, acudio com hum Rey daquelles da Jaoa, e com todo o poder remettêram com os noſſos, e os detiveram, mas não que perdeſſem as tranqueiras que tinham cavalgadas. Aqui deram huma lançada a Gil Fernandes de Carvalho por debaixo de hum braço, de que cahio no chão com a força, mas logo ſe poz em pé animando os ſeus. E quiz ſua boa fortuna que encontraſſe com hum Senhor, ou Rey daquelles da Jaoa; e remettendo com elle, o tomou com huma eſtocada em deſcuberto pelos peitos, de que deo logo com elle morto em terra, e lhe tomou a eſpada, e hum cris guarnecido de ouro.

Aqui derribáram o Alferes da bandeira de Gil Fernandes de Carvalho, e hum Jorge Borges acudio com muita preſſa, e a tomou, e ſe poz em ſima da tranqueira com ella. Os Jáos tanto que víram cahido aquelle ſeu Capitão, deſamparando tudo ſe foram acolhendo pera o mar, e com a preſſa ſe deitáram a elle pera ſe ſalvarem nos juncos. Os noſſos vendo a vitoria clara, foram ſeguindo os inimigos, matando, e ferindo nelles ſem piedade; e houve muitos ſoldados,

dos, que de encarniçados de matar nelles, com aquella furia com que hiam, se lançáram com elles ao mar, e dentro na agua matáram muitos. D. Pedro da Silva vendo o desbarato dos inimigos, sahio fóra com toda a gente, e ainda muitos de sua companhia chegáram aos derradeiros, em que tambem provaram a mão.

Foi esta destruição muito notavel, porque se perdêram mais de dous mil Jáos, assim na terra, como no mar. D. Pedro da Silva recebeo Gil Fernandes de Carvalho com muita honra, dizendo-lhe muitas palavras de louvores seus, e de todos. Ficáram as estancias dos inimigos com toda a sua artilheria, munições, mantimentos, e mais cousas que D. Pedro da Silva mandou recolher na fortaleza, e nas estancias se poz logo fogo, em que se todas consumíram. E pera esta vitoria ser de mór louvor de Deos, e gosto de todos, succedeo aquelle dia dar huma tormenta tão grande, que os mais dos juncos dos Jáos foram cassando pera a terra, onde encalhárão muitos, e se perdêram com muita artilheria que traziam, que foi recolhida dos nossos. Gil Fernandes de Carvalho vendo aquella mercê de Deos, se embarcou na sua galeota, e levou comsigo os batéis dos galcões mui bem concertados, e dando nos juncos, fez nelles huma grande des-

destruição. Os que pudéram dar á véla foram-se acolhendo pera Jaoa, onde chegáram com mais da metade da Armada, e da gente perdida.

As náos que foram esperar os juncos de Jaoa aos Estreitos, recolhéram a si todos os que vieram, e com elles resgatáram todos os mantimentos que traziam, a troco de roupas; e carregados delles se tornáram pera Malaca, com o que a vitoria se acabou de arrematar, porque já tinham que comer. Mas como os gostos da vida não vem sem ser aguados com seu amorgoz, não se lográram os nossos muito desta vitoria; porque tanto que a fortaleza ficou descercada, começáram os nossos a beber do poço da Bathocina, em que os Jáos tinham lançado tão fina peçonha, que logo em bebendo começáram todos a adoecer, e a morrer, ficando o ar tão inficionado, que em dando o Sol na cabeça a huma pessoa alli cahia logo, e assim se enterravam cada dia doze, e quinze Portuguezes, e como doentes de peste os levavam pelas ruas arrastos, até hum quintal do Hospital onde os sepultavam juntos. Morrêram deste mal mais de duzentos Portuguezes, e muita gente da terra, do que todos andavam pasmados. D. Pedro da Silva entendeo bem o mal donde procedia, e mandou logo vasar o poço, e alimpallo, e

defendeo que todo aquelle anno se não bebesse delle. Gil Fernandes de Carvalho como vio o feito acabado, despedio-se do Capitão, e se foi pera Quedá, onde tinha a sua náo.

D. Pedro da Silva vendo-se desapressado despedio a caravela, em que tinha vindo D. Garcia de Menezes, pera Maluco, e deo a Capitanía a Gemez Barreto, e mandou nella muitas roupas, e provimentos pera aquella fortaleza. Esta caravela se fez á véla por todo o Agosto, e chegou a Ternate em Novembro passado.

## CAPITULO X.

*Do que aconteceo na jornada a D. Rodrigo de Menezes, até chegar a Maluco: e das differenças que Bernaldim de Sousa teve com Christovão de Sá sobre aquella Capitanía: e de como Bernaldim de Sousa foi cercar a fortaleza de Geilolo: e do que lhe aconteceo na desembarcação.*

PArtido D. Rodrigo de Menezes de Goa o Abril passado de sincoenta com a sua Armada, como atrás dissemos no Cap. V. do Liv. VIII., foi seguindo sua derrota até Malaca; alli achou novas que não havia Castelhanos em Maluco, e por esta razão se desfez a Armada, ficando alli ambas as ca-

ra-

ravelas. D. Rodrigo partio pera Maluco com o ſeu galeão, e o de D. João Coutinho, e a náo de Bernaldim de Souſa, e chegou áquella fortaleza eſte Outubro paſſado, e ſurgíram em Talangame, onde Bernaldim de Souſa eſtava com a ſua náo. D. João Coutinho lhe deo hum maſſo de cartas que levava do Governador pera elle, e dentro achou huma carta, em que lhe dizia: » Que » em qualquer parte que aquella o tomaſſe, » ſe tornaſſe pera Maluco, ſendo certa a nova » da Armada Caſtelhana, e que tornaſſe a » tomar poſſe daquella fortaleza, conforme » huma Patente que tambem lhe mandava, » e com ella lhe mandou hum Alvará pera alevantar a menagem a Chriſtovão de Sá, que eſtava por Capitão. Bernaldim de Souſa, poſto que lhe não dera couſa alguma irſe pera a India, todavia eſtimou muito aquella ſucceſsão, aſſim porque em quatro annos que alli tinha eſtado, em nenhum delles ſe colhêra novidade do cravo, por dar muito pouco, e aquelle ſe eſperava que déſſe muito, e acabar a ſua náo, e carregalla; como por lhe ficar tempo pera ir tomar a fortaleza de Geilolo, porque andava deſconfiado da murmuração que corria antre os homens, porque diziam publicamente, que elle quebrára a paz com aquelle Rey, e que ſe hia pera a India, deixando-os em guer-

 ras,

ras, e em trabalhos. Ao outro dia ſe foi á fortaleza, e achou Chriſtovão de Sá á porta da banda de fóra, (eſtava elle aviſado da particula da Patente que dizia, que ſendo as novas da Armada Caſtelhana certas, ficaſſe outra vez por Capitão naquella fortaleza; e que Chriſtovão de Sá ſe foſſe pera a India.) E moſtrando-lhe a carta, diſſe Chriſtovão de Sá » que não havia novas de Caſtelhanos, » pelo que não podia entregar aquella for- » taleza: que a tenção do Governador era » ſe houveſſe naquellas Ilhas Armada Caſte- » lhana, ou nova certa della; porque ſe aſ- » ſim não fora, não lhe puzera na Patente » clauſula, nem condição alguma. » E baralhando-ſe o negocio em gritos, e porfias de má feição, diſſe Chriſtovão de Sá » que » o que ſe podia fazer por juſtiça, não ſe » havia de levar por paixões; que elle re- » mettia aquelle negocio ao Ouvidor da for- » taleza, e ao Alcaide mór, e que o jul- » gaſſem elles. » Bernaldim de Souſa lhe reſpondeo, que ninguem havia de ſer juiz de ſua honra. Com iſto ficou a couſa em ruins termos, e peiores eſperanças, porque da parte de Chriſtovão de Sá pendia a juſtiça, e da de Bernaldim de Souſa a authoridade, e muita poſſe que tinha de gente, e amigos. E como os homens são todos affeiçoados a novidades, neſta revolta ſe apartou

hum

hum ſoldado de Bernaldim de Souſa diſſimuladamente, e ſe poz em pé no poſtigo da fortaleza, que ſó eſtava aberta, (porque todos eſtavam da banda de fóra occupados nas contendas) e logo ſe foram pera aquelle outros dez, ou doze ſoldados, e tomáram a porta da fortaleza ſem os dous da contenda o verem, nem ſaberem. Bernaldim de Souſa como não queria levar aquelle negocio por juſtiça, ſenão por força, diſſe a Chriſtovão de Sá » que ſe determinaſſe, » que elle havia de fazer o que o Governa- » dor lhe mandava. » Chriſtovão de Sá, que era bom Fidalgo, vendo a Bernaldim de Souſa tão colerico, e deſarrezoado, diſſe: » Ora » ſeja Senhor como quizerdes, e ficai na for- » taleza, que eu me quero ir pera a India.» Bernaldim de Souſa o abraçou, ficando grandes amigos, e logo alli lhe entregou a fortaleza, e elle deo a menagem della nas mãos de Lopo Mendes Botelho Feitor, e Alcaide mór, como o Governador mandava na ſua Patente.

Deſtas couſas ficou D. Rodrigo de Menezes muito tomado de Chriſtovão de Sá, por ſe ter aconſelhado com elle ſobre aquella materia, e elle lhe ter dito o que havia de fazer, porque eſtava apoſtado ao favorecer, aſſim por ſer da parte da juſtiça, como por não ſer muito amigo de Bernaldim de Souſa.

Con-

Concluido iſto, determinou Bernaldim de Souſa de fazer a jornada contra Geilolo; porque ſe deixaſſe alli aquella fortaleza, daria muito trabalho á noſſa, e pera iſto tratou com ElRey de Ternate, e lhe pedio que o acompanhaſſe nella, e elle lhe diſſe que o faria com muito goſto. E tambem eſcreveo ao Rey de Bachão, que ſe quizeſſe achar com elles. Bernaldim de Souſa preparou logo as couſas neceſſarias, e elegeo a gente que havia de levar, que foram cento e oitenta Portuguezes, que eſtavam sãos; e os poucos mais que havia, que não paſſavam de dez, deixou na fortaleza com o Alcaide mór; e mandou fazer muitos ceſtões, e eſcadas, e carretas pera as peças de artilheria que havia de levar.

Tendo tudo negociado, ſe começou a embarcar, elle na ſua náo nova, D. João Coutinho no ſeu galeão, D. Rodrigo de Menezes na ſua caravela, e Manoel Boto em outra que eſtava na meſma fortaleza, que hia cheia de munições, e petrechos de guerra, e de mantimentos; Balthazar Veloſo, Capitão mór do mar; Chriſtovão de Sá; e Diogo de Freitas, cada hum em ſua corocora.

Embarcados todos deram á véla, e por acharem os tempos contrarios, mandou Bernaldim de Souſa dar toas aos galeões pelas corocoras, e puzeram dez, ou doze dias no

ca-

caminho, e a vefpera do Natal paffado furgíram na barra de Geilolo, e falvára m a fortaleza, que fenão enxergava de fóra por caufa do grande, e efpeffo arvoredo que havia antre ella, e o mar. Alli fe deixou eftar até á primeira Oitava, que chegou ElRey de Ternate, e com elle o Principe de Bachão, que era feu genro, com huma muito arrezoada Armada de corocoras, em que vieram perto de finco mil homens de peleja. O Capitão os recebeo mui bem, e ElRey de Ternate lhe moftrou huma carta, que o de Geilolo lhe mandou ao caminho, em que lhe dizia » que fe devia de lembrar como » ambos eram de huma lei, e do muito, e » mui chegado parentefco que antre elles ha- » via pera não favorecer os Portuguezes con- » tra elle; que lhe fazia a faber, que tinha » comfigo muitos Cavalleiros, muita artilhe- » ria, mantimentos, munições, e duzentos » Tarabos; » (são eftes huma nação de gente daquella Ilha, mui temidos de todos; porque como andam fempre pelos matos, e são mui ligeiros, e no faltear os caminhos; hoje fe vem aqui, e dalli a dous ou tres dias dalli a vinte leguas, tem feito crer aos daquellas Ilhas, que fe fazem invifiveis, e que fe efcondem, e apparecem quando querem; pelo que são tão temidos, que fó de os ouvirem nomear fogem muitos. Bernaldim de

Sou-

Sousa vio a carta, e disse a ElRey » que » respondesse o que quizesse, e que quanto » ás roncas, que lhe mandasse dizer que fol- » gava muito de estar tão bem apercebido; » que elle tambem levava muita gente, ar- » tilheria, e munições; e que lhe fazia a sa- » ber, que se não havia de apartar de sobre » aquella fortaleza, sem a deixar pósta por » terra, e de mandar os seus Tabaros pera » as galés da India, e que lhe pezava por » serem tão poucos. » ElRey de Ternate assim lho escreveo, e lhe disse: » Que as obri- » gações que tinha aos Portuguezes passavam » por todos os parentescos; que lhe acon- » selhava, que devia de fazer pazes com o » Capitão, e conceder-lhe tudo o que elle » pedisse, e que não quizesse experimentar a » furia dos Portuguezes. »

Vendo o Geilolo esta carta, e o desengano do Rey de Ternate, mandou metter dentro na fortaleza todas as fazendas dos seus, de ouro, prata, peças, pera os obrigar a pelejarem sobre o seu. E elle tambem metteo seus thesouros publicamente, por mostrar aos seus quão pouco arreceava os Portuguezes; mas de noite os tornou a tirar em tanto segredo, que o não souberam senão aquelles servidores que lhos leváram, e elle fói com elles, e os enterrou em huma parte secreta, e a mesma noite matou

os

os coitados que lhos acarretáram pelo não deſcubrirem.

A derradeira Oitava deſembarcou Bernaldim de Souſa no lugar, em que o fez Fernão de Souſa de Tavora, na maneira ſeguinte. D. Rodrigo de Menezes, e Balthazar Veloſo na dianteira com ſeſſenta Portuguezes, e com elles Cachil Guzarate com dous mil Ternatezes, e logo Bernaldim de Souſa com a bandeira de Chriſto, e as peças de artilheria de campo, com todos os mais Portuguezes, e na retaguarda ElRey de Ternate, e o Principe de Bachão ſeu genro com o reſto do exercito. Neſta ordem foram caminhando pelos matos com guias, ſem acharem quem lho impediſſe, e aſſim chegáram á viſta da fortaleza. E porque não havia outra parte em que aſſentar o campo ſenão em hum outeiro, que eſtava hum tiro de berço della, mandou o Capitão arrazallo todo, o que ſe fez com muita gente de ElRey de Ternate, e gaſtáram niſſo todo o dia até á tarde (porque foram alli amanhecer.) Já ſobre a tarde deſpedio o Capitão a Manoel Boto com alguma gente pera ir á Armada buſcar mantimentos, e algumas peças de artilheria mais, e outras couſas que eram neceſſarias, ficando os do exercito dormindo aquella noite no outeiro que arrazáram, ſempre armados, e com grandes vigias.

El-

ElRey de Geilolo tanto que foi noite, lançou nos matos que ficavam perto do arraial alguma gente de espingardas, que toda a noite inquietáram os nossos, sem saberem donde lhes vinha o mal por ser escuro; e foi a cousa de feição, que os fizeram estar sempre em pé, desparando tambem a sua arcabuzaria em roda do arraial a montão. O Capitão, tanto que amanheceo, quiz mandar Balthazar Veloso com huma companhia de soldados pera dar guarda a Manoel Boto, que havia de vir da Armada com as cousas que foi buscar; mas ElRey de Ternate o tirou disso, com lhe dizer, que o caminho estava seguro. Estando o Capitão já fóra disso, moveo-lhe Deos supitamente o coração, porque os nossos se não perdessem, e mandou com muita pressa abalar Balthazar Veloso, o que elle fez com tanta, que lhe ficáram alguns homens dos que havia de levar, e indo a meio caminho deo nelle o Principe de Geilolo com quatrocentos dos seus principaes, porque parece teve aviso que se esperava por Manoel Boto, e estava lançado em cillada naquelles matos. Balthazar Veloso, que era homem de setenta annos com hum animo de vinte e sinco, ajuntou os seus, que seriam perto de vinte, a fóra alguns escravos, e Ternatezes, e cerrando-se todos, pondo-se elle na dianteitei-

teira, e Henrique de Lima detrás, remettèram com os inimigos, nomeando-se muito alto, (como he costume antre aquellas gentes,) e começáram huma formosa batalha, em que Balthazar Veloso, Henrique de Lima, e outros sete, ou oito companheiros fizeram cousas, em que mostráram bem o valor Portuguez. Os Ternatezes, e ainda alguns Portuguezes, se foram recolhendo, e pondo em salvo; mas os que ficáram fizeram tamanho estrago nos inimigos, que com morte de mais de cento, puzeram os mais em fugida, ficando os nossos senhores do campo, e sem se derramar sangue algum Portuguez. Dalli foram buscar Manoel Boto, que logo encontráram, e o acompanháram até o arraial, onde se festejou a vitoria com muitos tiros, e instrumentos de alegria.

## CAPITULO XI.

*Do sitio, e fortificação da fortaleza de Geilolo, e de como os nossos a batêram: e das cousas que succedêram no cerco: e dos ardís de que ElRey de Tidore usou pera ver se deixavam os nossos o cerco.*

A Fortaleza de Geilolo era de pedra, e terra solta, muito larga, e forte, tinha naquella frontaria dous formosos baluartes, era de fórma triangular, e de hum angu-

gulo corria huma cortina até fechar em hum castello Roqueiro, grande, e forte, que tinha outros dous baluartes. Da banda que fica pera o mar, que era mais baixa, tinha da banda de fóra do muro outro baluarte, que ficava sobre hum esteiro, e de longo delle estava a Cidade estendida, e elle defendia a entrada do esteiro. Tinha assim a fortaleza, como o castello em roda huma formosa cava toda estrepada por dentro, e por fóra de estrepes de Bambus machos mettidos no chão ao marrão, e depois agudos, huns altos, outros baixos, ao revéz huns dos outros, e tão bastos, que não podia passar hum gato sem se encravar nelles, quanto mais hum homem. Tinha ElRey dentro mil e duzentos homens escolhidos, em que entravam cem espingardeiros, e á roda pelos da fortaleza, e castello, dezoito berços de metal, e de ferro. Postos os nossos naquelle lugar do outeiro que desfizeram, começáram-se a fortificar com cestões, que se fizeram muitos, porque os matos eram todos de Bambus, e fizeram seus vallos, e trincheiras, em que plantáram a artilheria, no que gastáram dous dias. ElRey de Ternate, e o Principe seu genro ficáram naquelle lugar que se desfez, e o Capitão mais abaixo ao sopé. E hum pouco affastado em hum outeiro, que ficava padrasto á fortaleza, fez

Dom

Dom Rodrigo de Menezes ſua eſtancia com os ſeus ſoldados.

Aſſentados todos, e poſto tudo em ordem, começáram a bater a fortaleza de todas as eſtancias com grande furia, mas não fizeram mais que derribarem-lhe alguns altos, que logo eram repairados. Bernaldim de Souſa ficou enfadado, porque das eſtancias não ſe deſcubria bem a fortaleza pelo muito arvoredo que tinha derredor, e mandou armar outros ceſtões, com que ſe foi chegando mais á fortaleza, deixando ficar ElRey no lugar em que eſtava. E depois que fez a ſua eſtancia mais perto, ſubio-ſe a hum alto que eſtava hum pouco affaſtado pera notar bem a fortaleza, levando comſigo Cachil Guzarate, e Cachil Paio, Regedor de Ternate, e alguns Portuguezes. E eſtando notando a fortaleza, tanto que della os víram, deſcarregáram a montão alguns berços, e eſpingardas, com que lhe feríram algumas peſſoas, Cachil Paio de hum pelouro de berço, e de eſpingardadas Balthazar Veloſo, e Fernão Machado. Era eſte homem hum muito bom Cavalleiro, e na companhia de Manoel Boto tinha pelejado muito bem, e do dia que o feríram a hum mez morreo, eſtando já são da eſpingardada. Eſta morte profetizou elle o dia da deſembarcação, porque em pondo os pés na ter-

terra , olhou pera alguns companheiros , e disse : » Nesta jornada me hão de matar. » E por não parecer que era medo , saltou , e bailou , e depois rezou o Officio dos Finados por sua alma , e até á hora que morreo , sempre andou tão alegre que alegrava a todos , e assim foi muito sentido. O Capitão se recolheo muito enfadado de lhe ferirem aquelles homens , e de não achar hum bom sitio pera assentar o exercito , nem de poder haver alguma espia , tendo mandado a isso alguns aventureiros.

Apartando-se hum dia Gabriel Rebello com dous companheiros , foi-se chegando á fortaleza , e notou a huma parte hum lugar muito accommodado , assim pera o arraial , como pera a bateria , e o foi dizer ao Capitão , que o foi ver com alguns que escolheo , e assentáram que alli estariam melhor , e logo mudáram pera aquella parte o arraial , fazendo-lhe seus vallos , e trincheiras , sobre que assentáram huma espera , hum salvage , quatro camelletes , e alguns falcões , com que começáram a bater a fortaleza.

ElRey de Ternate vendo que o Capitão insistia no cerco , como era Mouro , e parente do outro , andava já arrependido da jornada , porque sempre lhe pareceo que o Capitão se enfadasse logo , e que se tornasse , como fez Fernão de Sousa de Tavora ;

e indo-ſe ao Capitão, lhe diſſe: » Que to-
» dos aquelles trabalhos eram em vão, que
» aquella fortaleza não ſe podia tomar co-
» mo elle cuidava, porque tinha muita gen-
» te, muita eſpingardaria, e muitos manti-
» mentos; que devia de ſe recolher, e não
» perder o tempo. » O meſmo lhe diſſe Chri-
ſtovão de Sá, e outras peſſoas que tambem
eſtavam enfadadas, e que pela ventura o ti-
nham praticado com ElRey. O Capitão lhe
diſſe » que já que ſe abalára, havia de le-
» var aquelle negocio ávante, e que Deos
» o ajudaria. » ElRey tornou a repetir as dif-
ficuldades que havia, e ſe lhe offereceo pe-
ra fazer a guerra com os ſeus de fóra, e ir
dar em todas as aldêas de Geilolo, e as deſ-
truir, em lhe trazer mantimentos; o que lhe
o Capitão não acceitou. Naquelles dias, em
que ſe batia a fortaleza, deram alguns dos
noſſos com gente de ElRey de Ternate em
algumas aldêas viſinhas, em que fizeram bem
de damno. A bateria ſe foi continuando,
mas com pouco damno da fortaleza, de que
o Capitão andava deſconfiado, e quizera com-
mettella por aſſalto, mas não vio pera iſſo
a gente que lhe era neceſſaria; e cuidando
comſigo no que faria, determinou de cer-
car a fortaleza em roda, pera totalmente
lhe tolher os mantimentos, ſobre o que não
tomou parecer com peſſoa alguma. E logo
man-

mandou abrir huma cava do arraial pera a fortaleza ao comprido, e na ponta della ordenou huma tranqueira muito forte, que ficava quaſi abordada aos muros, e pera ella ſe paſſou D. Rodrigo de Menezes com trinta homens; mas como ficava mais baixo que a fortaleza, de ſima dos muros lhe ferîram muita gente de eſpingardadas.

São os Geilolos tão certos, e deſtros nellas, que eſtando aqui os noſſos á bateria com os do muro, vio hum Geilolo hum Ternate eſtar por huma ſeteira apontando nelle huma eſpingarda; e levando a ſua ao roſto com muita preſſa, deſparou no Ternate pelo buraco da ſeteira, e lhe metteo o pelouro pela boca dentro, quebrando-lhe dous dentes; e o pelouro, que devia de ir fraco, ſe deteve dentro na boca, em outros quatro que o Ternate tinha nella pera mais preſteza, e abaixando-ſe, lhe cahîram os ſinco pelouros no chão, ſem receber outro damno. D. Rodrigo mandou dizer ao Capitão, » que a tranqueira ficava tão deſcuber- » ta ao muro, que lhe tinham ferido os mais » dos companheiros ſem lhes elle poder va- » ler. » O Capitão o mandou recolher, do que o Rey de Geilolo moſtrou grande alvoroço, e fez grandes algazarras dos muros.

A bateria ſe foi continuando contra vontade de todos, e geralmente murmuravam do

do Capitão, dizendo, que proſeguia aquelle cerco por dilatar o tempo pera carregar a ſua náo de cravo, e partir pera a India ſó, e ficarem os mais galeões da viagem. Outros, que o Capitão não ouſava de dar o aſſalto, ſem quem a fortaleza ſe não podia tomar. Bernardo de Souſa, e D. João Coutinho lhe fizeram alguns requerimentos, dizendo-lhe, » que a monção ſe hia gaſtan» do, e que pelo que todos diziam, aquel» la fortaleza ſe não podia tomar com tão » pouca gente; que devia de ſe recolher pri» meiro, que lhe aconteceſſe algum deſgoſto.» Diſto lhe deo a elle muito pouco, e mandou proſeguir a bateria, e continuar na obra das cavas pera rodear a fortaleza, que lhe não pudeſſe entrar couſa alguma, pera os tomar á fome. Aſſim foi cortando as cavas de noite, que de dia não podia ſer, porque lho impedia a arcabuzaria da fortaleza, até cercar á roda, com ſinco tranqueiras que mandou fazer fronteiras aos baluartes dos inimigos, em que plantou peças de artilheria.

No começo deſta obra ſempre houve deſconfianças em todos os do exercito, que não ſería de effeito algum; mas depois que víram a traça que levava, e que todavia era de muita importancia, todos ajudavam a obra com muito goſto. De ſima dos muros

bem ſentiam o trabalho, e toda a noite faziam grandes fogos pera deſcubrirem o campo, não ceſſando a ſua arcabuzaria de laborar, com que fizeram algum damno, e feríram muitos no exercito. O Rey de Tidore era aviſado todos os dias por cartas do de Geilolo, do eſtado em que as couſas eſtavam, e aſſim o foi das eſtancias que os noſſos tinham feito á roda da fortaleza; e entendendo o muito riſco em que eſtava, temendo-ſe que tanto que tomaſſe aquella fortaleza, o faria tambem á ſua, aconſelhado do Rey de Geilolo, amanheceo hum dia naquelle porto com huma Armada, e ſurgio junto dos galeões, e deſpedio logo Cachil Manavari ſeu irmão a viſitar o Capitão, e ElRey de Ternate. Bernaldim de Souſa o recebeo muito bem, e ouvio, e reſpondeo á viſitação. Vendo elle aquelle modo de fortificação do exercito, ficou paſmado, (porque aquillo não ſe uſava por aquellas partes,) e perguntando como ſe chamavam aquelles fortes, diſſeram-lhe que beſtiães, e dando á cabeça diſſe: » Beſtião, beſtião baſ» ta pera tudo. »

E quando viſitou ElRey de Ternate, lhe diſſe em ſegredo: » Que ElRey ſeu irmão » lhe mandava pedir, que trabalhaſſe muito » por eſtorvar aquelle negocio. » O que antre elles ſe paſſou ſobre iſto, ninguem o ſoube.

Deſ-

Despedido o Tidore se foi pera sua Armada, e ElRey tornou a dar á véla pera seu Reyno; mas como hia cioso daquelle negocio, e ElRey de Geilolo tornou a puxar por elle, pera que trabalhasse com que se alevantasse aquelle cerco, tornou a voltar pera Geilolo, e surgio affastado da Armada, e tornou a mandar o mesmo irmão a visitar a Bernaldim de Sousa. Elle entendendo o desproposito de tanta visitação, lhe mandou dizer, » que senão vinham a mais que » a visitallo, que lho tinha em mercê; mas » que se vinha a ajudar ElRey de Geilolo, » que lho dissesse, pera mandar recado á Ar- » mada que o deixasse entrar na fortaleza, » porque quantos mais estivessem dentro, tan- » to mór gosto teria da vitoria. » Com este recado se despedio o Embaixador, deixando dito a alguns Ternatezes, como em segredo, » que ElRey seu irmão vinha quei- » mar a nossa fortaleza, e a náo do Capi- » tão que estava á carga. » Isto disse, porque bem sabia que logo os Ternatezes o haviam de dizer, pera que em o Capitão o sabendo, levantasse o cerco, e acudisse lá. Esta nova chegou ao Capitão, a que respondeo muito seguro: » Que lhe dava muito pou- » co de lhe queimarem a sua náo, porque » por interesse algum não havia de deixar o » serviço de ElRey, e que se lhe tomassem

» a fortaleza, que a todo o tempo a torna-
» ria a ganhar; » e foi profeguindo na obra
das cavas, e dos fortes. Quando ElRey de
Geilolo vio que todavia o Capitão hia ávan-
te com aquelle negocio, tratou de homiziar
o Rey de Ternate, e o Principe de Bachão
com o Capitão, e teve tal modo, que por
via de Ternatezes do exercito, com quem
tinha intelligencias fecretas, lançou fama que
o Rey de Geilolo eftava concertado com o
Principe de Bachão, e que lhe dava huma
filha em cafamento. Ifto inquietou ElRey de
Ternate, porque o tinha defpofado com
huma filha fua; mas o Capitão acudio a if-
to, affirmando a ElRey, que tudo aquillo
eram ardís, e invenções do Geilolo, pera
femear zizania entre elles; com o que fe
elle quietou algum tanto. ElRey de Tido-
re, como não quietava, tornou a voltar com
a fua Armada, com determinação de ver fe
podia tomar hum dos noffos galeões, do que
o Capitão foi avifado primeiro que elle che-
gaffe, e mandou a D. Rodrigo de Mene-
zes, que fe foffe pera a Armada, e não
deixaffe chegar a ella ElRey de Tidore. Che-
gando ElRey á vifta, lhe fahio D. Rodri-
go de Menezes em hum batél muito bem
concertado, e quatro corocoras, em que
hia Cachil Ayo, meio irmão de Cachil Gu-
zarate, mancebo mui esforçado: vendo
El-

ElRey aquella determinação, voltou pera Tidore, e não curou de mais invenções.

## CAPITULO XII.

*De como Bernaldim de Sousa tomou hum poço de agua, de que os cercados bebiam: e de como por falta della se entregáram a partido.*

Continuando-se a bateria, e a obra das cavas, e fortes, adoeceo ElRey de Ternate, e se foi curar a seu Reyno, e deixou em seu lugar a Cachil Guzarate, que era mui arrogante, e muito temido de todos os Malucos. Desta ida de ElRey houve grandes murmurações, e desconfianças, o que tudo soffreo, e atalhou Bernaldim ds Sousa com muita prudencia, e brandura, não deixando de proseguir na obra, e em mandar dar assaltos. Huma noite foi Gabriel Rabello com dez companheiros, e chegou a queimar humas casas, e certas embarcações que estavam varadas ao longo do muro. Os inimigos de sima delle sentíram os nossos, e não ousárão a lhe sahir, cuidando fosse alguma cillada pera os fazerem acudir alli, e commetterem-nos por outra parte, e de sima atiráram muitos tiros, com que fizeram affastar os nossos, ficando huma só casa por queimar, de quinze, ou vinte que eram; mas

hum

hum Triſtão Gomes, meſtiço da terra, deitou de longe huma bomba de fogo, que acertou de cahir ſobre a caſa, que logo ardeo toda, e com a claridade enxergáram os noſſos toda a povoação, que eſtava edificada ſobre o eſteiro, que de aguas vivas ſe cubria todo, e paſſava ao ſecco pera a outra parte da cerca.

Eſta povoação não foi viſta até então dos noſſos; e recolhendo-ſe dalli, deram conta ao Capitão do que víram, e do modo da povoação, o que elle eſtimou muito ſaber. E logo deſpedio o Capitão mór do mar com ſincoenta ſoldados, e quinhentos Ternatezes, pera que ſe foſſem metter no eſteiro, e déſſem guarda a certas peſſoas, que haviam de ir com lanças de fogo queimar a povoação, e as embarcações que eſtavam varadas. E indo eſta gente demandar o eſteiro, deram todos na vaza, em que eſtiveram perdidos; e alguns que paſſáram adiante, ſem guardarem ordem alguma, nem eſperarem pelos mais, chegáram á Cidade, em que começáram a pôr o fogo com tamanhas gritas, que os moradores que eſtavam dormindo ſaltáram deſatinados fóra das camas, e foram fugindo pera a fortaleza, ſem verem de que, (mas pareceo-lhes pelos alaridos, e gritas que todo o poder dos noſſos dava nelles.) Com iſto chegáram os mais, e deram

ram fogo á Cidade, e a todas as embarcações, que eram muitas, que ardêram sobberbissimamente.

Feito isto, se puzeram todos em hum tezo ás espingardadas com os do muro, que estavam vendo aquella destruição. ElRey de Geilolo acudio ao alvoroço ao muro; e vendo arder toda a Cidade, deitou fóra Cachil Quebuba, seu sobrinho, e genro, com quinhentos homens; e vendo os nossos, se puzeram com elles ás espingardadas; e quiz Deos que acertasse huma no Cachil Quebuba, de que cahio morto logo. E assim mesmo hum Caciz seu, e outros alguns. Durou esta briga muito grande espaço, com grande estrondo, e quentura, assim da artilheria, como da força do Sol, e do fogo que andava na Cidade, que como era de madeira, e bambuz, fazia hum terremoto, e labaredas, que parecia hum diluvio de fogo. Os Geilolos vendo o seu Principe morto, e o damno que tinham recebido, se foram recolhendo, e o mesmo fizeram os nossos, levando tres feridos, dous soldados Portuguezes, e Cachil Bocaide, irmão de Cachil Guzarate, que foi por Capitão dos Ternatezes.

Esta vitoria festejou o Capitão muito. Ach               ram-se neste feito Bernardo de Sousa, Vasco de Freitas, Gabriel Rabello, Henrique

que de Lima, Gaſpar de Morim; todos Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados.

Depois deſte bom ſucceſſo poucos dias, andando o Capitão continuando na obra, foi aviſado, que da outra banda da fortaleza havia huns poços de agua doce, de que os de dentro bebiam, e que na fortaleza não havia outra agua; e que ſe lha tomaſſem, não lhes ficava remedio algum de que ſe valeſſem. E pondo em conſelho, iſto foi contrariado dos mais, dizendo » que aquillo ha» via miſter muito vagar, e muito tempo, » e que todos andavam já mortos, e cança» dos, e elle Capitão doente, (porque havia » dias que andava achacoſo,) que o bom ſe» ría commetter-ſe a fortaleza á eſcala viſta, » e concluir aquelle negocio, porque já to» dos não podiam mais. » Bernaldim de Souſa diſſimulou, dando-lhes a entender que acceitava o conſelho; e mandou com muita preſſa fazer alguns ceſtões muito grandes, e ajuntar alguns madeiros, e taboado, e tendo tudo preſtes mandou a Bernardo de Souſa, que ſe foſſem pera a Armada, e que com D. Rodrigo de Menezes, que lá eſtava nas corocoras, puzeſſem aquelles ceſtões ſobre os poços, e formaſſem logo hum forte em que ſe recolheſſem todos, e aſſeſtaſſem alguns falcões.

Dando eſte recado a D. Rodrigo de Mene-

nezes, foi logo demandar aquella parte, e desembarcando em terra achou muito grande resistencia, porque foi com poucos a notar o sitio; e naquelle jogo lhe feríram Bernardo de Sousa de huma espingardada pela cabeça muito grande, de que não perigou, e foi-lhes forçado recolherem-se, pelejando todos muito valorosamente com os inimigos. Era isto sobre tarde; e no quarto da modorra tornou D. Rodrigo de Menezes a desembarcar com todos os seus soldados; e os marinheiros das corocoras levavam os cestões, e madeira, e Cacil Ayo com os Ternatezes de sua companhia pera o ajudar naquella obra. E não achando resistencia, chegáram aos poços, e armáram sobre elles os cestões, que logo se mandáram encher de terra.

Feito isto, corrêram com huma tranqueira de madeira muito forte, em que se recolhêram com algumas peças de artilheria, munições, e mantimentos pera alguns dias. Tanto que amanheceo, que os inimigos víram de sima do muro os poços tomados, logo perdêram o animo, e alevantáram bandeira de paz, bradando rijamente por ella. No mesmo tempo entrava pelo Estreito dentro Christovão de Sá com hum batél, e huma manchua pera dar na Cidade, e chegou a tempo que os nossos estavam á falla com os da fortaleza sobre pazes; e quiz a des-

aven-

aventura, e o defcuido Portuguez, que levaffem na quilha do batél huma gamela de polvora aberta, em que cahio huma faifca de fogo, e ateou com tanta força, que arrebentou a mór parte do batél, e queimou finco foldados, de que morrêram tres. Chriftovão de Sá, que hia na manchua, vendo o defaftre, deo toa ao batél, e fe tornou pera a náo, e fem fallar com Bernaldim de Soufa, fe foi na manchua pera Ternate. Os Geilolos tanto que víram o defaftre do batél, diffimuláram por então com o que pediam; mas como á falta de agua não ha repairo, nem remedio, ao outro dia, que eram dezoito de Março, appareceo a porta da fortaleza aberta, e ElRey com Cachil Tidore feu tio, e o Caciz maior a ella, e mandou bradar alto ao arraial, lhe mandaffem hum Portuguez, que queria fallar com elle coufas que importavam. Dando-fe o recado ao Capitão, mandou lá hum Luiz de Pavia; que ElRey recebeo bem, e com elle praticou fobre pazes, querendo logo alli conceder todos os partidos, que elle levava já do Capitão por apontamentos, fobre o que debatêram hum efpaço grande, e por fim não concluíram em coufa alguma, porque os Ternatezes tiveram maneira com que mandáram advertir aos do confelho de ElRey, que não lhe confentiffem fallar em pazes,
até

até vir ElRey de Ternate ; o que elles fizeram. E mandou ElRey dizer ao Capitão, » que mandasse chamar ElRey de Ternate » pera concluirem todos as pazes , e em quan- » to elle tardava ficassem em tregoas , e lhes » dessem agua pera beberem. » Isto lhe concedeo o Capitão , despedindo logo huma corocora muito ligeira a Ternate com recado a ElRey , ficando correndo em tregoas ; e hiam ao arraial alguns Geilolos tão fracos, e debilitados de não comerem , nem beberem , que houveram os nossos compaixão delles , e os Ternatezes os proviam com o que podiam , e logo se hiam aos poços ( que nunca D. Rodrigo de Menezes largou ) a fartar de agua. ElRey de Ternate tanto que teve recado se metteo em huma corocora muito subtil , e chegou ao exercito Quinta Feira de Endoenças , e no mesmo dia o mandou o Rey de Geilolo visitar por Cachil Timo , homem de grande authoridade antre elles , e com elle outro Mandarim principal. ElRey estava com o Capitão , e os recebêram muito humanamente ; e depois das visitas tratáram sobre pazes , que se concluíram com as condições seguintes :

» Que Catabruno deixaria o titulo de » Rey , e tomaria o de Sangage , que he co- » mo Governador , e que ficaria vassallo de » ElRey de Portugal , com duas mil folhas

» de

» de olla, que são de palmeira, pera ſe cubrir
» a fortaleza, e quinhentos fardos de Sagú,
» que he a farinha de páo que lá ſe come,
» de pareas cada anno.

» Que ſe ſahiria da fortaleza elle, e os
» ſeus com as ſuas peſſoas ſómente; e que
» tudo o que eſtiveſſe nella havia de ficar por
» deſpojos dos vencedores. E que a fortale-
» za ſe havia logo de derribar por terra, e
» que nunca mais faria outra. »

Deſtas condições ſe fez huma pauta pe-
ra os Embaixadores levarem a ElRey, e os
deſpedíram com muitas honras. Chegados á
fortaleza deram a ElRey conta de tudo o
que era paſſado, e lhe apreſentáram os Ca-
pitulos das pazes, e ſem os querer ver, veſ-
tio huma cabaia de veludo pardo, (que era
a meſma que Triſtão de Taíde lhe mandou
pera o dia que ſe alevantou por Rey,) e
com alguns poucos dos ſeus ſe foi ao ar-
raial. O Capitão, e ElRey o ſahíram a re-
ceber. Elle chegando a elles, diſſe contra o
Capitão: » Com eſta cabaia me levantáram
» os Portuguezes por Rey, e com ella me
» tornam a deſapoſſar. » ElRey, e o Capi-
tão o abraçáram com grandes honras, di-
zendo-lhe o Capitão, » que ſe conſolaſſe,
» que aquelles eram os frutos da guerra: que
» elle ficava com ſeu Eſtado inteiro, que os
» titulos eram vaidades do Mundo. » E aſ-
ſen-

ſentando-ſe todos tres em cadeiras, confirmáram os Capitulos das pazes, e as juráram a ſeu modo, ficando alli aquella noite ElRey de Geilolo.

## CAPITULO XIII.

*De como o Capitão entrou na fortaleza de Geilolo, e das cruezas que ſe nella fizeram: e de como ſe derribou: e das mais couſas que ſuccedêram.*

AO outro dia, que foram vinte e ſete de Março, ſahio o Capitão do arraial com ambos os Reys, e toda a gente em armas, e entráram na fortaleza. A gente de guerra tanto que ſe vio dentro, ſem darem pelo Capitão, começáram a matar, e a cativar quantos Geilolos acháram, entrando pelas caſas, roubando-as, uſando cruezas aborrecidas ao nome Portuguez. O Capitão pedio a ElRey de Ternate que foſſe acudir áquillo; e quando chegou, achou já mais de trinta mortos, e de duzentos cativos, e não pode fazer couſa alguma naquelle negocio, porque os Portuguezes deram por elle mui pouco. O Capitão como hia enfermo, deitou-ſe em hum baileo junto da porta da torre, em que eſtavam as mulheres, e filhas de ElRey, e junto delle ſe aſſentáram ambos os Reys em hum caixão. Os Geilolos que eſ-

ca-

capavam das mãos dos noſſos, vinham fugindo pera onde eſtava o ſeu Rey, pedindo-lhe que lhes valeſſe; ao que elle com os olhos humidos reſpondia, que lhes valeſſem elles; e com ver aquellas deshumanidades, e ouvir os prantos, e gritos dos vaſſallos eſtava tão ſeguro, que reſpondia a tudo o que o Capitão fallava com elle, muito attento, e a propoſito, ſem fazer mais movimento, que de quando em quando acudir com hum lenço a enxugar os olhos. Os Portuguezes, e os Ternatezes andavam pela fortaleza roubando, e eſcalando as caſas, de que os Ternatezes leváram a ſubſtancia, e melhor de tudo, aſſim por ſerem mais, como por ſaberem as caſas de mais importancia. O Capitão diſſe a ElRey de Geilolo, que mandaſſe tirar as mulheres da torre, porque ſe havia de ir buſcar. Iſto ſentio elle muito, porque lhe pareceo que lhe ficaſſem alli ſem ſerem viſtas, nem esbulhadas de peſſoa alguma; e levantando-ſe, as foi tirar com grande mágoa, e dor de ſeu coração, e as levou fóra da fortaleza, mandando-as ElRey de Ternate, e o Capitão acompanhar, porque lhes não fizeſſem alguma deſcortezia.

Sahido o Geilolo pera fóra com ellas, as levou ao campo, e as poz ao pé de humas arvores. O Capitão mandou buſcar aquelle

le baluarte, cuidando que ſe achaſſe nelle o theſouro de ElRey, (que elle tinha guardado em outra parte,) mas acháram outras muitas couſas, que foram ſaqueadas, e roubadas. Aquella noite ficáram todos na fortaleza. Ao outro dia (porque ſe hia o Capitão achando mal) entregou a fortaleza a ElRey de Ternate; e deixando com elle os Portuguezes pera a deſmancharem, ſe embarcou em corocoras ligeiras, e ſe foi curar a Ternate. Aquella noite que foi ſabbado de Paſcoa, puzeram os noſſos fogo á fortaleza por muitas partes, que começou a arder braviſſimamente. Durou eſte cerco tres mezes com muito trabalho, Sol, frio, ſede, e alguma fome: poſto que pera a gente da terra foi grande remedio o das frutas do mato. Morrêram dezoito Portuguezes, e dos inimigos perto de trezentos.

São elles Geilolos os mais esforçados homens, e mais pera o trabalho que todos os daquellas Ilhas, o que moſtráram bem naquelle cerco; porque quando os noſſos entráram naquella fortaleza, não lhe acháram nella couſa alguma de comer, nem beber; e havia tres, ou quatro dias que não comiam, nem bebiam, e acháram os noſſos as caſas, e as ruas cheias de mortos, que cada hora cahiam de fome, ſem nunca ſe quererem entregar; antes diziam, que morreſſem todos

aſ-

aſſim, e daquella maneira trabalhavam, pelejavam, e ſe repairavam. A nova deſta vitoria foi má de crer por todas aquellas Ilhas, por onde logo correo, porque haviam por impoſſivel poder-ſe tomar aquella fortaleza. E aſſim era, que ſe não fora a fome, nada a pudéra render.

Durou o ſacco da fortaleza alguns dias, e ſe achâram muitas fazendas, e ouro, de que ElRey de Ternate levou o melhor quinhão. E depois de tudo eſcalado, e a fortaleza queimada por muitas partes, ſe embarcâram todos pera Ternate. Bernaldim de Souſa depois de ſe achar bem de ſua enfermidade, que lhe durou alguns dias, ſe tornou a embarcar pera Geilolo pera acabar de derribar a fortaleza, e quietar as couſas daquelle Reyno, e foi ElRey de Ternate com elle, e todos os Portuguezes, tirando Dom Rodrigo de Menezes, que por eſtar quebrado com elle ſe deixou ficar.

Chegados a Geilolo, o Capitão mandou acabar de derribar a fortaleza, e achâram nella muitas covas abertas, de que tirâram muita fazenda. Catabruno, que já ſe chama Sangage, des daquelle dia que ſahio da fortaleza com as mulheres, nunca mais tornou a ella, em quanto os noſſos alli eſtiveram, e fez huma povoação naquelle lugar, onde ſe deixou ficar. E ſabendo que o Capitão

era

era chegado, não se havendo ainda por seguro, se foi mais pera o certão com suas mulheres, ficando alli na povoação dous irmãos seus, chamados Cachil Liacá, e Cachil Timou, com suas familias, que foram dar a obediencia ao Capitão. E sabendo elle que o Sangage era ido da povoação, ficou enfadado, por haver que se não fiára delle, e rogou a seus irmãos que o fossem buscar, e lhe pedissem muito que o viesse ver, e mandou com elles Gabriel Rabello com alguns companheiros, e lhes deo por regimento, que tivessem com elle muitas palavras de cumprimentos, e o persuadissem a vir vello; e quando o não pudessem mover, o notificassem por alevantado, e lhe apregoassem de novo guerra.

Partidos estes homens, achâram o Sangage meia legua pelo certão, com humas casas feitas sobre huma pequena ribeira, que atravessava por junto de humas fontes de agua quente, que estava muito fraco, e debilitado. Os irmãos, e Gabriel Rabello fallâram com elle, e lhe deram o recado do Capitão, rogando-lhe todos muito que o quizesse ir ver. Elle se desculpou com dizer, » que já não era gente, que o deixassem com » sua fortuna, que queria morrer por aquel» les matos, e que se não tratasse mais del» le; que fizessem conta que era acabado. »

Gabriel Rabello apertou muito com o Sangage, pera que fosse ver o Capitão, e que elle ficaria alli em refens, e que lhe cortasse a cabeça, se delle, nem dos seus recebesse elle, nem cousa sua algum aggravo. E não o podendo mover, quebrou diante delle huma folha de huma arvore em final de rotura da paz, (como antre elles se costuma,) e se despedíram delle, movidos de compaixão do miseravel estado em que o viam. Aquellas escusas que o Sangage deo pera não ir ver o Capitão, foram, porque não se atreveo a ver o rosto a ElRey de Ternate, porque havia que delle lhe nascêra todo o seu mal.

Sabendo o Capitão o que passáram com elle, quizera logo mandar gente contra elle; mas ElRey de Ternate lhe pedio » que » não fizesse obra por aquelle só recado; » que lhe mandasse fazer outra notificação, » que pela ventura se moveria, porque os » trabalhos em que se víra lhe não deixa- » vam entender quanto lhe aquillo importa- » va. » Com isto despedio o Capitão os mesmos Embaixadores, por quem lhe mandou pédir, » que se sujeitasse á razão, e que el- » le lhe faria todos os favores que fossem » justos, e que não quizesse perder seu Es- » tado. » Chegados áquelle lugar já o não acháram, porque se tinha mettido por es-

ses

ſes matos como deſeſperado , pelo que ſe tornáram.

A Catabruno poucos dias depois diſto lhe morreo a ſua principal mulher, que elle muito ſentio , e houve que a fortuna o perſeguia em tudo ; mas com todos eſtes trabalhos não lhe ſahia d'alma o grande odio que tinha a ElRey de Ternate , e andava cuidando modos de vingança ; e offerecendo-lhe o demonio hum , o acceitou , e foi , que ſe fizeſſe Chriſtão , e que aſſim lhe abriria o tempo occaſiões pera ſe ſatisfazer delle por mãos dos meſmos Portuguezes , crendo que aquillo que outros buſcam pera remedio de ſua ſalvação , lhe foſſe a elle inſtrumento de ſua vingança.

Aſſentado niſto , deſpedio Embaixadores ao Capitão , por quem lhe mandou pedir hum Padre pera o bautizar. O Capitão lhe mandou hum da Companhia , chamado João de Beira , e com elle Balthazar Veloſo. Chegados ao Sangage , que acháram mal , tratou o Padre com elle ſobre as couſas de noſſa Fé , e o começou a catequizar , e o obrigou a deitar fóra as mulheres por o mandar aſſim a noſſa Lei. Iſto lhe foi a elle tão aſpero , que diſſe ao Padre , » que tudo fa- » ria , ſenão aquillo por então , que depois » pouco , e pouco ſe iria deſobrigando del- » las , e caſando-as ; porque d'outra manei-

» ra se logo as despedisse, escandalizaria os
» parentes. » Vendo o Padre que não queria
começar logo a fazer execução, o não quiz
bautizar, e se tornou pera a fortaleza, que
se hia acabando de derribar. O Catabruno
dahi a poucos dias morreo miseravelmente,
ficando-lhe tres filhos. O mais velho, chamado
Cachil Guzarate, que trazia sua propria
irmã por manceba, tanto que o pai
faleceo foi logo a dar obediencia a Bernaldim
de Sousa, e a pedir-lhe a confirmação
do Estado do pai. Elle o recebeo bem, e
lho confirmou com o titulo de Sangage, com
as pareas que estavam postas a seu pai. E
porque levava a irmã comsigo, e o Rey de
Ternate a desejava, disse ao Capitão que o
obrigasse a deitalla fóra, o que o Capitão
fez; mas como elle lhe estava affeiçoado,
lhe pedio que lha deixasse ter, que elle se
faria Christão; o que o Capitão lhe estranhou
mais, e lha fez lançar fóra, e ElRey
de Ternate a tomou pera si. O Capitão tanto
que acabou de derribar a fortaleza se tornou
pera Ternate. Neste estado deixaremos
estas cousas até tornar a ellas.

CA-

## CAPITULO XIV.

*Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada de Catifa : e de como bateo aquella fortaleza , e os Turcos a despejáram : e do desastre que alli aconteceo aos nossos.*

PArtido D. Antão de Noronha de Goa, como atrás dissemos no IV. Cap. deste IX. Liv., foi seguindo sua derrota até Ormuz, onde foi muito bem recebido do Capitão daquella fortaleza. E vendo-se ambos com ElRey sobre o negocio da fortaleza de Catifa, assentáram, que ElRey désse tres mil homens pera a jornada, e que fosse com elles o Guazil Rax Xarrafo, e Mirmaxet, a quem ElRey logo mandou negociar, e preparar terradas, e outras embarcações pera os levar. Em quanto se isto negociava despedio D. Antão de Noronha Manoel de Vasconcellos por Capitão mór de doze navios ligeiros, com regimento que se fosse lançar sobre Catifa, pera defender que os Turcos não fossem soccorridos de Baçorá.

Estes navios chegáram a Catifa em poucos dias, e surgíram sobre aquelle porto, onde se deixáram estar até chegar D. Antão de Noronha, que foram dous mezes, chegando-se todos os dias nas marés cheias á praia

praia a darem sua bateria á fortaleza, defendendo-lhes de feição os soccorros por mar, que lhes não entrou dentro cousa alguma, com o que os puzeram em muito grandes necessidades. D. Antão de Noronha ficou em Ormuz dando aviamento ás cousas necessarias, mandando preparar algumas peças de bater, muitas mantas, escadas, e todos os mantimentos, e munições que pode.

Tendo tudo prestes, deo á véla pera Catifa, levando huma muito grande Armada, e toda a gente Portugueza, tirando a da obrigação da fortaleza. Isto era já fim de Julho, e tendo bom tempo, foi em poucos dias surgir sobre aquelle porto, onde achou os navios de Manoel de Vasconcellos, de quem soube o estado em que a fortaleza estava, e do aperto em que a tinham posto. Dom Antão de Noronha deo ordem pera a desembarcação, que havia de ser ao outro dia; e fazendo alardo da gente que levava, achou mil e cem Portuguezes, e tres mil Parseos, e Aramuzanos debaixo da bandeira de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, e de Mirmaxet Guazil do Magostão, em que havia muitos Mires, e Capitães do Reyno de Ormuz. E commettendo a dianteira a Manoel de Vasconcellos, passou toda a gente da Armada aos navios pequenos, e aos batéis dos galeões.

Ten-

Tendo tudo preſtes, commettêram a terra com a maré cheia, onde pojárão os navios de Manoel de Vaſconcellos, e os noſſos ſaltáram logo em terra, onde achάram alguns Turcos de cavallo, que ſahíram a lhe defender a deſembarcação, com quem tiveram huma arrezoada eſcaramuça, levando os noſſos os Turcos de arrancada até os metterem dentro na fortaleza. O Capitão mór ſe poz em terra com toda a gente com ſuas bandeiras deſenroladas; os Portuguezes em hum eſquadrão, e os Parſeos em outro. E chegando-ſe bem á fortaleza, aſſentáram ſeu campo perto huns dos outros, e logo lhe mandáram fazer ſuas cavas, vallos, e trincheiras, em que gaſtáram aquelle dia, e noite, tudo por ordem, e traça do Capitão Francez, (de quem já démos conta, no desbarato de D. Jorge de Caſtro em Ceilão, no Cap. VII. do Liv. VIII., ) que ElRey D. João tinha mandado á India, por ſer homem que tinha muita noticia, e exercicio da milicia, que neſta jornada fez o officio de Meſtre do Campo, e de Sargento mór. Depois de feitas as eſtancias plantou nellas ſinco peças de bater com ſeus repairos, e mantas muito fortes. E tendo tudo negociado, começou a dar ſua bater'a á fortaleza com tanta furia, e força, que lhe fizeram algumas ruinas, e lhe derribáram todos os

al-

altos. Os Turcos que eram quatrocentos os que eſtavam na fortaleza, vendo a furia da bateria, e os muros rotos por muitas partes, entendendo que ſe haviam de perder, havendo ſeu conſelho, aſſentáram de ſe recolherem de noite, e largarem a fortaleza de Catifa; e aſſim havendo oito dias que os batiam, ſendo no quarto da modorra, ſe foram ſahindo por huma porta falſa, que hia pera o certão, em tanto ſilencio, que não foram ſentidos ſenão já nos derradeiros, que foram viſtos de tres ſoldados de Pedro Affonſo de Avelar, que tinha a eſtancia pera aquella parte, que ſe chamavam Martim Caſco de Evora, Balthazar de Goes, natural de Ceita, e Pero Machado. Eſtes eſtando vigiando fóra dos vallos, ſentíram rumor pera aquella parte, e víram que os Turcos ſe hiam recolhendo; e vendo ficar os derradeiros, remettêram a elles com muito animo, e matáram hum, e feríram alguns que foram fugindo apôs os mais que hiam já mui alongados. Os tres companheiros ſentindo a fortaleza deſpejada, entráram dentro, e ſubíram ſobre o baluarte fronteiro á eſtancia do Capitão, e começáram a appellidar *Portugal*, ao que ſe levantou D. Antão de Noronha muito alvoroçado; e perguntando o que era, lho diſſeram, porque os do muro ſe tinham já dado a conhecer, chamando

do pelos companheiros da ſua eſtancia. Iſto poz grande alvoroço em todo o exercito.

D. Antão de Noronha mandou pôr todos em armas, e aguardou pela manhã; e tanto que ella eſclareceo, foi caminhando pera a fortaleza, onde entrou, (que os tres ſoldados tinham já abertas as portas,) e foi a preſſa dos noſſos tanta, que houve homens que entráram por grandes aberturas, que a noſſa artilheria tinha feito no muro; e hum Lourenço Feio da Ilha da Madeira, que ha pouco morreo, nos diſſe que fora hum delles. Entrando D. Antão de Noronha na fortaleza, (em que ſe não acháram ſenão algumas peças de artilheria pequenas, munições, e pouca roupa que não pudéram levar,) chamou o Guazil Rax Xarrafo, e lhe diſſe, » que aquella fortaleza era de El-» Rey de Ormuz, que alli lha entregava li-» vre, e deſembargada; que tomaſſe poſſe » della, e a proveſſe. » O Guazil lhe diſſe, » que não ſe atrevia a defendella, porque » tanto que elle ſe partiſſe, haviam os Tur-» cos de tornar ſobre ella, e que daria no-» vo trabalho a Ormuz em a ſoccorrer. » Dom Antão de Noronha vendo aquelle negocio, poz em conſelho com os Capitães o que faria nelle, e aſſentou-ſe, que ſe derribaſſe aquella fortaleza, porque os inimigos a não tornaſſem a ſenhorear, e a fazer fortes nella.

Con-

Concluido iſto, mandou D. Antão de Noronha, que ſe minaſſem os baluartes pera arrebentarem; o que deo a cargo a hum Meſtre das obras que comſigo levou. Eſte homem andando abrindo as minas, foi dar em humas neceſſarias de abobada, que eſtavam em o recanto de hum baluarte, e metteo nella certos barrís de polvora, e por fóra lhe fez ſeus repairos de pedra, e gueche muito fortes, deixando-lhe lugar pera ſe lhe dar fogo. Em quanto ſe corria com a obra das minas, ſe deixou D. Antão de Noronha ficar á ſombra de hum baluarte com a principal gente da Armada.

E chegando Manoel de Vaſconcellos a elle, lhe diſſe que foſſe ver a ſua mina que já eſtava acabada, (porque aquella obra repartio o Capitão pelos Fidalgos pera ſe acabar mais depreſſa.) D. Antão ſe foi com elle, acompanhado dos mais dos que alli eſtavam; e quiz ſua boa ventura, e a mofina dos que alli ficáram, que em ſe elle apartando, cahiſſe huma faiſca de fogo, que andava pelas caſas da fortaleza, na mina das neceſſarias, que eſtavam junto do baluarte, em que D. Antão de Noronha eſtava, e dando em baixo na polvora ſolta que eſtava derredor dos barrís, e tomando fogo, arrebentou a neceſſaria, e o baluarte; e cahindo ſobre os que ficáram á ſombra delle, enter-

rou

rou quarenta Portuguezes , e eſcalavrou outros muitos.

Dos mortos conhecidos foram , hum filho de Pedro Affonſo de Avelar ; Pero Coelho de Caſtro ; Balthazar do Amaral, filho do Doutor Franciſco do Amaral , Corregedor da Corte ; Gonçalo de Moraes de Souſa ; Franciſco Botelho , filho do Meirinho da Inquiſição do Reino , e outros muitos Cavalleiros muito honrados. D. Antão de Noronha acudio áquella parte ; e vendo a deſaventura , (poſto que por hum muito pequeno eſpaço eſcapára della , ) ſentio o caſo tanto , que lhe corrêram as lagrimas pelos olhos. Vendo-o aſſim Mir Maxet , Guazil do Magoſtão , chegou-ſe a elle , e lhe diſſe :

» Senhor , iſto são caſos da guerra , não » vos entriſteçais aſſim ; lembre-vos que os » Turcos eſtam muito perto , e que em ſa- » bendo eſta deſaventura podem voltar em » companhia dos Arabios , » que os favoreciam , de que era Xeque hum valente Mouro , chamado Bemjabre. D. Antão de Noronha pareceo-lhe bem a lembrança de Mir Maxet , e mandou dar fogo ás minas , que deram com todos os baluartes , e muros por eſſes ares , e logo ſe recolheo ao arraial , onde paſſou aquelle dia , e noite com grandes vigias. Ao outro dia foi aviſado , que

os

os Turcos eram recolhidos, e que o Xeque Bemjabre eſtava com oitocentos homens de cavallo dalli a meia legua, vendo ſe lhe dava o tempo occaſião pera fazer algum ſalto. D. Antão de Noronha informado que não havia mais gente, e do modo de como eſtavam os Arabios alojados, ordenou de dar nelles, tendo-o em ſegredo, porque os meſmos Mouros de Ormuz os não mandaſſem aviſar. E dando recado a certos Capitães pera que eſtiveſſem preſtes com ſua gente, tanto que o quarto d'alva entrou, deſpedio Pedro Affonſo de Avelar com perto de duzentos e ſincoenta homens, os mais delles de eſpingardas, pera que foſſem dar no Bemjabre. E ſahindo os noſſos do exercito em muita boa ordem, foram com eſpias buſcar os Arabios; mas elles que traziam mui grandes vigias ſobre os noſſos, ſentíram o tropel que hia, e deixando o ſeu arraial, ſe foram acolhendo a unha de cavallo. Os noſſos chegáram ao lugar em que elles eſtavam, e acháram algumas tendas pobres, e outras couſas poucas. E porque não levavam ordem pera mais, ſe recolhêram ao exercito, ſem lhes acontecer deſaſtre algum.

CA-

## CAPITULO XV.

*De como D. Antão de Noronha foi ter a Baçorá , e entrou o rio Eufrates , e tomou huma fortaleza aos Turcos : e do ardil de que o Baxá usou pera a nossa Armada se recolher.*

DEpois da fortaleza de Catifa ser posta por terra , e arrazada , não havendo alli mais que fazer , determinou D. Antão de Noronha passar a Baçorá , como levava por regimento , pera favorecer aquelle Rey , que esperava por elle pera com os da sua liga commetter aquella fortaleza. E embarcando-se , despedio os navios de alto bordo pera Ormuz , e nelles o Guazil de Ormuz , e o de Magostão , com suas companhias , passando a gente toda a dezoito fustas. E dando á véla , foram entrando pera o fundo daquelle Estreito. E huma noite lhes deo huma tormenta , com que se apartáram nove navios , que se desapparelháram. D. Antão de Noronha com os outros nove foi seu caminho até chegar á boca do rio Eufrates , onde se deixou estar esperando pelos outros navios. Dalli despedio huns Arabios da companhia do Embaixador de ElRey de Baçorá (que foram a Goa) com cartas assim pera ElRey , como pera os Senhores Gizares ,

em

em que lhes dava conta de ſua chegada, e que ficava eſperando por recado ſeu pera ſaber o modo, e ordem que havia de ter no commetter aquella fortaleza.

Partidas eſtas cartas, havendo ſete dias que alli eſtava, chegáram os outros nove navios de ſua conſerva, com que entrou pelo rio Eufrates, e chegou a huma Ilha que faz logo dentro, chamada Mouzique. Aqui eſtava hum caſtello Roqueiro pequeno com alguns Turcos, que tanto que víram a noſſa Armada o deſpejáram. O Capitão mór mandou gente a terra, que entrou dentro, e o achou vaſio: aqui ficou eſperando por recado de ElRey de Baçorá, e dos Gizares. O Baxá de Baçorá, que era Alybaxá, tanto que ſoube da Armada Portugueza, entendendo que havia de ter intelligencias com os Gizares, e Arabios do certão, teve tal induſtria, que tomou todos os caminhos, por onde ſe podiam cartear, e quiz a deſaventura que houveſſe ás mãos as cartas que Dom Antão de Noronha lhes eſcrevia; e como o Mouro era ſagaz, e prudente, fez humas cartas falſas em nome do Rey de Baçorá, e dos Gizares, eſcritas pera elle meſmo Alybaxá, em que lhe diziam:

» Que elles eram Mouros, e vaſſallos do » Turco, e que não era razão que favore- » ceſſem Chriſtãos contra outros de ſua ſei- ta;

» ta; que elles queriam fazer aquelle servi-
» ço ao Turco, que era entregarem-lhe a
» Armada Portugueza toda, como já lhe ti-
» nham promettido por outras cartas, e que
» pera final disso lhes mandavam aquella car-
» ta, que o Capitão mór Portuguez lhe man-
» dára; que estivesse prestes, porque elles lhos
» entregariam todos nas mãos. »

Estas cartas falsas que o Baxá fez em segredo, mandou ler em público diante de muitas pessoas, em que entravam dous mancebos, hum Venezeano, e outro Neapolitano, que elle trazia cativos, e de industria lhes metteo nas mãos a carta de D. Antão de Noronha, pera que a vissem, ainda que estava em Parseo, mas assinada do seu final ordinario. E tomou alli logo conselho com todos sobre o modo que teria naquelle negocio. Depois disto passado, a poucos dias mandou tirar os ferros aos dous Italianos, e lhes deo azo pera que fugissem, (outros dizem que elle mesmo lhes disse, que os libertava, e que se fossem pera onde quizessem;) mas como quer que fosse, estando a Armada surta em Mouzique da outra banda, a que commummente chamam de Persia, sendo na verdade de Susia, a que os Mouros chamam Susistan, (que he o mesmo que Provincia de Susia,) ouvíram huma noite chamar da terra, que os mandassem

ſem recolher, que eram huns Chriſtãos fugidos. D. Antão de Noronha receando que aquillo foſſe algum engano, lhes mandou brádar que ſe metteſſem dentro na agua até amanhecer, e que aſſim não ſeriam ſentidos. D. Jeronymo de Caſtello-branco, que eſtava mais perto da terra, arriando a amarra, chegou-ſe a ella, e recolheo os dous mancebos ſem D. Antão de Noronha o ſaber, e de madrugada os levou ao ſeu navio. O Capitão mór os recebeo bem, e elles lhe diſſeram » que eram Chriſtãos, e que o Baxá os » libertára, e que houveram por melhor par- » tido recolherem-ſe á ſua Armada, que irem » por terra. » O Capitão perguntando-lhes por novas de Baçorá, lhe diſſe hum delles: » Vê, Capitão, o que fazes, e quem vens ſoc- » correr, porque eſtás trahido, vendido, e » enganado: porque ſaberás que os Gizares » ſe tem carteado com o Baxá pera te en- » tregarem com toda eſta Armada, porque » a carta que lhe eſcreveſtes, elles lha man- » dáram com outras de engano que tinham » uſado comtigo, e que por ſervirem o Tur- » co, elles dariam ordem pera vos tomarem » todos ás mãos. » D. Antão de Noronha ficou ſobreſaltado daquelle negocio, e houve que podia ſer, porque Mouros tudo tentariam contra Chriſtãos. E perguntando aos mancebos ſe víram elles a ſua carta, e ſinal,

lhe

lhe diſſeram que ſim ; e mandando chamar todos os Capitães á ſua fuſta , lhes deo conta daquelle negocio , e ſe ſe daria credito áquelles homens , ou ſe ſería aquillo invenção do Baxá pera os fazer tornar.

Eſtando debatendo todos ſobre iſto , Lourenço Vaz Pegado , que hia por ſoldado de D. Antão de Noronha , eſtava debaixo do baileo da fuſta ( em que todos os do conſelho eſtavam ) ouvindo o que ſe tratava, diſſe alto : » Que máo ſería moſtrar-ſe-lhes o » ſinal do Capitão mór aos Italianos , pera ver » ſe o conhecem , e ſe he ſemelhante ao da » carta que víram ? » Foi iſto ouvido em ſima , onde ſe fazia o conſelho , e não ſoou mal a todos ; e pera mais ſe certificarem ſe aſſináram todos aquelles Capitães em huma folha de papel , e D. Antão de Noronha antre elles ; e chamados os mancebos lhes deram a folha de papel cheia de ſeus ſinaes, pera que lhes moſtraſſem o ſinal da carta que lá víram. E correndo ambos os olhos deram no de D. Antão , e diſſeram , que como aquelle era o ſinal que elles víram na carta , porque era de huma letra Latina muito boa. Com iſto ſe certificáram todos ſer verdade o que elles diziam , e que os Gizares lhes tinham armado traição , e aſſentáram que ſe recolheſſem pera Ormuz , como logo fizeram.

Chegados áquella fortaleza, mandou Dom Antão de Noronha varar os navios, e concertallos, e fez pagas aos ſoldados, e lhes mandou dar mezas. Pouco depois diſto chegou hum mercador Mouro, que paſſou por Baçorá, por quem aquelle Baxá mandou dizer a D. Antão de Noronha, que lhe pezára muito de ſe elle recolher tão depreſſa, porque deſejava de o ter por hoſpede, gabando-ſe ao mercador Mouro do eſtratagema, de que uſou com os Portuguezes na invenção da carta.

## CAPITULO XVI.

*Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: e de como matáram eſte Rey por deſaſtre: e da Armada que eſte anno de ſincoenta e hum partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Souſa: e de como o Viſo-Rey Dom Affonſo de Noronha partio pera Ceilão.*

ATrás no Cap. VII. do Liv. VIII. démos conta, como o Madune Rey de Ceitavaca em Ceilão, depois de ſe ver desbaratado por D. Jorge de Caſtro, ſe reconciliára com o irmão Rey da Cota, forçado da neceſſidade; mas como o odio que lhe tinha era entranhavel, diſſimulou em quanto foi verão. E tanto que o inverno entrou, ajun-

tan-

tando ſeus exercitos, abalou contra o irmão pera o acabar de deſtruir, (por ſer tempo, em que não podia ſer ſoccorrido da India.) ElRey da Cota tanto que teve aviſo diſto, ajuntando ſuas gentes, mandou ſeu genro Tribuly Pandar, e em ſua companhia Gaſpar de Azevedo, Feitor, e Alcaide mór, com todos os Portuguezes, que ſeriam perto de cento, pera que foſſem ter o encontro ao Madune, que já lhe entrava por ſeu Reyno. O Tribuly Pandar foi buſcar o Madune, que andava fazendo grandes eſtragos, e teve com elle alguns recontros, em que lhe matou alguma gente, e o fez recolher pera a outra banda do rio de Calane, onde aſſentou ſeu exercito, ficando Tribuly Pandar com o ſeu da outra parte.

ElRey da Cota ſabendo eſtar alli o pai, ſahio de Cota, e ſe foi ao exercito pera o ver, e quiz a deſaventura que eſtando os Portuguezes em huma varanda muito grande comendo, chegaſſe a huma freſta da banda de fóra pera os ver; e eſtando nella, lhe deram huma eſpingardada pela cabeça, de que logo cahio morto, ſem ſe ſaber donde ſahíra, e acudindo todos á revolta, acháram o Rey morto; e recolhendo-o o Tribuly, ſe foi com elle pera Cota. Alevantado o exercito, depois de lhe fazerem ſuas exequias, puzeram o Principe Dramabella

na cadeira Real, e o levantáram por Rey, dando-lhe os Grandes a obediencia a ſeu modo, ſendo ſeu pai o primeiro, e depois o Alcaide mór, e todos os Grandes do Reyno, o que ſe fez no meſmo dia ſem feſtas, nem apparato.

O Madune tanto que ſoube da morte do irmão, ſe foi com ſeu exercito ao lugar de Balegale, huma legua da Cidade da Cota, e dalli mandou requerer aos Grandes da Cota, que lhe foſſem dar a obediencia, como a ſeu Rey, porque pertencia a elle aquelle Reyno por direito. Os Grandes lhe mandáram dizer, » que elles tinham Rey, e Prin» cipe herdeiro de direito, a quem já tinham » dado obediencia; e que em ſeu ſerviço, e » em defensão de ſeu Reyno haviam todos » de morrer. » Com eſta reſpoſta ſe foi o Madune chegando mais á Cidade, e aſſentou ſeu exercito á viſta della, ficando-lhe no meio huma alagôa. Vendo o Tribuly Pandar aquelle atrevimento, ajuntou a gente que pode, e com elle os Portuguezes, e ſahio a Madune, e travou com elle huma aſpera batalha, em que os noſſos leváram a dianteira, e fizeram taes couſas, que arrancáram do campo os inimigos com perda de muita gente, e o Madune ſe foi pera hum lugar chamado Canabol, ficando o Tribuly correndo com a guerra, e com o governo, por

ſer

ſer o Rey ſeu neto muito moço. ElRey ficou na Cota fazendo as exequias a ſeu avô, cuja morte muitos annos ſe ſuſpeitou vir-lhe dos Portuguezes peitados do Madune, até que falecendo hum Antonio de Barcellos, dalli a bem de annos, diſſe á hora de ſua morte » que por aquelle eſtado em que eſ- » tava, que elle fora o que matára a ElRey » da Cota por puro deſaſtre, atirando a hu- » ma pomba, e que ſe não ſuſpeitaſſe outra » couſa, porque aquella era a verdade. » Ao tempo do falecimento deſte homem ſe achou preſente hum Chingalá, Chriſtão, e muito antigo, de que nós ſoubemos iſto, e elle o diſſe ao Rey ſeu neto. Folgamos de averiguar eſta verdade por homem natural daquella Ilha, pela ruim opinião que ſe tinha dos Portuguezes neſta materia.

Eſtas novas ſe mandáram logo em Agoſto ao Viſo-Rey, que vendo quão neceſſario era acudir áquellas couſas, mandou negociar a Armada com muita preſſa, porque lhe era forçado partir em Setembro, e poz logo toda a Armada no mar, e começou a pagar á gente.

Sendo dez deſte mez, ſurgíram na barra de Goa ſinco náos, de oito que tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Souſa. Os mais Capitães eram Franciſco Lopes de Souſa, que trazia

a

a Capitanía de Maluco, Jacome de Mello, Lopo de Sousa, e Micer Bernardo. Das outras tres náos que faltavam, eram Capitães D. Jorge de Menezes Baroche, que ficou invernando em Moçambique, Ayres Moniz Barreto, que foi tomar Ormuz, e D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, que foi tomar Cochim, como adiante diremos.

Este Fidalgo andando em requerimento foi despachado com tres annos da Capitanía de Dio, de que se elle aggravou; e querendo-o ElRey satisfazer a requerimento de huma sua irmã, Dama da Rainha D. Catharina, lhe deo mais outros tres annos, com que estava despachado Francisco de Sousa Tavares apôs elle, que os largou a ElRey, e os traspassou em D. Diogo de Almeida, pela Capitanía mór das náos do Reyno, que lhe ElRey deo; e quando lhe passou disto portaria, já D. Diogo de Almeida estava embarcado. E dizem, que quando ElRey deo o despacho a sua irmã, dissera: Não cuidei que vosso irmão era tão cubiçoso, já estará satisfeito. E mandando ella a seu irmão á náo a portaria, e escrevendo-lhe o que passára com ElRey, tomado elle do que ElRey dissera, (porque havia que por si merecia muito mais,) tornou a mandar a portaria a ElRey, e escreveo-lhe huma carta, em que lhe dizia: » Que nunca no seu ser-

» vi-

» viço lhe entrára reſpeito algum, nem cu» biça, que ſem aquella mercê elle o iria » ſervir á India. » ElRey ſe houve por deſervido de D. Diogo lhe enjeitar ſuas mercês; e porque as naos hiam já á véla, deixou de o mandar deſembarcar; mas mandou-o riſcar de ſeus livros, e o anno ſeguinte eſcreveo ao Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha, que ſe não ſerviſſe delle em couſa alguma, como adiante diremos.

Com a chegada das náos deo o Viſo-Rey preſſa á ſua embarcação; e entregando a India ao Capitão da Cidade, e com elle por Deputados o Ouvidor Geral, Veador da Fazenda, e outros, (porque o Biſpo hia em ſua companhia a viſitar,) ſe embarcou, e deo á véla em fim de Setembro. Levava o Viſo-Rey dez galeões, oito caravelas, e galés, e perto de ſincoenta navios de remo, antre galeotas, fuſtas, e catures. Os Capitães que neſta Armada o acompanháram, são os ſeguintes.

D. Fernando de Menezes ſeu filho, Dom Antonio de Noronha filho do Viſo-Rey Dom Garcia de Noronha, Eytor de Mello, Diogo Alvarez Telles, Baſtião de Sá, Franciſco de Mello Pereira, D. João Henriques, Martim Affonſo de Miranda, Pero Barreto, Vaſco da Cunha, Gonçalo Pereira Marramaque, Affonſo Pereira de Lacerda, Dio-

go

go de Soufa, Diogo de Miranda Henriques, Diogo de Mello Coutinho, Antonio de Noronha, Jorge Pereira Coutinho, Fernão de Caftanhofo, Nicoláo de Soufa, Alvaro de Lemos, Manoel do Canto, Pero Vaz de Matos, João da Rocha, Mathias de Trinchel, Luiz Mergulhão, Pero Salgado Alferes do Vifo-Rey, e feu Veador, Simão Botelho Veador da Fazenda, André de Mendanha Ouvidor Geral, Manoel da Cunha, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. Nefta Armada foram tres mil homens, gente mui luftrofa. O Vifo-Rey deixou dado ordem ás náos que haviam de partir pera o Reyno; e do galeão S. João, que fe eftava concertando em Goa, que ficou do anno paffado, deo a Capitanía a Manoel de Soufa de Sepulveda, pera fe ir nelle com fua mulher, e cafa pera o Reyno. E como foi tempo, partíram as náos pera Cochim tomar a carga. O Vifo-Rey foi feguindo fua derrota até Cochim, onde de paffagem deo defpacho a algumas coufas; e partindo dalli, dobrou o cabo do Çamorim, e atraveffou a Ceilão, aonde chegou em breves dias.

CA-

## CAPITULO XVII.

*De como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha desembarcou em Columbo, e se vio com o Rey da Cota : e do concerto que ambos fizeram contra o Madune : e de como o desbaratáram, e tomáram a Cidade de Ceitavaca.*

SUrto o Viso-Rey com toda sua Armada no porto de Columbo, ao outro dia desembarcou, e ElRey, e Gaspar de Azevedo Alcaide mór lhe fizeram hum muito grande recebimento; porque por alguns navios de remo que foram diante, tiveram aviso de sua vinda, e logo o foram esperar a Columbo, levando ElRey comsigo seu pai, e os principaes de sua Corte. O Viso-Rey se aposentou na feitoria, e logo despedio seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens pera se ir metter na Cidade da Cota, pera que tomasse os passos della, porque ninguem sahisse pera fóra; o que D. Fernando fez, pondo hum Capitão com cem homens em guarda das casas de ElRey, pera que se não bulisse em cousa alguma, fazendo-se estas prevenções, que escandalizáram a muitos; porque parecia que hiam mais a conquistar Rey amigo, que a inimigo. O Viso-Rey depois que em Columbo

deo

deo ordem a algumas coufas, fe partio pera a Cota com todo o poder, e depois de fe apofentar, lançou mão dos Modeliares principaes, e dos criados, e mais antigos da cafa de ElRey, fem elle lhe poder ir á mão, e começou a inquirir dos thefouros dos antigos Reys, porque fe prefumia que eram muito grandes; e porque não pode tirar coufa alguma delles, mandou metter alguns Modeliares a tormento, e não fabemos com que direito, e juftiça; e foi nifto tão demafiado, e levou ifto por tão ruins termos, que efcandalizados todos dos tormentos que víram dar a alguns, começáram-fe a defpejar poucos, e poucos, e naquelles dias fe pafsáram ao Madune mais de feiscentos dos principaes. Vendo o Vifo-Rey que lhe não defcubriam coufa alguma, mandou bufcar as cafas de ElRey, devaçando-lhe feu recolhimento, e lhe tomou todo o dinheiro de ouro, em que entravam quinhentos e feffenta Portuguezes de ouro velho, prata, joias, pedraria, e fó o dinheiro montava mais de cem mil pardáos; o que tudo fe carregou fobre Simão Botelho, Veador da Fazenda, em hum livro feparado, que anda nos Contos da Fazenda de Goa, onde vimos eftas coufas. Depois de tomarem a efte pobre Rey tudo o que lhe acháram, tratou o Vifo-Rey com elle, e com feu Pay Tribuly Pandar

fo-

ſobre os negocios do Madune, e ſe concertáram deſta maneira.

» Que o Viſo-Rey, e elles ambos iriam » contra o Madune, e que ſe não alevanta» riam de ſobre elle até o haver ás mãos, e » o deſtruirem de todo, porque mais lhe não » pudeſſe dar trabalho, e que lhe dariam du» zentos mil pardáos pera as deſpezas da» quella jornada, cento logo, e outros cen» to depois, » de que ſe paſſou hum Conhecimento, que ſe encarregou ſobre o Feitor da Armada Manoel Colaço, e depois ſobre o Feitor de Cochim, e delle por entrega ao Recebor dos reſtes, onde o nós fomos ver, e não declara a divida de que he, ſenão dizer ſómente devellos, ſem declarar o tempo em que era obrigado aos pagar, o que devia de eſtar no proprio que não achamos. Aſſim mais ſe concertou o Viſo-Rey com o Rey da Cota, que todas as prezas que ſe tomaſſem em Ceitavaca ſe partiriam pelo meio, ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o da Cota.

Feitos, e aſſinados eſtes concertos, ſe começáram a preparar pera a jornada contra o Madune, dando ElRey da Cota logo ao Viſo-Rey oitenta mil pardáos á conta dos cem mil que era obrigado a lhe dar logo; que ainda pera lhe dar eſtes, vendeo joias, e outras couſas do ſerviço de ſua peſſoa, e

ca-

casa, que comsigo trazia, e por isso as salvou. E logo se puzeram em campo ElRey, e seu pai com quatro mil homens, e o Viso-Rey com perto de tres mil Portuguezes. Antes que partisse chegou D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, com sincoenta soldados, que o Viso-Rey recebeo muito bem.

Este Fidalgo, como dissemos no Capitulo passado, partio aquelle anno do Reyno por Capitão da náo Espadarte, da companhia de Diogo Lopes de Sousa; e tendo ruim tempo, passou por fóra da Ilha de São Lourenço, e com muitos trabalhos, e riscos foi tomar Cochim, de quinze de Outubro por diante; e sabendo ser o Viso-Rey em Ceilão, fretou logo huma fusta, e ajuntou sincoenta soldados da sua náo, e se partio em sua busca, e achou-o na Cota já no campo.

Prestes todas as cousas pera a jornada, o Viso-Rey começou a marchar em muita boa ordem, levando a dianteira D. Fernando de Menezes seu filho, com todos os Fidalgos mancebos, que logo se passáram pera elle. O Madune tanto que teve aviso da chegada do Viso-Rey, fortificou suas tranqueiras, e guarneceo-as de muita gente, e munições, e elle ficou de fóra com tres mil homens escolhidos pera acudir onde fosse necessario.

Os

Os nossos chegáram á primeira tranqueira, commettendo-a por todas as partes; e posto que acháram muito grande resistencia, foi entrada com mortes de muitos dos inimigos; e passando adiante, tomáram as outras duas tranqueiras, que foram defendidas muito bem, mas entradas dos nossos com muito grande valor. E passando pera a Cidade de Ceitavaca, foram os da dianteira tendo alguns recontros com o Madune, em que o desbaratáram de todo, e elle com cem homens foi fugindo pera humas serras muito fortes, chamadas Darnagale. O Viso-Rey entrou na Cidade de Ceitavaca sem resistencia, e se apofentou nos Paços do Madune, e ElRey da Cota junto ao Pagode, e mandou logo pôr guardas nas entradas da Cidade, que foi logo saqueada, assim dos nossos, como dos de ElRey da Cota, e se acháram nella muitas prezas. O Viso-Rey mandou cavar os Paços de ElRey todos, pera ver se achava os thesouros, que não achou, e o mesmo fez ao Pagode grande que alli estava, em que se acháram muitos idolos de ouro, e prata, grandes, e pequenos, candieiros, bategas, campainhas, e outras cousas, todas de ouro do serviço do Pagode, e algumas peças de pedraria, que tudo se carregou sobre o Veador da Fazenda Simão Botelho: todas estas peças vam por addições

sem

ſem avaliações, e por iſto não eſtimamos o que valeriam. Tudo iſto o Viſo-Rey recolheo, ſem dar ametade ao Rey da Cota, como eſtava contratado, a fóra o que ſe ſonegou, e eſcondeo, que ſó Deos ſabe o que ſería.

ElRey da Cota mandou lançar eſpias ao Madune; e ſabendo que ſe recolhêra ás ſerras de Darnagale com poucos, pedio ao Viſo-Rey quinhentos homens pera irem com Tribuly Pandar ſeu pai dar nelle, e havello ás máos; porque ſe diſſimulaſſe com aquelle, em virando as coſtas logo ſe havia de tornar a refazer, e dar novos trabalhos áquella Ilha, e ao Eſtado da India. O Viſo-Rey lhe diſſe que lhe parecia bem, e com iſſo lhe pedio os vinte mil pardáos, que lhe ficára devendo do reſto dos cem mil. E como ElRey eſtava pobre, e pera os oitenta mil que deo, vendeo ainda couſas do ferviço de ſua peſſoa, como atrás diſſemos, não pode ajuntar o dinheiro, nem teve donde, e diſſimulando o Viſo-Rey com aquelle negocio, diſſe: Que era já tarde, e que » lhe era neceſſario ir deſpachar as náos que » haviam de ir pera o Reyno; » e deixando Ceitavaca, ſe foi pera Columbo, pera dar ordem a algumas couſas daquella Ilha primeiro que ſe partiſſe.

CA-

## CAPITULO XVIII.

*De como D. Antão de Noronha veio de Ormuz, e foi por Capitão mór ao Malavar, e do que lhe aconteceo: e das cousas em que o Viso-Rey proveo em Ceilão: e de como foi a Cochim, e deo no Chembe: e do que alli lhe succedeo.*

NO Cap. XV. do IX. Livro deixámos D. Antão de Noronha invernando em Ormuz, depois daquelle successo de Catifa, e Barém. E porque levava por regimento, que se fosse logo pera Goa tanto que entrasse o verão, o fez assim, e em Setembro se embarcou, e foi tomar Mascate, onde se deteve alguns dias. Fazendo-se dalli á véla, não achando contrastes no caminho, foi tomar Goa quasi no fim de Outubro. Surgindo na barra, foi o Veador da Fazenda ter com elle, e lhe deo hum regimento, que alli deixou o Viso-Rey, em que lhe mandava, que tanto que chegasse de Ormuz, se partisse logo com a mesma Armada pera o Malavar, por não ficar aquella costa desamparada, em quanto elle estivesse em Ceilão.

Com este regimento se fez D. Antão de Noronha prestes, e provendo-lhe o Veador da Fazenda a Armada, deixando os galeões, se passou a huma galé, e com todas as cara-

ra-

ravelas de ſua companhia , que eram tres , ou quatro , e os navios de remo , ſe fez logo á véla pera o Malavar , e foi ſurgir com toda a Armada na barra de Calecut pera defender a navegação aos Mouros. Dalli fez toda a guerra que pode ao Çamorim , mandando-lhe dar em muitas povoações que lhe os noſſos abrazáram , e queimáram. E deixallo-hemos aſſim agora por tornarmos a continuar com o Viſo-Rey , que já deixámos em Columbo.

Alli deo ordem ás couſas daquella Ilha , aſſentando deixar quatrocentos homens de guarnição na Cidade da Cota pera ſegurança della , e nomeou por Capitão mór daquella Ilha , e da Armada que alli deixava , a D. João Henriques , e lhe ordenou dez navios de remo , de que eram Capitães Dom Duarte Deça , Jorge Pereira Coutinho , Diogo de Miranda Henriques , Fernão de Caſtanhoſo , Antonio de Noronha , Ruy de Brito , Nicoláo de Souſa , João Coelho de Figueiró , e Manoel Colaço por Feitor da Armada. Deixou por regimento a D. João Henriques , que reſidiſſe na Cidade da Cota , nomeando-lhe por Ouvidor pera correr com a juſtiça a Rafael Corvinel , e o cargo de Alcaide mór da Ilha proveo em Fernão de Carvalho , que havia de reſidir na Cidade de Columbo , aſſentado por conſelho de todos

os

os Capitães, que se cercasse toda á roda o mais depressa que pudesse ser, deixando logo pera isso officiaes. E assim tanto que o Viso-Rey se embarcou, se puzeram logo as mãos á obra, e se começou a cercar de taipas, de que aïnda hoje a mór parte está em pé. O Viso-Rey foi dando pressa a estas cousas pera se embarcar, e parece que determinava de levar comsigo Tribuly Pandar pai de ElRey, do que elle foi avisado; e furtando-lhe logo o corpo, se recolheo pera huns matos, que estam huma legua da Cota, de que o Viso-Rey ficou muito enfadado, mas dissimulou, e apertou com ElRey que se fizesse Christão por algumas vezes, de que se elle escusou com lhe dizer » que » por então lhe não convinha mudar lei, por» que como havia pouco que reinava, e seu » tio o Madune trazia o pensamento occu» pado em lhe tomar o Reyno, ser-lhe-hia » hum mui grande alvitre, pera induzir a » seus vassallos, que se fossem pera elle, o » que sería causa de se perder aquelle Rey» no; mas que lhe daria hum Principe seu » primo com irmão pera o levar pera Goa, » e que lá o fizesse Christão, » e logo lho entregou, que o Viso-Rey mandou agazalhar no seu galeão, e em Goa o fez Christão com grande solemnidade; e quando se foi pera o Reyno, o levou comsigo, e ElRey o

mandou entregar aos Padres da Companhia pera o doutrinarem, dando-lhe ſeiscentos mil reis pera deſpeza de ſua caſa.

Andou eſte Principe (que ſe chamava Dom João) na Corte muitos annos, e ElRey lhe fazia honras, e lhe dava cadeira como aos Condes, quando com elle fallava. Depois o mandou pera a India com os meſmos ſeiscentos mil reis de tença, e na Cidade de Goa caſou com huma mulher Portugueza, filha de hum Cavalleiro honrado, que ainda vive, e o Principe de Ceilão (que aſſim ſe intitulou ſempre) faleceo, e jaz enterrado em S. Franciſco de Goa. Démos conta brevemente deſte Principe, pelo não fazermos depois por pedaços.

E tornando a noſſo fio: o Viſo-Rey não ſe queria ir dalli ſem lhe darem os vinte mil pardáos que lhe ficáram devendo, com reclamar o Tribuly Pandar, que nada lhe devia, porque lhe não cumprio os contratos que com elle fizera, de perſeguir o Madune até o matarem, ou haverem ás mãos. E vendo o Tribuly fugido, prendeo o Camareiro mór de ElRey, que era todo o ſeu governo, e o mandou pera hum galeão da Armada, dizendo-lhe, » que o não havia de ſoltar até » lhe pagar os vinte mil pardáos. » Vendo-ſe o Camareiro mór tão apertado, mandou pedir dinheiro a amigos, e parentes; mas não

não achou quem lho emprestasse, e mandou vender hum cinto de ouro que trazia, e algumas peças suas, que montáram sinco mil pardáos, que mandou ao Viso-Rey com hum Conhecimento, em que se obrigava a pagar os quinze mil por todo aquelle anno. Com isto o mandou soltar o Viso-Rey, e se embarcou, deixando o Conhecimento do Camareiro mór a D. João Henriques pera arrecadar delle aquelles quinze mil pardáos. E assim antre algumas cousas que lhe deixou por regimento, a que mais lhe encareceo foi, lhe prendesse o Tribuly Pandar, e lho mandasse pera Goa.

Despedido de todos deo á véla pera Cochim, adiantando-se seu filho D. Fernando de Menezes em navios ligeiros, porque hia mal disposto, porque em poucos dias chegou a Cochim. Estas novas chegáram logo a D. Antão de Noronha, que estava sobre Calecut; e ainda lhe affirmáram que hia aggravado do pai, com tenção de se embarcar pera o Reyno. Isto sentio D. Antão de Noronha tanto, que logo se embarcou em hum Catur muito ligeiro, pera ir remediar aquellas cousas, deixando a Armada toda entregue a Manoel de Vasconcellos, e no navio levou comsigo Christovão de Miranda, irmão de Martim Affonso de Miranda, e Pedro Alvares de Nobrega, por estarem

muito doentes, pera se curarem em Cochim. Chegou D. Antão de Noronha a Cochim aquelle dia, e achou a D. Fernando de Menezes doente de camaras, e esteve com elle aquella noite toda; o que passáram antre ambos não se soube, e logo pela manhã se despedio delle pera se tornar. Sahindo pela barra fóra, houve vista da Armada do Viso-Rey, que vinha demandando a barra, e foi-o demandar, e com elle tornou pera Cochim. O Viso-Rey o deteve, porque tinha necessidade de seu conselho pera certas cousas.

Desembarcado o Viso-Rey, achou as náos do Reyno tomando a carga muito devagar, sendo já perto do Natal, porque não corria pimenta, que o Principe do Chembe, que logo se tornou a alevantar com o soccorro do Çamorim, lha impedia, e trazia por aquelles rios muitas manchuas, que faziam grandes damnos, e guerras nas terras de ElRey de Cochim, e defendiam a navegação aos mercadores, que traziam pimenta pera o pezo. E tomando parecer sobre o que faria, se assentou que era necessario darem hum grande castigo áquelle Principe, e destruillo de todo, porque de outra maneira ficaria tão soberbo, que não poderia o Estado com elle. Com esta determinação se embarcou o Viso-Rey, levando comsigo o Capitão de Cochim com todos os casados,

e

e toda a mais gente que eſtava pera ſe ir pera o Reyno, (que era muita,) e foram em ſua companhia, além dos Fidalgos, e Capitães que nomeámos de ſua Armada, Diogo Lopes de Souſa, Capitão mór das náos do Reyno; D. Antão de Noronha; Manoel de Souſa de Sepulveda; D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór; Franciſco Lopes de Souſa; e Lopo de Souſa. Embarcou-ſe o Viſo-Rey em todos os navios de remo, e a gente que não coube nelles, foram em tones, e em outras embarcações pequenas. Hiam neſta jornada perto de quatro mil homens Portuguezes, a fóra os Chriſtãos de Cochim.

Chegado o Viſo-Rey a Chembe, ordenou a ſua gente, e repartio-a por bandeiras, e huma madrugada deſembarcou em terra com todo o poder. Os Principes Malavares da conjuração eſtavam com mais de trinta mil homens em campo, e deitáram alguns Capitães pera defenderem a deſembarcação aos noſſos, que logo foram desbaratados da dianteira. Poſtos os noſſos em terra, foram marchando pera a Cidade; e ſahindo-lhes os Principes, traváram com os noſſos huma muito arriſcada, e muito cruel batalha. E porque as particularidades, que os Portuguezes fizeram nella foram muitas, não he poſſivel poder contar o que cada hum fez em particular, o deixaremos; ſómente em ſomma

ma diremos, que foi esta batalha mui perigosa, em que os nossos Portuguezes mostráram bem seu valor, e esforço; porque com os grandes estragos que fizeram nos inimigos, os desbaratáram de feição, que os fizeram voltar, mas não sem grande custo dos nossos; porque na força da briga deram huma espingardada a D. Antão de Noronha em huma perna por sima do artelho, que lha quebrou toda, de que cahio logo no chão; mas foi levantado, e recolhido por homens de sua obrigação, que o assentáram sobre huma rodela, e aos hombros o tiráram da batalha. Matáram dos primeiros Dom Antonio Pereira, irmão de D. Martinho Pereira, (que sendo Veador da Fazenda, governou Portugal em tempo de ElRey Dom Sebastião,) Manoel da Cunha, irmão de Tristão da Cunha o segundo, João da Silva de Menezes, filho de Pero da Silva de Evora, e hum filho de Manoel Mergulhão, mancebo bom cavalleiro, a fóra perto de trinta sem nome.

Desbaratados os inimigos, foram os nossos seguindo-os, assolando, e destruindo-lhes todas as povoações, e Pagodes, e cortando-lhes todos os palmares, e fazendas, não deixando cousa em pé: foi tal o castigo, que se houve o Viso-Rey por satisfeito. E deixando nos rios alguns navios pera guar-

da delles, e pera fazerem correr a pimenta, ſe recolheo a Cochim, e começou a eſcrever pera o Reyno, e dar muita preſſa ás náos da carreira, que pela pouca pimenta que houve, não pudéram levar mais que ametade da carga ordinaria; mas de todas as mais fazendas muita quantidade.

O Viſo-Rey mandou D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que foſſe tomar poſſe da Armada de D. Antão de Noronha, por elle ficar muito mal da ſua perna, de que ficou aleijado. Depois de eſcrever pera o Reyno, e dar deſpacho a todas as náos, (tirando o galeão S. João, em que Manoel de Souſa de Sepulveda hia por Capitão, por eſtar carregando em Coulão,) as fez á véla por todo Janeiro deſte anno de 1552 em que entramos, e elle ſe embarcou, e ſe foi pera Goa. O Galeão S. João chegou de Coulão com quatro mil quintaes de pimenta, e no porto de Cochim tomou mais tres mil, por não haver mais, carregando doze mil; mas levou tantas fazendas outras, que ſe affirma, que depois que a India ſe deſcubrio até então, não partio náo tão rica; e ſe fez á véla a tres de Fevereiro, levando perto de duzentos Portuguezes, e mais de trezentos eſcravos. Hiam embarcados neſte galeão muitos Fidalgos, e Cavalleiros, de que adiante

te diremos os nomes, quando contarmos a desastrada perdição, e desaventura desta jornada.

## CAPITULO XIX.

*De como D. Fernando de Menezes filho do Viso-Rey foi invernar a Cochim: e de como Francisco Lopes de Sousa foi entrar na Capitanía de Maluco: e das cousas que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha ordenou ácerca do cravo: e do que succedeo em Ceilão.*

CHegado o Viso-Rey a Goa, começou logo a entender em muitas cousas, e mui necessàrias, principalmente sobre as da guerra do Rei da Pimenta, que ficava em aberto, a que lhe era necessario acudir, porque pera o anno seguinte não faltasse pimenta pera a carga das náos. E assentou-se em conselho, que mandasse invernar a Cochim seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens, e vinte navios pera andarem por aquelles rios. A isto começou o Viso-Rey a pôr as mãos, mandando negociar os navios, e pagar a gente, e no fim de Março despedio seu filho D. Fernando de Menezes, a quem deo os seus poderes, e largo regimento do que havia de fazer. E mandou a D. Antonio de Noronha, que estava por Capitão mór do Malavar, que se re-

recolheſſe a invernar a Goa, como fez. Dom Fernando de Menezes chegou a Cochim, e ſe paſſou logo aos rios da pimenta, por onde andou todo o inverno, fazendo guerra aos Reys da liga, e favorecendo aos mercadores que traziam a pimenta a Cochim.

E porque eſta jornada toda foi de aſſaltos mui amiudados, e de pouca ſubſtancia, paſſaremos por elles, porque temos outras muitas couſas mais importantes de que dar razão. O Viſo-Rey depois de deſpedir ſeu filho, deſpachou Franciſco Lopes de Souſa pera ir entrar na fortaleza de Maluco, e a Diogo de Souſa, que era provído daquella viagem, a quem deo hum galeão muito formoſo, aonde tambem ſe havia de embarcar Franciſco Lopes de Souſa. E porque tinha por regimento de ElRey, que removeſſe os contratos que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha tinha feitos ſobre o cravo, fez com Diogo de Souſa outros de novo. E porque não démos em outra parte razão deſtes contratos em que fallamos, o faremos aqui.

Depois que Antonio de Brito deſcubrio as Ilhas de Maluco, (como nas Decadas de João de Barros ſe diz, e nós o tornámos a referir,) mandou ElRey D. Manoel, e ſeu filho D. João depois, que nenhuma peſſoa pudeſſe comprar cravo em todas aquellas Ilhas, ſenão ſeus Feitores; reſervando, co-

mo

mo minas, pera ſi aquelle contrato, e commercio. E porque a Ilha de Ternate, onde eſtava a noſſa fortaleza, era já povoada de Portuguezes caſados, que ſenão tiveſſem algum quinhão no commercio do cravo, não tinham pera que viver naquellas Ilhas, eſcrevêram ſempre aos Governadores paſſados, que uſaſſem com elles de alguma equidade, ſenão que ſe iriam viver onde tiveſſem mais remedio. Tanto puxáram por iſto, até que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha fez com elles o contrato ſeguinte.

» Que toda a peſſoa pudeſſe comprar, e » tratar livremente naquellas Ilhas de Maluco todo o cravo que quizeſſe, e que o pudeſſe embarcar pera a India nos galeões da » carreira; com condição, que de todo o » que embarcaſſem, dariam a ElRey a terça parte, poſto debaixo da verga ſem quebras; e que por cada bar lhe pagaria ElRey tres pardáos, que era o preço por » que o elle coſtumava a comprar; e que » de frete (a que chamam Choques) pagariam » de dez bares, tres, » como mais declaradamente nas outras Decadas temos dito.

Eſte contrato aſſim pera ElRey, como pera os homens era então bom; mas como a cubiça nunca ſe farta, vindo a goſtar todos do proveito que do cravo tinham, não ſe contentando com o que direitamente lhe

vi-

vinha, inventou a malicia humana hum ardil, pera elles ficarem com tudo, e ElRey com nada, fazendo muitas despezas com aquella fortaleza, e com os galeões, que todos os annos mandava a ella com provimentos; e foi este.

Que o cravo que os Capitães, e Officiaes, e mais pessoas embarcavam em seus gazalhados, sem ser carregado no livro da náo, por ser forro (pelas liberdades, e licenças) este era todo limpo, e de cabeça muito escolhido antre todo; e o outro que se mettia debaixo das cubertas, carregado no livro da náo, de que ElRey havia a terça parte, era o çujo, todo madre, e bastão, que valia as tres partes menos. No que ElRey começou a sentir tamanho engano, e tantas perdas, que deo por regimento ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha, que nenhuma pessoa embarcasse, nem comprasse em Maluco cravo algum, senão limpo, e de cabeça; e que se désse aos mercadores mais a sinco pardáos por bar, além do que lhe a elle vinha de seus terços, pela quebra que em o alimpar tinham. Sobre o que o Viso-Rey passou hum Alvará pera se pregoar em Maluco, que mandou por D. Garcia de Menezes, (que o anno atrás passado despachou com a Capitanía daquella fortaleza, e por morrer na guerra de Malaca, fi-

cou

cou a Gemez Barreto, Capitão da ſua caravela.) E porque ainda com tudo iſto não faltavam mōdos de furtarem a ElRey, (a quem nunca luzia aquelle commercio, e por antre as mãos ſe lhe ſumia quaſi tudo,) querendo o Viſo-Rey que todavia houveſſe ElRey os proveitos daquellas Ilhas, pois as deſpezas eram todas ſuas, contratou-ſe com Diogo de Souſa por eſta maneira: » Que pe- » los terços, e choques que pertenciam a » ElRey de todo o cravo que trouxeſſe no » ſeu galeão, déſſe quatrocentos e ſincoenta » bares, ſ. duzentos e ſincoenta bares liqui- » dos pera ElRey, e os duzentos pera as » peſſoas que tiveſſem liberdades por Provi- » sões do Viſo-Rey; e que na dita conta não » entrariam os bares que vieſſem nos gaza- » lhados delle Capitão, e dos Officiaes do » galeão, nem do Patrão mór, e outros que » elles tirariam forros. » Neſta companhia deſpachou o Viſo-Rey a D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que deſcubrio a India, por Capitão mór do mar de Malaca, e de todas aquellas partes com grandes poderes; porque como elle entrava na Capitanía de Malaca após D. Pedro da Silva da Gama ſeu irmão, que lá eſtava, quiz ir diante hum anno que ainda lhe faltava, por ſe tirar de gaſtos, e deſpezas. Deſpachados eſtes Capitães, deram á véla em

Abril, e foram ſeguindo ſeu caminho, em que os deixaremos até ſeu tempo, por contarmos o que neſte ſuccedeo em Ceilão, por não fazermos Capitulo per ſi.

Partido o Viſo-Rey de Ceilão, tratou D. João Henriques de prender Tribuly Pandar, pai de ElRey, como lhe deixou por regimento o Viſo-Rey; o que ſabido por ElRey, metteo a mão niſſo, e pedio-lhe, » que não buliſſe com ſeu pai, que diſſimu- » laſſe com elle por então, porque era ne- » ceſſario tornarem-ſe a ajuntar pera contra » o Madune, que eſtava já em Ceitavaca re- » formado, e com grande poder. » Pareceo-lhe a D. João bem o que lhe ElRey pedia, e lhe deo ſeguro pera o pai ſe vir pera a Cota, pera ſe concertarem ſobre a guerra, que ſe havia de fazer ao Madune. ElRey o eſcreveo ao pai, e o mandou chamar. Eſteve o Tribuly nas ſete Corlas, onde reinava hum ſeu primo com irmão, com que tinha concertado caſar ElRey ſeu filho com huma irmã do primo, pera aſſim ficarem todos liados contra o Madune. Sabendo iſto o Capitão D. João Henriques, eſtimou-o muito, e concertou-ſe com o Tribuly Pandar, que partiſſe elle com o Principe das Corlas, com todo o poder contra o Madune, e que elle com ElRey ſeu filho, e o ſeu Camareiro mór iriam pela via de Calane, e que aſ-

aſſim lhes não poderia eſcapar. Feitos eſtes concertos, começando-ſe a preparar pera a jornada huns, e outros, adoeceo D. João Henriques de huma enfermidade grave de que faleceo ao primeiro de Maio. Succedeo-lhe Diogo de Mello Coutinho, ou por regimento que ſe achou, ou por eleição, que iſto não pudemos averiguar bem, que ficou continuando com ſuas obrigações, fazendo ao Madune toda a guerra que pode, não tratando da liga que eſtava feita contra elle com o Tribuly Pandar, e o Principe das Corlas; antes determinou de prender Tribuly Pandar, como o Viſo-Rey tinha deixado por regimento, e aſſim o prendeo como adiante ſe verá.

## CAPITULO XX.

*De como Bernaldim de Souſa foi contra El-Rey de Tidore, e lhe fez derribar a fortaleza: e das deſavenças que teve com D. Rodrigo de Menezes: e das couſas, que mais ſuccedêram até ſe embarcar pera a India.*

DEpois de Bernaldim de Souſa dar fim ás couſas de Geilolo, como temos dito no Cap. XIII. do IX. Liv. quiz tambem fazello ás de Tidore, porque eſtava muito pejado com a fortaleza que aquelle Rey tinha

nha feito, pelo que determinou de lha ir derribar, tanto que convalecesse, e o tempo lhe offerecesse alguma boa occasião pera isso, que lhe não tardou muito, que foi partir-se aquelle Rey com a sua Armada pera as Ilhas dos Cellebes ás prezas, deixando a sua Ilha encommendada a ElRey de Ternate seu genro, e cunhado. Tanto que o Capitão foi avisado de sua ida, mandou chamar ElRey, tendo comsigo todos os Capitães, e Cavalleiros principaes que havia naquella Ilha, e lhe disse: » Que pera El-
» Rey de Portugal ser de todo servido era
» muito necessario desmanchar-se a fortaleza
» de Tidore, porque se ficava em pé, indo-
» se elle daquella terra, ficava a vitoria que
» tinham havido de Geilolo imperfeita; por-
» que estava muito entendido, que aquelle
» Rey tratava com aquella fortaleza alguma
» novidade; porque se elle era amigo do Es-
» tado, e do serviço de ElRey de Portugal,
» não tinha de que se recear, nem pera que
» se fortificar; e se pelo contrario, não era
» razão que se lhe dissimulasse com aquelle
» negocio, porque depois quando se lhe qui-
» zesse acudir, poderia ser que não pudes-
» se. E que agora que aquelle Rey era fóra
» se poderia aquillo fazer muito bem; que
» lhe pedia lhe déssem nisto seus pareceres.»
A isto tomou a mão ElRey, e lhe disse,

» que

» que não parecia cousa licita entrar nin-
» guem na casa alheia, em quanto o dono
» da pousada não estava nella, irem-lha de-
» vassar, que aquelle Rey era servidor de
» ElRey de Portugal, e que faria o que
» cumprisse a seu serviço; que o deixassem
» tornar, que elle lhe faria derribar a for-
» taleza, sem se metter outro cabedal.» Ven-
do o Capitão ElRey tão arrezoado, penho-
rou-o pela palavra, dando-lhe a entender,
que pelo servir esperava até elle vir.

Vindo dahi a alguns dias o Rey de Ti-
dore da sua jornada, se embarcou logo Ber-
naldim de Sousa em corocoras, e levou com-
sigo ElRey, e D. Rodrigo de Menezes, e
D. João Coutinho, e outros Capitães em co-
rocoras, e nos batéis dos galeões, e foi sur-
gir sobre o porto de Tidore. Vendo ElRey
aquella Armada, e sabendo estar alli o Ca-
pitão, o mandou logo visitar por dous ir-
mãos seus bem acompanhados, e a dar-lhe
os parabens de sua vinda, e que se mandava
delle alguma cousa, que estava prestes pera
fazer tudo, como servidor que era de El-
Rey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe
mandou dizer » que não vinha a mais que
» a visitallo, e saber delle se mandava em
» que o servisse. E que pois elle se mostrá-
» ra sempre tanto servidor de ElRey de Por-
» tugal, que lhe pedia, que mandasse derri-
» bar

» bar aquella fortaleza que tinha feito, pera
» moſtrar que o que dizia não era fingido;
» que ſe ſe temia de alguem, que os Capi-
» tães que ElRey tinha na fortaleza de Ter-
» nate o defenderiam de todo o Mundo,
» como o ſeu Rey lhes mandava; que aquil-
» lo era moſtrar deſconfianças da amizade,
» e fidelidade dos Portuguezes. » ElRey de
Tidore tornou a mandar dizer ao Capitão,
» que elle eſtava preſtes pera fazer tudo o
» que foſſe ſerviço de ElRey de Portugal;
» mas que aquella fortaleza não havia que
» lhe prejudicava em couſa alguma, porque
» elle a não fizera ſenão por amor dos Reys
» ſeus viſinhos, ſe alguma hora tiveſſe con-
» tendas com elles; e que por ſima de tudo
» eſtava preſtes pera fazer o que foſſe juſto.»

O Capitão não ficou contente da reſpoſ-
ta, e pedio a ElRey de Ternate que ſe
foſſe ver com ElRey ſeu genro, e que o
perſuadiſſe a derribar a fortaleza, pois ſo-
bre ſua palavra eſperára pera ter com elle
aquelles cumprimentos. ElRey aſſim o fez,
e em tres dias que duráram eſtas dilações,
foi a terra algumas vezes, e ſe vio com a-
quelle Rey, perſuadindo-o a fazer o que
lhe pedia o Capitão, dando-lhe muitas ra-
zões pera iſſo. E por fim de todas as prá-
ticas lhe diſſe o Rey de Tidore » que elle
» tinha vontade de o ſatisfazer; mas que dei-

» xava de o fazer, por receios que tinha de
» dous ſobrinhos ſeus, filhos de ſeu irmão
» Cachil Rade, que eram de contrario pa-
» recer, e que lhe tinham dito que tal não
» haviam de conſentir, porque aquella for-
» taleza fora feita por ſeu pai, e que elles
» a queriam ſuſtentar; que ſe lançaſſe elle de
» fóra de aquelle negocio. E que além diſ-
» ſo, sería muito grande affronta entregarem-
» na ſem primeiro pelejarem, como fizeram
» os Geilolos. »

Eſta reſpoſta deo ElRey ao Capitão, que o tornou a mandar perſuadir a derribar aquella fortaleza: que ſe não regeſſe pelos ſobrinhos naquelle negocio, porque aquillo cheirava a tyrannia, e que parecia pertenderem alevantarem-ſe contra elle, e por iſſo queriam ter aquella força em pé pera ſeu recolhimento. E a voltas deſtas razões, e outras lhe mandou fazer requerimentos, e ameaças, e logo mandou lançar pregão, que nenhuma peſſoa ſahiſſe a terra ſob pena de morte, porque até então hiam os ſoldados á Cidade, e ElRey de Tidore ſe mandára queixar de alguns deſmanchos que elles faziam. Ao que lhe mandou dizer » que ſe os
» lá achaſſe que os mataſſe, e que tambem
» defendeſſe aos Tidores, que não vieſſem
» á praia, por não travarem deſgoſtos com
» os Portuguezes, porque ſe os viſſe nella,
» tam-

» tambem os havia de mandar matar. » Isto foi ardil de Bernaldim de Sousa, porque os poços donde bebiam os da Cidade estavam na praia, e por aquella maneira lhe queria defender a agua, porque outros poços que na Ilha havia, estavam mui longe. Sobre estes pregões não deixáram de sahir a terra alguns soldados. E dizendo ao Capitão que andavam alguns na praia, se metteo em huma embarcação pequena com grande paixão; e chegando á praia, vio nella D. Rodrigo de Menezes, e chegando perto delle, lhe disse alto:

» Ah senhor D. Rodrigo de Menezes, » contra o meu pregão sahis em terra, tendo mais obrigação de o guardar que todos, pera exemplo? Embarcai-vos logo. » D. Rodrigo de Menezes como não andava muito gostoso delle, lhe respondeo » que » logo se embarcaria: accrescentando mais, » como? Os homens não hão de fazer seus » feitos? » Bernaldim de Sousa que se hia já affastando, ouvindo-o, lhe respondeo: Fazei-os, e seja pera vós. Ouvindo isto Dom Rodrigo, respondeo com o consoante. E encontrando o Capitão ao Ouvidor lhe disse, » que se fosse tomar a menagem a D. Ro» drigo de Menezes, pera que não sahisse » da sua embarcação, » que D. Rodrigo lhe não quiz dar, nem deixar affinar no Termo,

que o Ouvidor diſſo fez, a Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Lacerda, que eſtavam preſentes. Iſto foi dizer o Ouvidor ao Capitão, que voltou logo, tomando huma eſpada, e huma rodela que lhe levava hum pagem, e chegou a Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Lacerda, e lhes fez aſſinar o Termo, e ſe foi á corocora de D. Rodrigo pera o prender, e elle ſe lhe poz armado a bordo, dizendo-lhe » que não entraſ» ſe no ſeu navio, que era tão bom Fidal» go como elle, e que o não quizeſſe en» xovalhar; » mas todavia remettendo Bernaldim de Souſa, lhe diſſe hum Affonſo Figueira que com elle hia: » Tende-vos, Se» nhor, ide-vos armar, e fazei o que vos cum» pre, e não vos aconteça hum deſaſtre. » Bernaldim de Souſa ſe tornou á ſua corocora a armar, e diſſe a Gabriel Rabello, que eſtava nella, que ſe foſſe com huma corocora pôr em huma calheta do arrecife, e a Balthazar Veloſo em outra, pera que D. Rodrigo ſe não pudeſſe ſahir pera fóra.

D. Rodrigo de Menezes tanto que Bernaldim de Souſa voltou pera a ſua corocora, ſe metteo em hum paráo, e ſe foi ſahindo do arrecife, e diſſe aos ſeus ſoldados que o ſeguiſſem na corocora. Balthazar Veloſo vendo ir aſſim D. Rodrigo, brádou pela lingua aos marinheiros, que ſe lançaſſem

ao

ao mar, como fizeram, ficando D. Rodrigo de Menezes só no paráo. No mesmo tempo á revolta que havia, perguntou ElRey de Ternate que era? e dizendo-lhe que Dom Rodrigo de Menezes não queria obedecer ao Capitão, lançou-se a huma corocora, e poz ao remo filhos, e parentes, e foi remando com grande furia pera onde hia Dom Rodrigo de Menezes, dizendo: » Contra o » Capitão de ElRey meu Senhor? » e vendo que D. Rodrigo endireitava pera a terra, lhe brádou: » Ah Senhor D. Rodrigo, » mettei-vos aqui comigo, » e foi-lhe tomando a dianteira; porque receou que se se fosse a terra, se passasse ao Rey de Tidore, e desmanchasse tudo o que estava feito, (porque tinha aquella tarde assentado com elle, que derribasse a fortaleza, do que Bernaldim de Sousa não tinha ainda recado.) Dom Rodrigo de Menezes vendo ElRey perto, mandou chegar a corocora, e se metteo com elle, e ao mesmo tempo chegou o Capitão; e receando alguma desaventura, lhe brádou ElRey que não chegasse, que elle tomava D. Rodrigo sobre si. Bernaldim de Sousa se deteve, e tornou a voltar, e D. Rodrigo se foi metter na sua embarcação, sem sahir mais a terra.

ElRey de Ternate se tornou pera terra, e acabou com ElRey seu genro que se vis-

se

ſe na praia com Bernaldim de Souſa, como fez a meſma tarde, indo com o Capitão, D. João Coutinho, e outros dous, ou tres Capitães. E chegando a terra o abraçou ElRey, e lhe prometteo de derribar a fortaleza, pois elle tinha nella pejo: o Capitão lhe fez grandes cumprimentos, e foi logo indireitando pera a fortaleza, o que ElRey quiz eſtorvar, porque receava que houveſſe alguma revolta antre os ſobrinhos, contra cuja vontade conſentia no que o Capitão queria; e aſſim o diſſe a Bernaldim de Souſa: mas elle parecendo-lhe que com aquella confiança os obrigaria, e ſeguraria, foi ſeu caminho ſempre no meio de ambos os Reys, e ſubio aſſima da fortaleza, e a vio, e notou, e logo ſe tornou a ſahir, e com os Reys ſe aſſentou fóra, e alli concluíram as pazes de novo, e aſſentáram que ao outro dia foſſe Balthazar Veloſo derribar algumas pedras, em começo do concerto, e que ElRey a derribaria depois toda: com iſto ſe deſpedíram com grandes cortezias, e cumprimentos.

Ao outro dia deſembarcou o Capitão com ElRey de Ternate, e ElRey de Tidore os eſperou na praia, e todos ſe aſſentáram á ſombra de humas arvores. Dalli deſpedíram Cachil Munerai, irmão de ElRey de Tidore, e com elle Franciſco Carvalho, e Manoel

noel Carvalho, mercadores que residiam em Tidore, pera que fossem dizer aos que estavam na fortaleza, que se não alvoraçassem com cousa alguma; e após elles mandou Balthazar Veloso com huma somma de pedreiros pera irem derribar algumas pedras da fortaleza. Cachil Munerai subio assima só, e tornou a descer mui apressado, dizendo, » que em sima estavam todos postos em ar» mas, e que ameaçavam a quantos lá su» bissem. » Com isto voltáram todos, e encontrando Balthazar Vesoloso lhe deram conta daquillo; e tornando-se pera o Capitão, lhe disseram o que víra Cachil Munerai. O Capitão enfadado, disse a Balthazar Veloso: » Se quer vós, credes isso? ora tornai lá, » e mantem-vos. » Balthazar Veloso virou com muito animo, e entrou na fortaleza, que achou despejada, (porque tudo eram invenções de Cachil Munerai, pera ver se podia impedir aquelle negocio,) e pondo as mãos á obra, derribou do alto dos muros algumas pedras, e tornou-se pera o Capitão.

Feito isto, despedio-se Bernaldim de Sousa de ElRey, e se tornou pera Ternate, muito amigo com o Rey de Tidore, e Dom Rodrigo de Menezes se passou pera Talangame, por ser avisado que tratava o Capitão de o prender. Ao outro dia soube Bernal-

naldim de Soufa que era ido, e por efta razão fe embarcou em algumas corocoras, e fe foi a Talangame, e do mar mandou o Ouvidor que foffe prender D. Rodrigo de Menezes; mas elle como fe temia, vendo chegar aquellas corocoras, logo entendeo o que era, e fe começou a pôr em armas com determinação de fe defender, o que os amigos que com elle eftavam lhe eftorváram, dizendo-lhe, » que fe perderia de todo; an» tes fe fahiffe de cafa pera hum mato que » alli eftava perto, e que furtaffe o corpo á » paixão do Capitão, porque pela ventura » logo lhe paffaria. » Elle o fez affim, fahindo-fe de cafa á vifta do Ouvidor, e de Balthazar Velofo, que diffimuláram. E chegando a fua cafa, e não o achando fe tornáram ao Capitão, que defembarcou, e fe foi affentar á fua porta, e lhe mandou fazer inventario da fazenda que fe lhe achou, e fez recolher os aparelhos da caravela, que alli fe eftava concertando, porque determinava de lha tirar. D. Rodrigo de Menezes foi avifado que o Capitão lhe devaffava a fua cafa; e havendo-o por grande affronta, quiz ir dar nelle, mas foi impedido pelos mefmos amigos, dizendo-lhe que tinha varada a fua caravela, e que não tinha onde fe recolher, fazendo algum defarranjo; com o que fobreefteve. Bernaldim de Soufa depois

pois que fez o inventario, e depositou o que achou, em mão de pessoa abonada, se tornou pera a fortaleza, e no caminho encontrou ElRey, que acudia por não haver algum desastre, e voltou com o Capitão, que logo procedeo judicialmente com Dom Rodrigo de Menezes, e á sua reveria o sentenceou em alguns annos de degredo, o que fez apressadamente, porque esperava por Capitão.

E vindo a monção de se repartirem os galeões pera a India, se embarcou D. João Coutinho na entrada do mez de Fevereiro passado, e com elle D. Rodrigo de Menezes, e juntamente se fizeram á véla; e a náo de que era Capitão Christovão de Sousa, Capitão daquellas viagens, que havia dous annos que estava alli esperando pela monção de cravo; e assim a caravela, de que era Capitão Manoel Boto, que todos foram carregados, porque foi a novidade do cravo grande. Ficou Bernaldim de Sousa muito enfadado de lhe tardar recado da India, e despedio duas corocoras, em que hia Rafael Carvalho, pera que fosse a Banda a saber se havia algum recado da India, e elle ficou entendendo em derribar a fortaleza de Tidore, o que acabou com muito trabalho. Rafael Carvalho chegou a Amboino, e achou naquelle porto Gemez Barreto na caravela

de

de Dom Garcia de Menezes, que D. Pedro da Silva da Gama, Capitão de Malaca, tinha despedido com provimentos, como atrás dissemos no Cap. IX. do Liv. IX., e voltou em companhia de Gemez Barreto.

Chegados a Ternate, festejou Bernaldim de Sousa muito as novas da vitoria, que D. Pedro da Silva da Gama houve dos inimigos; e vendo as cartas do Viso-Rey, soube por ellas como ElRey lhe tinha feito mercê da Capitanía de Ormuz, em que logo entrava, escrevendo-lhe que se fosse, e entregasse a fortaleza a D. Garcia de Menezes; e vendo que faltava D. Garcia de Menezes, e que sem dúvida acharia em Malaca Francisco Lopes de Sousa seu primo, (que já o anno passado ficára no Reyno despachado com aquella Capitanía pera se embarcar,) não quiz mais esperar alli, e entregou a fortaleza a Balthazar Veloso, velho de setenta annos, e casado com huma meia irmã de ElRey, e despedindo-se delle se embarcou em algumas corocoras, e se foi a Amboino, aonde ainda estavam os navios de Dom João Coutinho, e os mais que tinham partido de Ternate, e embarcou-se na caravela com Manoel Boto, onde esteve até ser monção, sem desembarcar em terra, por se não encontrar com D. Rodrigo de Menezes, porque se ficou temendo delle. Vindo a monção,

ção, se partíram todos pera Malaca, onde Bernaldim de Sousa achou já seu primo Francisco Lopes de Sousa, que hia entrar na Capitanía de Maluco, que elle festejou muito, e em Malaca ficáram até a monção.

## CAPITULO XXI.

*Do que aconteceo ás náos que partíram pera o Reyno: e da desaventurada perdição do galeão S. João na costa da Cafraria.*

PArtidas as náos de Cochim, foram seguindo sua viagem; e as quatro dellas posto que acháram temporaes, foram a Portugal: das outras duas, S. Jeronymo, de que era Capitão Lopo de Sousa, desappareceo no caminho, sem se saber, nem se suspeitar até hoje aonde. O galeão S. João, de que era Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda, foi haver vista da terra do Cabo de Boa Esperança, em trinta e dous gráos, com vento bonança, e do longo delle foi correndo até o cabo das Agulhas, tão chegados á costa, que sempre foram com o prumo na mão. Aos doze dias de Março se acháram Nordeste Sudueste, com o Cabo de Boa Esperança, vinte e sinco leguas ao mar delle. O dia que elles cuidavam que passariam o Cabo á outra banda, se lhe mudou

o

o vento a Oeſte, e a Oeſnoroeſte, e começou-ſe a toldar o Ceo com tamanhas carrancas, e fuzís, que logo moſtráram ſinaes da ira de Deos. E como era perto da noite, e o vento vinha já carregando, foram arribando, porque não tinham mais vélas, que as que levavam envergadas, e ainda eſſas tão velhas, que iſſo foi cauſa de ſua perdição; porque em as remediar, e cozer (pelas muitas vezes que ſe lhe rompêram) gaſtáram muito tempo, e perdêram muito caminho; e aſſim foram arribando com pouca véla, e tornáram a deſandar cento e trinta leguas, até que o vento tornou a Nordeſte tão furioſo, que os fez outra vez voltar pera o Sul, com os mares que vinham do Ponente, e com os que o Levante vinha alevantando, ficáram tão cruzados, e ſoberbos, que o galeão com ſer o maior navio que andava na carreira, os não podia ſoffrer, e pelos bordos ambos ſe hia alagando; e aſſim quaſi perdidos, e com as bombas nas mãos foram correndo tres dias, vendo-ſe cada hora de todo perdidos, e alagados. No cabo do quarto lhe encalmou o vento, e ficou o mar tão groſſo, e trabalhou o galeão tanto, que lhe quebráram tres machos do leme, em que entravam dous do pollegar, que são os mais neceſſarios, e que mais ſuſtentam o leme; o que ninguem

ſou-

ſoube ſenão o carpinteiro , que por ordem do Meſtre ( que era hum Chriſtovão Fernandes , velho muito honrado ) o não diſſe a peſſoa alguma , por não deſacoraçoarem os homens.

Eſtando com eſte trabalho , tornou a ſaltar o vento a Leſte , e tornando-lhe a virar a poppa , lançando-lhe o leme á banda , não lhe acudio a náo , antes foi aguçando de ló , e como o vento era rijo , levou-lhe o papafigo da verga grande , com o que acudíram os Officiaes tomar o da prôa , porque o não perdeſſem , e antes quizeram ficar de mar em través , que ſem alguma véla. E em a tomando ſe atraveſſou o galeão , a que deram tres mares tão groſſos , que com os balanços rebentáram todos os aparelhos , e coſteiras do maſtro grande da banda de bombordo , ficando-lhe ſó tres. E porque o mar os comia tropeava tanto , que não havia homem que ſe pudeſſe ter em pé pera acudir ás couſas neceſſarias ; aſſentáram que ſe cortaſte o maſtro , porque lhe abria o galeão , e aſſim o começáram a fazer , e em lhe dando as primeiras machadadas o víram arrebentar por ſima das polés das coroas ; e como ſe fora huma couſa muito leve , deo o vento com elle ao mar com todo aquelle pezo da gavea , e maſtareo , e acudindo á enſarcia lha cortáram , porque com as panca-

cadas lhe não abrisse o galeão. Vendo-se sem mastro, no pedaço que ficou, armáram hum mastereo de huma entena, com suas arreatadaduras, e guarnecêram huma verga, e da véla velha com alguns pedaços de outras fizeram huma que envergáram, e deram a ella, mas o galeão por falta dos machos do leme não lhe quiz governar, e acudíram ás escotas, com que se ajudavam, e foram assim piedosamente correndo. O vento foi crescendo, e a náo foi mettendo de ló, até se pôr toda á corda, e o vento lhe tornou a levar a véla grande, e a da gavea, ficando-lhe o galeão todo atravessado, com tamanhos balanços, que perdeo de todo o leme, ficando-lhes os machos mettidos nas femeas. E não bastando estes trabalhos, (porque parecia que estava tudo conjurado contra elles,) começou o galeão a abrir algumas aguas com o que o porão se começou a encher.

E porque de todo se não perdessem, acudíram ao mastro grande pera o cortarem, porque os não abrisse; mas tirou-os desse trabalho hum mar que lhe deo, que foi tal, que lho cortou pelos amboretes, como hum pepino, e deo com elle ao mar pela prôa, e da pancada que deo no goroupés, lho lançou fóra da carlinga, e lho metteo por dentro na náo quasi todo; e assim ficáram sem le-

leme, ſem maſtro, e ſem vélas, e o galeão lançado no bordo da terra, de que poderiam eſtar quinze até vinte leguas; e acudindo os Officiaes, e todos os mais com muita diligencia, repartidas as couſas começáram a fazer hum leme, e guarnecer huma entena pera maſtro grande, e a fazer vélas das roupas dos mercadores, que levavam na náo, no que gaſtáram dez dias; e depois de tudo acabado mettêram o leme, e dando as vélas não quiz a náo governar, porque lhe ficou o leme eſtreito, e curto.

A eſte tempo houveram viſta da terra, (porque naquelle dia que eſtiveram atraveſſados, os foram as correntes, e os ventos rolando pera ella;) era iſto a dezoito de Junho. Vendo-ſe Manoel de Souſa de Sepulveda tão perto da terra, tomou parecer com os Officiaes ſobre o que fariam, e aſſentáram que já não havia outro remedio ſenão vararem, e tratar de ſalvar as vidas, e que foſſem aſſim até dez braças, onde ſurgiriam, e no batél ſe poria toda a gente em terra. Determinado iſto, lançáram huma manchua ao mar, em que mandáram alguns marinheiros de recado, pera irem ver a terra, e notarem onde haveria bom deſembarcadouro, o que elles fizeram, e a náo foi rolando pera a terra com quinze palmos de agua no porão. E indo aſſim menos de legua de terra,

ra, tornou a manchua, e disseram os marinheiros, que defronte tinham huma formosa praia, onde só podiam desembarcar, porque tudo o mais eram rochas, e penedias asperissimas, e que não havia materia alguma de salvação. E como deixáram a praia marcada pela agulha, foram governando o melhor que pudéram pera ella, e chegáram até sete braças de fundo, onde surgíram, e logo botáram o batél ao mar, e botáram outra ancora a terra já com o vento mais bonança, e estariam della dous tiros de bésta. Manoel de Sousa de Sepulveda tomou conselho com todos sobre o que seria melhor, e assentáram que se puzessem em terra, e que se fortificassem, e que das cousas da náo fizessem hum caravelão, em que se pudessem ir pera Çofala, ou Moçambique, ou mandarem recado pera os virem buscar; e que se puzesse cobro nas armas, e alguma roupa preta, que era o com que haviam de resgatar o que houvessem mister.

Assentado isto, puzeram em sima as armas, e todos os mantimentos, polvora, e roupas, e logo se embarcou Manoel de Sousa no batél com sua mulher, e filhos, e perto de trinta pessoas principaes, em que entravam Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Amador de Sousa, Diogo Mendes Dourado de Setuval, Balthazar de Siqueira, e outros,

tros , e com algumas eſpingardas , e armas ſe puzeram em terra , e tornou o batel a deſembarcar os mais , e o meſmo fez a manchua ; e aſſim fizeram tres , ou quatro caminhos , e em hum delles ſe alagou a manchua , e ſe affogáram alguns homens , em que entrou hum filho de Bernardo Rodrigues. O Meſtre , e Piloto eſtiveram ſempre na náo até ſe deſembarcar tudo , e acertou de quebrar a amarra do mar , havendo já tres dias que eſtavam ſurtos , pelo que ſe embarcáram no batel já com tanto trabalho , por vir creſcendo o vento , que chegou a terra feito pedaços , ficando na náo perto de quinhentas peſſoas , em que entravam duzentos Portuguezes com o Contrameſtre , e Guardião.

Vendo-ſe os da náo ſem batel , largáram a amarra do mar , e foram alando pela da terra , até aſſentar a náo no fundo ; e como deo nelle , logo ſe abrio em duas partes , e dahi a menos de huma hora ſe abrio toda , vindo toda a caixaria aſſima. Os da náo ſe lançáram ás caixas , e taboas , e das pancadas , e affogados morrêram quarenta Portuguezes , e ſetenta eſcravos , e todos os mais foram a terra com muitas feridas dos páos , e prégos , e a náo em menos de duas horas ſe desfez toda de feição , que não foi a terra ter taboa , nem páo , que paſſaſſe de huma braça.

## CAPITULO XXII.

*Do que fez Manoel de Soufa de Sepulveda depois de eftar em terra : e do que lhe aconteceo no caminho : e da muita piedofa , e laftimofa morte de fua mulher , e filhos : e de como elle fe metteo pelo mato , onde defappareceo.*

POftos todos em terra , vendo Manoel de Soufa perdidas as efperanças de poder fazer o caravelão , por não haver de que , porque o mar deftroçou a náo , como differmos , affentou por confelho de todos irem bufcar o rio de Lourenço Marques , onde todos os annos vinham navios de Moçambique ao refgate do marfim. E porque havia muitos feridos , e doentes , entranqueirou-fe pera efperar até todos fararem , porque alli tinham agua , e mantimentos que da náo falváram. E havendo tres dias que alli eftavam , lhes apparecêram nove Cafres em fima de hum monte , onde eftiveram duas horas , e fe tornáram fem poderem haver falla delles. E parecendo bem a Manoel de Soufa , fe foffe defcubrir fe havia alguma povoação perto , e fe achavam alguns mantimentos , defpedio a iffo hum mulato marinheiro com hum Cafre pera fallar a lingua. Eftes andáram pela terra dous dias , fem

ſem acharem mais que humas caſas palhaças deſpovoadas, porque parece que os moradores dellas fugíram de medo dos noſſos.

Depois diſto lhes apparecêram ſete Cafres ſobre aquelloutro, que traziam huma vacca preza; e acenando os noſſos, deſcêram abaixo, e Manoel de Souſa ſe apartou com quatro homens pera lhes ir fallar, e para os ſegurar, como fez, de feição, que os trouxe até o arraial; e moſtrando-lhes prégos, folgáram de os ver; e pondo-ſe a preço com a vacca, apparecêram no outro outros ſinco Cafres, que falláram a eſtes pela lingua; e em os eſtes ouvindo, largando tudo, e tomando a ſua vacca, ſe foram recolhendo.

Manoel de Souſa de Sepulveda, poſto que tinha neceſſidade, a deixou levar, porque os não quiz eſcandalizar. Alli eſtiveram dez dias, em que a gente convaleceo; e vendo-os Manoel de Souſa sãos, e em eſtado que podiam caminhar, lhes fez huma breve exhortação, em que os animou aos trabalhos, lembrando-lhes a mercê que Deos lhes fizera em os não affogar no mar, e que elle que os puzera em terra, teria cuidado delles; pedindo-lhes muito a todos que o não deſamparaſſem, nem deixaſſem ſó, poſto que elle não pudeſſe caminhar tanto por cauſa de ſua mulher, e filhos: o que todos lhe promettêram, e aſſentáram, que cami-

nhaſſem ſempre de longo da praia, porque era melhor caminho; e aſſim ſe começáram a pôr na ordem ſeguinte.

Manoel de Souſa de Sepulveda com ſua mulher, e filhos, e oitenta Portuguezes, e cem eſcravos na vanguarda, e na dianteira delle o Meſtre, e Piloto, com todos os homens do mar, com huma bandeira, e hum Crucifixo erguido. Na retaguarda Pantaleão de Sá, com todos os mais Portuguezes, e eſcravos, que ſeriam perto de duzentas peſſoas. Neſta ordem ſe apartáram daquelle lugar em que deram, que eſtava em trinta e hum gráos do Sul aos ſete dias de Julho. E começáram a caminhar, indo D. Leonor em hum andor ás coſtas dos Cafres, e andáram todo aquelle mez com muito trabalho, que em todos aquelles dias não comêram mais que arroz, e algumas frutas do mato, ſem acharem couſas que reſgatar, e hiam tão fracos, que de não poderem andar ficáram por eſſes matos dez, ou doze peſſoas; e no fim deſte mez não tinham andado pela coſta mais que trinta leguas, (paſſando de cento as que rodeáram, por cauſa dos rios, e de outros inconvenientes.) Eſte dia deram rebate a Manoel de Souſa de Sepulveda, que lhe ficava atrás perto de meia legua hum filho ſeu baſtardo, de idade de dez annos, que caminhava ás coſtas de hum Cafre, que aſſim elle,

le, como o menino cahíram no chão de fracos da fome. Manoel de Sousa de Sepulveda se deteve, e prometteo quinhentos cruzados a quem lho fosse buscar, o que ninguem quiz fazer por ser já noite, e haverem medo das alimarias bravas, que por todo aquelle caminho achâram. Isto sentio aquelle Fidalgo tanto, que esteve pera endoudecer; e encommendando-o a Deos, foi seguindo seu caminho, aonde tambem lhe ficou Antonio de Sampaio, sobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, e sinco, ou seis Portuguezes outros, e alguns escravos; e assim todos os dias daqui por diante lhe ficavam duas, e tres pessoas de não poderem comsigo, que logo eram comidas dos tigres; e pera ficar se apartavam dos que caminhavam com tão grandes lastimas, que não havia coração, que se não internecesse, e que não sentisse mais aquillo, que os trabalhos em que todos se viam, que eram bem grandes.

Neste caminho pelejáram algumas vezes com Cafres, que sahíram aos saltear, a quem sempre fizeram affastar bem escandalizados; e em hum assalto que foi apertado, matáram com huma azagaia Diogo Mendes Dourado, que sempre nas brigas se apresentava diante de todos, fazendo maravilhas. E como a fortuna nunca começa por pouco, não faltou genero de tormento que estes perdidos

não

não paſſaſſem; porque quando achavam frutas nos matos, ou caranguejos, e peixe nas praias que o mar lançava fóra, que elles comiam por banquete, faltava-lhes a agua, que he mal ſem repairo; e aconteceo vender-ſe hum quartilho della por dez cruzados. E porque a cubiça dos homens até no extremo não deixa de fazer ſeu officio, não faltáram alguns que ſe mettiam pelo certão arriſcados a todo o perigo a buſcar agua pera venderem, e aſſim em hum caldeirão, que levaria quatro canadas, (porque não levavam outra vazilha maior,) faziam cem cruzados; e Manoel de Souſa de Sepulveda lho comprava, e por ſua mão repartia a agua igualmente, não tomando pera ſi mais, antes da ſua ração partia com dous filhinhos de peito, que lhes levavam eſcravos, e eſcravas.

E porque nunca faltaſſem aventureiros que foſſem buſcar eſta agua, não lhes punha preço, ſenão o que elles queriam. Deſta maneira, e com eſtes trabalhos, e outros (que noſſa hiſtoria não ſoffre particularizar) caminháram dous mezes e meio, até ſe metterem pelo certão, porque totalmente pelo caminho da praia lhes hia faltando tudo, e chegou o extremo a comerem alimarias que achavam mortas pelos matos, e houve peſſoas que ſe ſuſtentáram com pós de oſſos torrados, de que faziam algum bolo, e al-

gu-

gumas papas. E chegou a couſa a ſe comprar huma pelle de cabra ſeca por quinze cruzados, que ſe lançou de molho, e ſe comeo.

No cabo de tres mezes chegáram á terra de hum Rey, chamado Oinhaca, que vivia já perto do rio do Eſpirito Santo, que era hum homem grande, bem aſſombrado, velho, com huma veneranda barba toda branca, e por ter algum parecer com o Governador Garcia de Sá, lhe puzeram o ſeu nome Lourenço Marques, e Antonio Caldeira, que foram os primeiros Portuguezes que por aquella paragem andáram; e aſſim era homem de muita boa condição, e amigo dos Portuguezes. Eſte Rey ſabendo dos que vinham perdidos, os foi buſcar, e agazalhou na ſua povoação; e ſabendo a determinação de Manoel de Souſa de Sepulveda, que era paſſar ávante, lhe pedio que o não fizeſſe, e ſe deixaſſe ficar até vir o navio do reſgate de Moçambique, onde ſe poderia ir, e que entre tanto lhe daria tudo o que na ſua terra houveſſe, e que não trataſſe doutra couſa, porque ſe paſſaſſe dalli, havia de ſer roubado, e maltratado de hum Rey que vivia adiante, chamado Ofumo, que era máo homem. Manoel de Souſa lhe agradeceo o conſelho; mas diſſe-lhe, que forçado havia de paſſar, porque ſe não atrevia a eſperar alli hum anno.

Ven-

Vendo ElRey ſua determinação, lhe pedio ſe detiveſſe alli alguns dias, e que lhe déſſe alguma gente pera irem com alguns Capitães ſeus a darem em hum viſinho que lhe fazia guerra. Manoel de Souſa de Sepulveda lhe diſſe, que o faria pelo ſervir, e pedio a Pantaleão de Sá que foſſe naquella jornada, e lhe deo vinte homens. Foram eſtes longe em companhia dos Cafres, e deram na povoação do inimigo, e lha queimáram, e deſtruíram, e tomáram todo o gado, com que ſe recolhêram. Iſto eſtimou muito aquelle Rey, e partio com os noſſos das prezas: niſto ſe detiveram ſinco dias; e paſſados elles, ſe deſpedíram do Rey, que os foi acompanhando, e foram caminhando com determinação de rodearem a barra de Lourenço Marques, e paſſarem os rios por ſima, o que foi ſua perdição. Aquelle dia chegáram a hum rio, que ſe chamava Belygane, que entra na barra de Lourenço Marques, aonde entram outros tres chamados Anzate, Ofumo, e Manhiça, como melhor ſe verá na deſcripção que fazemos de toda eſta Cafraria na decima Decada.

Chegados os noſſos áquelle rio, pedíram a ElRey que lhes mandaſſe dar algumas almadías que alli havia, o que elle fez, e Manoel de Souſa lhe pedio que ſe foſſe, e que os deixaſſe paſſar á ſua vontade. Os noſſos

paſ-

paſſáram á outra banda, e foram caminhando ſinco dias, em que andáram vinte leguas, até chegarem ao rio de Anzate já de noite, e ſe agazalháram em hum areal, onde não havia agua, e aquella noite ſe houverão de perder de ſede, ao que acudio Manoel de Souſa de Sepulveda, e mandou buſcar agua que lhe ficava atrás hum bom eſpaço, e por caldeirão della que lhe trouxeram deo cem cruzados. Ao outro dia lhe chegáram tres almadías que vinham da outra banda, e os negros dellas diſſeram, que havia poucos dias que dalli partíra o navio de reſgate pera Moçambique. Neſtas almadías paſſáram os noſſos pera a outra banda, e já Manoel de Souſa hia tão maltratado do miolo, das vigias, e trabalhos, que indo na almadía com ſua mulher, e filhos, lhe deo huma manía, e arrancou pera os Cafres que remavam, dizendo: » Ah perros, aonde me le- » vais? » Os negros com o medo ſe lançáram ao mar, e Dona Leonor ſe lançou com elle, dizendo-lhe: » Tá, Senhor, que he iſ- » to? eſte he o voſſo ſiſo, e prudencia? » Manoel de Souſa de Sepulveda tornou ſobre ſi, e quietou-ſe.

He muito pera conſiderar, que não ſei que eſpirito lhe dizia, que o levavam a parte, em que havia de ver morrer ſua mulher, e filhos ao deſamparo, e que eſperava por el-

elle o mais desaventurado, e miseravel genero de morte que se podia imaginar. Passados á outra banda, achou-se Manoel de Sousa de Sepulveda muito mal do miolo, e da cabeça, a que lhe acudíram com toalhas quentes, que sua mulher lhe punha com muitas lagrimas; porque mais a cortou ver seu marido daquella maneira, que todos os trabalhos que até então tinha passado.

Póstos da outra banda, foram caminhando guiados de alguns Cafres da terra, que se offerecêram aos levar onde estava o seu Rey. Já neste tempo não havia mais de cento e vinte pessoas, e Dona Leonor tão formosa, tão mimosa, e delicada, caminhava a pé descalça, ajudando a levar os filhos, ora ella, ora algumas escravas que ainda lhe ficáram, com tanto soffrimento, e com tanta prudencia, que ella era a que consolava, e animava a todos, sendo com elles igual nos trabalhos das fomes, das sedes, e dos cansaços. Desta maneira chegáram á terra do Rey, que se chamava Ofumo; e antes de entrarem na sua povoação achάram hum recado seu, em que lhes mandava » que se » agazalhassem fóra ao pé de humas arvores » que lhes mostráram, e que alli lhes dariam » tudo o de que tivessem necessidade; » e assim se agazalháram todos naquelle lugar, aonde lhes começáram a correr mantimen-

tos,

tos, que lhes refgatavam por pregos; e alli fe detiveram finco dias: e como Manoel de Soufa hia com melancolias, e quafi alienado, já fe não governavam por elle, fem embargo de fempre lhe darem razão de tudo. Elle, a quem já os trabalhos levavam em eftado, que não eftava pera mais, determinou de não paffar dalli, e efperar até vir o navio do trato; e pera iffo fe foi ver com o Rey, e lhe pedio » lhes mandaffe » dar cafas pera fe apofentarem na fua po» voação: » ElRey lhes diffe que fim, » mas » que toda aquella gente não podia eftar al» li junta, por caufa dos poucos mantimen» tos que havia na terra; que ficaffe elle na » aldêa com as peffoas que quizeffe, e que » todos os mais fe partiffem pelos lugares » vizinhos, aonde lhes mandaria dar cafas, » e mantimentos; mas que era neceffario (pe» ra os feus fe fiarem delles, onde quer que » eftiveffem, pera que não cuidaffem que » eram ladrões) mandar-lhe entregar todas » as armas, e que elle as mandaria guardar » em huma cafa pera lhas tornarem a entre» gar, quando vieffe o navio de Moçambi» que. » Manoel de Soufa lhe refpondeo que o faria, (porque o tinha por amigo dos Portuguezes, pois com elles tinha commercio;) e ajuntando os feus, lhes diffe:

» Que elle já não podia continuar mais

» os

» os trabalhos do caminho, por causa de
» sua mulher, e filhos, que pois elle estava
» em parte aonde todos os annos vinha na-
» vio de Moçambique, mais seguro lhe era
» esperar alli por elle, que tornar a novos
» trabalhos, pera que já sua mulher não es-
» tava; que elle estava resoluto em se dei-
» xar ficar alli; e se Deos fosse servido; e
» tivesse determinado que acabasse alli com
» toda sua familia, que elle era muito con-
» tente: e que os que quizessem passar adian-
» te, o podiam fazer; e que lhes pedia, que
» se Deos os levasse a terra de Portuguezes,
» trabalhassem porque lhe mandassem logo al-
» guma embarcação em que se fosse; e que
» os que quizessem ficar com elle, o podiam
» fazer; mas que era necessario entregarem
» as armas a ElRey pera se segurar delles;
» porque já que se mettiam em seu poder,
» era necessario mostrarem-lhe confiança, ao
» menos pera que os seus não cuidassem que
» lhe podiam fazer mal os nossos, e que as-
» sim remediavam tanta desaventura, quan-
» ta lhes estava pela prôa, se quizessem pas-
» sar dalli. »

Alguns foram de parecer que se entre-
gassem as armas, mas outros não, e destes
foi Dona Leonor, que disse a seu marido,
» que nas armas estava todo o seu remedio,
» que lhe pedia por amor de Deos que tal
não

» não fizesse. » Mas como Manoel de Sousa de Sepulveda não hia já em si, tomou as armas, em que entravam quatro espingardas, e as entregou ao Rey, do que elle teve pouca culpa, porque já não sabia o que fazia, e toda foi dos que lhe consentíram entregallas. Repartio ElRey os Portuguezes pelos seus Ancoses, que são como Capitães das povoações, pera que os levassem comsigo, ficando Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e perto de vinte pessoas na povoação do Rey. Os Ancoses tanto que lhes entregáram os Portuguezes sem armas, antes de chegarem a suas povoações, os despíram, e roubáram sem lhes deixarem cousa alguma, e sobre isso lhes deram muita infinita pancada, e os lançáram fóra das aldêas. Tanto que os mais Portuguezes se apartáram, logo o Rey fez o mesmo a Manoel de Sousa de Sepulveda, (porque esta foi sua tenção de lhe tirar as armas,) e lhes tomou tudo o que levavam: que se affirma, que só naquella companhia havia mais de cem mil cruzados de pedraria, e joias; e não lhes tocando nas pessoas, lhes disse: » Que se fossem logo fóra de sua po-
» voação, que lhes não queria fazer mais
» mal. » (Isto acabou de endoudecer Manoel de Sousa de Sepulveda, em que sua mulher trazia os olhos; ) e tomando-o pela mão, lhe dis-

disse » que se fosse logo fóra da sua povoa-
» ção, porque aquillo eram castigos de Deos,
» e que fosse elle louvado com tudo; » e to-
mando hum dos filhinhos no collo, dando
o outro ás escravas, começou a caminhar
pera fóra, levando o marido pela mão, com
tanto soffrimento, e paciencia que espantou
a todos. Hia com elle Duarte Fernandes,
Contramestre do galeão, com os mais que
com elle ficáram na aldêa, e o Piloto An-
dré Vaz, que nunca os quiz deixar. Os ou-
tros roubados, e espancados, em que entra-
va Pantaleão de Sá, e os mais Fidalgos, e
Cavalleiros, depois de lançados fóra das al-
dêas, tornáram-se a ajuntar a paragens, e
assim fizeram hum corpo de noventa pessoas;
mas como hiam sem armas, e sem cousa al-
guma, com que pudessem resgatar o que ha-
viam de comer, e sobre tudo já tão fracos,
e debilitados do caminho, que escassamente
podiam comsigo; aborrecidos da vida, se fo-
ram mettendo por esses matos, tomando des-
vairados caminhos, comendo das frutas bra-
vas, e raizes das hervas, fazendo conta com
Deos, e com suas almas, como homens que
hiam em estado, que cada dia ficavam por
esses caminhos mortos de fome.

Manoel de Sousa de Sepulveda com os
da sua companhia foi seguindo o caminho
do rio de Manheça, com determinação de
se

ſe deixarem ficar nelle, ſe aquelle Rey lho conſentiſſe; e indo aſſim, tornáram os Cafres dar nelles, e iſſo que ficou ſobre os corpos foi roubado, deixando-os nús; e Dona Leonor, quando os Cafres a quizeram deſpir, o não quiz conſentir, antes ás bofetadas, e ás dentadas como leoa magoada ſe defendia, porque antes queria que a mataſſem, que deſpirem-na. Manoel de Souſa de Sepulveda vendo ſua amada eſpoſa naquelle eſtado, e os filhinhos no chão chorando, parece que a mágoa, e dor lhe reſuſcitou o entendimento, (como acontece á candea que ſe quer apagar, dar antes diſſo maior claridade,) e tornando ſobre ſi mais algum tanto, ſe chegou á mulher; e tomando-a ſobre ſeus braços, lhe diſſe: » Senhora, deixai-vos deſpir, e lembre-vos que todos naſcemos nús; e pois diſto he Deos ſervido, ſede vós contente, que elle haverá por bem, que ſeja iſto em penitencia de noſſos peccados; » com iſto ſe deixou deſpir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos couſa alguma com que ſe pudeſſe cubrir. Vendo-ſe ella núa, aſſentou-ſe no chão, e eſpalhou os ſeus formoſiſſimos, e compridos cabellos por diante, com o roſto todo baixo, porque a pudeſſem cubrir, e aſſim com as mãos fez huma cova na arêa, onde ſe metteo até á cinta, ſem mais ſe querer

rer

rer alevantar dalli. Os homens da companhia vendo Dona Leonor, foram-ſe affaſtando de mágoa, e vergonha. Vendo ella a André Vaz o Piloto que virava as coſtas pera ſe ir, chamou por elle, e lhe diſſe:

» Bem vedes, Piloto, como eſtamos, e que » já não podemos paſſar daqui, onde pare- » ce tem Deos ordenado que eu, e meus fi- » lhos acabemos por meus peccados, hi-vos » muito embora, fazei por vos ſalvar, e en- » commendai-nos a Deos; e ſe fordes á In- » dia, e a Portugal em algum tempo, di- » zei como nos deixaſtes a Manoel de Sou- » ſa, e a mim com meus filhos. » André Vaz internecido de mágoa daquelle piedoſo eſpectaculo, virou as coſtas, ſem reſponder nada, mas todo banhado em lagrimas, e foi continuando ſeu caminho apôs os outros, que hiam já diante. Manoel de Souſa com todos aquelles infortunios, e mágoas não ſe eſqueceo da neceſſidade da mulher, e dos tenros meninos que eſtavam chorando com fome; foi-ſe aos matos a buſcar alguma couſa pera lhes dar, e quando tornou com algumas frutas bravas, achou já hum dos meninos morto, e Dona Leonor como paſmada com os olhos nelle, e com o outro no collo. Elle pondo os olhos fitos nella, e no menino morto, ficou aſſim hum pequeno eſpaço ſem fallar couſa alguma: paſ-

ſa-

ſado elle fez huma cova na arêa, e por ſua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

Feito iſto, tornou-ſe ao mato a buſcar mais frutas pera a mulher, e pera o outro menino, e quando tornou achou ambos falecidos, e ſinco eſcravas ſuas ſobre os corpos com grandes gritos, e prantos: vendo Manoel de Souſa de Sepulveda aquella deſaventura, apartou dalli as eſcravas, e aſſentou-ſe perto da mulher, com o roſto ſobre huma mão, e os olhos nella, e aſſim eſteve eſpaço de meia hora, ſem chorar, nem dizer palavra. Paſſado aquelle termo, levantou-ſe, e começou a fazer huma cova com ajuda das eſcravas, (ſempre ſem fallar couſa alguma,) e tomando a mulher nos braços, chegando o ſeu roſto ao della hum pouco, a deitou na cova com o filho; e depois de a cubrir, ſem dizer couſa alguma ás moças, ſe tornou a metter pelo mato, onde deſappareceo, ſem mais ſe ſaber delle, e ſempre ſe preſumio que os tigres o comêram.

As eſcravas tanto que ſe elle apartou, tomáram ſeu caminho com grande preſſa até encontrarem a outra companhia do Piloto, e deſtas paſſáram á India tres, que contáram a morte de Dona Leonor, e filhos, porque ſó ellas a víram. Era iſto no mez de

Agoſto, em que havia ſeis mezes que haviam partido. Os da companhia que hiam diante com Pantaleão de Sá, e da de Manoel de Souſa de Sepulveda, que ſeguíram o Piloto André Vaz, ſe foram mettendo por eſſe certão, por onde morrêram de fome, e com tantos trabalhos, que ſó oito Portuguezes eſcapáram, em que entravam Pantaleão de Sá, Triſtão de Souſa, Balthazar de Siqueira, Manoel de Caſtro, feitor da náo, e o Piloto André Vaz, e quatorze eſcravos, que deram com os Cafres mais domeſticos, que lhes davam alguma pouquidade, principalmente a Pantaleão de Sá, que ſe fingio chocarreiro, e chegava ás portas dos Cafres balhando, e fazendo momos, e todos lhe davam por iſſo algum milho. E andando eſpalhados pelas aldêas, ſem eſperança de poderem ir á India, quiz Deos que foſſe hum pangaio, (em que hia hum parente de Diogo de Meſquita, que eſtava por Capitão em Moçambique) ao cabo das correntes ao rio de Juhambane a reſgatar marfim, e dos Cafres que vinham do certão ao reſgate, ſouberam como pela terra dentro andavam Portuguezes perdidos; pelo que o Capitão do pangaio mandou algumas peſſoas de recado com contas, e outras couſas pera os ir reſgatar ſe eſtiveſſem cativos.

Eſtes homens foram dar com elles, e

foi

foi o ſeu alvoroço tamanho, de verem homens conhecidos, e de ſaberem que tinham navio perto, que de prazer perdêram a memoria de todos os trabalhos paſſados, e aſſim ſe foram pera onde eſtava o pangaio, reſgatando pelos caminhos todas as couſas de que tinham neceſſidade abaſtadamente. Chegando a Juhambane foram muito feſtejados do Capitão do pangaio, (que nos parece que era hum João Salgado,) que os agazalhou, veſtio, e curou muito bem, dando-lhes tudo o de que tinham neceſſidade: dalli os levou a Moçambique, aonde chegáram a vinte e ſinco de Maio de ſincoenta e tres.

O Capitão Diogo de Meſquita os foi buſcar á praia, e levou comſigo Pantaleão de Sá, e Triſtão de Souſa; e os mais repartio por caſas de caſados ricos, onde lhes deram todo o neceſſario, e Dona Luiza mulher de Diogo de Meſquita curou muito bem os ſeus hoſpedes, como ſe foram ſeus irmãos; e dando-lhes Diogo de Meſquita todo o dinheiro que quizeram, ſe partíram pera a India. Depois correo o tempo de feição, que por morte de Diogo de Meſquita veio Pantaleão de Sá a caſar com ſua mulher, e aſſim eſteve duas vezes por Capitão de Moçambique.

# DECADA SEXTA.

## LIVRO X.

### Da Hiſtoria da India.

## CAPITULO I.

*De como o Turco mandou huma Armada de vinte e ſinco galés, de que era General Pirbec, pera Baçorá: e do que aconteceo a algumas galés com os noſſos navios naquelle Eſtreito.*

TAnto que o Turco ſoube que a Armada Portugueza, em que D. Antão de Noronha foi, (como diſſemos no Cap. IV. do IX. Liv.) entrou naquelle Eſtreito de Baçorá, pera favorecer os Arabios, e Gizares, e que ſem dúvida lhe tomára aquella Cidade, ſe não fora o ardil de que o Baxá uſou, receando-ſe que vieſſe a perder aquella fortaleza, e que os Portuguezes metteſſem pé nella, o que ſería em deſcredito, e

e detrimento de ſeu Eſtado, e ſobre tudo ficaria perdendo as eſperanças de ſe fazer Senhor de todo aquelle Eſtreito Perſico, porque lhe ficariam fechando aquella garganta do rio Eufrates, por onde ſuas Armadas forçado haviam de ſahir pera fóra,) determinou de prover niſſo, e ſegurar aquella fortaleza, e mandou com muita preſſa negociar vinte e ſinco galés das que eſtavam em Suez, e elegeo pera Capitão, e General deſta jornada Pirbec, hum grande coſſairo, homem muito determinado, e lhe deo por regimento, que fizeſſe em Alexandria, e outros portos mil e duzentos homens, e que ſe metteſſe nas galés, e ſe foſſe a Baçorá, onde acharia regimento do que havia de fazer; e que por nenhum caſo tomaſſe Maſcate, nem Ormuz, nem tocaſſe em couſa alguma dos Portuguezes, e que trabalhaſſe muito por paſſar a Baçorá, ſem ſer viſto delles.

Deſpedido Pirbec ſe paſſou a Suez, e gaſtou todo eſte inverno paſſado em reformar as galés, e em as apparelhar. O Turco tanto que o deſpedio, mandou huma inſtrucção ao Baxá de Baçorá, em que lhe mandava, que tiveſſe preſtes quinze mil homens, e muitas terradas, e em outras embarcações, e que como Pirbec chegaſſe com as galés, foſſe pôr cerço á fortaleza de Ormuz,

muz, e não se alevantasse della sem a tomar. Pirbec tanto que teve as galés negociadas as poz no mar pera partir em Julho. Estas novas corrêram logo pelo Estreito, e chegáram a Ormuz já em Maio, tempo em que não podiam avisar o Viso-Rey, nem se sabia mais certeza, que aquillo que andava geralmente na boca dos estrangeiros. Pelo que querendo-se D. Alvaro de Noronha, Capitão daquella fortaleza, certificar da verdade, despedio hum navio ligeiro, de que fez Capitão Fernão Dias Cesar, soldado velho, e muito bom cavalleiro, (que já andava em trajos de mercador, e tinha de seu perto de vinte mil cruzados,) e deo-lhe por regimento, que se fosse á costa de Xael, e que esperasse os navios que haviam de vir de Meca pera Caxém, Camphar, e todos os mais portos, e que soubesse a certeza das galés, e quantas eram, e se sabiam pera onde se negociavam.

Partido Fernão Dias Cesar, foi-se pôr naquella paragem, e houve falla de algumas embarcações, e lhe affirmáram ficarem vinte e sinco galés em Suez já no mar, e que corria fama geralmente que se hiam metter em Baçorá. Com estas novas se recolheo em Julho, e as deo a D. Alvaro de Noronha. E sabendo a certeza, mandou logo recolher todos os mantimentos, agua,

le-

lenha, madeira, taboado, e outras muitas cousas pera dentro da fortaleza. E despedio logo dous navios ligeiros, em que mandou Simão da Costa, e Miguel Colaço, e lhes deo por regimento, que se fossem pôr no cabo de Rosalgate, até que se acabasse o mez de Agosto, que era a monção em que vem de Meca pera aquelle Estreito; e que havendo vista das galés, sendo mais de vinte, Simão da Costa se fizesse na volta da India, e fosse dar as novas ao Viso-Rey, e que Miguel Colaço voltasse pera Ormuz, e fosse dando aviso a todas aquellas povoações de Coriate, Calayate, Mascate, e outras pera estarem negociadas, e sobre aviso.

Partidos estes navios, se foram pôr no cabo de Rosalgate, aonde se deixáram estar com grande vigia. E sendo na entrada de Agosto, houveram vista de sinco galés, que Pirbec tinha mandado diante, em que vinha hum seu filho, que vinha descubrindo se havia na boca do Estreito alguns navios Portuguezes. Simão da Costa tanto que vio as vélas, e se affirmou serem galés, se foi sahindo pera o mar, pera descubrir se havia mais que aquellas; e não vendo mais, tornou-se pera dentro, porque não pode soffrer o vento Ponente, que era muito rijo. Miguel Colaço tanto que vio as galés, voltou

tou de longo da costa, e foi dando aviso a todas as povoações.

Estava em Mascate por Capitão hum João de Lisboa, que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha tinha mandado alli fazer hum forte, por lho mandar ElRey assim no seu regimento, por segurar os Portuguezes, que sempre estavam naquella povoação. Este João de Lisboa tinha começado este forte na cabeça da serra de Bacalá, que fica sobre a barra, e havia tres mezes que trabalhava nelle, e o tinha ainda imperfeito. Tanto que lhe deram as novas das galés, logo embarcou sua mulher em huma terrada, e outras de Portuguezes que alli havia, e mandou com ellas Bartholomeu Dias de Moraes, e Apollinario Mendes por velhos, pera que se fossem pera Ormuz; e João de Lisboa com sessenta Portuguezes que alli havia, se recolheo assima ao forte, e metteo dentro todos os mantimentos, lenha, agua, e munições que tinha, e fortificou-se o melhor que pode. O filho de Pirbec no tempo que Simão da Costa voltou pera a terra, houve vista delle; e mettendo o bastardo, o foi seguindo; e como o vento era rijo, e os mares grandes, e a fusta pequena, hia-se affogando de feição, que chegou a galé do filho de Pirbec a ella, e por desejar de tomar a todos vivos, não quiz metter a fusta

no

no fundo, e ſe foi deſviando de maneira, que lhe ficou debaixo dos remos. E havendo-ſe todos por perdidos, o bombardeiro, e hum ſoldado que hiam de prôa, lançáram as mãos aos remos pera ſe ſalvarem na galé, porque antes queriam ficar cativos que affogarem-ſe. Simão da Coſta, que era homem muito eſperto, não deſcoroçoou, antes encommendando-ſe a noſſa Senhora do Roſario, vendo que a galé ſe hia deſviando da fuſta, e que lhe hia ficando a gilavento, esforçando os marinheiros, foi preparando a véla, que lhe ficou abatida, e mettendo de ló tudo o que pode, foi deixando a galé a balravento, ficando-lhe dependurados nos remos o ſoldado, e o bombardeiro, que os Turcos recolhêram.

Vendo o filho de Pirbec que por ſeu deſcuido ſe lhe hia aquella fuſta, que bolinava mais que elle, a foi ſeguindo, atirando-lhe bombardadas. Simão da Coſta foi animando os marinheiros, deitando-lhes dinheiro na coxia pera mais os obrigar, e foi forçando a véla da fuſta tudo o que pode, tirando pera balravento, de feição, que conhecidamente lhe ficava já a galé, que ſempre o perſeguio até anoitecer, que perdeo a fuſta da viſta. Simão da Coſta vendo-ſe deſapreſſado, tanto que eſcureceo, mudou o rumo, e ſe foi paſſando á coſta de Perſia,

e

e de longo della foi tomar Ormuz, onde deo as novas das ſinco galés, que cauſáram tamanho alvoroço em todos, que ſe começou a deſpejar a Cidade: a gente miuda pera a banda do Magoſtão, e a principal, e mais rica pera a Ilha de Queixome, que eſtá perto de Ormuz. ElRey, e Guazil ſe recolhêram pera a fortaleza com ſuas mulheres, e riquezas, e D. Alvaro de Noronha Capitão della ſe recolheo dentro com todos os Portuguezes, e ſe começou a fortificar o melhor que pode. E fazendo alardo de toda a gente, achou perto de novecentos homens, porque eſtavam mais de trezentos da náo Caranja do Reyno, de que era Capitão Ayres Moniz, que foi tomar Ormuz por não ter tempo pera paſſar á India, como temos dito atrás no Cap. XVI. do IX. Liv. Antre toda eſta gente tinha D. Alvaro de Noronha na fortaleza mais de mil eſpingardas, e muitas munições, e armas.

CA-

## CAPITULO II.

*De como Pirbec paſſou pera Maſcate: e como o Feitor de Calayate partio com recado pera Goa: e de como os Turcos deſembarcáram em Maſcate: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como os de dentro ſe lhe entregáram a partido.*

TAnto que o filho de Pirbec perdeo Simão da Coſta de viſta, tornou a voltar, e quando amanheceo achou-ſe á viſta da outra coſta de Arabia avante de Maſcate; pelo que lhe foi forçado tornar em buſca do pai, como fez. E quiz a deſaventura, que tanto ávante como o lugar de Alfação, encontraſſe a terrada em que vinham as mulheres de João de Lisboa, e as outras, e tomando-as comſigo, a Bartholomeu Dias, e a Apollinario Mendes, mandou metter a banco da ſua galé, e com eſta preza chegou a Maſcate, onde já achou ſeu pai; porque Pirbec como vinha muito atrás com a Armada toda, quando entrou o Eſtreito não achou novas das galés em que tinha mandado o filho, nem ſabia o que lhe tinha acontecido com as noſſas fuſtas; e parecendo-lhe que o acharia em Maſcate, foi de longo da coſta pera o buſcar, e paſſando por Calayate, onde eſtava hum Eſtevão Gomes por Feitor,

tor,

tor , tanto que vio paſſar as galés , como era muito determinado , e valente homem , ſe metteo em hum tarranquim muito pequeno , e deo á véla pera ir aviſar ao Viſo-Rey , e de ſua jornada adiante daremos razão.

Pirbec tanto que achou o filho , alvoroçado com a preza , entrou pela barra de Maſcate dentro ; e ſem embargo de ſaber como os Portuguezes eſtavam fortificados , deſembarcou em terra ſem achar reſiſtencia , e ſaqueou a povoação , que eſtava deſpejada , aonde ainda achou muitas fazendas , que ſe não pudéram recolher. E deſejoſo de levar os Portuguezes ao Turco de preſente , tratou de os cercar , e haver ás mãos , pera o que mandou deſembarcar algumas peças de artilheria , e querendo-as paſſar aſſima , não pudéram levar mais que hum cão , por ſer o caminho tão ingreme , que com muito trabalho ſubiam por elle os homens. Subida eſta peça aſſima , ſe poz elle com todos os Turcos em ſima de hum tezo , que ficava padraſto ao forte , e alli ſe fortificou , e plantou ſeus beſtiães , e ſe cercou de vallos , e tranqueiras muito fortes. Dalli começou a dar ſua bateria , e accommetter os noſſos por muitos aſſaltos ; e como o forte ficava muito deſcuberto ás ſuas eſtancias , mettiam-lhes dentro todos os pelouros , com que lhe feriam muitos ; mas tambem os noſſos os eſ-

can-

candalizavam mui bem. Durou isto dezoito dias continuos, em que os Portuguezes se defendêram com muito valor; mas como não estavam muito provídos, nem cuidáram que os Turcos se detivessem alli tanto tempo, começou-lhes a faltar a agua, e mantimentos, e esses poucos que havia se hiam repartindo com grande provisão, porque lhes abrangesse mais alguns dias. O Pirbec vendo os Portuguezes tão determinados, desenganado de os entrar por força, e que o tempo se lhe hia gastando, determinou de os apalpar com os partidos que quizessem, e assim lhes mandou bradar por hum João da Barca Portuguez arrenegado, que trazia comsigo. E vindo á falla com os de dentro, lhes disse: » Que Pirbec mandava dizer ao » Capitão, que se lhe désse licença manda- » ria fallar com elle hum homem sobre cou- » sas que importavam muito. » O João de Lisboa tomando parecer com todos sobre o que faria, assentou-se que se ouvisse; e dando-lhe recado, foi o mesmo João da Barca, e disse ao Capitão: » Que o Baxá lhe pedia » que não quizesse ir por diante com sua tei- » ma, que bem sabia as necessidades em que » estavam; que se entregassem a elle, que » lhes daria as vidas a todos, e embarca- » ções pera se passarem á India. » Com isto lhe disse mais o arrenegado João da Barca

mui-

muitas coufas das grandezas , e liberalidades de Pirbec, affirmando-lhe que lhe havia de cumprir o que lhe promettia , e que fe não quizeffe acceitar feus partidos, foubeffe em certo , que fe não havia de alevantar de fobre aquelle forte fem o entrar, e que não havia de dar a vida a hum fó.

Depois do Capitão o ouvir o mandou deter, e poz em confelho aquelle negocio, apontando as difficuldades que havia , e a falta de tudo. E debatido antre todos, affentáram » que foffe o Capitão João de Lis-» boa com hum Padre da Companhia que » allì eftava a fe verem com Pirbec, e a con-» cluir com elle os partidos ; e que o que » elles concluiffem, elles o haviam por feito.» Com isto fe foram ambos em companhia do arrenegado João da Barca ao Baxá, que os recebeo mui bem. E affentados todos, moftrando-lhes o Baxá grande benevolencia, lhes diffe: » Que elle não queria naquelle nego-» cio maior honra , que faber o Turco to-» mar elle huma fortaleza aos Portuguezes: » que ás peffoas de todos os que dentro ef-» tavam lhes fegurava as vidas , e liberda-» des , pera que fe pudeffem ir pera onde » quizeffem.» Nifto fe efpraiou tanto , que acceitou João de Lisboa os partidos , e o Baxá lhe paffou hum largo falvo conduto em nome do Turco, com que João de Lisboa

boa mandou dizer a todos os que eſtavam no forte, que ſe foſſem logo pera elle, como fizeram. E como o Baxá os teve comſigo, quebrando-lhes a palavra, (como todos os Turcos fazem,) os metteo a todos a banco nas galés, e mandou embarcar a artilheria do forte, e toda a fazenda que dentro tinham recolhida, que era muita. Feito iſto ſe embarcou, deixando o forte vazio.

As peſſoas principaes, que alli foram cativos com João de Lisboa, foram André, e Diogo Feyo, ambos irmãos naturaes da Ilha da Madeira, que depois foram caſados, e Cidadãos de Goa, Baſtião Criado de Abreu, que depois foi Capitão de Tarapór, e Maym, Manoel Caſtellão, Antonio Lopes de Oliveira, Diogo Luiz, Manoel Dias, Antonio Pinto, e outros caſados, e Cavalleiros nobres, e honrados.

## CAPITULO III.

*De como a Armada dos Turcos chegou a Ormuz: e do cerco que puzeram á fortaleza: e do que aconteceo em todo o diſcurſo delle.*

PArtido o Baxá Pirbec de Maſcate, em poucos dias foi ter a Ormuz, e appareceo a Armada hum dia de grande cerração,

e

e foi demandar da outra banda de Chaurú, onde poz logo toda a gente em terra. O Capitão D. Alvaro de Noronha, posto que andava doente de quartans, sahio fóra da fortaleza com seiscentos homens, deixando os mais em guarda della, e posto em muito boa ordem foi esperar os Turcos no campo, e chegou até á Cruz de fóra da Cidade, donde mandou espiar os inimigos, e soube estarem todos póstos em terra. E tomando parecer sobre o que faria, assentáram, que se recolhessem pera a fortaleza, até verem o que determinavam os inimigos, como logo fizeram. D. Alvaro de Noronha todo aquelle dia, e noite passou com grandes vigias sobre os Turcos, e proveo nas náos que estavam no porto, que eram quarenta, porque lhas não tomassem, e com muita brevidade as mandou despejar, e atracar á fortaleza debaixo do baluarte, as mais dellas desemmastreadas, e a náo Caranja do Reyno, que era muito grande, mandou que a chegassem tudo o que pudessem, como os Officiaes fizeram, lançando-lhe por baixo do leme grossos viradouros, e amarrados á fortaleza, porque a não pudessem levar, e dentro nella mandou Ayres Moniz Barreto (que era seu Capitão) metter o seu Mestre (que era o Rachachona) affamado em seu officio, e com elle todos os Grumetes, e o Condes-

deſtrabre com os bombardeiros, pera terem a artilheria ſempre preparada.

D. Alvaro de Noronha depois de prover nas náos, o fez tambem na defensão da fortaleza, por eſta maneira. No baluarte Santo André poz por Capitão D. Franciſco de Almeida, filho de D. Pedro de Almeida de Evora, e lhe deo duzentos e quarenta homens. No baluarte Sant-Iago, que cahe ſobre o jogo da bola, poz Gonçalo Guedes de Reboredo, cavalleiro muito esforçado, com cento e trinta ſoldados. O baluarte da varanda tomou o Capitão pera ſi com cem homens de ſua obrigação. E no muro que corre deſte baluarte pera o de Santo André, poz Ayres Moniz Barreto com ſincoenta homens. E no outro panno, que corre pera o de Sant-Iago, poz Manoel de Souſa, de alcunha o Fino macho, irmão de Fernão de Souſa de Caſtello-branco, com trinta homens. Da banda do mar poz Antonio Correa, cavalleiro honrado, caſado, rico, (que caſou ſua filha com D. Antonio de Noronha, que depois foi Capitão de Cochim, em quem muitas vezes havemos de fallar,) e lhe deo ſeſſenta homens. No baluarte do meio eſtava o Alcaide mór, que era hum foão Homem da obrigação do Conde de Vimioſo, com quarenta homens. No meio da torre da menagem ſobre os armazens eſtava

ElRey com ſua mulher, e filhos, e o Guazil, e Miraberús, Juſtiça mór do Reyno, com ſuas familias. A outra ſoldadeſca que não coube nas eſtancias, ficou de fóra com alguns ſobre roldas, que o Capitão ordenou pera acudirem aonde foſſe neceſſario. O Pirbec dormio aquella noite em terra, e ao outro dia mandou deſembarcar a artilheria com que determinava bater a fortaleza, e aquella foi marchando até ſe pôr á viſta della, aſſentando o exercito naquella parte onde eſteve a Alfandega velha, e ſe começou logo a fortificar com muita madeira, que acháram na Cidade, pedra, e terra, que tudo acháram á mão. Ao outro dia plantáram ſeus beſtiães, e trincheiras na fórma ſeguinte.

Na ponta da Alfandega velha puzeram hum beſtião com tres peças groſſas, de quarenta arrateis de pelouro de ferro coado. Deſta eſtancia corria huma tranqueira forte atraveſſando o terreiro da fortaleza, e defronte das caſas do Capitão fizeram outro beſtião, em que puzeram outras ſinco peças groſſas, humas de pelouros de ferro, outros de pedra. Daqui foi correndo a tranqueira até á fronteria da fortaleza, em que fizeram hum angulo mui forte, por cauſa da bateria, e dalli foi correndo a tranqueira até o mar com tres beſtiães mais, com ſinco peças groſſas cada hum, ficando a frontaria da

for-

fortaleza cercada de mar a mar; e em ſima dos terrados das caſas de ElRey ſe puzeram duas peças groſſas, porque ſe deſcubria dahi a fortaleza toda mui bem. Plantadas eſtas eſtancias na fórma que diſſemos, começáram os Turcos a bater a fortaleza de todas as partes, com muita furia, e braveza, e com a meſma lhe reſpondêram della; e como os muros eram de gueche, os pelouros de pedra das peças groſſas ficavam mettidos no muro, e encaixados de maneira, (meios dentro, e meios fóra,) que ainda que os puzeram de induſtria, não ſe fizera a mór compaſſo, e alli ficavam, onde até hoje eſtam.

O Capitão deſejou de aviſar o Viſo-Rey, e mandou negociar huma fuſta, que eſtava varada ao pé da fortaleza, e deſpedio nella Pero Fernandes de Carvalho, que á noite dos quatro dias do cerco ſe affaſtou da fortaleza, e ſe foi a remo, até ſe pôr da outra banda do Magoſtão, e dalli foi correndo a coſta até o Cabo de Jaſques, donde tomou o caminho ordinario. E porque eſta fuſta poderia correr algum perigo, dahi a outros dous dias deſpedio outra, em que mandou hum morador de Ormuz, chamado Coſmo Alvares, que tomou a meſma derrota. Os Turcos foram continuando ſua bateria, ſem fazerem damno algum á forta-

taleza, recebendo elles della muitos; porque o Condestrabre, que era natural de Navarra, era tão grande official, que muitas vezes lhe mettia os pelouros pelas bocas das suas bombardas, com que lhas fazia arrebentar, e muitas lhes matáram muita gente, e lhes desfez os bestiães, que elles logo reformáram, mas com muito trabalho. Os soldados Portuguezes, que na India são muito soltos, e affoutos, enfadados de estarem encurralados, bradavam publicamente por batalha, requerendo ao Capitão que lhes mandasse abrir as portas, que elles queriam ir ganhar as estancias dos inimigos, e tomar-lhes toda sua artilheria. O Capitão os moderou com muita brandura, affirmando-lhes » que como fosse tempo o faria, mas que » por então não lhes convinha, porque não » tinha informação alguma da cópia dos ini- » migos; porque se se haviam de julgar pe- » lo número das galés, o menos haviam de » ser mais de tres mil homens; que se quie- » tassem, porque tratava de ver se podia ha- » ver alguma espia ás mãos; e que como se » certificasse da verdade, elle lhes faria a to- » dos a vontade.» Disto se não satisfizeram os soldados, e andavam quasi como amotinados, e ainda os azedavam mais os Turcos, porque tanto que se acabava a bateria, de noite lhes diziam do arraial muitas

cou-

cousas, que lhes soavam mal, chamando-lhes » cocorins, que quer dizer gallinhas, e que » não prestavam pera cousa alguma; que es- » tavam em expoeirados » com outras cousas a este som; mas os soldados se desempulhavão, dizendo-lhes, » que fallavam el- » les, porque o seu Capitão lhes não dava » licença pera os irem lá buscar, porque se » lha a elles deram, houveram de achar leões, » e não gallinhas; mas que tempo viria, em » que lho mostrariam. » Com isto, e por esta causa murmuravam do Capitão publicamente; mas D. Alvaro de Noronha, como aquella fortaleza era a mais importante de todas as da India, porque com ella tinham os Reys de Portugal posto hum grande freio á insolencia do Turco, queria-se segurar, porque não tinha certeza do que hia no exercito; e como andava de quartans, entristecião-no aquellas cousas, e melancolizavão-no mais.

Gonçalo Guedes de Reboredo, Capitão do baluarte Sant-Iago, vendo quanto o Capitão desejava haver ás mãos huma espia, se lhe offereceo pera lha ir tomar, e elle lhe acceitou o offerecimento, e mandou fazer prestes pera de noite com cem homens. Pera esta sahida se lhe offerecêram todos os Fidalgos, e Cavalleiros honrados, que na fortaleza havia, a que o Capitão não quiz

dar

dar licença. Preſtes todos no quarto da modorra, eſtando já o poſtigo da fortaleza aberto pera ſahirem pera fóra; ou que receaſſe D. Alvaro de Noronha algum deſaſtre, ou que ſuſpeitaſſe que eram ſentidos, tornou a mandar recolher Gonçalo Guedes, do que todos os que com elle hiam ficáram muito triſtes.

A bateria ſe foi continuando; mas vendo Pirbec o pouco damno que fazia á fortaleza, determinou de ſe levantar; e primeiro que o fizeſſe, virou a artilheria pera as náos, e todo hum dia as bateo, deſcarregando nellas aquella tempeſtade, e trovoada de pelouros, de que os mais embaçáram na náo do Reyno, que lhe ficava mais em bateria; mas della tambem o viſitáram com huma formoſa ſalva, com que lhe matáram alguns, trabalhando o ſeu Meſtre com todos os marinheiros muito bem, porque com muita preſteza acudíram a tapar alguns rombos que lhe fizeram.

CA-

## CAPITULO IV.

*De como os Turcos alevantáram o cerco: e dos recados que passáram antre Pirbec, e o Capitão: e de como os inimigos saqueáram a Ilha de Queixome.*

AO outro dia depois que isto passou, mandou Pirbec embarcar a artilheria, e aquella noite que se havia de recolher, chegou á falla com os da fortaleza hum João Baliciro, bombardeiro de Mascate, que tambem foi cativo, e disse, » que dissessem ao » Capitão, que bem podia mandar resgatar » toda a gente de Mascate, que alli estava » cativa, porque Pirbec lhe queria fazer esse » serviço; » dizendo-lhes a voltas disto muitos louvores do Baxá, engrandecendo-o muito com palavras, que lhe faziam dizer. O Capitão então soube o successo de Mascate, porque até então não tivera novas algumas, do que ficou muito triste. E porque não sabia o que era passado naquelle negocio, nem o modo de como cativáram os de Mascate, não quiz que se respondesse cousa alguma ao Baliciro. Vendo o Baxá que lhe não fallavam a proposito, mandou salvar a fortaleza pera se embarcar, e della lhe respondêram com outra tamanha, que espantou aos inimigos, porque durou mais de duas ho-

horas ſem ceſſar, porque nunca os Turcos cuidáram que dentro naquella fortaleza havia tanto cabedal; e logo ſe começáram a embarcar, havendo vinte dias que tinham cercados os noſſos, e ao recolher ſe mettêram pela Cidade a roubar com tamanha deſordem, que quaeſquer trezentos homens que nelles deram os desbaratáram de todo.

Depois dos Turcos deſtruirem, e arrazarem a Cidade ſe embarcáram, e ſe affaſtáram de largo. Dalli deſpedio o Pirbec huma bateria de huma galé, que chegou perto da fortaleza, e capeou com huma bandeira branca; e chegados á falla com os do baluarte de ſobre o jogo da bola, diſſeram della, » que traziam hum recado do Baxá » pera o Capitão; » elle lhe mandou abrir, e deſembarcou hum Comitre Italiano, e com elle Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e Apollinario Mendes, e a mulher de João de Lisboa, e o ſoldado, e o bombardeiro da fuſta de Simão da Coſta, (como diſſemos, que ficáram dependurados nos remos da galé do filho de Pirbec,) e levados todos ao Capitão, lhe diſſe o Comitre, » que » o Baxá lhe fazia ſerviço daquelles homens, » e mulher, e de hum rico arco, e coldre » que levava na mão; e que ſe quizeſſem » reſgatar toda a gente de Maſcate, que el» le eſperaria por iſſo. » O Capitão depois

que

que ouvio o Comitre o mandou metter no tronco, com todas as peſſoas que com elle vinham, até os marinheiros da barquinha, e alli os teve dous dias; ao terceiro os mandou levar diante de ſi, e os veſtio de eſcarlata a todos, e diſſe ao Comitre, » que tornaſſe a levar a mulher de João de Lisboa, » e Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e » Apollinario Mendes, e que diſſeſſe ao Baxá, que elle não reſgatava homens Portuguezes tão fracos, que aſſim ſe entregáram, ſem primeiro ſerem eſpedaçados, e » que aquella mulher a tornaſſem a entregar » a ſeu marido, porque até nella queria executar a culpa delle. E que o ſoldado, e » bombardeiro da fuſta de Simão da Coſta » tomava, porque não tinham culpa, por » cujo reſgate lhe mandava aquellas peças, » dando-lhe logo huma formoſa bacia, e » jarro de prata dourados de beſtiães, e com » iſſo tambem hum rico arcabuz, e huma » formoſa eſpada, e rodela; e que diſſeſſe » ao Baxá, que aquelles eram os preſentes » com que os Capitães de ElRey de Portugal agazalhavam os vaſſallos do Turco. » Com iſto os mandou embarcar, ſem lhe dar couſa alguma dos prantos, e lagrimas daquella pobre mulher, e dos dous velhos.

Chegados á galé, e dado o recado ao Baxá, mandou, tanto que foi noite, lançar na

Ilha

Ilha pelo meſmo Comitre a mulher de João de Lisboa, e os dous velhos; e levando-ſe, prepaſſou por huma náo de hum Portuguez, que ficou da outra banda deſpejada, e dando-lhe toa, a levou comſigo, e ſe paſſou á Ilha de Queixome; porque foi aviſado que todo o recheio da Cidade de Ormuz eſtava nella. E deſembarcando ſem reſiſtencia alguma, a entrou, e ſaqueou, e encheo as galés de riquezas, porque havia nella mais de trinta mercadores, de quarenta, trinta, e vinte mil cruzados, em que entrava hum Judeo Heſpanhol, chamado Salamão, que tinha de ſeu oitenta mil cruzados em ouro, perolas, pedraria, e outras fazendas, que tudo lhe tomáram, e o cativáram com ſua mulher, e familia. E da gente que eſtava na Ilha, que eram perto de vinte mil peſſoas, cativáram os Turcos as que quizeram, fazendo grandes cruezas, e deshumanidades.

Eſtá eſta Ilha de Queixome affaſtada da de Ormuz pera a coſta de Arabia duas leguas; ſerá de trinta de comprido, e de duas, e em partes de tres de largo: começa em hum lugar chamado Laphta, e acaba em outro que ſe chama Cirimião, que he a ponta mais de dentro. Os Turcos andáram nella muitos dias, porque a corrêram toda, e depois de fartos, e cheios ſe embarcáram, e ſe foram pera Baçorá. A mulher de João

de

de Lisboa , e os dous velhos foram ter á fortaleza. O Capitão tinha mandado alguns terranquins ligeiros a vigiar os Turcos ; e trazendo-lhe novas que já eram recolhidos pera Baçorá , se foi ElRey , e o Guazil pera a Cidade , que acháram destruida , e assolada , e logo começou a correr a gente que estava da outra banda , e se tornou a povoar , e reformar.

## CAPITULO V.

*Do recado que chegou a Goa das galés : e de como D. Diogo de Noronha o Corcôs , e D. Antonio de Noronha partíram pera Ormuz em duas fustas : e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa ao soccorro : e da falla que fez na Camara de Goa , pedindo-lhes ajuda , e emprestimo.*

Estevão Gomes , Feitor de Calayate , que atrás deixámos partido pera Goa em o terranquim , foi atravessando aquelle grande Golfo até haver vista da terra de Baçaim , e entrando dentro , deo recado á Cidade ; e depois de tomar agua , e mantimentos , partio pera Goa. Causou em Baçaim grande alvoroço a nova dos Turcos , e se começáram a fazer algumas pessoas prestes pera irem de soccorro a Ormuz ; e primeiro que todos

dos foi Antonio de Sá o Rume, (hum Fidalgo, em que muitas vezes temos fallado neſtas noſſas Decadas.) Eſte ſe embarcou em hum catur ligeiro com vinte ſoldados, e ao outro dia ſe fez á véla, ferrolhando no mar todos os marinheiros em cadeias, que logo pera iſſo levou em ſegredo; porque determinava de paſſar por antre as galés dos Rumes, e não queria que com o medo ſe lançaſſem ao mar. E tanta preſſa ſe deo no caminho, que em vinte dias foi tomar Ormuz, andando ainda os Turcos na Ilha de Queixome, e o Capitão o recebeo com muitas honras. Eſtevão Gomes chegou a Goa por fim de Agoſto, couſa que foi eſpantoſa aos homens, em huma tão pequena embarcação atraveſſar em tempo tão forte hum tão grande, e perigoſo golfão.

Chegado eſte homem a Goa ſe foi ver com o Viſo-Rey, e lhe deo as novas da Armada dos Turcos, e de quantas galés eram, porque as contou elle muito de vagar. O Viſo-Rey poſto que lhe cauſou aquillo alguma alteração, todavia logo determinou de acudir áquelle negocio em peſſoa, e mandou chamar os Fidalgos, e Capitães do conſelho, a quem deo conta do que paſſava, e lhes declarou, que ſua tenção era embarcar-ſe logo, pedindo-lhes que ſe fizeſſem preſtes pera o acompanharem. Todos lho louváram

mui-

muito, e ſe lhes offerecêram com muito goſto.

Sahidos dalli, logo D. Diogo de Noronha o Corcôs, e ſeu primo D. Antonio de Noronha, irmão de D. Alvaro de Noronha, Capitão de Ormuz, foram tomar cada hum ſeu navio de remo, e ajuntando parentes, e amigos, embarcando-ſe cada hum com ſincoenta ſoldados, e ao outro dia ſe fizeram á véla pera Ormuz, e foram ſeguindo ſeu caminho, em que os deixaremos até tornar a elles.

As novas ſe eſpalháram logo pela Cidade, a que acudíram todos, velhos, e moços a ſe offerecerem ao Viſo-Rey, ſendo dos primeiros os Cidadãos, que ſempre nas ſemelhantes neceſſidades ſervíram ElRey com as fazendas, e peſſoas. O Viſo-Rey ſe foi á ribeira das Armadas, e com muita preſſa mandou preparar os galeões, caravelas, galés, e fuſtas; e como na ribeira havia ainda mais de quinhentos homens do mar, repartindo-ſe por todas as embarcações, as foram preparando ſem confusão, nem eſtorvo de huns, e outros, pela boa ordem que naquelle negocio houve.

A primeira couſa que o Viſo-Rey fez, foi deſpedir dous navios ligeiros, hum pera ir pelas fortalezas do Norte com cartas ás Cidades, e a peſſoas particulares, em que

lhes

lhes reprefentava a neceffidade prefente, pedindo-lhes ajuda de gente, e navios. O outro navio, de que era Capitão Fernão Farto, bom cavalleiro, e grande homem do mar pera ir a Ormuz com cartas pera o Capitão, em que lhe affirmava ficar no mar pera o ir foccorrer, e que apôs efte chegaria. O Vifo-Rey ficou dando preffa ás coufas, mandando ajuntar mantimentos, e ordenar munições, e todas as mais coufas neceffarias pera a jornada. E porque o Eftado eftava falto de dinheiro, fe quiz valer da Cidade, como fempre os Governadores, e Vifo-Reys fizeram; e eftando os Vereadores em Camara, fe foi a ella, acompanhado dos Capitães, e Fidalgos velhos, e affentado em feu lugar lhes fez efta falla:

» A natureza univerfal mãi de todas as » coufas tem pofto os homens em tanta obri- » gação, que por ella, e pela confervar, » muitas vezes fe offerecêram a grandes pe- » rigos, e acabáram coufas, que quafi pare- » ciam impoffiveis pera fe poderem commet- » ter. E ainda por efta razão chamamos ge- » ralmente á terra onde nafcemos noffa na- » tureza, porque parece que alli nos obri- » gou a fer mais inclinados com particular » affeição; e da creação que nella recebe- » mos, vem muitas vezes alcançarmos fau- » de em noffas enfermidades, por proprio

be-

» beneficio da natureza; mas eu verdadeira-
» mente tenho por muito certo ſer a pro-
» pria natureza dos Portuguezes, moſtrarem
» ſua opinião, e lealdade no ſerviço do ſeu
» Rey, e Senhor; como muitas vezes ſe
» vio por experiencia dos mui grandes fei-
» tos que nos Reynos de Portugal, e nas
» partes de Africa, e neſtas da India, com
» muito valor, e esforço fizeram, e acabá-
» ram, havendo muitas, e mui aſſinaladas
» vitorias com muito menos gente, e deſi-
» gual poder dos inimigos. E por iſſo pra-
» ticando os Caſtelhanos no damno que re-
» cebêram na batalha real com grande eſ-
» panto, pela deſigualdade dos poderes, e
» gente, diſſe ElRey de Caſtella que não ſe
» eſpantaſſem, que impoſſivel era desbara-
» tar-ſe hum pai de dez mil filhos, que tal
» era ElRey de Portugal dos Portuguezes,
» e elles do ſeu Rey. E que ElRey meu Se-
» nhor mais propriamente tenha eſte nome de
» pai de ſeus vaſſallos, claro parece pelas
» muitas honras, e grandes mercês que con-
» tinuamente delle recebemos, e pelo amor,
» e boa vontade com que nos trata. E por
» eſta razão, pela confiança que ſei que el-
» le tem de vós, e eu em ſeu nome ſempre
» depois que a eſta terra vim, tenho por
» mui certo que todos eſtais alegres, e ufa-
» nos de em noſſo tempo ſuccederem cou-
» ſas,

» ſas, em que fazendo grandes, e aſſinala-
» dos ſerviços a Deos, e S. A. poſſais moſ-
» trar o amor, e lealdade, a que voſſa na-
» tureza vos inclina, e traz obrigados; e
» que na India ſejam feitos muitos ſerviços
» de grande qualidade, e merecimento, ne-
» nhum ſe póde igualar a eſte pela qualidade
» do negocio, e da parte em que eſpero em
» noſſo Senhor ſe faça. Porque Dio, e ou-
» tras fortalezas podem-ſe chamar membros
» particulares da India; mas Ormuz (a que
» he neceſſario ſoccorrer, por eſtar em peri-
» go, ſegundo tenho ſabido, e com Arma-
» da de Turcos ſobre elle) he corpo de que
» todos os membros recebem ſubſtancia, e
» ſe ſuſtem; porque além da renda que S. A.
» nelle tem, a mór parte da deſta Cidade
» della lhe vem; nem a India ſe pudéra ſuſ-
» tentar ſem a contratação de Ormuz.

» Donde ſe infere, que o Eſtado da In-
» dia todo pende da defensão, e ſegurança
» daquella fortaleza; e por os Turcos terem
» ſabido por experiencia não poderem por
» outra parte fazer damno na India, (pelo
» muito que recebêram, quando a ella vie-
» ram,) determinam pôr todas ſuas forças
» na tomada, e deſtruição de Ormuz, a que
» com grande preſteza, e muito poder he
» neceſſario acudir, e ſoccorrer. E pois eſ-
» ta Cidade, e os moradores della tão bem

» tem

» tem ſervido, e moſtrado ſua lealdade em » todos os perigos, e neceſſidades paſſadas; » neſta que he mui differente, e de muito » maior qualidade, e obrigação, não ſe eſ- » pera que o façam menos, nem com me- » nos vontade, e mais tendo-me por voſſo » Capitão, que tão obrigado ſou, aſſim por » mim, como pelos de que deſcendo, a » morrer pelo ſerviço de meu Rey, e Se- » nhor, e principalmente pelo de S. A. de » quem tantas honras, e mercês tenho rece- » bido, o que aſſim meſmo farei por ſeus » vaſſallos, e particularmente pelos deſta Ci- » dade, pela vontade, e amor que delles » tenho conhecido.

» Pelo que além de vos notificar as no- » vas que tenho, (que he como digo eſta- » rem os Turcos ſobre Ormuz com groſſa » Armada, e os perigos que diſſo podem » recreſcer,) vos peço que pera ſeu ſoccor- » ro me queirais ajudar com empreſtar a S. » A. ſincoenta mil pardáos pera me fazer » preſtes, e os repartais antre todos de ma- » neira, que ſe poſſam haver ſem eſcanda- » lo, e cada hum folgue de empreſtar aquil- » lo, que boamente lhe couber á ſua parte; » pois he pera tanto ſerviço de Deos, e de » S. A., e pera ſegurança deſta terra, e de » voſſas mulheres, e filhos: pera o que eſ- » pero que vos não falte o favor, e ajuda

» de nosso Senhor, em quem todos cremos,
» e devemos confiar, que nos dará vitoria
» pera gloria, e louvor de seu santo Nome.
» E o dinheiro vos será tornado por Diogo
» Soares, contratador das terras firmes, que
» disso fará obrigação; e nos quarteis deste
» anno de seu arrendamento, que ora en-
» tra, vo-los irá pagando; e eu darei pera
» isso as Provisões que vos forem necessa-
» rias, pera que com effeito sejais pagos.
» Além disso o saberá S. A. por minhas car-
» tas, pera que com honras, e mercês vos
» satisfaça; e eu em seu nome ficarei na mes-
» ma obrigação pera sempre.»

Acabada a falla alevantou-se o Vereador mais velho, e em nome de todos lhe respondeo: » Que bem viam quão necessa-
» rio era acudir-se áquella necessidade, por-
» que a fortaleza de Ormuz era a chave de
» toda a India, e cabeça daquelle commer-
» cio da Persia, e Arabia, titulo de que os
» Reys de Portugal tanto se jactavam: que
» toda a Cidade em geral, e cada hum dos
» seus Cidadãos por si estavam muito pres-
» tes pera servirem o seu Rey com suas pes-
» soas, fazendas, navios, fustas, dinheiro,
» e com tudo o mais que pudessem; porque
» posto que em todas as necessidades passa-
» das sempre assim o fizeram, que na pre-
» sente, que era sobre todas, e mais em ne-
» go-

» gocio de Turcos, inimigos do nome Chri-
» ſtão, não havia quem ſe pudeſſe eſcuſar;
» antes agora com dobradas forças, e deſe-
» jos ſe offereciam com tudo o que a fortu-
» na lhes deo, e que eſtavam pezaroſos de
» não ſer a poſſe conforme aos deſejos que
» todos tinham.» O Viſo-Rey lhe deo os
agradecimentos, aſſim da parte de ElRey,
como da ſua. Os Vereadores começáram lo-
go a tirar pelo povo, e não ſem alguma
deſordem, e ajuntáram vinte mil pardáos,
que leváram ao Viſo-Rey, com que ſe co-
meçou a negociar, e lançar a Armada ao
mar.

## CAPITULO VI.

*Da Armada que eſte anno de ſincoenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha ſe embarcou pera Ormuz: e das novas que no caminho teve das galés ſerem recolhidas: e de como deſpedio D. Antão de Noronha com huma groſſa Armada pera aquella fortaleza: e de como mandou Franciſco Barreto com poderes de Governador a Cochim a fazer a carga das náos do Reyno.*

ANdando o Viſo-Rey dando preſſa á ſua embarcação, ſendo oito de Setembro, chegáram á barra de Goa tres náos, de ſeis

que efte Abril paſſado de ſincoenta e dous tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria, que vinha na náo S. Boaventura. Os outros Capitães que com elle chegáram, foram, Francifco da Cunha, na náo S. Pedro; Braz da Silva de Santarem em S. Filippe. As tres náos que faltavam eram a Barrileira, de que era Capitão D. Jorge de Menezes Baroche; e Sant-Iago, em que vinha Antonio Dias de Figueiredo, que ambos ficáram invernando em Moçambique. Da outra náo, que era o Zambuco, vinha por Capitão Antonio Moniz Barreto, defpachado com a fortaleza de Baçaim; e vindo demandar a cofta da India, foi varar no rio de Seitapór, trinta leguas de Goa, e a gente toda fe falvou em terra com a mór parte da fazenda. Eftas náos trouxeram novas como o Principe D. João ficava cafado com a Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V., que era fua prima com irmã, fendo elle de idade de dezefeis annos. Eftas novas feftejou o Vifo-Rey muito.

Com a chegada deftas náos fe começou o Vifo-Rey a embarcar, dando defpacho a muitos negocios, porque hia arrifcado a não poder tornar fenão em Março. E porque lhe tinham chegado novas da morte de D. João Henriques, Capitão de Ceilão, defpa-

pachou pera aquella fortaleza D. Duarte Deça; e assim o fez tambem ás náos de Malaca, em que mandou o Licenciado Francisco Alvares pera ir tomar residencia a Dom Pedro da Silva da Gama, e pera fazer outras cousas que convinham ao serviço de ElRey.

Nestas náos se embarcou o Padre Mestre Francisco, da Companhia de Jesus, que hia pera passar á Provincia da China, a cujo Rey levava hum rico presente, que ElRey de Portugal lhe mandava, pera por meio delle ver se se podia dilatar naquella grande região a Fé de Christo; e aquelle anno lhe tinham vindo Breves, que o Summo Pontifice lhe mandava de Nuncio Apostolico da India.

Despachadas estas cousas, se embarcou o Viso-Rey no fim de Outubro, e deo á véla com huma Armada de mais de oitenta navios, em que havia mais de trinta grossos. Os Fidalgos, e Capitães que nesta jornada o acompanháram, são os seguintes: D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey, D. Antão de Noronha seu sobrinho, D. Diogo de Sousa, Gonçalo Pereira Marramaque, D. João de Almeida, Alvaro de Mendoça, Pero Botelho, Heytor de Mello Pereira, D. Martinho da Cunha, e Dom Lopo da Cunha, ambos irmãos de D. Pedro

dro da Cunha , Capitão mór das galés do Reyno , Pero de Taíde Inferno, Fernão de Caſtanhoſo , Fidalgo Caſtelhano , Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago , Diogo Alvares Telles, Baſtião de Sá , Affonſo Pereira de Lacerda , Miguel Rodrigues Coutinho , de alcunha Fios ſeccos , Franciſco de Mello Pereira , Jorge de Mendoça , Antonio Moniz Barreto , Martim Affonſo de Miranda , Pero Barreto Rolim , Antonio Peſſoa , Vaſco da Cunha , Antonio de Souſa Coutinho o coxo , D. Pedro de Souſa , João Fernandes de Vaſconcellos , D. Filippe de Caſtro , e outros muitos Fidalgos , e Cavalleiros, que logo adiante nomearemos.

Dada á véla foram ſua derrota com ventos Levantes proſperos , e em poucos dias foram tomar Dio. Alli achou o Viſo-Rey hum navio ligeiro , que vinha de Ormuz , com cartas de D. Alvaro de Noronha , em que lhe fazia a ſaber ſerem as galés recolhidas pera Baçorá , e lhe dava muito miuda conta de todas as couſas acontecidas , aſſim em Maſcate , como em Ormuz. O Viſo-Rey ſentio muito o negocio de Maſcate. Logo ſe eſpalháram as novas das galés ſerem idas , o que todos ſentíram muito , porque hiam alvoroçados pera provarem a mão com elles. O Viſo-Rey mandou chamar os Capitães velhos , e lhes moſtrou a carta , e

poz

poz em conſelho o que faria naquelle negocio. Viſtas por todos aquellas couſas, aſſentáram, que pois os Turcos eram recolhidos, que mandaſſe huma boa Armada pera andar no Eſtreito de Ormuz, e pera no inverno ſe recolher áquella fortaleza pela ſegurar, e que o Viſo-Rey ſe tornaſſe pera Goa.

Com eſta reſolução deſpedio o Viſo-Rey logo ſeu ſobrinho D. Antão de Noronha, com doze navios groſſos, e vinte ligeiros. Dos grandes eram Capitães (a fóra D. Antão de Noronha, que hia no Galeão S. Lourenço) Gonçalo Pereira Marramaque no galeão Camorim, Fernão de Caſtanhoſo em S. Pedro, Belchior Botelho no de S. Thomé, D. João de Almeida no de Santa Cruz, Franciſco da Coſta, Alvaro de Mendoça, Pero Botelho, D. Manoel Maſcarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e D. Jeronymo de Caſtello-branco em caravelas. Nas fuſtas hiam D. Diogo de Taíde, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Mendoça, João de Mello de Brito, Duarte Paym de Mello, Vicente de França, Gil de Goes, João Alvares Pereira, João de Siqueira, Gomes Ferreira, e Pero Ferreira ſeu irmão, Vicente de Souſa, Antonio de Betancor, Diogo Pereira, Gonçalo de Moraes de Souſa, João Serrão, Martim Barbu-

budo, Ruy Lopes, Antão de Seixas, Ruy Fernandes, e outros. O Viſo-Rey deo por regimento a D. Antão, que andaſſe no Eſtreito até Abril, e que ſe recolheſſe a Ormuz, e que tomaſſe entrega da fortaleza, porque acabava D. Alvaro de Noronha ſeu tempo, e que entregaſſe a Armada a Dom Diogo de Noronha, que lá eſtava pera andar nella até Outubro, e que ſe recolheſſe a Goa.

Deſpedida eſta Armada, voltou o Viſo-Rey pera Baçaim, aonde lhe chegáram novas de Cochim, que os Reys de Diamper, e Pimentá continuavam na guerra contra o de Cochim, e que deixava de correr a pimenta pera as náos.

Vendo o Viſo-Rey quão neceſſario era acudir áquellas couſas, elegeo a Franciſco Barreto, que acabára de ſer Capitão de Baçaim, (a quem ſuccedeo Franciſco de Sá de Menezes, dos oculos,) e lhe deo todos os ſeus poderes, aſſim na Juſtiça, como na Fazenda, com titulo de Governador, pera em quanto eſtiveſſe em Cochim correndo com a carga das náos. Franciſco Barreto ſe partio logo, e levou vinte navios ligeiros, e de ſua jornada adiante daremos razão. Eſta eleição foi muito eſtranhada de alguns Fidalgos, que falláram nella em público, principalmente D. Diogo de Almeida, filho do

Con-

Contador mór, e Francisco de Sá, dos oculos, e outros, que cuidavam merecer melhor aquelle lugar. O Viso-Rey ficou em Baçaim dando despacho a muitas cousas, e esperando pelas segundas novas de Ormuz. E havendo perto de hum mez que alli estava, vieram novas de Pero Lopes de Sousa, Capitão de Dio, que era falecido, que o Viso-Rey tinha deixado enfermo; e por não haver provídos, commetteo o Viso-Rey com ella a D. Diogo de Almeida, que a acceitou, dizendo » que agora que o serviço de » ElRey tinha delle necessidade, acceitava » a serventia da fortaleza, de que elle enjei- » tára seis annos; porque soubesse ElRey » que o não fazia por cubiçoso, que bem se » via que hia a servir, e não a fazer pro- » veito.

## CAPITULO VII.

*De como Diogo de Mello, Capitão de Ceilão, prendeo Tribuly Pandar pai de ElRey: e das cousas que neste tempo acontecêram em Malaca no principio da Capitanía de D. Alvaro de Taíde.*

SUccedêram tantas cousas juntas neste mesmo tempo, que não foi possivel poder continuar com ellas por sua ordem, porque as mais importantes, e substanciaes lhes occupáram o lugar; e assim daremos a estas hum

hum pequeno de vago, pera continuarmos com as que fuccedêram na entrada defte verão, affim em Ceilão, como em Malaca; e por iffo continuaremos com ellas juntas, coufa de que fempre fugimos, porque trabalhámos muito pelas feparar, e contar per fi pera fe acharem divididas quando fe bufcarem. Mas aqui não guardaremos agora efta ordem, porque he affim neceffario. E continuando com as coufas de Ceilão, falecido D. João Henriques, depois de eftarem concertados com Tribuly Pandar, e com ElRey feu filho pera irem contra o Madune, fuccedeo Diogo de Mello Coutinho, (como atrás fica dito no Capitulo XIX. do Liv. IX. defta fexta Decada,) que tanto que tomou poffe da fortaleza, achando nas inftrucções que o Vifo-Rey deixou a D. João Henriques, que prendeffe o Tribuly, tratou de o fazer, fem dar conta a peffoa alguma. E vendo-fe com ElRey, lhe pedio, e requereo » que mandaffe vir feu pai a Cota, porque » tinha que fallar com elles ambos coufas » que cumpriam ao ferviço de ElRey de Por- » tugal. » ElRey havendo que Diogo de Mello não bulliria com elle, mandou chamar o pai, que veio logo a Cota. Diogo de Mello tanto que foube fer chegado, eftando em Columbo, fe foi lá, e em cafa de ElRey o prendeo, fem ElRey bullir comfigo, e o

le-

levou pera Columbo, e o metteo em huma torre, que servia de guardar a polvora, e lhe lançou huma forte adoba de ferro.

A mulher de Tribuly, mãi de ElRey, tanto que vio o marido prezo solicitou a mór parte da gente da Cota, e se sahio della, e se foi pera o lugar de Reigão, donde tratou de sua soltura; e havendo tres dias que isto tinha succedido, chegou D. Duarte Deça, que hia por Capitão, e logo tomou posse de Columbo. ElRey se foi ver com elle, e lhe pedio que soltasse seu pai, o que elle não quiz fazer, antes lhe estreitou a prizão: e assim o deixaremos até seu tempo, por continuarmos com as cousas de Malaca.

O Abril passado, como fica dito no Cap. XIX. do IX. Liv., deixámos embarcado pera aquella fortaleza D. Alvaro de Taíde, porque nella succedia a seu irmão D. Pedro da Silva, que tinha ainda hum anno por servir, e quiz D. Alvaro de Taíde anticiparse tanto, e ir esperar lá aquelle tempo, por se tirar das despezas de Goa, e o Viso-Rey lhe passou Provisões de Capitão mór do mar de Malaca, e de todas aquellas partes; e segundo nos parece, que o isentou nas cousas da Armada da jurdição de seu irmão.

Chegado elle áquella fortaleza foi bem recebido do irmão, e dos moradores, que logo no Julho seguinte dia da Visitação o ele-

elegêram por Provedor da Miſericordia. E como D. Pedro da Silva eſtava mal quiſto de todos, e D. Alvaro de Taíde lhe hia ſucceder, começáram os moradores a continuar com elle, e grangeallo. Tomado D. Pedro da Silva diſto, e de outras couſas que com iſſo ſuccedêram, quebrou com o irmão, e chegáram a ſe deſordenarem, e a deſcomporem hum com o outro; e D. Pedro da Silva clamava, e dizia » que ſeu irmão com » capa de miſericordia lhe hia roubar a ſua » fortaleza. » Aſſim, que eſtando na mór rotura que podia ſer, em fim de Outubro chegáram as náos da India, em que hia o Licenciado Franciſco Alvares tomar a reſidencia de D. Pedro da Silva, com que logo começou a correr.

O Padre Meſtre Franciſco, da Companhia, eſtava concertado com Diogo Pereira para vir da Sunda, aonde eſtava a o tomar áquella Cidade pera o levar á China. Diogo Pereira como foi tempo veio eſperar ſeu recado ao Eſtreito de Sincapura, onde o Padre lhe eſcreveo que eſperava por elle. Com eſte recado ſe foi a Malaca, e ſurgio naquelle porto, e o Padre começou a embarcar o ſeu fato pera ſe partirem. D. Alvaro de Taíde, ou porque tiveſſe algum eſcandalo de Diogo Pereira, ou porque quizeſſe dar os proveitos daquella viagem a hum

ho-

homem de ſua obrigação, mandou-lhe dizer, que não havia de ir na ſua náo áquella viagem, porque cumpria aſſim ao ſerviço de ElRey. Diogo Pereira como a náo era ſua, e viera alli ſó a tomar o Padre Meſtre Franciſco, allegou de ſeu direito, ſem lhe valer couſa alguma, nem lhe poder ſer bom o Licenciado Franciſco Alvares, porque aquellas couſas eram no mar, aonde D. Alvaro de Taíde tinha toda a jurdição. A iſto acudio o Padre Meſtre Franciſco, e Bernaldim de Souſa, e outras peſſoas; mas todas não pudéram acabar couſa alguma, ſem poderem tirar D. Alvaro de ſua teima; antes metteo na náo hum homem de ſua obrigação, chamado Affonſo de Rojes, que foi na náo, e Diogo Pereira ficou em terra. Tão eſcandalizado ficou deſte negocio o Padre Meſtre Franciſco, que ao embarquar no caes ſacudio os çapatos, dizendo: » que nem o pó de tão má terra » queria levar comſigo. »

D. Pedro da Silva ſentio tanto aquelle negocio, por ſer feito a hum Religioſo daquella ſorte, que largou a fortaleza, e a entregou nas mãos do Licenciado Franciſco Alvares, dizendo, que não queria mais ſer Capitão. E aſſim ficou Franciſco Alvares ſervindo alguns mezes que lhe faltavam, e depois entregou a Capitanía a D. Alvaro

de

de Taíde. Tanto que eſte Fidalgo tomou poſſe da fortaleza, logo mandou tomar os lemes a todas as náos que havia no porto, aſſim de ElRey, como de partes, dizendo que tinha novas do Achém, ſobre o que teve algumas razões com Bernaldim de Souſa, porque lhe não quiz dar o da ſua caravela, ficando quebrados, ſendo d'antes grandes amigos. Eſtava alli huma náo que hia pera a Sunda, de que era Capitão Gonçalo Vaz de Carvalho, a quem o Viſo-Rey deo aquellas viagens. D. Alvaro de Taíde lhe diſſe, que eram ſuas, que o Viſo-Rey lhas não podia dar, e que os Capitães de Malaca eſtavam de poſſe de as mandar fazer por ſua conta; que cumpria ao ſerviço de ElRey ficar naquella fortaleza, porque eſperava por Achens; e mandou metter na náo hum criado ſeu, chamado João Pedroſa, e diſſe a Gonçalo Vaz de Carvalho, que bem podia mandar trazer por ſua conta certos bares de pimenta. Gonçalo Vaz vendo aquella ſemrazão diſſimulou; e ſendo tempo em que a náo ſe havia de partir, mandou metter em ſegredo dez, ou doze ſoldados nella, que ſe eſcondêram em huma camara, e o dia que ſe havia de fazer á véla pedio licença a D. Alvaro de Taíde pera ir a ella, e mandar recolher as ſuas ancoras, e as amarras. D. Alvaro lha deo, e el-

elle se foi á náo, e levada a ancora, e soltas as vélas sahíram os soldados da camara, e tomáram o criado de D. Alvaro nos braços, e deram com elle em hum balão, e o mandáram pera Malaca. D. Alvaro como soube o caso ficou tão apaixonado, que esteve pera ir até a Sunda apôs a náo; mas Gonçalo Vaz de Carvalho foi fazer sua viagem. Bernaldim de Sousa, como D. Alvaro tinha tomados os lemes a todas as embarcações, e estavam quebrados o Capitão, e elle, mandou dissimuladamente embarcar o seu fato; e o dia em que esperava de se fazer á véla, tendo prestes de noite huma embarcação ligeira, se embarcou nella, e passando pela praia, onde os lemes estavam, dando cabo ao seu, deo com elle no mar, e o levou á caravela, e mettendo-o em seu lugar, deo logo á véla.

Ao outro dia pela manhã deram logo rebate a D. Alvaro, que foi sua paixão tanta, que se foi ao caes, e se embarcou em huma fusta, e foi apôs Bernaldim de Sousa, e chegando a elle, lhe brádou que amainasse. Bernaldim de Sousa lhe disse, » que » se recolhesse, e se fosse pera a sua forta- » leza, que aquelles feitos eram de mance- » bo. » Em fim passadas algumas razões, Dom Alvaro se recolheo a Malaca, e mandou fazer hum Termo, em que houve Bernaldim

de

de Soufa, e todos os que com elle hiam por alevantados; e toda a fazenda que lhe ficou, que era muita, e vinha repartida pelos galeões de Maluco, tomou, e a julgou por perdida, e a carregou pera ElRey, e a mandou entregue a peffoas abonadas pera na India a darem ao Vifo-Rey. D. Pedro da Silva fe embarcou poucos dias depois no galeão Sant-Iago, em que tinha ido ao foccorro de Malaca João Henriques, e D. João Coutinho no feu galeão, e todas as mais náos. E o Licenciado Francifco Alvares tambem fe embarcou nefta companhia com a refidencia de D. Pedro da Silva, e com huma devaffa que tirou das coufas de D. Alvaro de Taíde.

D. Pedro da Silva fe encontrou no mar com Bernaldim de Soufa, que cuidou que fe tomaffe do que elle tinha paffado com feu irmão; mas elle hia muito longe diffo, por lhe parecerem muito mal aquellas coufas, e falvando-fe foram juntos até Ceilão, e defembarcáram em Gale, e dalli foram por terra a Columbo, onde fe detiveram alguns dias, indo vifitar á prizão Tribuly Pandar, e o confoláram, e fe lhe offerecêram pera fallarem ao Vifo-Rey em feus negocios; e depois de tomarem algumas coufas neceffarias, fe embarcáram, e partíram pera Cochim. E porque nos efqueceo de conti-

tinuar com D. Rodrigo de Menezes que veio de Maluco, e teve aquellas differenças com Bernaldim de Soufa, o faremos aqui.

Chegados elle, e Bernaldim de Soufa a Malaca, fempre fe ficou Bernaldim de Soufa temendo delle, porque fe houve elle por muito affrontado do modo com que procedeo com elle. E ficando affim em Malaca, fem fe encontrarem, veio D. Rodrigo a adoecer de humas febres, e o dia que tomou a purga, foi ella tal, que começou a arder por dentro, e a gritar por agua, dizendo que fe lhe abrazavam as entranhas, e com efta anguftia morreo logo. Não deixou de fufpeitar que Bernaldim de Soufa peitára o Boticario pera lhe dar peçonha, e não faltou quem o efcreveffe ao Vifo-Rey. Foi efte D. Rodrigo filho de D. Antão de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e eftava defpachado com a Capitanía de Dio; era bom Fidalgo, e de muito grande opinião, e bom cavalleiro.

## CAPITULO VIII.

*Das couſas, que acontecêram a Franciſco Barreto em Cochim: e de como D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Souſa chegáram a Goa: e do que o Viſo-Rey Dom Affonſo de Noronha fez.*

DEixámos atrás no Cap. VI. deſte decimo Livro Franciſco Barreto partido de Baçaim; e ſeguindo ſua jornada, tomou Goa, onde ſe deteve pouco, e paſſou adiante até Cochim, onde começou a tratar da carga das náos, pera que faltava pimenta; porque aquelles Principes Malavares do Chembe, e Bardela lhe impediam a paſſagem, e traziam nos rios ſuas manchuas, de que andava por Capitão mór hum Malavar, Chriſtão naſcido em Cochim, chamado Vaſco. Eſte por ſaber muito bem aquelles eſteiros, como quem ſe creou nelles, dava-nos mór trabalho, que ſe fora huma Armada muito poderoſa; porque elle ſó baſtou pera pôr toda a Cidade em revolta, e ainda a Armada de Franciſco Barreto, (porque pela falta da pimenta lhe foi neceſſario acudir aos rios com toda a Armada.) Vaſco andava em huma manchua muito ligeira de dous lemes; e como aquellas Ilhas são muito retalhadas de eſteiros, eſtreitos, e intrincados, elle ſó fal-

tea-

teava os mercadores que vinham com pimenta, e mettia toda a Armada cada hora em affrontas, porque andava no meio della, de esteiro em estreiro, de Ilha em Ilha, sem lhe poderem fazer damno algum. E quando os nossos estavam mais descuidados, dava de supito nos navios, e passava por elles, e lhes deitava muitas panelas de polvora, com que os abrazava, e tratava mal; porque por sua muita ligeireza chegava quando queria, e recolhia-se quando lhe era necessario, sem haver quem lhe pudesse chegar, porque tanto remava pera trás, como pera diante; e como era tão ligeiro, e não dava volta pera fugir por ter dous lemes, não havia cousa que o pudesse alcançar.

Nisto se gastou todo o mez de Dezembro, e Francisco Barreto se recolheo a Cochim, deixando nos rios João Peixoto, Cavalleiro muito honrado, natural de Guimarães, por Capitão mór de dez, ou doze navios, pera ficar favorecendo alguma pimenta, que ainda corria. As náos foram-se carregando com trabalho pela falta que havia de carga; e sendo já alguns dias de Janeiro andados, chegáram os galeões de D. Pedro da Silva, e de Bernaldim de Sousa; e porque faltavam drogas pera a carga, comprou Francisco Barreto a Bernaldim de Sousa pera ElRey, quatrocentos e dezeseis quin-

taes de cravo a treze xerafins o quintal, çujo de páo, e baſtão. E tambem tomou a outras peſſoas o cravo que lhe pareceo, que ſe lhes pagou muito bem. Tomada a carga, deram as náos á véla pera Portugal, e tiveram todas muito boa viagem.

Franciſco Barreto mandou recolher os navios que trazia nos rios, e ſe partio pera a coſta do Malavar, onde andou todo o reſto do verão, e em Março ſe foi invernar a Goa. O Viſo-Rey depois que no Norte deo ordem a muitas couſas, aſſim em Baçaim, como em Chaul, e que teve as ſegundas novas de Ormuz, deo á véla pera Goa, aonde chegou no fim de Fevereiro. Poucos dias depois delle chegáram os navios com D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Souſa, e o Licenciado Franciſco Alvares; e apreſentando a reſidencia de D. Pedro da Silva, ſe lhe acháram culpas obrigatorias ao prenderem, e o mandáram livrar, e foi condemnado em alguma couſa.

O Viſo-Rey deſpedio em Fevereiro Pero de Taíde Inferno com hum galeão, e dez navios de remo, com regimento, que foſſe ao Eſtreito de Meca eſperar algumas náos do Achém, e que ſe foſſe invernar a Ormuz, e que entregaſſe a Armada a D. Diogo de Noronha, que lá acharia. Bernaldim de Souſa achou em Goa cartas de ElRey, mui-

muito honrosas, e com ellas huma Patente, em que lhe fazia mercê da Capitanía de Ormuz, em que entraria logo, porque não havia provído algum diante delle: com a Patente foi logo requerer a posse ao Viso-Rey, que lhe elle não quiz dar, porque tinha por dar residencia; e além disto lhe tinham mandado culpas de Malaca, em que o culpavam na morte de D. Rodrigo de Menezes; e o Viso-Rey lhe disse, » que não » podia entrar na fortaleza sem primeiro dar » residencia, que nas náos que haviam de » partir lha mandaria tirar, e que então o » despacharia. » Não faltáram induzidóres que lhe disseram, que o Viso-Rey o entretinha por não mandar tirar daquella fortaleza seu sobrinho D. Antão de Noronha, com outras cousas que bastáram pera quebrar com Viso-Rey, se tivera menos prudencia; mas elle dissimulou tudo, e não se quiz dar por aggravado do Viso-Rey, antes sempre o acompanhou; e assim o Viso-Rey foi tão grande seu amigo, que todos os negocios de importancia praticava primeiro com elle que com os outros Fidalgos, e lhe fazia tudo o que lhe pedia, e dava cargos, e despachos a muitas pessoas por sua ordem.

Era Bernaldim de Sousa muito avisado, facil, e de grande conversação. E tanto, que os mais dos dias Santos, e Domingos ajun-

ajuntava quinze, e vinte de cavallo ſeus vizinhos, e amigos, caſados todos, (porque geralmente era muito bem quiſto,) e elle com elles veſtido de lòba azul de chamalote, cingido pela cinta, com hum barrete vermelho na cabeça, (porque os Fidalgos daquelle tempo não punham ſua vaidade em capotes, e calças, ſenão em muitos ſoldados recolhidos em ſuas caſas,) e com todos de cavallo ſahia ao terreiro do Paço, e tanto que o Viſo-Rey chegava á janella, acenava-lhe com a mão, e lhe dizia: » Ah » Senhor, ſahi cá pera fóra, no campo de » S. Lazaro vos eſpero; » e voltava com ſua companhia pera elle. O Viſo-Rey mandava tocar a cavalgar, e com todos os Fidalgos ſe hia ao campo, e lá lhe ſahia Bernaldim de Souſa com os companheiros de emboſcadas; e eſcaramuçavam, e folgavam; e como cançavam, deitavam-ſe na relva, e converſavam com diſcurſos graves, praticando ſobre os negocios da India, e dalli ſe recolhiam. E eſta facilidade dos Viſo-Reys daquelle tempo obrigava aos homens a muitas couſas.

Era tão pontual, que andando paſſeando em hum cavallo, que tinha muito formoſo, paſſou por elle hum caſado, rico, e grande ſeu amigo, e lhe diſſe » ſe que» ria vender aquelle cavallo, que lhe faria

» dar

» dar muito dinheiro por elle. » Elle lhe respondeo, que não. E virando-ſe pera outro Fidalgo, que andava com elle, diſſe: » Má terra he a India, parece-vos que em » Portugal me perguntára ninguem, ſe que- » ria vender o meu cavallo em que andaſſe? » Trouxemos iſto, porque vimos eſte primor tão trocado, que os meſmos Fidalgos andavam pelas ruas convidando com os ſeus cavallos pera lhos comprarem.

O Viſo-Rey começou a entrar no deſpacho das couſas de Malaca, e Maluco, e mandou o Licenciado Gaſpar Jorge, que era Deſembargador, pera ir a Malaca devaſſar do caſo da morte de D. Rodrigo de Menezes, (porque a reſidencia de Bernaldim de Souſa das couſas de Maluco já lá era encommendada ao Ouvidor,) e pera tirar devaſſa dos caſos de D. Alvaro de Taíde. E deſpachou D. Jorge Deça, que era provído da Capitanía da carreira de Maluco, e lhe deo hum galeão com muitos provimentos pera aquella fortaleza. E aſſim deſpedio alguns Capitães com ſoldados pera irem invernar a Cochim, e a Cranganor. Depois deſtes navios partidos pera fóra ſe cerrou o inverno.

## CAPITULO IX.

*De huma Armada de Malavares, que foi á costa da Pescaria, e dos damnos que por ella andou fazendo: e de como Gil Fernandes de Carvalho armou alguns navios á sua custa, e a foi buscar: e de como encontrou esta Armada, e pelejou com ella, e a desbaratou, e tomou.*

DEpois de Francisco Barreto ser partido da costa do Malavar pera Goa, que foi em Março, offereceo-se hum Rume, que vivia a soldo do Çamorim, a ir esperar as náos de Bengala, e saquear toda a costa da Pescaria, e as Cidades de Negapatão, e São Thomé, promettendo-lhe humas muito grandes prezas. E como o Çamorim neste negocio do mar nunca entra com cabedal algum, mais que com licença pera quem quizer armar navios o poder fazer, a deo facilmente a este, a quem logo se lhe offerecêram pera esta jornada muitos, e se começáram a negociar de navios, artilheria, munições, e soldados; e em poucos dias se ajuntáram de differentes portos quatorze navios mui formosos, e mui bem petrechados, e com todos se fez o Rume á véla, indo elle em huma galeota latina grande, e possante; e fazendo-se na volta do Sul, passáram o ca-

bo

bo do Çamorim, e correndo a coſta da outra banda, chegáram ao porto de Ponicale, aonde eſtava por Capitão Manoel Rodrigues Coutinho, Fidalgo honrado, que alli tinha ſua mulher, e familia, e pera ſua guarda tinha hum forte de taipa, que cercava a povoação, que era de Chriſtãos; e aſſim elle era Capitão de toda aquella coſta da Peſcaria.

Eſtá eſta povoação de Ponicale em huma ponta da terra, que ſe cortou por huma parte, e ficou em Ilha, (porque era toda cercada de agua.) Chegada eſta Armada, lançou logo o Rume em terra perto de quinhentos homens pera irem commetter a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho acudio á praia com ſetenta Portuguezes que alli havia, em que entravam alguns Cavalleiros muito honrados; e com os Chriſtãos da povoação, que acudíram com ſuas armas, remettêram com os inimigos, e traváram com elles huma formoſa batalha, em que os noſſos peleijáram mui bem, aſſinalando-ſe antre todos hum Antonio Franco de Guſmão, que levava a bandeira, ou guião; porque pondo-ſe diante de todos, como hum leão endireitou com hum Abexim, que trazia a bandeira do Rume; e liando-ſe com elle, o tomou, e deo com elle no chão, e o matou ás punhaladas, e tomando-lhe a bandeira, remetteo de novo com

os

os inimigos, ſeguindo-o todos os Portuguezes, e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar ao mar. O Rume que eſtava na prôa da ſua galeota, vendo o eſtrago dos ſeus, e a ſua bandeira perdida, e o pequeno número dos noſſos, começou a brádar com os ſeus, affrontando-os, e eſpancando-os, fazendo-os lançar outra vez ao mar; e elle com toda a mais gente, que ſeriam perto de mil e quinhentos por todos, ſe poz em terra. Os noſſos vendo a multidão dos inimigos, deſampararám os mais delles ao Capitão, e foram-ſe recolhendo pera a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho ficou com ſó dezeſete companheiros, em que entravam Nuno Pita, Antonio Camelo ſeu irmão, Eſtevão de Lemos, e Antonio Franco; mas com eſtes tão poucos fez roſto aos inimigos, porque a honra não lhes dava lugar pera lhes virarem as coſtas. Vendo todavia Nuno Pita que aquillo parecia mais temeridade que esforço, chegou-ſe a elle, e tomando-o por hum braço, lhe diſſe: » Que » determinais, Senhor? não vedes quão pou» cos ſomos? pera que he perdermo-nos em » couſa que não ganhamos honra? recolha» mo-nos, e ponhamos em cobro voſſa mu» lher, e filhos, que he o que mais impor» ta. » Manoel Rodrigues Coutinho ouvindo aquillo, foi virando com os companhei-

ros,

ros, que nunca o deixáram, e de quando em quando fazendo roſto aos inimigos com as eſpingardas, com que derribáram alguns, e quiz a deſaventura que déſſem huma eſpingardada a Manoel Rodrigues Coutinho, de que cahio logo; mas os companheiros o leváram nos braços, e o recolhêram pera a povoação, que acháram já deſpejada; porque como víram ir os primeiros em desbarato, logo todos ſe paſſáram da outra banda do Eſtreito, que eram terras de Biſme Naique, hum vaſſallo do Rey de Canará. Manoel Rodrigues Coutinho mandou tambem paſſar ſua mulher, e filhos, e elle com os que o ſeguíram tambem o fizeram.

Os Mouros entráram na povoação, e a roubáram, e eſcaláram, tomando toda a fazenda que Manoel Rodrigues Coutinho, e os mais Portuguezes alli tinham, porque não ſalváram mais que o que leváram ſobre ſi. Os Malavares depois que eſcaláram, e roubáram tudo, ſe tornáram a embarcar, e ſe foram pela coſta adiante.

O Biſne Naique da outra banda, tanto que teve rebate daquelle negocio, acudio com ſete, ou oito mil homens; e achando todos os Portuguezes nas ſuas terras, dando-lhes a cubiça de hum grande reſgate, lançou mão de todos, e os prendeo. Manoel Rodrigues Coutinho deſpedio recados mui apreſ-

apreſſados a Cochim, tratando de ſeu reſgate com o Naique, (que porque ſe reſgataſſem mais depreſſa, e melhor, os tratou muito mal, e lhes eſtreitou as prizões.) Os recados que partíram pera Cochim, foram em poucos dias na Cidade, e ſe deram ao Capitão.

Eſtava então naquella Cidade de Cochim Gil Fernandes de Carvalho, que havia pouco era chegado, depois daquelle honroſo, e esforçado feito que fez em Malaca em tempo de D. Pedro da Silva, Capitão daquella fortaleza; e havida aquella grande vitoria, (como diſſemos atrás no Cap. IX. do Liv. IX.,) ſe tornou pera Quedá a fazer ſeu negocio; e depois de carregar de pimenta, ſe foi a Bengala, onde a vendeo, e carregou de outras fazendas com que era chegado.

Correndo as novas por Cochim da Armada Malavar, e do negocio de Ponicale, poz toda aquella Cidade em revoltas, porque bem entendêram que não havia alli de parar o mal. Gil Fernandes de Carvalho ſe foi logo á Camara, onde eſtavam os Vereadores, e Capitão, e lhes diſſe, » que elle » eſtava muito preſtes pera acudir áquelle ne» gocio, porque pera o ſerviço de Deos, e » de ElRey tinha muito dinheiro, e muita » obrigação, e vontade; que lhe déſſem na-

vios,

» vios, e artilheria, que elle não tinha; que
» todos os soldados, e mantimentos elle os
» embarcaria á sua custa, porque pera aquel-
» las, e outras semelhantes necessidades que-
» ria o que tinha. » A Cidade lhe agradeceo
muito aquelle serviço, que queria fazer
a Deos, e a ElRey, e lhe disse: » que
» lhe dariam quatro navios, e artilheria pe-
» ra elles. » Gil Fernandes de Carvalho lhos
acceitou, e logo se foi pôr na praça, onde
se fazem os leilões, armando meza, e mandando
lançar pregões, offerecendo de sua
casa dez pardáos a cada soldado, que com
elle se quizesse embarcar: e assim começou a
pagar a todos os que acudíram, que foram
cento e setenta; e por outra parte mandou
comprar todos os mantimentos, e cousas necessarias,
que se embarcáram logo nos quatro
navios, que a Cidade lhe mandou pôr
no caes. Gil Fernandes de Carvalho mandou
negociar pera sua pessoa huma formosa
galeota, o que tudo se fez em tres dias,
e se embarcou no fim de Abril.

Dada á véla, foi seguindo sua derrota até
dobrar o cabo do Çamorim, e de longo da
costa foi na demanda dos parós, e chegou
a Calecare, onde os inimigos estavam, e como
hia com vento escaço, não pode dobrar
a restinga, em que se perdeo Manoel
de Macedo, (como na quarta Decada no

Cap.

Cap. XI. do Liv. VII. temos dito.) Hum Capitão de hum navio da ſua companhia, que ſe chamava Lourenço Coelho, natural de Tangere, que hia diante, foi deſatentadamente varar por ſima da ponta da reſtinga, onde ficou em ſecco. O Rume Capitão mór dos Malavares, que eſtava da outra banda, vendo varar aquelle navio, mandou ſinco, ou ſeis a elle pera o tomarem. Chegáram eſtes navios, e acháram os noſſos mettidos no ſeu, ſem nunca o quererem largar, e abalroando-o por todas as partes, tiveram com elle huma formoſa batalha á viſta de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode ſoccorrer por ſer o vento contrario, e muito rijo. Lourenço Coelho com ſeus companheiros, poſto que eſtavam em ſecco com o navio, quando ſe víram abalroados, puzeram-ſe em defensão, e fizeram tudo o que o valor Portuguez lhes pedia, ſuſtentando-ſe em damno dos inimigos muitas horas. Mas como onúmero era tão deſigual, e elles não ſe quizeram render, foram todos mortos á eſpada, ficando ſó hum muito ataſſalhado, que ſe metteo debaixo do jugo da fuſta.

Vencida a batalha por elles, deram os inimigos cabo ao noſſo navio, e o tiráram pera fóra, e o leváram á viſta de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode valer.

ler. Gil Fernandes de Carvalho voltou pera a Ilha das Lebres, que era perto, onde achou hum navio de Portuguezes; e tomando-o comsigo ao outro dia, quiz nosso Senhor (por ser vespera do seu Triunfo da Ascensão, que foi aos quatorze dias do mez de Maio) que se mudasse o tempo, e lhe ficasse prospero, e dando á véla foi em busca dos inimigos. E ao outro dia pela manhã, que era de sua gloriosa Ascensão, houve vista da Armada inimiga junto do lugar de Calecare, e pondo-se em armas, a foi demandar, e accommetteo com grande determinação, pondo elle a prôa na galeota do Rume, dando-lhe aquella primeira surriada com que lhe matáram muitos, e lançando-se dentro com os seus, teve huma muito arriscada batalha, porque o Rume era muito cavalleiro, e levava perto de duzentos homens na sua galeota. Os outros quatro navios da nossa companhia tambem abalroáram cada hum com o seu, e depois de grandes refertas os rendêram, e investíram outros. Gil Fernandes de Carvalho depois de muitas horas, e de ter feito grande estrago nos inimigos, deo com os mais ao mar, onde tambem se salvou o Rume, e se foi pera a terra que era perto.

Rendida aquella galeota, que era a mais importante, se foi metter no meio das outras,

tras, e ás falcoadas desapparelhou duas, e envestio com outras, que logo se lhe despejáram, ficando-lhe os navios nas mãos. Em fim, quando foi sobre a tarde toda a Armada era rendida, e os navios ficáram em poder dos nossos, sem escapar hum só, que até a fusta de Lourenço Coelho foi tomada com o soldado ainda vivo, que se tinha escondido debaixo do jugo.

Alcançada tão grande vitoria, foi-se Gil Fernandes de Carvalho pera a costa de Negapatão, pera onde levou todos os navios, e invernou naquella Cidade. Estas novas corrêram logo a Cochim, e dahi a Goa, e foram tão estimadas, e festejadas, que lhe fizeram logo cantigas, que se cantavam nas folías, (que então havia muitas, porque tudo o daquelle tempo era alegria, e boas venturas,) e dizia huma: » Gil Fernandes » de Carvalho tomou os parós a quinze de » Maio. »

O Bisme Naique, tanto que soube da grande vitoria que a nossa Armada houve dos Malavares, logo se concertou com Manoel Rodrigues Coutinho no resgate das pessoas de todos, e os largou, ficando-lhe em refens do preço o Padre Henrique Henriques da Companhia, e depois de serem em Punicale, ajuntáram o dinheiro, e o mandáram. Os Paravás (que são os Pescadores de

al-

aljofar daquelle lugar) vendo que Manoel Rodrigues Coutinho ficava muito pobre, lhe deram de ſerviço hum dia de peſcaria, que foram fazer á ſua conta; e foi ſua ventura tal, que lhe rendeo ſete, ou oito mil pardáos. Gil Fernandes de Carvalho tomou nos parós toda a fazenda de Manoel Rodrigues Coutinho, e dos mais Portuguezes, e o que pode ſalvar das mãos dos ſoldados, que foram os veſtidos, e joias de ſua mulher, e algumas peças, que tudo lhe mandou.

## CAPITULO X.

*Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada até Ormuz: e do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorá: e do que mais paſſou D. Antão de Noronha, até entregar a Armada a D. Diogo de Noronha.*

PArtido D. Antão de Noronha com a Armada pera Ormuz, (como atrás diſſemos no Cap. VI. deſte X. Liv.) curſando-lhe ſempre bons tempos, chegou áquella fortaleza no fim de Novembro, aonde já havia mais de hum mez que D. Diogo, e D. Antonio de Noronha eram chegados. O Capitão D. Alvaro de Noronha lhe fez grande recebimento, e o povo todo, que ainda eſtava aſſombrado das galés. D. Antão de

Noronha despedio logo Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar (dous grandes Catureiros) pera irem até dentro de Baçorá vigiar as galés, dando-lhes por regimento, que hum lhe trouxesse novas do que achasse, e o outro se deixasse ficar lá até seu recado, ficando D. Antão negociando, e provendo a sua Armada de novo.

Aqui se conta delle huma cousa, que se lhe notou a grande prudencia, e artificio, como elle realmente tinha; e foi esta. Costumavam os Reys de Ormuz, quando chegava algum Capitão mór áquella fortaleza, mandallo visitar com presentes de brincos, e curiosidades, conforme á pessoa, e á Armada que leva; e porque D. Antão de Noronha por ambas aquellas cousas havia que estava no segundo lugar da India, querendo que todos o estimassem nisso, sabendo que El-Rey o havia de mandar visitar com hum presente, quiz que fosse maior que todos os que até então mandára aos Capitães que alli tinham vindo; e pera isso se fiou de hum Letrado que alli estava por Veador da Fazenda, que era de sua obrigação, e grande amigo de ElRey. Este estando hum dia praticando com ElRey, lhe deo elle conta do presente que queria mandar a D. Antão de Noronha. O Bacharel lhe disse » que lhe » mandasse o maior, e o mais rico que pu-

» des-

» desse, que elle faria com D. Antão que
» lho tornasse depois, porque não queria
» mais que acreditar-se com os homens; e
» que pera segurança disso lhe daria hum as-
» signado do mesmo D. Antão, e outro seu. »
ElRey o fez assim; e estando hum dia Dom
Antão de Noronha com D. Diogo de No-
ronha, D. Antonio, e todos, ou os mais
dos Fidalgos, e Cavalleiros de sua Arma-
da, chegou a visitação de ElRey, e o pre-
sente, que valia dez, ou doze mil cruza-
dos, porque era hum fio de perolas riquis-
simo, algumas peças de ouro, e prata cu-
riosas, alcatifas grandes, e pequenas, mui
finas, e outras cousas. Acceitado o presen-
te em público, tanto que foi noite o tor-
nou a mandar a ElRey pelo Bacharel, que
recolheo os assignados, que disto lhe tinha
passado. Contamos isto, porque he necessa-
rio pera outras cousas que adiante havemos
de tocar, e agora os deixaremos por hum
pouco, porque he necessario continuar com
o Pirbec.

Partido este Turco de Ormuz com o re-
cheio que dissemos, foi ter a Baçorá, onde
se deixou ficar. O Baxá de Baçorá tanto que
soube que elle desembarcára em Mascate,
e Ormuz contra o regimento do Turco, des-
pedio logo pela posta recado disso a Con-
stantinopla. Disto foi avisado o Pirbec; e co-

mo era ſagaz , e prudente, tomou todo o recheio de Maſcate, e de Ormuz, e Lareca , que montaria mais de hum milhão de ouro, e embarcou tudo em tres galés ligeiras , e ferrolhou nellas todos os Portuguezes que cativou em Maſcate, e partio-ſe de Baçorá com tenção de ſe ir a Conſtantinopla deitar aos pés do Turco com todas aquellas riquezas, pera com iſſo o abrandar; porque eſtava certo que ſe eſperaſſe recado ſeu em Baçorá , que lhe havia de mandar cortar a cabeça.

Partido de Baçorá, tomou a derrota de longo da coſta de Arabia; e tanto ávante como Catifa , de noite deo huma das galés em huma reſtinga, onde ſe desfez, e eſpedaçou; como iſto era de noite, e os Portuguezes que hiam afferrolhados não ſabiam a terra, receando de ſe affogarem, ſe deixáram ficar na galé já deſafferrolhados. Pirbec que hia diante achando logo a galé menos, tornou a voltar atrás; e chegando á reſtinga, achou a galé quebrada, e toda a gente nella, e deitando barquinhas fóra, mandou recolher todos , e os Portuguezes que foram tão mofinos , que podendo-ſe ſalvar em terra, que era perto, ſe deixáram ficar. Os Turcos recolhêram as mais das couſas da galé, e foram ſeguindo ſua derrota.

Os noſſos navios, que andavam vigiando

as

as galés, tanto que sahíram de Baçorá, logo houveram vista dellas, e deixou-se ficar o Siqueira vigiando-as, indo sempre á sua vista; e o Luiz de Aguiar se foi com recado a Ormuz com a mór pressa que pode; e chegando áquella fortaleza, deo rebate a Dom Antão de Noronha, que logo se embarcou com muita pressa, e com elle D. Diogo, e D. Antonio de Noronha; e ao partir de Ormuz chegou a elles o Siqueira, e lhes disse, que as galés hiam de longo da costa de Arabia pera fóra. D. Antão tornou a voltar após ellas; e indo os galeões a meia boroa, e a Armada de remo de longo da costa, e diante de todos o Siqueira, e Aguiar, pera descubrirem todas as enceadas, porque lhe não ficassem atrás. Era isto no mez de Fevereiro, em que cursão os ventos Xamais, que são os Noroestes, que dentro naquelle Estreito são mui tormentosos; e assim teve a Armada tanto trabalho, que esteve perdida com huma tormenta desfeita que lhe deo, com que corrêram com vélas pequenas até defronte de Mascate; e sendo vista a Armada da terra, lhe sahio Fernão Dias Cesar em hum terranquim, e disse a D. Antão de Noronha, que o dia d'antes passáram as duas galés á vista da terra. D. Antão mandou dar todas as vélas, e as foi seguindo, mandando diante os navios de remo pera as embara-

raçarem, ſe as achaſſem, e chegou até o cabo de Reſolgate ſem haver viſta dellas. Alli tomou parecer ſobre o que faria, e ſe as ſeguiria até o Eſtreito de Meca, e aſſentou-ſe, que já não era monção, porque ventavam os Ponentes, e que a Armada não hia apercebida pera iſſo, mas que foſſe eſperar as náos de Judá na ribeira de Teve, e as recolheſſe, e ſe foſſe com ellas pera Ormuz; e aſſim o fez, que logo voltou pera aquella ribeira, aonde eſteve até todo Abril, e ainda alguns dias de Maio, e recolheo todos os navios. Alli foi ter Pero de Taíde Inferno com toda ſua Armada, eſtando Dom Antão de Noronha pera dar á véla.

Eſte Fidalgo tanto que partio de Goa, foi demandar as portas do Eſtreito, onde eſteve até áquelle tempo, ſem lhe acontecer couſa notavel, nem haver viſta do Pirbec, porque parece que paſſou de noite por elle. D. Antão de Noronha tanto que vio a ſua Armada, teve com elle cumprimento ſobre as bandeiras; e todavia Pero de Taíde tirou a ſua, e o foi ſeguindo até Ormuz, aonde D. Antão de Noronha tomou poſſe da fortaleza, e entregou a Armada a D. Diogo de Noronha o Corcôs. Pero de Taíde Inferno achou hum regimento do Viſo-Rey, em que lhe mandava entregaſſe a ſua Armada a D. Diogo de Noronha

Cor-

Corcôs, como logo fez, e ſe embarcou com elle por ſeu ſoldado no galeão S. Lourenço. D. Diogo tanto que tomou poſſe da Armada a mandou negociar, e reformar, e D. Antão de Noronha lhe fez paga aos ſoldados, e lhes ordenou mezas, que ſe lhes deram todo o tempo que alli eſtiveram. Dom Diogo de Noronha deſpedio alguns navios ligeiros pera andarem de Ormuz até Baçorá em paragens, pera haverem falla das galés, e lhe mandarem cada dous dias recado do que ſe lá paſſava.

## CAPITULO XI.

*De como Franciſco Lopes de Souſa chegou a Maluco, e das couſas que fez: e de como faleceo: e das differenças que houve ſobre quem ſuccederia naquella Capitanía: e das couſas que ſobre iſſo fez o Rey.*

DEixámos Franciſco Lopes de Souſa o anno paſſado partido de Malaca pera Maluco; e tendo boa viagem, chegou á fortaleza em Dezembro paſſado, e Balthazar Veloſo lhe entregou a fortaleza, com cujas obrigações começou a correr; e a primeira couſa que fez foi apreſentar a ElRey a Provisão do Viſo-Rey, que tambem levou, em que mandava, que nenhuma peſſoa vendeſ-

desse cravo, nem o comprasse, senão de cabeça, e limpo de páo, e bastão, pelos inconvenientes que atrás dissemos. Este Rey como desejava de se mostrar muito leal a todos os mandados dos Viso-Reys, e Governadores, mandou apregoar a Provisão por todas suas Ilhas; o que tomáram muito mal todos seus vassallos, assim pela muita perda que recebiam, como pelo muito grande trabalho que se lhes offerecia no alimpar do cravo; mas ElRey trabalhou tanto nisso, que os quietou, e fez com elles que obedecessem aos mandados do Viso-Rey; e assim começáram logo a vender o cravo limpo, e a carregar-se no galeão da carreira. Succedeo mais em sua entrada dizerem-lhe os Padres da Companhia, » que era serviço » de Deos mandarem com elles alguns Por- » tuguezes ao lugar de Camafo (que era de » ElRey de Tidore) dividir, e apartar os » Christãos, que alli viviam, dos Mouros, e » Gentios, porque viviam todos misturados, » e muitos Christãos casados com Mouras, » e Gentias, e muitas mulheres Christans pe- » la mesma maneira; o que era contra a Lei » de Deos, e grande perturbação daquella » Christandade. » Isto praticou o Capitão com ElRey, e lhe pedio algumas corocoras pera mandar áquelle negocio com os Padres. ElRey lhe disse » que aquella obra era ta-

» ma-

» manha, que ſe ambos ſe não achaſſem em
» peſſoa nella, não ſe poderia fazer couſa
» alguma, porque receava grandes altera-
» ções, e movimentos; e que elle eſtava
» preſtes pera iſſo. » O Capitão lhe agrade-
ceo aquelle conſelho, e lançou mão dos cum-
primentos, pedindo-lhe que ſe fizeſſe preſ-
tes, o que elle logo fez; e ambos ſe em-
barcáram em ſuas corocoras, levando o Ca-
pitão cem Portuguezes, e deixou a fortale-
za entregue a Gabriel Rabello.

Chegados ao lugar do Toloco, duas le-
guas de Camafo, deixáram-ſe ficar ElRey,
e o Capitão, e mandáram hum Padre da
Companhia, e com elle Baſtião Veloſo, e
Pero de Ramos com alguns Portuguezes pe-
ra irem fazer aquella diligencia. Chegados
eſtes homens a Camafo, começou o Padre
a dividir, e apartar os Gentios, e Mouros
dos Chriſtãos, as mulheres dos maridos, e
elles dellas; pais de filhos, e filhos de pais,
de maneira, que tal ordem tiveram, que fi-
cáram os Chriſtãos todos ſobre ſi, e os mais
em bairros, que pera iſſo lhes ordenáram;
e os que ſe não quizeram apartar das mu-
lheres Chriſtans, e aſſim meſmo as Gentias,
ou Mouras, que quizeram viver com ſeus
maridos, recebêram a agua do ſanto Bau-
tiſmo.

Feita eſta obra ſem alteração alguma, ſe
tor-

tornáram pera o Toloco, onde Eſtava ElRey, e o Capitão. Vendo ElRey aquelle negocio, que elle tinha por muito duvidoſo, e difficultoſo, movido de ſua boa inclinação, e natureza, diſſe ao Padre: » Ora » já que vós, Padre, vieſtes a fazer huma » obra tão ſanta, como foi apartar os Chri» ſtãos dos Mouros, eu tambem quero que » ſe faça em mim juſtiça, pois eu vos favo» reci pera as fazerdes nos outros. Eu tra» go ha muitos annos huma mulher Chriſtã » por manceba, nunca Deos queira que eu » fique com ella; » e mandando-a vir, logo lha entregou. O Capitão, e o Padre paſmáram daquella obra, e lha louváram, e engrandecêram muito, e logo ordenáram caſar a mulher, como fizeram, ajudando-a todos com ſeu quinhão.

ElRey de Tidore como nunca foi amigo dos Portuguezes, e deſejava vellos acabados, e fóra daquellas Ilhas, ſabendo que eſtava o Capitão no Toloco em poder de ElRey de Ternate, deſpedio huma corocora muito ligeira com huma carta pera ElRey, em que lhe dizia: » Que pois tinha » em ſua mão o Capitão, e os Portuguezes, » que lhe ſería muito facil matallos, e que » depois tomariam a fortaleza, e ficariam li» vres de ſua ſujeição. » ElRey como era bom homem, tornou a deſpedir a corocora,

ra, e refpondeo a ElRey » que o não acon»
» felhava bem naquelle negocio; que antes
» tinham todos obrigação de pouparem as
» vidas dos Portuguezes, porque depois que
» elles entráram naquellas Ilhas, foram to-
» dos os dellas ricos, honrados, e politicos,
» fendo d'antes pobres, e barbaros. » E pof-
to que ElRey quiz encubrir ifto por não ho-
miziar aquelle Rey com o Capitão, pelos
parentefcos que com elle tinha, elle o veio
a faber, e diffimulou com o negocio. Aca-
bado tudo ao que foram, fe recolhêram pe-
ra Ternate, onde o Capitão adoeceo logo
de humas febres mortaes, de que ao fete-
no dia faleceo com grande mágoa de to-
dos, porque era muito bom Fidalgo. E a-
brindo-fe feu teftamento, achou-fe nelle no-
meado por Capitão Chriftovão de Sá, que
de Malaca fe tornou com elle. Filippe de
Aguiar, que era Alcaide mór, acudio a re-
querer a Capitanía, conforme ao regimen-
to, e trazia já comfigo alguns foldados, e
quiz lançar mão das chaves da fortaleza com
união, eftando Francifco Lopes de Soufa
ainda arquejando. A ifto acudio ElRey, e
o Ouvidor; e vendo a coufa revolta, to-
mou a menagem ao Alcaide mór, e o man-
dou pera a torre; e lendo o teftamento do
Capitão, entregou a fortaleza a Chriftovão
de Sá. Feito ifto, tratáram de enterrar o Ca-
pi-

pitão, como logo ſe fez, e lhe fizeram ſeus Officios com muita ſolemnidade, a que ElRey com ſer Mouro ſe achou veſtido de dó á Portugueza.

Paſſado o Officio ſe aſſentou ElRey á porta da fortaleza, onde ſe ajuntou todo o povo, e mandou ſoltar o Alcaide mór a ſeu requerimento pera o ouvir de ſua juſtiça, e elle lhe requereo a poſſe daquella fortaleza, porque lhe pertencia, conforme á Ordenação do Livro vinte, titulo dos Alcaides móres; e com iſto apreſentou hum regimento do Governador Nuno da Cunha, em que mandava » que por morte dos Capitães ſuc» cedeſſem os Alcaides móres. » Chriſtovão de Sá acudio, dizendo: » Que elle eſtava já de » poſſe da Capitanía por virtude da verba » do teſtamento; e que além diſſo viera da » India provído da Capitanía daquella for» taleza por huma Provisão do Governa» dor Garcia de Sá. » Sobre iſto debatêram ambos, e começou a haver alvoroço, a que ElRey acudio, e os apazigou, e por fim de todas as pertenções ſe louváram ambos em ElRey, do que o Ouvidor fez hum Termo aſſignado por elles. Acabado iſto, fez ElRey a todos os Portuguezes eſta breve falla.

» Ninguem vos póde negar, valoroſos » Portuguezes, que antes que vieſſeis a eſtas » Ilhas, eramos todos barbaros, e ſem po-

li-

» licia, nem ordem alguma boa de gover-
» no, e que todo o bom que hoje temos,
» de vós o tomámos, e aprendemos, por-
» que vos governais por razão, e juſtiça,
» por homens doutos, e letrados, que en-
» direitam as couſas tortas; pelo que o voſ-
» ſo governo, e ordem das couſas he tudo
» ſanto, e bom, e he razão que todos o ſi-
» gamos, e imitemos. E pois aſſim he, pe-
» ço-vos que me digais a qual deſtes direi-
» tos, que eſtes dous pertençores allegão
» por ſi, hei de obedecer, pera que ElRey
» de Portugal meu Senhor ſeja bem ſervido,
» porque vos hei de lançar a culpa do erro,
» ſe o houver, e a elle dareis conta de tu-
» do, porque eu deſejo de acertar em ſeu
» ſerviço.

Acabada a falla, eſtiveram todos calados por hum eſpaço, e depois ſahio de antre todos huma voz que dizia: » Eu obedeço » a Chriſtovão de Sá, que eſtá já de poſſe; » a iſto diſſeram todos o meſmo. Vendo El-Rey aquillo, deo a ſentença por elle, e lhe tornou de novo a dar poſſe da fortaleza. Do que tudo o Ouvidor fez hum auto aſſignado por ElRey, e por todos, e com iſto ſe quietáram os tumultos.

CA-

## CAPITULO XII.

*Das cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e de como Tribuly Pandar, que estava prezo, se fez Christão, e fugio da prizão: e dos damnos que fez, e de outras cousas.*

DEixámos as cousas de Ceilão com a prizão de Tribuly Pandar, pai de ElRey da Cota, e com a chegada de D. Duarte Deça; agora continuaremos com as cousas que este verão succedêram. Entregue Dom Duarte da Capitanía de Ceilão, tratou ElRey com elle sobre a soltura de seu pai, fazendo-lhe muito grandes partidos, e dandolhe tódas as seguranças que quizesse, sem o poder acabar com elle. Corriam com este Principe os Padres de S. Francisco, a quem rogou que o fizessem Christão, porque estava affeiçoado ás cousas da nossa Fé, e porque em ninguem achára humanidade, e caridade senão nelles. Os Padres estimáram aquillo muito, e o catequizáram, e bautizáram, sem darem conta disso ao Capitão, porque receavam de lho impedirem; mas depois de feito, lho fizeram a saber. D. Duarte sentio-o tanto, por se fazer aquillo sem lho communicarem, que logo mandou lançar ao Tribuly hum façanhoso grilhão, e fechallo

a

a huma corrente, e tirar-lhe a communicação dos Frades, por cujo meio elle cuidava tiveſſe algum remedio, e todas as outras conſolações que hum prezo podia ter, com o que poz aquelle atribulado Principe em grande deſeſperação. A mulher, mãi de ElRey, (que, como diſſemos, eſcandalizada da prizão do marido, ſe tinha paſſado pera o lugar de Reigão,) como era mulher prudente, e varonil, ſendo aviſada do máo tratamento que ſe fazia ao marido, tratou de o tirar dalli por induſtria, já que não podia ſer por força; e tendo prática com algumas peſſoas de que ſe fiou, Portuguezes, que tambem eſtavam eſcandalizados daquelles exceſſos, peitou tanto, e deo tanto, que ordenáram huma mina no quintal dos Padres, onde a prizão reſpondia, que foi dar no lugar em que Tribuly eſtava, e por ella o tiráram huma noite, e foi lançado fóra da fortaleza. Ao outro dia, que deram rebate ao Capitão daquelle negocio, acudio a fazer ſuas diligencias, e prendeo algumas peſſoas, contra quem ſe não provou couſa alguma, e deſpedio logo recado ao Viſo-Rey do que era paſſado. O Tribuly tanto que ſe vio fóra da prizão, como levava no coração a mágoa do máo tratamento que lhe fizeram, ajuntando muita gente, que a mulher lhe tinha mandado, ſe foi pera a banda de Ga-

le,

le, e todas as Igrejas, e Chriſtãos que achou foi pondo a ferro, e a fogo, ſem perdoar a couſa alguma; e chegando a Gale, fez o meſmo, e queimou huma formoſa náo que alli eſtava já acabada, e no eſtaleiro, que era de hum Miguel Fernandes; e paſſando a Reigão, tomou a mulher, e ſe foi pera o lugar de Pelande, que ſería da Cota oito leguas, com tenção de fazer aos Portuguezes toda a guerra que pudeſſe.

ElRey ſeu filho tanto que teve aviſo de ſua fugida, e ſoube os damnos que fora fazendo, pezou-lhe muito, e lhe mandou pedir » que não quizeſſe proſeguir mais na» quelle negocio, nem lembrar-ſe do aggra» vo que lhe fizeram; mas que puzeſſe os » olhos no Madune ſeu inimigo, que fora » cauſa de todos aquelles trabalhos; e que » ſe ajuntaſſem todos em ſeu damno, por» que de outra maneira perder-ſe-hia aquel» le Reyno; » e iſto meſmo praticou com o Capitão, e lhe pedio » que eſquecidas as » couſas paſſadas, trataſſem das preſentes, e » que ſe armaſſem todos contra o Madune, » que eſtava poderoſo, e alterado com aquel» las deſavenças; e que ſoubeſſe de certo, » que ſe ſenão acudia a iſto muito de pro» poſito, que ſe havia de perder toda aquel» la Ilha, e ficar em poder do Rey inimi» go; e que ElRey de Portugal era o que

» niſ-

» nisso mais perdia, pois era Senhor daquel-
» le Reyno da Cota, e o commercio da-
» quella canela lhe importava muito. »

D. Duarte Deça considerando todas aquellas cousas, se concertou com ElRey contra o Madune, mettendo na liga o Tribuly Pandar, pera que fosse do lugar de Pelande, onde estava, com a sua gente contra Ceitavaca; e que ElRey mandasse o Camereiro mór com todo o poder, e sincoenta Portuguezes que lhe daria. Estes concertos jurou o Capitão de cumprir sobre hum Missal, e ElRey lhe deo logo mil cruzados pera ajuda dos gastos dos sincoenta soldados, e começou a negociar as cousas pera a jornada, pondo no campo o Camereiro mór perto de tres mil homens; e quando esperava pelos Portuguezes, que D. Duarte Deça ficou de lhe mandar, faltou-lhe com todos, mandando-lhe dizer: » Que os solda-
» dos não queriam servir sem paga, que lhe
» mandasse mais dinheiro pera isso. » ElRey como estava roubado, e despezo, não teve que lhe mandar; mas o Camereiro mór tirou huma arelhana de ouro, que valeria quinhentos cruzados, e lha mandou, pera que pagasse os sincoenta soldados. D. Duarte recebeo a arelhana, e lhe respondeo com vinte soldados que lhe mandou, e por Capitão delles João Coelho. ElRey sentio mui-

 to

to faltar-lhe aſſim D. Duarte Deça com o que tinha jurado; e não deixou de mandar proſeguir na empreza, e deſpedio o Camereiro mór com ordem, que ſe foſſe ver com o Principe das Corlas pera o metter na liga. Partido o Camereiro mór, chegou ao lugar de Madabe, aonde ſe vio com aquelle Principe, e concertou com elle, que o ajudaſſe contra o Madune por aquella banda, e lhe deixou quatrocentos homens pera ajuntar com a ſua gente. Feito iſto, commetteo o Camereiro mór com os Portuguezes as terras do Madune por huma parte, o Principe das Corlas pela outra, e o Tribuly Pandar pela outra de Pelande. Pela parte por onde o Camereiro mór entrou, lhe ſahio ao encontro o Capitão geral do Madune, com quem tiveram os noſſos alguns recontros, em que o desbaratáram. D. Duarte Deça, (ou que o Madune o mandaſſe peitar em ſegredo,) ſabendo eſta conjuração, pera que não favoreceſſe o Rey da Cota, ou que elle por cubiça do que delle eſperava ſe lhe offereceſſe, ou como quer que foſſe, elles trouxeram antre ſi intelligencias, que não foram tão ſecretas, que o Tribuly Pandar as não vieſſe a ſaber, e aviſou diſſo logo ao filho.

Vendo ElRey tamanha maldade, como era muito amigo dos Portuguezes, receando-ſe de alguma traição, mandou recolher

to-

todos com o Camereiro mór. O Tribuly vendo aquella injustiça do Capitão, e como por sima do que jurára se carteava com o Madune, quiz tambem remediar-se, e sanear-se com elle, e assim entráram em concertos, que se vieram a concluir por esta maneira.

» Que o Tribuly Pandar casasse com hu- » ma filha do Madune, já viuva, que tinha » huma filha, e que esta casasse com seu fi- » lho segundo irmão de ElRey; » e disto fizeram seus assentos, que logo se publicáram. ElRey tanto que o soube, sentio-o muito, porque entendeo da malicia do Madune, que todos aquelles concertos eram pera segurar o Tribuly seu pai, pera vir a lhe tomar o Reyno, que era o que elle pertendia. A Rainha velha avó de ElRey, e do Madune, (que era huma Senhora muito grave, e de grande prudencia,) vendo ElRey da Cota desamparado até de seu proprio pai, tomou comsigo o Camereiro mór, e se foi ao lugar de Reigão, onde o Tribuly estava; e vendo-se com elle, lhe fez sobre este negocio huma falla muito honrosa, que teve tanta força, que lhe fez remover todos os partidos, que tinha feito com o Madune, tornando a pôr as cousas de seu filho em melhores esperanças; e quiz Deos que acudisse esta Senhora primeiro, que se consum-

 mas-

maſſem os Matrimonios com o Tribuly ; porque ſe aſſim não fora, tudo ſe perdêra.

Declaradas eſtas couſas, foi D. Duarte Deça deſapoſſado, e em ſeu lugar ſuccedeo Fernão Carvalho, Alcaide mór de Columbo. ElRey, o Tribuly Pandar ſeu pai, e o Principe das Corlas (que por ordem da Rainha velha tornáram a jurar nova liga) ſe fizeram preſtes pera proſeguirem na guerra, pedindo ajuda de ſincoenta ſoldados a Fernão Carvalho, que lhos offereceo, e elles lhe deram logo quinhentos cruzados pera ſuas deſpezas. Poſtos todos em campo, quando ElRey mandou pedir os ſoldados ao Capitão, mandou-ſe-lhe eſcuſar, com dizer, que andavam pela coſta de Columbo alguns navios Malavares, e que hia acudir, por lhes não ſaquearem a terra ; e aſſim ſe foi ſem lhes mandar ſoldados, nem dinheiro. Vendo ElRey quanto de mal em peior lhe hia com aquelles Capitães, não deſiſtio da empreza, e mandou proſeguir nella. Os conjurados entráram pelas terras do Madune, e lhes desbaratáram ſeus Capitães muitas vezes, e o chegáram a eſtado, que mandou pedir miſericordia ao irmão, que como era bom homem, a teve delle, e fizeram novas pazes, com ſe effeituarem os caſamentos, que eſtavam concertados. Neſte eſtado deixamos eſtas couſas.

CA-

## CAPITULO XIII.

*De como o Turco teve o recado do Baxá de Baçorá, das couſas que Pirbec fez em Maſcate, e Ormuz: e de como mandou Moradobec, que lhe tornaſſe quinze galés ao porto de Moçá: e de como Pirbec chegou á Corte, e o Turco lhe mandou cortar a cabeça: e de como D. Diogo de Noronha ſe encontrou com Moradobec: e da muito notavel batalha que as galés tiveram com o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque.*

TAnto que Pirbec chegou a Baçorá, (como atrás diſſemos no Cap. X. deſte X. Liv.,) logo o Baxá aviſou pela poſta o Grão Turco das couſas que fizera em Maſcate, e Ormuz, e de como era partido com tres galés; e que ficava na fortaleza de Ormuz huma poderoſa Armada de Portuguezes, que acudio a ſeu ſoccorro. Com eſtas cartas lhe chegou tambem recado, que nas portas do Eſtreito de Meca ficava outra Armada (que era a de Pero de Taíde Inferno.) E receando-ſe o Turco que lhe entraſſe até a caſa do ſeu falſo Profeta, e que lha deſtruiſſem de todo, (porque ficava aquelle Eſtreito deſamparado,) aſſentou mandar levar quinze galés, das que Pirbec paſſou a Ba-

ço-

çorá, pera o Eſtreito de Meca, pera ſua guarda, e defensão.

Iſto ſoube Moradobec, Capitão que foi de Catifa, que andava na Corte muito deſconfiado de largar tão depreſſa aquella fortaleza a D. Antão de Noronha, como atrás diſſemos no Cap. XIV. do Liv. IX. E querendo remediar a quebra que por elle paſſára, metteo ſuas valias, pera que lhe déſſem aquella jornada, e aſſim lha concedeo o Turco, e o deſpedio logo pela poſta, dando-lhe por regimento, que ſe foſſe a Baçorá, e que das galés que lá levára Pirbec tomaſſe quinze, e com ellas ſe foſſe pera o Eſtreito de Meca, e andaſſe em guarda delle; e que as mais galés ficaſſem em Baçorá fazendo guerra aos Gizares.

Partido eſte Moradobec, a menos de hum mez chegou Pirbec a Conſtantinopla; porque chegando a Suez com as galés as varou, e tomou todos os theſouros, e Portuguezes cativos em camellos, e ſe paſſou a Alexandria, e dalli por mar a Conſtantinopla, aonde chegou muito confiado nas riquezas que levava, e com tudo ſe apreſentou aos pés do Turco. Mas como eſte Senhor, ainda que barbaro, não conſente corromper ſuas leis, nem ſeus mandados com theſouros, ou privanças, alli logo mandou cortar a cabeça a Pirbec por quebrantador de ſeus

re-

regimentos, e os Portuguezes mandou metter nas galés a banco, donde a mór parte depois se resgatáram, e vieram á India.

E tornando a Moradobec, deo-se tanta pressa, que chegou a Baçorá no fim de Julho; e negociando quinze galés que lhe melhor parecêram, mettendo-lhe a melhor artilheria, e os melhores soldados de todas ellas, se sahio pera fóra em Agosto. Dom Diogo de Noronha tambem na entrada deste mez se tinha partido de Ormuz com toda a sua Armada, e se foi pôr no cabo de Moçandão; e dalli despedio Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar com regimento, que fossem até Baçorá a tomar falla das galés, e que hum as ficasse vigiando, e outro lhe trouxesse recado do que achasse dellas.

Chegados estes navios á boca do rio Eufrates, tomáram hum terranquim com alguns Mouros, que lhes disseram como Moradobec ficava no mar com as galés pera sahir pera fóra. Com este recado se partio hum dos navios, e o outro ficou vigiando. Chegado este recado a D. Diogo de Noronha, preparou a sua Armada muito bem, e tornou a mandar o navio pera se ajuntar com o outro, pera lhe trazerem recado como fossem sahidas, e elle se deixou andar do cabo de Moçandão até á Ilha de Angão, aonde as galés forçado haviam de vir deman-

mandar. E ſendo já fim de Agoſto, chegáram as fuſtas a D. Diogo de Noronha, e lhe diſſeram, que alli atrás vinham quinze galés; e apôs eſte recado começáram de apparecer todos á véla de longo da coſta de Perſia com vento Ponente. D. Diogo de Noronha eſtava ſurto com toda a Armada da banda de Arabia; e em lhe dando o recado, mandou levar ancora, e dar á véla, e foi atraveſſando á coſta de Perſia; e chegando a tiro de bombarda das galés, ſe poz com ellas ás bombardadas, porque não ouſou de ſe chegar mais á terra pera onde as galés hiam mettendo de ló tudo o que podiam, e deſparando tambem ſua artilheria; e quiz a deſaventura que acertaſſe hum tiro da coxia no galeão do Capitão mór ao lume da agua, pela banda de gilavento, que o varou dentro, e começou a fazer tanta agua, que ſe hia ao fundo. Os Officiaes acudindo abaixo, víram o galeão que ſe hia alagando, e requerêram ao Capitão mór que voltaſſe em outro bordo, porque ſe perdiam. D. Diogo de Noronha o conſentio, ainda que contra ſua vontade, e os Officiaes viráram no outro bordo, e foram deitando rombos com muita preſſa. Era iſto ás dez horas do dia, em que o vento começou a calmar, e os galeões ficáram anhotos por eſſe mar, ſem governarem, divididos, e

apar-

apartados de feição, que o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque ficou da banda de Persia, affastado de toda a mais Armada hum tiro de espera. Moradobec vendo os favores do tempo, tomou as vélas, e foi com todas as galés demandar o galeão de Gonçalo Pereira; e chegando a elle, o rodeáram por todas as partes, e o começáram a bater furiosamente, descarregando nelle huma prolixa tempestade de pelouros; e depois que despendiam todas as cargas, tornavamse a affastar, e a carregar de novo, e a dar sua bateria por esta ordem. Gonçalo Pereira Marramaque tinha no seu galeão cento e vinte homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros muito nobres, e esforçados; e vendo que as galés o demandavam, puzeram-se em armas, e guarnecêram o galeão de suas arrombadas, tomando os Fidalgos a artilheria á sua conta com os bombardeiros; e assim com grande determinação esperáram os inimigos, em quem desparáram tambem sua artilheria, que se empregou de feição, que lhes desaparelháram as mais das galés. Mas como o galeão pelejava a pé quedo (como lá dizem) sem se mover de hum lugar, e as galés por causa do remo se chegavam, e recolhiam cada vez que queriam, puzeram o galeão em estado, que lhe não ficou cousa em que pôr

os

os olhos; porque todas as obras de ſima eſtavam desfeitas em muitas rachas, que feríram todos os do galeão, a mezena toda quebrada, os maſtros ambos rachados por muitas partes, e as vergas com as vélas por eſſe mar. Mas aſſim eſtava o piedoſo galeão no meio de todas as galés, como hum formoſo, e forte baluarte, deitando chammas de fogo, e coriſcos por todas as partes; e todos os ſoldados, ainda que feridos de muitas feridas, tão esforçados, e animoſos, que deſejavam que as galés os commetteſſem de bordo a bordo, pera ſatisfazerem nos Turcos o furor com que todos andavam. Gonçalo Pereira Marramaque moſtrou eſte dia os quilates de ſeu ſangue, e esforço, apreſentando-ſe ſempre nos lugares mais perigoſos, ainda que alli não havia algum que o não foſſe, e eſtiveſſe, e em tudo era companheiro de todos, aſſim nos trabalhos, como nas feridas, porque tambem trazia tres muito crueis fréchadas por ſeu corpo.

D. Diogo de Noronha vendo aquella braveza, e que não podia ſoccorrer o ſeu galeão, esbravejava como homem ſem ſiſo, queixando-ſe de S. Lourenço, porque lhe não dava vento pera o ſoccorrer, dizendo-lhe » que era hum mancebo, e que lhe » roubava ſua honra; » e com eſta paixão mandou eſquipar todos os bateis dos galeões,

e

e dar-lhes toas, pera ver ſe podiam chegar alguma couſa, mas tudo era em vão; e deſpedio todos os navios de remo, pera que foſſem favorecer o galeão, no que ſeus Capitães trabalháram bem, chegando alguns muito perto das galés; mas como ellas tinham rodeado o galeão, não foi poſſivel poderem chegar a elle. Gonçalo Pereira não lhe ficava couſa alguma por fazer, porque tudo corria, e tudo via com os olhos, fazendo bem o officio de Capitão muito animoſo, e prudente. O Meſtre, e o Piloto, que eſte dia trabalháram como Elefantes, não ſe reſguardando dos perigos, foram mortos de eſpingardadas, porque de todas as partes choviam pelouros, e fogo, e nuvens de fréchas ſobre o galeão, de que todos os noſſos andavam empenados por muitas partes. Em fim, todos pelejáram tanto, que não houve algum que não tiveſſe inveja aos companheiros que tinha apar de ſi.

Franciſco da Cunha, homem Fidalgo, pelejou ſempre com hum falcão com muito valor, e deſtreza, fazendo tiros tão certos, como ſe toda a vida uſára aquelle officio. E poſto que eſta batalha era merecedora de ſe engrandecer com mais alto eſtilo, e com muitas mais palavras, nós o deixámos de fazer, porque nos falta pera iſſo tudo; baſta que a briga durou até horas

de

de vefpera , em que a viração começou a ventar , e os galeões fe foram chegando. Moradebec tanto que vio ventar o vento , achando-fe com todas as galés deftroçadas, houve por melhor confelho tornar-fe pera Baçorá; e tomando o remo em punho, fe encoftou á cofta de Perfia, e de longo della tornou a voltar pera dentro , ficando-lhe a náo, que era de João Nunes Homem , que he a que Pirbec tomou em Ormuz, que levavam carregada de artilheria , munições , e mantimentos pera provimento da Armada.

D. Diogo de Noronha chegou ao galeão de Gonçalo Pereira Marramaque , que fenão via delle mais que o cafco ; e mettendo-fe no batel, foi a elle. Gonçalo Pereira o efperou a bordo com todos os feus foldados , banhados em feu proprio fangue , e cheios de polvora, e fuor, e empenados de muitas fréchas por todas as partes. Subindo D. Diogo de Noronha affima, foi Gonçalo Pereira Marramaque pera o abraçar, e elle lhe diffe : » Affaftai-vos, Senhor, pera lá , » que a vós não quero eu abraçar ; nada fe » vos deve, porque o que vós fizeftes, vof» fo fangue, e honra vos obrigou a iffo, e » do ventre de voffa mãi trouxeftes effas obri» gações; a eftes foldados fim, » e abraçou a todos hum e hum , enchendo-fe de feu

fan-

ſangue, e de ſeu ſuor, dizendo a todos palavras de muitos, e grandes louvores.

As peſſoas principaes que aqui ſe acháram com Gonçalo Pereira Marramaque, são as ſeguintes: D. Affonſo Henriques, Luiz Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul, e ſuſtentou o famoſo cerco que o Zamaluco poz áquella fortaleza o anno de ſetenta e hum, Jorge de Souſa ſeu tio, André Pereira de Berredo, D. Leoniz Pereira, filho do Conde da Feira, Dom Luiz Pereira, Manoel Furtado Machado, Sebaſtião Machado, Diogo Nunes Pedroſo, Vaſco de Reboredo, Leonel Pereira, Franciſco da Cunha, Chriſtovão de Araujo Evangelho, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Dom Diogo de Noronha deixou algumas fuſtas com Gonçalo Pereira pera o levarem a Ormuz; e elle com a mais Armada foi apôs as galés, que hiam cozidas com a terra. Os noſſos navios ligeiros foram demandar a náo, que lhes hia fugindo, até a vararem na Ilha de Queixome, onde os Turcos ſe lançáram ao mar pera ſe ſalvarem em terra; mas a mór parte delles perecêram á eſpada, ficando a náo com todo ſeu recheio em poder dos noſſos. D. Diogo de Noronha foi ſeguindo as galés, que ſe foram mettendo por antre as Ilhas, e a terra firme, aonde os noſſos galeões não podiam chegar, e aſſim foram

ram até entrarem pela boca do Eſtreito de Baçorá, e rio Eufrates dentro, ſeguindo-as a noſſa Armada ſete dias continuos até as enſacar. D. Diogo de Noronha tanto que as vio recolhidas, não tendo alli mais que fazer, voltou pera Moçandão, aonde ſe deixou andar, em quanto duráram os Ponentes; e como ſe acabáram, ſe foi pera Ormuz negociar-ſe pera ſe partir pera a India, como tinha por regimento.

## CAPITULO XIV.

*Da Armada que eſte anno de ſincoenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão de Alvares Cabral: e das couſas em que ElRey mandou prover: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha partio pera Cochim.*

ENtrando o verão, ſendo poucos dias de Setembro, chegáram á barra de Goa duas náos do Reyno: huma de que era Capitão D. Jorge de Menezes o Baroche, da companhia de Fernão Soares de Albergaria, que ficou o anno paſſado invernando em Moçambique; e a outra era a náo S. Bento, em que vinha Fernão de Alvares Cabral, que o Março atrás paſſado de ſincoenta e dous tinha partido do Reyno por Capitão mór de quatro náos, e dellas ſó eſta chegou a Goa.

Das

Das que faltavam eram Capitães, Belchior de Sousa da náo Santa Cruz, que com tempo arribou ao Reyno. D. Paio de Noronha da náo Rosario, que ficou invernando em Moçambique. E Ruy Pereira da Camara, que foi em Novembro tomar Cochim, como adiante diremos. O Viso-Rey recebeo muito bem o Capitão mór, que lhe entregou o saco das vias, onde achou algumas instrucções de cousas, em que ElRey mandava prover logo, e de algumas daremos razão, porque convem assim á historia.

Achou o Viso-Rey hum Alvará, em que lhe mandava ElRey » que logo, tanto que » aquelle visse, tornasse a ElRey de Ceilão » todo o dinheiro, e joias que lhe tomára; » e que sendo algumas vendidas, se lhe pa- » gassem pela avaliação; » porque se houve ElRey por muito desservido das cousas que o Viso-Rey usou com aquelle Rey, de que o reprehendeo por cartas. O Viso-Rey começou logo a dar execução ao Alvará, e despedio o galeão da carreira de Ceilão, aonde mandou embarcar Affonso Pereira de Lacerda, que proveo da Capitanía daquella Ilha, mandando vir D. Duarte Deça, e por elle mandou áquelle Rey todas as joias, que ainda estavam por vender; e dos mais, que poderiam ser perto de duzentos mil pardáos, ficou feita declaração na receita de Bel-

chior

chior Botelho (ſobre quem tudo eſtava carregado) pera ſe lhe ir pagando pouco e pouco; mas de tudo não logrou o pobre Rey vinte mil pardáos, por pedaços, e por peças que lhe mandáram, porque tudo o mais ſe lhe deſcontou, parte nas pareas, e a mór quantidade em dadivas, e mercês que fez a Capitães, Alcaides móres, Secretarios, Fidalgos, Officiaes, e criados dos Viſo-Reys, e Governadores. E neſtas dadivas ſe cumprio bem aquelle adajo velho, que diz: » Mouro que não podes haver, dá-o por tua » alma. » Aſſim eſte Rey vendo que não podia arrancar das mãos dos Governadores, que depois ſuccedêram até Mathias de Alboquerque, o que ſe lhe devia, fazia mercês largas aos que lhas pediam, que ſe pagavam por intelligencias, que pera iſſo todos tinham; injuſtiça muito grande, e muito uſada na India, não ſe pagar aos homens o dinheiro, a fuſta, o mantimento, o cairo, e tudo o mais que ſe toma pera as Armadas, e pagar-ſe a outros com quem ſe elles concertão pela terça parte. E deixando eſta materia, e outras em que vimos pouca ſatisfação, e menos emenda, tornemos a noſſo fio. Ficou eſte Rey puxando pelos Governadores, e Viſo-Reys pela ſua divida, ſem nunca lha poder arrancar das mãos, até o anno de ſincoenta e oito, que ſendo Gover-

ver-

vernador Francifco Barreto , vendo quanto aquelle Rey apertava com elle, poz aquelle negocio em Relação , depois do Procurador de ElRey vir com hum Libello contra aquelle Rey : pelos Defembargadores foi fentenciado, que não eftava ElRey obrigado a lhe pagar coufa alguma, porque muito mais tinha defpendido o Eftado em Armadas, que lhe mandava de foccorro.

Efta fentença parece que não houve por boa ElRey D. Filippe , depois que fuccedeo nos Reynos de Portugal , porque no anno de oitenta e finco paffou hum Alvará, affignado pelo Cardial Alberto, Regente do Reyno, em que mandava, » que não fe fizeffe mais pagamento ás peffoas, a quem a» quelle Rey da Cota déffe fuas dividas; e » que á conta dellas lhe déffem cada anno » o que lhe coftumavam a dar de entretimen» to , que eram mil pardáos ; » como melhor , e mais largamente declararemos na noffa decima Decada , porque aqui não fazemos mais que referillo , por irem eftas coufas todas juntas.

Mandou ElRey tambem outro Alvará, em que mandava, » que prendeffem Bernal» dim de Soufa , e que lhe tomaffem toda » fua fazenda , porque fora metter ElRey » Aeiro de poffe do Reyno de Maluco ; » e fegundo nos differam , que o mandava El-

Rey levar prezo pera o Reyno ; mas eſtes papeis nem os vimos, nem os achámos. E pera fazer eſta execução, mandou ElRey na náo com Fernão de Alvares Cabral o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, porque a não quiz fiar de Pero Soares, irmão de André Soares, que na India ſervia de Procurador da Coroa; porque tinha obrigações á caſa do Governador de Lisboa, irmão de Bernaldim de Souſa. Eſta execução aſſim crua mandava ElRey fazer, porque lhe eſcreveo Jordão de Freitas de Maluco, que fora muito contra ſeu ſerviço levar Bernaldim de Souſa ElRey Aeiro a Maluco, e mettello de poſſe daquelle Reyno; porque como todos os deſgoſtos paſſados antre ElRey D. João, e o Imperador Carlos V. ſeu cunhado, foram ſobre o direito das Ilhas de Maluco, cujas differenças ceſſáram pelo empenho, de que na quarta Decada no Cap. I. do Liv. VII. fizemos menção, que tanto que os Reys Catholicos tornaſſem os trezentos e ſincoenta mil cruzados, logo ſe tornaria a contender ſobre o meſmo direito, como os póvos de Heſpanha muitas vezes lhe requerêram. O que não poderia fazer, ſe Bernaldim de Souſa não mettêra de poſſe ElRey Aeiro, tendo-a elle Jordão de Freitas tomado por ElRey D. João de Portugal, por virtude do teſtamento de ElRey D. Manoel,

que

que morreo em Malaca, porque ſe ficavam acabando as contendas todas; porque já El-Rey de Portugal, além do direito que allegava da poſſe, e propriedade, ficava-lhe agora muito melhor pela herança, como verdadeiro herdeiro de ElRey D. Manoel de Maluco, que o conſtituio por eſſe, por não ter filhos, nem irmãos legitimos. E como iſto importava tanto, e ElRey não tinha outra informação mais que a que lhe mandou Jordão de Freitas, mandava fazer aquella execução em Bernaldim de Souſa, eſtando elle ſem culpa, pois fora por mandado do ſeu Governador, ſobre ſentença dada na Relação de Goa, porque julgáram ElRey Aeiro por Rey de Maluco; e pera o metterem de poſſe delle, mandou o Governador Dom João de Caſtro a Bernaldim de Souſa, como no principio deſta ſexta Decada no Cap. IV. do Liv. I. fica dito.

O Viſo-Rey como eſtava informado daquelle negocio, e ſabia a pouca, ou nenhuma culpa, que Bernaldim de Souſa tinha, o mandou prender, e eſcrever-lhe a fazenda pera melhor ſe poder livrar. E vendo que lhe era neceſſario acudir ás couſas de Cochim, pela guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia, começou a ſe preparar, e a fazer pagamento aos ſoldados, e a pôr a Armada no mar. E dando deſpacho a muitas

cousas apressadamente, entregando o governo aos Deputados, se embarcou no fim de Novembro, e deo logo á véla com toda a Armada, que era de mais de cem vélas. Os Capitães que o acompanháram nesta jornada, dos que pudemos saber os nomes, são os seguintes.

Seu filho D. Fernando de Menezes, Bastião de Sá, Vasco da Cunha, D. Antonio de Noronha, Francisco de Mello Pereira, e Francisco de Sousa em galés. D. Pedro da Silva da Gama, Antonio Moniz Barreto, Francisco Barreto, D. João de Almeida, filho do Contador mór, e Pero de Taíde Inferno em galeotas latinas. Gil Fernandes de Carvalho, Fernão de Castanhoso, e Belchior Botelho em galeões. Pero Botelho, Alvaro de Mendoça, Manoel Mascarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e Affonso Basto em caravelas. O Veador da Fazenda Simão Botelho, Gomes da Silva, Duarte Paes de Mello, Jorge Pereira Coutinho, D. Diogo de Taíde, D. Jeronymo de Castello-branco, Gil de Goes, Gomes Furtado, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros em fustas. O Viso-Rey hia embarcado na galé Reliquias, e com elle Bernaldim de Sousa, que já estava solto pera se livrar, e lhe tinha recebido sua contrariedade, e D. Alvaro de Noronha, filho do Vi-

Viſo-Rey D. Garcia, que tinha já chegado de Ormuz de ſer Capitão, e outros muitos Fidalgos velhos, e dada á véla, foram ſeguindo ſua derrota.

## CAPITULO XV.

*De algumas couſas que acontecêram ao Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha até chegar a Cochim: e dos conſelhos que tomou ſobre dar no Chembe: e de como ſe aſſentou darem nas Ilhas alagadas, e de como as deſtruíram.*

CHegando o Viſo-Rey a Cananor, chegou a elle huma fuſta que vinha de Cochim, que trazia as vias da náo, de que era Capitão Ruy Pereira da Camara, que havia poucos dias que era chegado áquella Cidade. O Viſo-Rey as abrio, e achou nellas hum Alvará, em que lhe mandava « que ſe » não ſerviſſe em couſa alguma de D. Dio- » go de Almeida, filho do Contador mór, » porque o tinha riſcado de ſeus livros, » pelas razões que atrás diſſemos no Cap. XVI. do Liv. IX. O Viſo-Rey ſentio aquillo muito por ſer amigo daquelle Fidalgo, e porque tinha elle partes pera puxarem por elle todos os Viſo-Reys, e Governadores. E porque não podia remediar aquelle negocio, por lhe não deixar ElRey lugar algum aber-

to pera iſſo, tratou logo de o mandar tirar da fortaleza de Dio em que eſtava, porque ſoubeſſe ElRey pelas náos o como cumpria ſeus mandados; e pera iſſo commetteo alguns Fidalgos pera irem tomar poſſe daquella fortaleza, pera ſe D. Diogo vir pera elle; mas nenhum a quiz acceitar, aſſim por não irem deſapoſſar D. Diogo de Almeida, como por não ſe embaraçarem por dous, ou tres mezes naquelle negocio; porque tinha aquelle anno vindo do Reyno aquella Capitanía a D. Diogo de Noronha o Corcôs, que como chegaſſe de Ormuz, forçado havia de ir entrar nella. Só D. Jorge de Menezes Baroche a acceitou, o que lhe todos eſtranhâram, porque diziam, » que aquella diligencia havia o Viſo-Rey de mandar fazer por hum Deſembargador; que aquillo era mais profiſsão de hum Bacharel, que de hum Fidalgo tão honrado, » e ſobre iſſo lhe fizeram muitas trovas; mas elle por ſima de tudo ſe partio logo em huma fuſta muito ligeira, e foi ſeu caminho em que o deixaremos.

D. Diogo de Noronha o Corcôs chegou a Goa com toda a ſua Armada, poucos dias depois do Viſo-Rey ſer partido; e tomando mantimentos, e agua, deo logo á véla apôs elle, e o foi tomar na barra de Cochim, porque foi o Viſo-Rey fazendo deten-

tença em Cananor, e Chalé. O Viso-Rey o recebeo bem, e a todos os seus Capitães, principalmente a Gonçalo Pereira Marramaque, pela grande vitoria que houve das galés. O Viso-Rey deixando fóra todos os galeões, e caravelas, entrou pela barra dentro nas galés, e em todos os navios de remo; e passando pela Cidade, que o salvou soberbissimamente, foi aquella noite surgir no castello de sima, aonde foi visitado dos Vereadores, e principaes da Cidade.

Alli teve hum conselho geral, em que se assentou, que desembarcasse no Chembe, e destruisse aquelle Reyno. Com esta resolução foi surgir com toda a Armada defronte do Chembe. Alli teve outro conselho, em que os principaes de Cochim tornáram a revogar o passado, dizendo, » que não era » bem que déssem no Chembe, porque ti- » nham espias, que estava aquelle Rey mui- » to fortificado, e com grande poder, e que » se arriscaria a muito, mas que déssem no » Pagode de Baiqueta, que he na mesma » Ilha, e que o destruissem, e assolassem, » porque era a mór affronta, e damno que » se podia fazer áquelle Rey. »

Com este parecer foi o Viso-Rey surgir com toda a Armada defronte deste Pagode; e ordenando a desembarcação em terra, se deteve nisso por espaço de tres dias. No cabo

bo delles tornou a haver outro confelho, em que fe affentou, « que foffem dar nas » Ilhas alagadas, que eram daquelle Rey, » por fer o mais importante rendimento de » feu Reyno, e de que ElRey fe fuftentava, » por ferem de palmares fertiliffimos, que » era toda fua fubftancia. » Com efta ultima refolução fe levou o Vifo-Rey, e foi furgir no mar largo defronte de Tecancute, e alli ordenou a defembarcação no modo que havia de fer, que foi por efta maneira.

Que o Vifo-Rey com os Capitães, e gente de fua Armada defembarcaffem pela banda do Sul; João da Fonfeca, Capitão de Cochim, com todos os cafados, e gente de ElRey de Cochim pela banda do Norte; pera o que fe ordenáram muitos tones, e embarcações pequenas pera entrarem por aquelles efteiros.

Affentado ifto, mandou o Vifo-Rey a Francifco Barreto, e a Bernaldim de Soufa que foffem cada hum em feu navio ligeiro ver, e notar a parte por onde elle havia de defembarcar, pera verem fe tinha algum impedimento. Eftes Fidalgos fe embarcáram em os navios, e foram ambos juntos demandar o rio; e antes de chegarem a elle algum efpaço, acháram o Siqueira Malavar, que era o homem que melhor fabia todas aquellas entradas que todos; e fabendo ao que hiam,

hiam, chegou-se a Bernaldim de Sousa, e lhe disse, « que não hiam bem, porque se » entrasse o rio, que nenhum delles havia » de tornar, porque estava atravessado de es- » tacadas grossas, e que era tão estreito, que » não podiam voltar nelle; e que os inimi- » gos de sima das barranceiras os haviam de » matar hum, e hum ás fréchadas, e espin- » gardadas. » Bernaldim de Sousa lhe respon- deo « que fosse elle dizer aquillo ao Viso- » Rey, porque elles não haviam de deixar » de ir seu caminho. » O Siqueira voltou pe- ra a galé, e disse ao Viso-Rey « que pera » que arriscava aquelles Fidalgos? que os » mandasse recolher, porque hiam perdidos; » que quem havia de entrar o rio, havia de » passar ávante, porque não podia tornar a » voltar; que devia de entrar com todo o » poder, e ir desembarcar na Cidade, e » que perigasse quem perigasse, porque for- » çado na entrada havia de haver damno. » O Viso-Rey mandou logo capear as fustas pera que se tornassem. Bernaldim de Sousa, depois que se apartou delle, chegou-se a Francisco Barreto, e lhe perguntou se hia confessado? e com isso lhe contou tudo o que passára com o Siqueira. Ouvindo Fran- cisco Barreto aquillo, lhe perguntou o que fariam? Já não ha que tomar conselho, lhe respondeo Bernaldim de Sousa, senão pas-

ſar ávante, e encommendar a Deos; e foi remando. Em quanto eſtiveram neſtas práticas, vio hum pagem de Bernaldim de Souſa capear, e lho diſſe, e Bernaldim de Souſa pelejou com elle, e lhe diſſe que ſe calaſſe. E paſſando ávante, lhe atiráram huma bombardada, e apôs ella deſpedio o Viſo-Rey a ſua manchua apôs elles. A' bombardada diſſe Franciſco Barreto a Bernaldim de Souſa, que aquillo era chamallos; Bernaldim de Souſa lhe reſpondeo, que bem podia ſer que foſſe outra couſa; e foi remando, até que a manchua chegou a elles, e lhes diſſe que o Viſo-Rey os chamava. Com iſto voltáram ambos de melhor vontade do que hiam; o que não fizeram ao primeiro ſinal por pura deſconfiança.

Recolhidos á galé, mandou o Viſo-Rey negociar as fuſtas todas, e fazer arrombadas pera o outro dia deſembarcar. E tanto que rompeo a manhã, abalou o Viſo-Rey com todos os navios ligeiros, e ſeu filho D. Fernando de Menezes, e Franciſco Barreto na dianteira, e diante delles o Siqueira, e os mais Capitães Malavares; e chegando ás eſtacadas, as arrancáram com muito trabalho, e riſco, porque os inimigos de ſima dos vallos deſcarregáram ſobre elles nuvens de fréchas, com que feríram muitos dos noſſos. Tirado eſte impedimento, en-

entráram os navios todos a fio até chegarem ás Ilhas, em que haviam de desembarcar, onde saltáram D. Fernando de Menezes, e Francisco Barreto com suas bandeiras, o que fizeram a poder de bombardadas, e espingardadas.

Franqueada a desembarcação, chegou o Viso-Rey a terra, e desembarcou com todo o poder, e começou a assolar, e destruir, e pôr a ferro, e a fogo todas aquellas Ilhas daquella parte, matando, e cativando muita gente; e depois de não haver cousa alguma em pé, se tornou a embarcar, e se foi pera a Armada. João da Fonseca, Capitão de Cochim, com a gente de sua companhia desembarcáram pela parte do Norte, e entráram naquelles esteiros, que estavam tambem entupidos com estacadas; e depois de as desfazerem, e arrancarem, saltáram em terra, e mettêram tudo a ferro, e a fogo, matando, e cativando muita gente. Depois que João da Fonseca fez a mór destruição que podia ser, mandou seu filho Antonio de Siqueira com recado ao Viso-Rey do que era passado, que elle estimou muito a vitoria que tinha havido, por não perder naquella jornada mais que hum homem; e logo o despedio, mandando dizer a João da Fonseca, que se recolhesse pera elle, como fez.

O Viso-Rey vendo que tinha bem castigado aquelle Rey, e que era necessario acudir á carga das náos, se partio pera Cochim, deixando por aquelles rios Gomes da Silva com doze, ou quinze embarcações ligeiras pera ir continuando na guerra. Neste estado os deixaremos hum pouco, porque he necessario continuarmos com o que neste tempo succedeo em Cambaya.

## CAPITULO XVI.

*Das revoltas que houve no Reyno de Cambaya por morte de Soltão Mahamude: e como D. Diogo de Almeida deo na Cidade de Dio, e a destruio.*

SOltão Mahamude, Rey de Cambaya, era tão máo, e tão cruel, que aborrecia a todos os vassallos. E de muitas brutalidades, que delle se contam, só duas diremos pera prova bastante de sua maldade. Huma dellas he: tinha este barbaro trezentas mulheres de suas portas adentro, de que usava; destas, toda a que emprenhava delle, (porque de outrem não podia ser pelo grande resguardo com que as tinha,) tanto que era de tempo, lhe mandava abrir a barriga, e tirar-lhe o filho, ainda palpitando, recreando-se naquella deshumanidade. A outra he: costumava elle ir muitas vezes

a

a huns Paços de prazer que tinha fóra da Cidade, em que eſtava o mais rico, e curioſo jardim de quantos lemos de todos os Imperadores do Mundo; porque deixando aguas, fontes, eſguichos, tanques, boninas, e hervas freſquiſſimas, e ſuaves: todas as arvores de todas as ſortes das do Oriente que alli tinha, que eram muitas, todos os ſeus troncos, dos pés do chão até á rama eram forrados de veludos de cores, de borcados riquiſſimos, e de outras ſedas muito curioſas, que todos os verões as renovavam, porque nos invernos apodreciam a mór parte. Havia neſte jardim todas as aves bravas, e domeſticas, que ſe podiam imaginar, e todas as alimarias, porcos, veados, gazellas, e todas as mais que elle coſtumava amontear. Andando eſte barbaro hum dia neſte jardim á caça com ſuas mulheres, correndo apôs hum veado, cahio do cavallo, e ficou dependurado por hum pé, levando-o o cavallo a raſto hum eſpaço. Huma daquellas mulheres, que ficou mais perto delle, teve tal acordo, que arrancou de hum alfange, e cortando o loro do eſtribo, ficou ElRey no chão eſtirado hum pouco, e maltratado, e o cavallo paſſou por diante. Levantando-ſe ElRey, em lugar de pagar á pobre mulher a vida que lhe deo, (porque ſem dúvida o cavallo o eſpedaçára, ſe ella o não li-

livrára,) chegando-se a ella, a matou, dizendo, que mulher de tamanho animo, e determinação tambem o poderia hum dia matar.

Deste barbaro cruel se affirmava, que de moço se começou a crear com peçonha; e assim como veio a ser Rey, logo começou a usar de espantosas cruezas, e a temer-se de tudo, e de todos, não se fiando de cousa alguma, (que este he o mór trabalho que todos os tyrannos tem, e a mór vingança que se lhes póde desejar; como se lê de Dionysio de Sicilia, que fallava ás partes de sima de hum eirado, e que nunca fazia a barba, por não entregar a garganta nas mãos de algum barbeiro; e affirmão os Escritores, que elle mesmo a fazia com tições de fogo.) Assim este tyranno Soltão Mahamude não se fiava de pessoa alguma, mais que de hum pagem que lhe tinha a chave da sua agua, que elle creou de menino sempre dentro na sua camara, donde lhe nunca sahia, que se chamava Borandim. Este ou que fosse induzido de alguns, ou que o demonio lhe mettesse em cabeça que podia ser Rey, estando o Mahamude dormindo huma noite, o matou ás punhaladas, e metteo em segredo no Paço alguns Capitães de sua valía. Morto ElRey, mandou Borandim logo recado a todos os Capitães principaes, que

que na Corte havia, a chamallos da parte de ElRey; e assim como chegavam, os recolhia pera dentro, e lá os matava, e isto fez a dezesete. Só dous, chamados Mostafá Carman, e Bearcan Abexim, deixou vivos recolhidos em huma camara, porque eram grandes seus amigos, e tratou de os grangear, pera que elles consentissem em sua tyrannia, e o sustentassem nella.

Antre os Capitães que chamáram, foi hum Aimiticão, Gentio de nação, que se tinha feito Mouro. Este como era muito prudente, e prevenido, dando-lhe o recado da parte de ElRey a deshoras, cousa não costumada, parecendo-lhe mal aquelle negocio, se sahio logo fóra da Cidade, e foi-se metter em huma Mesquita. Borandim tanto que amanheceo tomou as insignias reaes, e se poz na cadeira, e mandou chamar Mostafá Carman, e Bearcan, e lhes fez grandes promessas, pera que lhe fizessem a veneração como a seu Rey, o que fez Bearcan Abexim; mas Mostafá Carman dissimulando com o negocio, sahindo-se pera fóra, se poz em hum cavallo muito ligeiro, e se partio pela posta pera Baroche a dar rebate a Madre Maluco, genro de Coge Çofar, que era hum dos Regedores do Reyno.

A morte de ElRey divulgou-se logo pela Cidade, e acudíram todos ao Paço a saberem

rem o que aquillo era. Antre todos estes foi Xavascan, Guzarate de nação, Capitão muito animoso, e de grande posse; e entrando na casa em que Borandim estava, que o vio com as insignias de Rey, ficou embaraçado. Borandim lhe disse, » que lhe fizesse a ve» neração como a seu Rey, que elle lhe fa» ria muitas honras, e mercês. » O Xavascan, que era homem muito determinado, entendendo que o Rey era morto, embebeo hum arco, e deo com huma setta pelos peitos a Borandim, dizendo, » que elle não » fazia veneração a hum escravo de ElRey » Borandim cahio logo morto; e indo-se o Xavascan recolhendo, as mulheres de ElRey que estavam nas janellas, que cahiam sobre a casa em que isto passou, vendo cahir o Borandim, embebeo huma dellas hum arco, e atravessou o Xavascan por huma espadoa com huma setta, dando com elle logo morto no chão.

Os criados da casa de ElRey acudíram ao Paço, e achando-o morto, o enterráram com pompa real em huma mesquita muito rica, e formosa, que pera isso tinha feita; e o mesmo fizeram os criados dos Capitães, que Borandim tinha mortos, e ao mesmo Borandim, ficando assim a cousa aquelle dia, e o outro, sem saberem determinar o que haviam de fazer.

Mos-

Mostafá Carman, que partio pela posta pera Baroche, deo-se tanta pressa, que chegou aquella noite; e dando as novas a Madre Maluco do que passava, logo ao outro dia ajuntando dez, ou doze mil homens, partíram pela posta pera a Corte; e o mesmo fez Itimitican, que se tinha acolhido pera huma Villa sua pera dalli se pôr em cobro. E assim acudio outro Capitão, chamado Cide Mombareque, que tambem era de grande posse; e cada hum destes tinha dez, ou doze mil homens de sua obrigação.

Estes todos chegáram á Corte juntamente; e entrando nos Paços, souberam tudo o que era passado; e vendo-se sem Rey, compuzeram-se entre si de feição, que repartíram todos os thesouros reaes irmãmente, ficando todos tres de posse dos Paços, e o Madre Maluco levantou hum arco com hum coldre de fréchas, sobre hum alto do throno Real, e lhe fizeram todos a veneração como a Rey, até se mandar trazer hum moço, que Madre Maluco dizia que era filho do Rey morto, e que se creára em huma aldeia com muito segredo; porque a mãi tanto que se sentio prenhe, temendo-se que ElRey a matasse, como fazia a todas, soube-se encubrir de maneira, que nunca se sentio seu parto, nem emprenhidão; e parin-

do o menino, teve modo com que o deo a quem o levou eſcondidamente ſem ſe ſaber, e ſó Madre Maluco dizia que ſabia delle; mas outros affirmavam que tal não era, e que o fingia o Madre Maluco filho de El-Rey, pera com aquella capa ficar tyrannizando o Reyno.

Em fim como quer que foſſe, elle mandou trazer o moço, que ſe chamava Hamedoxá, que ſería de ſete, ou oito annos, que foi havido por filho de ElRey; e aſſentado na ſua cadeira, e alli venerado por tal de todos os Capitães, ficando em poder de Madre Maluco, como Regedor, e peſſoa principal pera o crear como ſeu Ayo; não tendo o moço eleição de querer em nenhuma couſa, porque tudo governava, e mandava o Ayo abſolutamente, ſem lhe ninguem ir á mão pela muita poſſe que tinha.

Divulgadas eſtas novas por todas as Provincias do Reyno, logo os Governadores dellas lançáram mão de tudo o que tinham, entendendo que o Madre Maluco tratava de tyrannizar o Reyno. Os Capitães que ſe levantáram, são os ſeguintes.

Cide Mombareque com as Cidades de Cambayete, Mamadabá, Deolcá, e outras.

Alucan com a Cidade de Damão, e com todas as ſuas Tanadarias, deſde Bolcar até o rio de Agaçaim. Abixcan Abexim com as ter-

terras de Dio, des da ſerra de Uná até a de Junager, e fez ſua reſidencia na Villa de Novanager, duas leguas de Dio, de cuja Cidade tambem lançou mão, e mandou metter nella hum Capitão Abexim, chamado Cide Elal, e mandou Embaixadores a D. Diogo de Almeida, Capitão daquella fortaleza, a lhe pedir pazes com as condições, que eſtavam feitas; e que ficaſſe a Alfandega correndo ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o Cide Elal, e que teriam ambos ſeus Officiaes nella, como eſtava aſſentado pelo contrato das pazes, que fez D. Garcia de Noronha, e depois Dom Eſtevão da Gama.

Tartacan ſe alevantou com a ſerra de Junager, que era couſa inexpugnaviliſſima, e com toda a ſua Comarca, que ſe eſtendia até o Pagode de Jaquete, e mais de vinte leguas pelo certão dentro. Paſſado Cide Elal á Cidade de Dio, poz logo Officiaes na Alfandega, e renovou a fortaleza velha, que eſtava ſobre hum tezo fóra da Cidade, que foi a antiga de Melique As, e ſe metteo nella com trezentos homens de guarnição. E como todos os Mouros são por natureza ſoberbos, e entendêram no ſeu Capitão inclinação contra os noſſos, tanto que ſe encontravam na ſua Cidade, aonde os noſſos ſoldados Portuguezes hiam comprar as couſas

que haviam mifter , faziam-lhes affrontas , vexações , e defprezos grandes , que elles foffriam , porque lho tinha affim encommendado o Capitão. Em fim chegou a coufa a tanto , que mandou D. Diogo de Almeida recado ao Cide Elal » pera que provesse naquillo , e caftigaffe os feus foldados , porque não vieffem a rompimento com os Portuguezes ; porque fe lhes tinham foffrido muitas coufas , era por lho elle affim ter mandado , porque defejava de confervar com elle a amizade , e vizinhança ; e que fenão proveffe naquillo , que o faria elle com dar licença aos feus pera fe fatisfazerem de quem os aggravaffe. » O Abexim refpondeo-lhe bem , e com grandes cumprimentos ; mas todavia os feus não fe emendáram , nem deixáram de ufar fua foberba. Encontrando os noffos , como os achavam na fua Cidade , de má feição , trocendo-lhes os bigodes , e outras roncas femelhantes.

D. Diogo de Almeida , a quem os foldados fizeram queixume , vendo que todo o mais foffrimento ficava em defcredito , determinou de caftigar os Mouros ; e ajuntando os Portuguezes que havia na fortaleza , que feriam perto de quinhentos , deixando o Alcaide mór em guarda da fortaleza com alguns , deo huma madrugada na Cidade , e commettendo as cafas dos Mouros , que eram

eram conhecidas, (porque nos naturaes não quizeram tocar, ) e entrando-as, matáram todos os que acháram ſem perdoarem a algum, aſſolando-lhes, e deſtruindo-lhes as caſas, e roubando-lhes as fazendas, fazendo-lhes tamanhas deshumanidades, que foi eſpanto. E como vio que eſtava ſatisfeito, ſe recolheo a ſeu ſalvo, ſem o Capitão Abexim lhe ſahir, nem ouſar a bullir comſigo; antes mandou recado a D. Diogo de Almeida, pedindo-lhe perdão do paſſado, e que tornaſſem a correr em amizades. E deſta maneira ficáram os Mouros tão domeſticos, que aonde viam hum Portuguez ſe deſviavam. Poucos dias depois diſto paſſado, chegou a Dio D. Jorge Baroche com as Provisões do Viſo-Rey, pera lhe D. Diogo de Almeida entregar a fortaleza, o que elle logo fez, e ſe embarcou no meſmo navio em que Dom Jorge foi, e com os Noroeſtes rijos veio em oito dias a Cochim, e tomou ainda o Viſo-Rey ſobre o Chembe.

## CAPITULO XVII.

*Das pazes que o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha fez com o Rey de Chembe: e das náos que partíram pera o Reyno: e de como ſe perdeo a náo S. Bento na coſta da Cafraria.*

REcolhido o Viſo-Rey em Cochim, começou a dar preſſa ás náos do Reyno; e como não eram mais que duas, baſtou pera a carga dellas huma pouca de pimenta que havia feita, e outra que veio de Coulão, e com as mais drogas as acabou de encher, e carregar. Gomes da Silva, que o Viſo-Rey deixou entre aquellas Ilhas, andou por ellas fazendo tanta guerra, cortando, e deſtruindo ſeus palmares, e fazendas, e cativando-lhe tanta gente, que poz aquelle Rey em neceſſidade de mandar pedir pazes ao Viſo-Rey; e pera iſto lhe deſpedio ſeus Embaixadores, que o Viſo-Rey ouvio, e começáram a tratar de pazes, que ſe aſſentáram na fórma ſeguinte.

» Que aquelle Rey deixaria correr por » ſeus rios pimenta pera as náos, e torna» riam a ficar fixas as perfilhações que tinha » feito com ElRey de Cochim. E que o Vi» ſo-Rey lhe largaria as Ilhas alagadas, que » tinha tomadas. E lhe ſoltaria todos os Ca» pitães que na guerra foram prezos. »

Aſ-

Aſſentado iſto, mandou o Viſo-Rey recolher Gomes da Silva, e largou logo a gente que eſtava cativa, e deixou ordem a João da Fonſeca, Capitão daquella Cidade, pera ir metter aquelle Rey de poſſe das Ilhas que lhe tinha tomado, o que elle depois no inverno mandou fazer por ſeu filho Antonio de Siqueira. O Viſo-Rey, porque era já cabo do verão, ſe recolheo pera Goa, ficando aquelle Rey da pimenta correndo com as pazes com as cautelas, e invenções, com que o coſtumam fazer todos aquelles Reys Gentios.

As náos do Reyno partíram até quinze de Janeiro deſte anno de ſincoenta e quatro, e na náo Capitania com Fernão de Alvares Cabral ſe embarcou D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha acabado de ſervir a Capitanía de Ormuz. Eſta náo ſe foi perder na coſta da Cafraria, antes da aguada de S. Braz, ſalvando-ſe a gente della em algumas jangadas, que foram ter a terra; mas a em que hia Fernão de Alvares Cabral, e D. Alvaro de Noronha ſe virou, e elle com toda a gente de ſua obrigação ſe affogáram. A mais gente que chegou a terra ſe fez em hum eſquadrão, e foram caminhando por ella, e alguns chegáram depois a Moçambique. Contamos eſta viagem aſſim em ſo-

ma,

ma, porque não soubemos as particularidades della.

## CAPITULO XVIII.

*Das cousas, em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha proveo: e de como mandou seu filho D. Fernando de Menezes com huma Armada ao Estreito: e da sentença que se deo contra D. Alvaro de Taíde, Capitão de Malaca: e dos Capitães que foram entrar em suas fortalezas: e do que aconteceo na jornada a D. Francisco de Menezes até chegar a Ormuz.*

CHegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha a Goa, a primeira cousa em que entendeo, foi em ordenar huma Armada pera seu filho D. Fernando ir ao Estreito de Meca, e de lá ir invernar a Ormuz pera esperar as galés se sahissem de Baçorá em Agosto, e mandou pagar mil e duzentos homens pera esta jornada; e tanta pressa lhe deo, que no fim de Fevereiro a teve toda prestes pera dar á véla. Bernaldim de Sousa, que estava despachado pera ir entrar na Capitanía de Ormuz, andava pejado de Dom Fernando ir invernar áquella fortaleza, porque por filho do Viso-Rey havia de querer levar poderes sobre tudo; e como era muito seu amigo, tratou de se desviar de des-

gos-

goſtos. E vendo-ſe com elle, lhe diſſe » que
» ſe elle hia a Ormuz com poderes ſobre tu-
» do, que lho diſſeſſe, que ſe deixaria fi-
» car, pera ir entrar naquella fortaleza em
» Outubro, porque era ſeu ſervidor, e não
» queria que houveſſe antre elles algum deſ-
» goſto ſobre jurdição. » D. Fernando lhe
reſpondeo: » que elle não levava poderes al-
» guns na fortaleza, aonde elle era Capitão,
» mais que os que lhe elle lá déſſe. » Bernal-
dim de Souſa ficou com iſſo deſalivado.

Poſta a Armada na barra, foi o Viſo-Rey fazella á véla, deitando grandes benção a ſeu filho, e a todos. Era eſta Armada de ſeis galeões, ſeis caravelas, e vinte e ſinco, ou ſeis fuſtas mui bem negociadas. Dos galeões eram Capitães D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey do galeão S. Mattheus; Gomes da Silva, Fidalgo Gallego, do de Santa Cruz; Gonçalo Falcão do de S. Sebaſtião; D. Alvaro Gonçalves de Taíde do de Sant-Iago; D. Alvaro da Silveira do de S. Lourenço; Balthazar Gomes, Feitor da Armada, do galeão S. Thomé, em que levava muitas munições, mantimentos, e outras couſas pera a Armada. Das caravelas eram Capitães Nuno Alvares de Caſtro, Antonio de Valadares, D. Manoel Maſcarenhas, Jorge de Moura, D. Jeronymo de Caſtello-branco, e D. Fernando de Monroyo,

royo, Fidalgo Caſtelhano. Os Capitães das fuſtas eram D. Duarte de Vaſconcellos, Jorge Pereira Coutinho, Franciſco de Souſa, Damião de Souſa, Ruy de Caſtro, Antonio Lopes de Carvalho, João de Mello da Cunha, João Pereira, Diogo de Mendoça de Vaſconcellos, João Mendes do Rio, João Teixeira Pinto, Simão da Coſta, Simão de Souſa, Alvaro de Caſtro, Antonio de Almeida, Inofre do Soveral, Gonçalo Guedes, Baſtião de Macedo, Antonio de Eſpindola, Manoel de Siqueira, João Vieira, Belchior Pires, Pedralvares de Cananor, Eytor Nunes, Coſmo Alvares, Franciſco Sanches, Gaſpar da Barca, e outros. Dada á véla, foram ſeguindo ſua jornada, a que logo tornaremos.

Partida a Armada, entrou logo o Viſo-Rey no deſpacho das couſas que haviam de ir pera fóra, e mandou dar preſſa aos feitos que corriam contra Bernaldim de Souſa, pelas culpas que lhe ElRey mandou do Reyno; e contra D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão de Malaca; e depois de correrem ſeus termos, foram concluſos á Relação, e os Deſembargadores pronunciáram, » que Bernaldim de Souſa não tinha culpas » nas couſas que lhe puzeram, por quanto » fora por mandado do Governador D. João » de Caſtro a metter ElRey Aeiro de poſ-

» ſe

» ſe do Reyno de Maluco, por huma ſenten-
» ça que elle diſſo houvera na meſma Rèla-
» ção de Goa, (de que no principio deſta De-
» cada, no Cap.IV.do Liv.I. fizemos menção,)
» e que foſſe entrar na ſua fortaleza, e que
» ſe lhe tornaſſe toda a fazenda que lhe eſ-
» tava ſocreſtada. » E no feito de D. Alva-
ro de Taíde da Gama, por lhe acharem cul-
pas graves, pronunciáram, » que foſſe pre-
» zo pera o Reyno, com os autos de ſuas
» culpas; e que foſſe hum Deſembargador
» deſapoſſallo; e que D. Antonio de Noro-
» nha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de No-
» ronha, foſſe entrar na fortaleza de Mala-
» ca, de que era provído. »

Dadas eſtas ſentenças, ordenou logo o Viſo-Rey que foſſe o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa a Malaca dar á execução a ſentença contra D. Alvaro de Taíde da Gama, e a metter D. Antonio de poſſe daquella fortaleza; e no meſmo tempo deſpachou Jorge de Mendoça pera ir entrar na Capitanía de Chaul, e D. Diogo de Noronha na de Dio, e Henrique de Macedo na de Cananor, e D. Duarte Deça na de Maluco, por terem vindo novas da morte de Franciſco Lopes de Souſa. E porque todos eſtes Capitães haviam de dar as menagens de ſuas fortalezas, ordenou o Viſo-Rey, que o fizeſſem todos juntos em hum

dia;

dia; e pera aquelle auto (que quiz que fosse feito com grande solemnidade) mandou armar a salla grande com estrado, e docel, e mandou recado a todos os Officiaes da Fazenda, e Justiça, e a todos os Fidalgos, e Capitães pera se acharem aquelle dia presentes, os mais galantes, e bem tratados que pudessem, como fizeram, indo todos os que haviam de dar as menagens, de plumas, e medalhas, só Bernaldim de Sousa não mudou o trajo ordinario, de que se tomou o Viso-Rey muito, havendo que o fizera em desprezo daquelle auto; e os Fidalgos amigos de Bernaldim de Sousa galanteáram com elle sobre isso, e hum delles lhe disse: » que » havia elle de dar alguma hora sinco dapar » dos páos; » ao que lhe elle respondeo: » Esses Senhores Capitães, que vem dar a menagem, he-lhes necessario virem a este auto com seixinhos na boca, que eu já sou » noivo velho. » Em fim o Viso-Rey fez aquelle auto com grande ceremonia, e tomou as menagens a todos, e os despedio, e logo se começáram a embarcar pera suas fortalezas.

E porque as cousas de Dio estavam arruinadas pelas alterações que atrás contámos no Cap. XVI. deste Liv. X., ordenou o Viso-Rey trezentos homens com seus Capitães pera lhes irem dar mezas, que são os seguin-

guintes. D. João de Almeida, filho do Contador mór; João Lopes Leitão, pagem da lança do Principe D. João; Triſtão Vaz da Veiga; Filippe Carneiro, ſobrinho de Pero de Alcaçova; Fernão de Caſtanhoſo, a fóra outros Fidalgos, que foram invernar áquella fortaleza por amor de D. Diogo de Noronha, e pela guerra que ſe eſperava. O Viſo-Rey encommendou a D. Diogo de Noronha, que trabalhaſſe por tomar a fortaleza aos Mouros, e lançallos fóra da Ilha.

Pera Ormuz pagou o Viſo-Rey quinhentos homens, que repartio por quatro, ou ſinco navios de mercadores de alto bordo, que haviam de ir em companhia de Bernaldim de Souſa, a quem o Viſo-Rey deo hum formoſo galeão, de que era Capitão Ruy de Caſtro, em que hiam embarcados trezentos homens, e lhe deo mais dous navios de remo, com regimento, que como chegaſſe a Ormuz, entregaſſe a gente a D. Fernando de Menezes, e o galeão a D. Antão de Noronha pera ſe vir nelle pera a India. Eſtes Capitães partíram por todo o mez de Março, e logo ſe cerrou o inverno de Goa em que não ha que fazer, e por iſſo continuaremos com D. Fernando de Menezes.

Partida eſta Armada de Goa, foi ſeguindo ſua derrota até monte de Felix, aonde ſe deixou andar eſperando pelas náos do Achém,

e

e Cambaya, ſobre que teve grandes vigias, e mandou algumas fuſtas ligeiras, que foſſem ás portas do Eſtreito a tomar falla das galés. Eſtes navios tomáram algumas gelvas de mercadores, de quem ſouberam que no porto de Meca não havia mais que as tres, ou quatro galeotas, de que era Capitão Cafar, que foi com quem Luiz Figueira pelejou; e recolhendo-ſe com eſte recado, o deram ao Capitão mór. Era já iſto entrada de Abril, tempo, em que lhe era neceſſario recolherem-ſe a Ormuz, o que fizeram ſem acharem couſa alguma.

Dada á véla, foram correndo a coſta de Arabia; e chegando á fortaleza de Dofar, ſurgio com toda a Armada, porque levava D. Fernando por regimento de ſeu pai, que lançaſſe della os Fartaquins, que ſe tornáram a metter dentro. Ao outro dia ſe paſſou toda a gente da Armada aos navios de remo, e bateis dos galeões, e caravelas, e commettêram a terra, onde os noſſos deſembarcáram com trabalho por cauſa da quebrança dos mares, que alli são muito ſoberbos. Os Fartaquins ſahíram da fortaleza perto de trezentos em cavallos Arabios, e camellos, que pera iſſo trazem enſinados, e ſe começáram a baralhar com os primeiros que ſahíram em terra, mettendo-ſe antre elles como brutos, ſem temor da morte, derri-

ri-

ribando, e ferindo daquelle primeiro encontro dez, ou doze dos nossos, em que entrava João Velho, Capitão de hum navio, Lopo Gonçalves Maracote, e Thomé Figueira, Cavalleiros muito honrados. Os nossos que hiam desembarcando devagar por causa dos mares, vendo os que estavam em terra travados com os inimigos, com aquelle furor se lançáram ao mar pera se acharem com os companheiros naquella envolta. A nossa espingardaria fez grande estrago nos inimigos, e dos primeiros tiros lhes derribáram muitos, huns mortos, e outros feridos, que logo foram recolhidos. Os Fartaquins vendo-se apertados da arcabuzaria, se recolhêram pera a fortaleza, e tratáram de se defenderem nella. D. Fernando de Menezes desembarcou em terra com toda a gente, e chamando a si os Capitães, tomou com elles conselho sobre o que faria, e assentáram, que se não commettesse a fortaleza, já que se não podia desembarcar a artilheria pera se bater. Com esta resolução se foram embarcar adiante daquelle posto hum tiro de espera, onde fazia mais remanço pera as embarcações chegarem.

Recolhidos nellas, deram á véla, e foram correndo a costa de Arabia, Curia, Muria, Matraca, Amicieira, e os Palheiros, até dobrarem o cabo de Rosalgate. Dalli foram

ram a Mascate, onde a Armada grossa entrou, e D. Fernando a entregou a Manoel de Vasconcellos, (de que fallámos muitas vezes no cerco de Dio, na quinta Decada no Liv. IV. Cap. I. e VI.,) que foi sogro de Diogo de Mesquita, e de Pantaleão de Sá, que era hum Fidalgo velho de muito bom entendimento, que o Viso-Rey mandou embarcado com seu filho pera o aconselhar em tudo; porque havia de ficar alli com ella invernando, e D. Fernando era-lhe necessario passar a Ormuz. E sabendo que Bernaldim de Sousa não era ainda passado ávante, despedio sinco navios de remo a esperallo ao Cabo de Rosalgate, e pera recolherem os navios de mercadores.

Chegados estes navios ao Cabo, veio logo ter com elles Bernaldim de Sousa; e porque o vento era ponteiro, mudou-se aos navios de remo, e foi ter a Mascate, onde achou D. Fernando, que o recebeo bem: dahi a poucos dias chegáram as náos da companhia de Bernaldim de Sousa, e com ellas se partio elle, e D. Fernando pera Ormuz, onde foram muito festejados, e Dom Antão de Noronha entregou a Fortaleza a Bernaldim de Sousa, e tomou posse do seu galeão, que logo mandou pera Mascate a invernar com os outros.

CA-